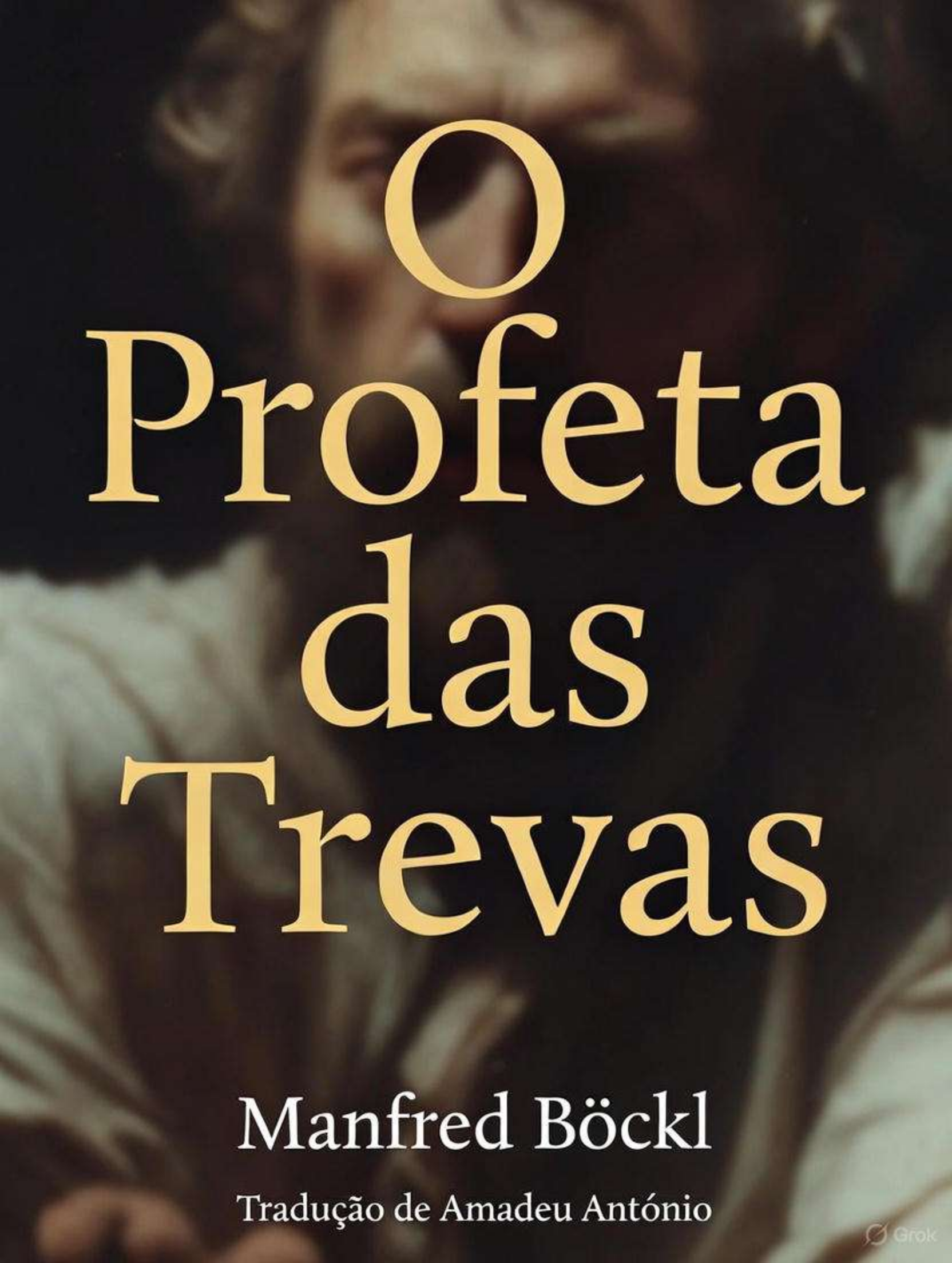




O Profeta das Trevas

Manfred Böckl

Tradução de Amadeu António

O PROFETA DAS TREVAS

Manfred Böckl

Vida e Visões de Alois Irlmaier

© SüdOst-Verlag na Battenberg Gietl Verlag GmbH, Regensburg

Conversão de dados: le-tex publishing services GmbH, Leipzig

Índice

Prólogo

Galiza/outono de 1916

Primeiro Livro: O Zahorí
(1899 – 1918)

A Pedra do Fogo

A Ruína

O Zahorí

A Guerra Mundial

Segundo Livro: A Madona Negra
(1918 – 1939)

O Regresso a Casa

A Noite de Terror

A Madona Negra

As Figuras Veladas

Terceiro Livro: A Grande Visão
(1939 – 1957)

As Noites de Bombardeamentos

O Criminalista Vidente

A Grande Visão

A Caçada

Epílogo

Freilassing/ princípio do verão de 1959

Apêndice

As Profecias de Alois Irlmaier

Posfácio

PRÓLOGO

Galiza/outono de 1916

A clareira na floresta junto à borda norte dos Cárpatos poderia ter parecido idílica, não fossem os troncos de árvores estilhaçados e o fumo acre da pólvora que o vento arrastava de uma bateria de obuses austríacos que disparava irregularmente um pouco mais atrás. A isso somavam-se as exalações pútridas das poças de lama, que se misturavam ao cheiro cortante da cordite e pareciam incubar nuvens inteiras de moscas-varejeiras. Havia ainda o uivo das granadas russas que, uma e outra vez, passavam por cima da mata, para explodir segundos depois na zona da retaguarda da frente.

«Para o inferno com esta maldita Galiza!», resmungou um dos três soldados que estavam agachados em cima de algumas caixas de munições vazias à beira da clareira profanada e acabando de raspar os últimos restos de guisado de ervilhas das suas marmitas. Esfregou, inquieto, a barba rala. «Tenho a certeza de que hoje ainda vamos levar uma sova dos diabos!»

«Não tentes o diabo!», retorquiu o cabo ao lado dele. «Desde manhã que está calmo aqui na frente. O Ivan só está a bater nas linhas de abastecimento e, se me perguntas, vai continuar assim por mais um bocado.» O suboficial virou-se para o terceiro homem: um cabo com nariz afiado, queixo angular, lábios finos e olhos invulgarmente escuros, quase negros. «Ou tu o que achas, Irlmaier?»

O cabo abriu a boca para responder, mas interrompeu-se porque vários projéteis russos de grande calibre voltaram a uivar por cima da mata e, quase ao mesmo tempo, os obuses também dispararam. Só quando o barulho diminuiu é que ele respondeu, seco, no dialeto da Alta Baviera: «Sei lá? Só sei uma coisa: a guerra é uma loucura!»

Os outros dois homens de uniforme assentiram com a cabeça; depois o cabo tirou do bolso um pedaço de jornal e um maço de tabaco. Enquanto o machorka – que vinha da mochila de pão de um cossaco caído – caía no papel, o suboficial leu em voz baixa algumas linhas do comunicado alemão do Exército: «No Ocidente nada de novo! A batalha de material no Somme continua, mas o chefe do Estado-Maior General, general Falkenhayn, mantém-se otimista...»

«É exatamente a mesma papa de sempre aqui no Leste», interrompeu o homem da barba. «Os galonados atiram frases grandes, e nós, porcos das trincheiras, podemos apodrecer na lama!»

«Preferias que os russos lançassem outra ofensiva?» O cabo enrolou habilmente o cigarro e acrescentou: «Como há quatro meses, no início de junho, quando o Ivan quase varreu todo o setor sul da frente e fez mais de trezentos mil prisioneiros antes de conseguirmos, a muito custo, travá-lo! Não, assim é sempre melhor: guerra de posições; se for preciso, o inverno inteiro e até 1917 adentro.»

«Natal na Galiza! Era mesmo o que nos faltava!»

O infante que estava sentado entre o cabo e o suboficial agarrou na marmitta e pendurou-a no cinto. «Noite de Paz entre judeus, polacos e ucranianos num desses aldeões cheios de piolhos, isto se chegarmos a ver um quartel de repouso por dentro!» Levantou-se de repente e atravessou a clareira em direção a um dos abrigos que se encontravam imediatamente atrás das trincheiras de atiradores, distribuídos a intervalos regulares pelo terreno pantanoso.

«E nós que pensávamos que a guerra acabava em poucos meses quando marchámos para o campo em 14», murmurou o cabo. «E agora já lá vão mais de dois anos que andamos aqui fora...»

Ficou petrificado; no instante seguinte soltou um grito de horror:

«Atenção! Bombardeamento!»

Logo a seguir, o grito de alerta de Irlmaier chegou até ao homem da barba, que já ia a uns vinte passos de distância: «Afasta-te, Richard! Estás a correr direitinho para a...»

O resto perdeu-se num uivo ensurdecador; um batimento cardíaco depois a granada explodiu mesmo ao lado do infante. A detonação lançou para o céu uma fonte de lama e pedaços de carne ensanguentados; ao mesmo tempo, a onda de choque deitou por terra o cabo e o suboficial.

Cambaleando, os dois soldados voltaram a pôr-se de pé e correram para o bunker mais próximo enquanto outra salva de pesados projéteis russos se aproximava com um rugido. Também desta vez houve mortos e feridos; Irlmaier e o cabo conseguiram, por pouco, chegar ao abrigo.

Com o cabo à frente, lançaram-se para dentro do bunker de terra, chocando contra os corpos de outros soldados. Durante alguns arquezos ficaram ali deitados, como que paralisados; depois, um grito de morte gorgolejante que vinha de fora impeliu-os para a parede do fundo do abrigo. Encolhidos, encostaram-se à argila escorregadia e rezaram para que

o bunker lhes desse, também desta vez, a proteção de que precisavam para sobreviver.

Passados alguns minutos que ao jovem Alois Irlmaier, de vinte e dois anos, pareceram uma eternidade, parecia mesmo que o pior tinha passado. As explosões das granadas afastavam-se; o fogo parecia agora concentrar-se num setor vizinho da frente.

«Caramba, por pouco!», exclamou o suboficial sem fôlego. Ergueu-se da posição ajoelhada, escorregou, agarrou-se a um dos esteios do abrigo e estendeu a mão ao cabo para o ajudar a levantar-se também. Também os quatro soldados que já estavam no bunker de terra antes se libertaram do torpor. Um deles, que trazia uma braçadeira da Cruz Vermelha no braço do uniforme, avançou aos tropeções, praguejando, para a saída, por onde entravam os bramidos dos feridos e os gritos apressados a pedir enfermeiros.

«O Richard... Não consegui avisá-lo a tempo!» Alois Irlmaier soltou as palavras entre arquejos de incredulidade, apertando o antebraço do cabo.

«Ninguém teria conseguido!» O outro tentou, irritado, livrar-se da mão do cabo. Quando o jovem de vinte e dois anos não afrouxou o aperto, o suboficial berrou: «Controla-te, homem!»

«Não!» O grito de Irlmaier fez o cabo recuar, mas o grito de puro pavor não era para ele, era para o enfermeiro cuja silhueta se desenhava agora, nítida, mesmo na entrada do bunker. Quase no mesmo instante, outra granada caiu com um uivo infernal. Uma chama vermelho-púrpura envolveu o enfermeiro como uma aura blasfema; uma fração de segundo depois, onde o homem estivera só restava negrume fervente: um erguer e rebentar da terra que lançou uma avalanche de torrões de lama, pedras e destroços de vigas para dentro do abrigo.

Alois Irlmaier sentiu como se um golpe monstruoso lhe espremesse o ar dos pulmões; ainda enquanto o terrível impacto lhe roubava o fôlego, as massas de toneladas do bunker que desabava pareciam arrancar-lhe a carne dos ossos e esmagar-lhe o esqueleto. Algo duro atingiu-lhe o crânio; o último pensamento que o cabo conseguiu formular foi ao mesmo tempo o mais horrível dos seus pouco mais de vinte anos de vida:

Enterrado vivo!

Passado algum tempo, minutos ou horas, a consciência do jovem soldado regressou, e com a memória do impacto direto no abrigo veio de

repente o pânico. O corpo destroçado retesou-se, tentou lutar contra o peso cruel que ameaçava esmagá-lo. Quando Alois Irlmaier percebeu que era impossível e que nem sequer conseguia respirar fundo, um suor gelado brotou-lhe da pele. O líquido salgado picava-lhe os olhos, queimava cada vez mais e acabou por desencadear um esforço nascido do mais extremo desespero. As veias da testa e do pescoço do cabo pareciam prestes a rebentar; depois conseguiu virar a cabeça alguns centímetros.

Sangue escorreu-lhe pelo rosto; o vapor quente misturou-se com o cheiro amargo de madeira queimada: uma viga que se cravara entre a face e o ombro de Irlmaier, abrindo um espaço vazio entre a lama e os destroços de pedra. A fenda era estreita, mas com outro esforço sobre-humano o enterrado conseguiu levar a boca e o nariz até lá. Lutou febrilmente por ar; o aperto que lhe comprimia as costelas só permitia inspirações dolorosamente rasas, mas de repente o cabo sentiu o leve sopro que lhe roçava a pele.

Concentrou todo o seu ser naquele fio de oxigénio, sugou-o para dentro de si; passado um bocado o pensamento aclarou-se.

Tomou consciência da posição dos membros; percebeu que estava enterrado encolhido, numa posição semelhante à de um feto no ventre materno. Por um instante julgou lembrar-se do macio e protetor que outrora, no seu mais remoto devir físico, o envolvera. Tanto mais cruel foi logo a seguir a realidade do bunker destruído que se tornara, para ele e para os outros – de quem já não vinha qualquer sinal de vida –, uma armadilha mortal.

Medo de morte e, por vezes, um breve e irracional sentimento de proteção alternaram durante as horas seguintes; horas sem luz que se esticavam até eternidades sem luz. No início ainda o atravessavam ondas de dor no seu estado ora de pânico ora já entorpecido; mais tarde pareceu-lhe que as pernas, o tronco, os braços e o peito morriam. Por fim só restou o fio de ar quase impercetível que o ligava, tênue, à existência terrena; um cordão umbilical trémulo que saía das veias ocultas da terra e chegava diretamente ao seu cérebro.

O tempo voltou a passar: frações de segundo e eternidades que já não eram mensuráveis por critérios normais. O amontoado de carne humana e tecido de uniforme esfarrapado espremido entre destroços de pedra, lama e vigas já não dava sinal de vida. Na psique do enterrado, porém, algo se modificou ao longo daquela tortura indizível. Tudo o que constituía o verdadeiro ser do agonizante concentrou-se agora, como que levado por

ondas que balançavam lentamente, num ponto minúsculo e ao mesmo tempo ilimitado muito fundo no seu cérebro. E desse ponto deu-se, em algum momento, algo como uma libertação em plano mental superior.

Ele viu a clareira profanada e as novas crateras de granada ao lado das antigas poças de lama. Reconheceu os mortos da sua própria unidade, mas também, mais à frente, nos arames farpados, os cadáveres com uniformes inimigos que antes do bombardeamento ali não estavam. A clareira na mata estava agora deserta, mas ao longe combatia-se com violência. Lá pairavam nuvens de fumo sobre o solo, explodiam estilhaços – e tudo isto se passava sob um sol que se movia com velocidade sobrenatural rapidez num céu que mudava de cor constantemente.

Depois, quando as sombras se alongaram e o crepúsculo cobriu o horizonte, os contornos do setor da frente dissolveram-se e transformaram-se em névoa fluida. Num piscar de olhos – o cabo parecia agora pairar muito alto acima da terra galega – as serras baixas dos Cárpatos do norte perderam-se no véu aveludado. Outra paisagem ganhou forma: montanhas mais altas sob um céu agora novamente de azul radioso, entre elas pastagens suaves cercadas de bosques; aqui e ali uma aldeia com quintas sólidas agrupadas em volta de uma igreja barroca.

E agora, na sua profunda inconsciência, o enterrado vivo mexeu os lábios e formou com dificuldade uma palavra:

«Scharam...»

PRIMEIRO LIVRO

O ZAHORI

(1899 – 1918)

A Pedra do Fogo

O destino era a igreja de peregrinação: o edifício barroco de Maria Eck com a sua torre de cebola, a ábside redonda e a pequena capela adossada, que se erguia no ponto mais alto da colina morénica acima da aldeia da Alta Baviera chamada Scharam.

De olhos brilhantes, o menino de cinco anos correu por uma extensa pastagem de gado cercada por uma vedação em direção ao edifício sagrado. Desprezou o caminho de cascalho que serpenteava um pouco mais à direita; correu diretamente para um bloco errático que sobressaía da encosta íngreme algumas dezenas de passos abaixo da nave da igreja. Chegou sem fôlego à pedra, hesitou um instante e depois estendeu a mão para a tocar.

Passado um bocado, algo o levou a encostar todo o corpo ao menir. Como a frescura e a tranquilidade da pedra pareciam protegê-lo de forma estranha, esqueceu por momentos o edifício sagrado e deixou o olhar vaguear. Aos seus pés ficava a quinta isolada dos pais; além da propriedade e mais abaixo no vale alinhavam-se, a cerca de quinze minutos, as quintas da pequena aldeia ao longo da estrada principal. Mais além abria-se o fundo do vale para a região pré-alpina suavemente ondulada; muito ao longe, a noroeste o menino de pupilas invulgarmente escuras reconheceu as águas cinzento-azuladas do Chiemsee. Lembrou-se do que a avó lhe contara há pouco sobre aquele lago e murmurou: «Tem três ilhas, e na maior está o palácio do rei...» Mal pronunciara a última palavra misteriosa, lembrou-se: «E outro com coroa dorme há mil anos do outro lado, no Untersberg...»

O menino de cinco anos afastou-se um pouco do bloco errático para poder olhar para sudeste, onde as encostas e arestas dos Alpes de Salzburgo, naquela manhã tardia de sol, pareciam estar ao alcance da mão. Embora não conseguisse distinguir com certeza o Untersberg, tinha a absoluta convicção de que o imperador Barbarossa, de quem a avó também lhe falara, estava mesmo ali escondido algures na rocha: um ancião muito grisalho cujo barba branco-prateada já dera várias voltas à mesa onde o coroado dormia. «E os corvos que voam à volta do monte hão de acordá-lo um dia», sussurrou o miúdo; logo a seguir a traquinice tomou conta dele.

Começou a bater os braços e a dançar à volta do menir: na sua fantasia tornara-se um dos grandes pássaros negros. Deu várias voltas seguidas ao bloco errático – de repente teve a sensação de estar mesmo a voar. Era como se algo se desprendesse dele e girasse, sem peso, à volta da parte do seu eu que permanecia presa à terra. Ao mesmo tempo, um formigueiro meio doloroso, meio delicioso percorreu-lhe os membros: subiu dos dedos dos pés, passou pelos pés, pelas barrigas das pernas e pelas coxas até invadir todo o corpo e fazê-lo tremer como folha de álamo.

Depois de ultrapassado o primeiro espanto, entregou-se àquele sentimento nunca antes experimentado. Ficou ali imóvel; ainda assim, aquilo que era fino e estava ligado ao seu corpo continuava a rodopiar à volta do menir. A força invisível que provocava o prodígio parecia brotar tanto do bloco de pedra rachado como da terra coberta por um fino tapete de musgo – e, no mesmo instante em que o miúdo tomou consciência disso, julgou ouvir um sussurro que subia de profundidades insondáveis.

Antes porém que pudesse investigar o mistério, chegou o fim da magia. Uma voz de mulher zangada fê-lo dar um salto: «Quantas vezes já te disse para não subires o monte sozinho, Lois!»

O menino de cinco anos afastou-se rapidamente alguns passos da pedra; um último arrepio sacudiu-o, depois restou apenas um puxão dormiente que se esvaeceu num instante pelos membros. De beíça feita e queixo teimosamente avançado, olhou para Theresia, a criada da quinta dos pais, que subia a encosta a correr. Antes que ela pudesse continuar a ralhar, lembrou-se da igreja de peregrinação, que fora o seu destino inicial. «Só queria ir a Maria Eck!», defendeu-se. «Rezar à Mãe de Deus, como a avó faz todos os dias...» «Ela vai à hora das vésperas e não mesmo antes do almoço, tu sabes muito bem!», respondeu a jovem de avental de linho apanhado por cima da saia azul-escura, mas o tom já era menos áspero. Depois, ao dar os últimos passos até ele, acrescentou em tom conciliador: «Podes ir visitar a Madona hoje mais tarde com a avó. Agora despacha-te, senão o strudel de maçã arrefece até chegarmos ao quintal.»

Mal a criada mencionou o seu prato favorito, os olhos do menino de cinco anos brilharam. Esqueceu o que vivera no círculo mágico do menir, agarrou a mão de Theresia e puxou-a consigo. Pouco depois chegavam à quinta isolada; mesmo a tempo, antes que do torreão da igreja de peregrinação comesse a tocar o meio-dia e o seu eco chegasse lá abaixo a Siegsdorf.

Os outros já estavam reunidos à volta da grande mesa da cozinha do Bruckthaler-Anwesen, como se chamava a quinta herdada de muitas gerações. No canto do Senhor, debaixo do crucifixo enfeitado com ramos de palma e do calendário de arrancar colorido que mostrava a data de 12 de agosto de 1899, sentava-se o lavrador Alois Irlmaier, de quarenta anos. A mulher, Anna, de trinta e cinco, sentava-se ao lado dele, mas virada para o canto da mesa: para o grande fogão de alvenaria. Na parede caiada em frente sentavam-se os avós do pequeno Loisl de cinco anos; o casal de reformados que morava na casa pequena do pátio, mas vinha habitualmente para a cozinha às refeições. Lá em baixo, na ponta da mesa simples, ficavam os bancos para o pessoal: o moço de estrebaria e a criada, que agora se sentou à pressa. O miúdo, por sua vez, encostou-se à mãe no banco e apressou-se a juntar as mãos piedosamente, para talvez assim evitar a reprimenda do pai.

De facto, o lavrador lançou um olhar fulminante ao filho, mas depois conteve-se e começou a rezar o Pai-Nosso em voz baixa. A mulher e os outros acompanharam; mal o «amém» se calou, os pratos deslizaram de todos os lados para a forma de ferro fundido que estava no meio da mesa. Numa ordem fixa, Anna Irlmaier distribuiu as fatias de massa lêveda que cheiravam a maçã e canela. O marido foi o primeiro, depois os velhos, o miúdo e os criados; por último a lavradora lembrou-se de si própria.

Durante um bocado só se ouviam na cozinha os ruídos de quem comia. Por fim o dono da quinta pousou o garfo e recostou-se; imediatamente, a esse sinal, a criada e o moço levantaram-se e saíram para continuar o trabalho lá fora. A lavradora tirou a louça e começou a lavá-la na pia; os avós e o Loisl de cinco anos ficaram sentados enquanto o lavrador pegava no jornal.

Primeiro Alois Irlmaier leu em silêncio, as sobranceiras escuras franzidas de concentração. Só quando o pai idoso pigarreou a pedir é que citou do jornal: «Já circulam quinze automóveis na cidade-residência! Depois de, em abril deste ano, os irmãos muniqueiros Daniel e Hermann Beissbarth, que têm uma fábrica na Thierschstraße, terem comprado um automóvel Wartburg e com isso dado em Munique um sinal da nova era que avança inexoravelmente, já outros catorze cidadãos se decidiram a adquirir um veículo a motor. Dos círculos da corte, porém, chega a notícia de que Sua Alteza Real o príncipe-regente Luitpold se pronunciou de forma depreciativa sobre as carruagens a gasolina e declarou que nunca abdicará das caleças do estábulo dos Wittelsbach...»

«Tem toda a razão o príncipe-regente! Coisa do diabo é o que eles inventaram!», resmungou o velho lavrador reformado de cabelo grisalho. «O capuchinho que na semana passada pregou o sermão de penitência em Maria Eck disse mesmo que por causa disso pode vir um castigo divino sobre o nosso país!», acrescentou a avó.

«Não será assim tão grave logo de início», retorquiu o dono do Bruckthaler-Hof. «Antes disso», o seu dedo calejado bateu noutra artigo, «é que na África do Sul vão voar estilhaços dentro em breve...»

«Os bôeres?», perguntou o velho de repente. «Vão finalmente dar-lhes o pago aos ingleses?»

«Parece mesmo que vai haver guerra», confirmou o lavrador. «O comandante-geral bôer Krüger formou exércitos de milícias no Estado Livre de Orange e no Transvaal e está pronto a atacar. Por outro lado, vários regimentos britânicos desembarcaram na província de Natal e reforçaram as guarnições permanentes, de modo que talvez seja mesmo só falte uma questão de semanas até começar o derramamento de sangue no continente negro.»

«Não me importava nada que os ingleses aprendessem a correr uma vez na vida!», troçou o reformado. «Têm colónias em todo o mundo, nunca lhes chega...»

«Nós, alemães, não somos muito melhores», interrompeu-o o filho. «Pergunto-me o que andamos a fazer no Sudoeste e Leste Africano, no Togo, nos Camarões, na Nova Guiné ou nas ilhas Marshall? E no ano passado até uma parte da China teve de se tornar prussiana porque o Kaiser Guilherme em Berlim acha que tem de imitar os britânicos. Às vezes parece-me mesmo que os nossos príncipes enlouqueceram de grandeza desde a fundação do Reich em setenta e um!»

«Teria sido muito mais sensato termos ficado independentes, nós os bávaros, e não nos termos metido com os prussianos», concordou o grisalho. «E quanto aos chineses, dou-te razão. Não precisávamos mesmo de lá ter colónia nenhuma.»

«Mas nós, os pequenos, infelizmente não podemos decidir quando se trata de alta política», concluiu o dono da quinta enquanto a mãe assentia serenamente. Pousou o jornal e virou-se para Lois! «Na pastagem do bosque atrás de Maria Eck há um bocado de vedação para arranjar. Vens comigo ajudar?»

«Sim, vou com muito gosto», respondeu o menino de cinco anos, contente. «És um bom rapaz», elogiou-o a avó, estendendo o braço por cima da mesa e acariciando-lhe a mão com ternura.

Pouco depois o lavrador isolado e o filho puseram-se a caminho. O adulto carregava a caixa de ferramentas; Loisl levava o arame que iam usar para remendar o pedaço de vedação da pastagem que apodrecera. No primeiro troço o miúdo portou-se bem e foi pelo caminho de cascalho que levava à igreja de peregrinação. Mas a meio da encosta superior pareceu-lhe que o demónio se apoderou dele. Antes que o pai o pudesse impedir, desatou a correr em diagonal: direito à pedra errática onde, pouco antes do meio-dia, tivera a experiência estranha.

Agora que a via outra vez, o menir atraía-o com força irresistível. Não deu ouvidos aos chamamentos do lavrador, correu como possesso pela encosta – e a poucos passos da pedra sentiu de novo o formigueiro meio delicioso, meio doloroso que lhe percorria o corpo. Mas no instante em que tocou a pedra veio o choque. Algo ao mesmo tempo a ferver e gelado trespassou-o dolorosamente. A mão esquerda, que segurava o arame fino, começou a tremer convulsivamente; dois ou três batimentos cardíacos depois todo o braço estava rígido batia ritmicamente contra o corpo.

Loisl cambaleou, escorregou no terreno inclinado, caiu e deslizou alguns metros vale abaixo. Um rego na terra travou-o; assustado pôs-se de pé e percebeu que o perigo já não o prendia. Apenas um zumbido finíssimo parecia ainda pairar no ar e sair também do arame que continuava a agarrar com a mão suada. Mas também isso se desvaneceu quando correu para o adulto que o recebeu com as palavras espantadas: «Que bicho te mordeu, rapaz?! Espero que não te tenhas magoado quando a pedra de fogo te atirou ao chão!»

«Não», mentiu o menino de cinco anos. «Não me aconteceu nada...» A palavra misteriosa que acabara de ouvir ajudou-o a superar o susto. «Mas o que é isso, papá – uma pedra de fogo?»

«Uma pedra, pronto, diante da qual miúdos fugitivos como tu se devem acautelar», respondeu o lavrador piscando o olho. «E agora anda, senão não acabamos a vedação antes das vésperas.»

Loisl obedeceu; calado e recolhido caminhou ao lado do pai até deixarem a igreja de peregrinação para trás e virarem na bifurcação para a pastagem do bosque. Aí já não conseguiu conter-se e voltou a falar do menir enigmático: «Será que os pequenos vivem lá, na pedra de fogo?»

«Quem te falou deles?», quis saber o lavrador da montanha.

«A avó diz que às vezes dançam de noite nas pastagens de montanha», respondeu o miúdo. «E talvez dancem também junto da pedra – e talvez até de dia?»

«Que imaginação a tua!», disse o adulto abanando a cabeça. Mudou a caixa de ferramentas de mão e murmurou: «Mas talvez não estejas assim tão errado. Os pequenos, que dizem que só um menino nascido ao domingo consegue ver, podem ser parecidos com as fadas. Seja como for, os velhos de Scharam afirmam que seres invisíveis se reúnem de vez em quando para dançar à volta da pedra de fogo, e que então um mortal se deve manter longe...»

«Porque eles o agarram – ou quê?!», exclamou o menino de cinco anos excitado.

O pai encolheu os ombros. «Disso não sei nada. Só reparei muitas vezes que as vacas, quando pastam abaixo de Maria Eck, evitam a pedra estranha. Mas isso também pode ter uma razão muito simples. Afinal, mesmo junto à pedra de fogo não cresce só musgo ralo – e foi por isso que escorregaste há bocado.»

«Pois foi, escorregava que se fartava!», gritou Loisl um tudo-nada agudo demais. Logo a seguir agarrou a manga do adulto e começou a puxá-lo.

«Já mal podes esperar para chegarmos à pastagem e ao trabalho, hein?», brincou o lavrador. «Gosto disso, porque prova que hás de vir a ser um lavrador a sério.»

Pouco depois chegavam ao destino, e o miúdo desempenhou direitinho o seu papel de ajudante. Pouco antes das vésperas a vedação estava consertada; depois de um último olhar satisfeito à obra, o dono da quinta declarou: «Pronto, assim aguenta mais um tempo. E nós merecemos honestamente o fim do dia.»

Regressaram juntos e desceram o monte em boa harmonia. Desta vez o menino de cinco anos colou-se ao lado do pai que ficava mais longe da pedra. Ainda assim julgou sentir de novo no sangue o zumbido atraente e ameaçador, e soube instintivamente que – apesar de tudo – não demoraria muito a voltar sozinho e em segredo ao menir.

Nos meses seguintes o menino de olhos escuros visitou várias vezes mais a pedra de fogo. O impulso, muito natural na sua idade, de descobrir e compreender o mundo à sua volta impelia-o a isso. Não conseguiu decifrar o enigma, mas descobriu uma coisa: o encantamento funcionava sempre, embora de maneiras diferentes. Às vezes, quando Loisl se aproximava cautelosamente da pedra, sacudia-o com a mesma violência das duas primeiras vezes; outras apenas o desconhecido o tocava tão suavemente como se uma pena lhe fizesse cócegas no corpo – mas a força oculta era sempre perceptível. Um dia o filho de cinco anos do lavrador isolado começou a suspeitar que seria parecido com o grande fogão de alvenaria da cozinha da quinta. Também ao fogão não se via o que se passava atrás dos tijolos; se porém alguém se aproximasse demais, o fogo escondido começava a queimar mais ou menos forte na pele.

Na fantasia da criança formou-se uma ideia que ligava as suas observações mais racionais às histórias misteriosas que ouvira da avó. Loisl imaginava que os seres que moravam dentro ou debaixo da pedra mágica o provocavam e pregavam partidas sem serem de facto perigosos. Essa imaginação coincidia com o que já sabia sobre os pequenos, as fadas ou os elfos: viviam num mundo invisível escondido algures atrás do outro lado do mundo normal; às vezes, porém, por qualquer razão, dava-lhes para traquirar e então faziam-se notar. Isso acontecia em lugares especiais como a pedra abaixo de Maria Eck; por isso as vacas, e também a maior parte das pessoas, faziam um desvio tímido à pedra rachada, e a gente da aldeia dizia que aquele sítio não era de confiança.

Enquanto o menino que crescia sem irmãos se debatia com enigmas daquele tipo, o ano de 1899 entrou no outono. Quando por fim as folhas nos jardins das casas e nas encostas das montanhas começaram a brilhar em cores fantásticas, confirmou-se o que o dono do Bruckthaler-Anwesen já suspeitara em agosto. No sul do continente africano eclodiu a Guerra dos Bôeres; até ao Natal as milícias do general-comandante Krüger derrotaram os britânicos em várias batalhas. Em fevereiro de 1900, porém, a sorte virou. Os ingleses venceram os colonos holandeses em Paardeberg, fizeram lá mais de quatro mil prisioneiros e em março ocuparam a importante cidade de Bloemfontein. A partir daí os bôeres só conseguiram oferecer resistência de atraso. Em breve caiu o Estado Livre de Orange e em junho Krüger viu-se obrigado a viajar para a Europa para lutar pela sua causa no terreno diplomático.

Também no verão desse ano de 1900 as grandes potências europeias viram-se subitamente envolvidas noutro conflito colonial. Na China rebentou a Revolta dos Boxers; após o assassinato do embaixador alemão von Ketteler em Pequim, tropas alemãs, britânicas, francesas, russas, austríacas, italianas, japonesas e americanas tomaram de assalto a metrópole de Tientsin. Em agosto Pequim foi conquistada, no início de 1901 caíram também as cidades de Schanhaikwan e Tse-king-wan, até então ainda controladas pelos combatentes da liberdade. Nos meses seguintes o governo chinês foi pressionado até aceitar pagar reparações no valor de 1,3 mil milhões de marcos-ouro e outras indemnizações de guerra sob a forma de privilégios comerciais aos vencedores.

Mal esta notícia foi publicada também no jornal da Alta Baviera que o carteiro trazia três vezes por semana à quinta da família Irlmaier, o mundo ocidental foi abalado pela notícia de um atentado nos Estados Unidos. «Em Buffalo mataram a tiro o presidente americano William McKinley», leu o lavrador isolado de Scharam na segunda metade de setembro. «E agora subiu o vice, um tal Theodore Roosevelt.»

«É uma corja violenta, esses americanos! Ainda bem que aqui não mandam nada», comentou o velho lavrador reformado de cabelo grisalho.

A mulher assentiu com a cabeça; depois a velha virou-se para Loisl, que já tinha sete anos, o qual despachara o almoço de hoje com uma rapidez invulgar e agora se remexia inquieto no banco. «Que tens tu, que estás tão agitado?», quis saber.

«Deve ser porque hoje pode ir com o moço a Siegsdorf ao ferrador», ouviu-se Anna Irlmaier dizer da pia. Sorriu ao filho. «Vai lá, despacha-te, senão o Sebastian ainda parte sem ti.»

Pouco depois a carroça saiu do quintal; pela lançadeira ia o cavalo castanho que precisava de ser ferrado de novo. Na caixa do carro de escada iam uma dúzia de sacos de cereais que pelo caminho seriam levados ao moinho de Eisenärzt, e no banco iam sentados, lado a lado e em boa paz, o moço e o miúdo. O primeiro troço até à aldeia paroquial de Eisenärzt já Loisl conhecia. Há um ano que todos os dias percorria a pé os três quilómetros até lá para ir à escola; saía por volta das seis da manhã e regressava, se o professor não o mandasse ficar depois das aulas, pouco antes do toque do meio-dia à quinta isolada.

Na rampa do moinho, onde descarregavam o cereal, o menino de sete anos ajudou com toda a força. Depois Sebastian guiou o carroça mais para

norte e, cerca de uma hora depois, chegaram ao mercado de Siegsdorf. A povoação estendia-se pachorrenta na extrema orla dos montes do Chiengau; as quintas sólidas dos lavradores e artesãos do lugar, assim como várias tabernas, rodeavam a praça da igreja com a grande fonte de pedra no centro. O carro de escada sacolejou sobre o empedrado e virou, atrás da igreja paroquial, para uma ruela que descia até ao rio Traun.

A um arremesso de pedra da margem ficava a forja; o dono era ao mesmo tempo rodas-direitas e estava justamente a colocar um novo aro de ferro na roda de uma carruagem içada em cavaletes.

«Ainda demora meia hora», gritou ele ao moço do Bruckthaler-Hof quando este parou a carroça. «Podes desatrelar o castanho e dar uma volta com ele, que depois está mais calmo na bigorna.»

Sebastian seguiu o bom conselho; tal como já fizera na paragem no moinho, o menino de sete anos ajudou-o. Passado um bocado, porém achou aborrecido andar sempre ao lado do cavalo. «Chamas-me quando for a hora, está bem?», atirou ao moço e desatou a correr: para o rio, que mais adiante corria entre amieiros isolados.

Loisl seguia um rego pelo qual as águas residuais da oficina eram canalizadas para o Traun. Pouco antes da junção do canal com o rio maior, um das árvores sombreava o caminho; um ramo bifurcado enleou-se no colete de lã do miúdo e partiu-se. O menino de sete anos puxou o ramo fino, libertou-o e ia deitá-lo fora. Quando, porém, reparou que a forquilha tinha uma forma invulgarmente regular, mudou de ideias. Agarrou o rebento em forma de V pelas duas pontas, levou-o à frente do rosto, espreitou por ele e assim fixou um casal de patos que nadava no rio.

O jogo fascinou-o e começou a experimentar as possibilidades: aproximava o ramo do rosto, afastava-o outra vez até o segurar com os braços esticados. Depois, exatamente quando os patos ficavam presos opticamente na forquilha, a vara ganhou vida própria. Primeiro foi só um leve tremor que parecia correr pelo ramo e continuar pelos dedos e antebraços de Loisl. Logo a seguir, quando concentrou involuntariamente a atenção nisso, o fenómeno intensificou-se. Agora o ramo fino tremia mesmo; a tensão que brotava da madeira tornou-se palpável – e mais alguns batimentos cardíacos depois o ramo disparou com força irresistível para cima.

Por um instante pareceu que o miúdo de olhos escuros lutava com a vara bifurcada. Deu alguns passos cambaleantes em direção ao rio; era

como se a madeira apontada ao céu o puxasse para lá. Só quando tropeçou e assim saiu da direção é que o encantamento se quebrou. O ramo de amieiro baixou e ficou outra vez frouxo nas mãos de Loisl, que agora o fitava espantado.

O espanto do menino de sete anos não durou muito, porque lembrou-se da pedra de fogo e das forças invisíveis que lá atuavam. Instintivamente associou-as ao que acabara de lhe acontecer na margem. Dessa associação, que lhe dizia que também naquele lugar havia uma fonte muito concreta da energia misteriosa, levantou de novo a forquilha, segurou-a como antes com os braços esticados à frente do corpo e virou-se outra vez para o Traun. De facto, a madeira voltou a tremer e, depois de Loisl procurar agora quase deliberadamente a direção exata, disparou de repente para o céu.

Desta vez o filho do lavrador isolado de Scharam conseguiu aperceber-se com muito mais consciência dos pormenores do estranho acontecimento. Verificou que o formigueiro que lhe percorria o corpo era de facto comparável ao que conhecia do menir. Além disso, num terceiro ensaio descobriu uma particularidade no comportamento da vara: só quando a ponta apontava diretamente ao sítio onde os patos mergulhavam é que o impulso para cima era irresistível; se virasse as mãos, que seguravam as pontas divergentes, só um nadinha para a esquerda ou para a direita, a tensão diminuía logo. E por fim, depois de experimentar várias vezes, ganhou mais uma certeza: mal a vara bifurcada nas suas mãos disparava para cima como por magia, a ponta dianteira não apontava só aos patos que nadavam, mas igualmente à foz do canal de águas residuais que vinha da forja.

Surgiu-lhe uma suspeita – que se confirmou quando o menino de sete anos se afastou um bocado do rego e depois se aproximou lentamente outra vez. Primeiro as mãos pareciam segurar apenas madeira morta, mas a cerca de cinco metros do canal começou o formigueiro e logo a seguir a vibração; com o passo seguinte veio o salto. Claro que desta vez não foi tão forte como no sítio anterior – donde Loisl tirou mais uma conclusão. A força enigmática tinha decerto a ver com o canal de águas residuais, mas também evidentemente com o Traun, porque era mais forte onde as duas correntes se juntavam.

Duas, três vezes o miúdo confirmou esta suspeita: aproximou-se com o ramo de amieiro diretamente da foz e sentiu o salto para cima tão violento como no início. Por fim, depois de ter ficado um bocado como em

transe, murmurou: «É a água! Em qualquer lado nos redemoinhos, onde não se veem, devem morar os invisíveis. E quanto mais água houver, mais a vara treme...»

Antes que pudesse pensar mais nisso, um grito da forja fê-lo sobressaltar-se: «Despacha-te, Loisl, se queres ver como ferramos o castanho!»

«Já vou, Sebastian!», respondeu o menino de sete anos e desatou a correr.

Pouco depois só o interessava o cavalo, que agora estava de orelhas achatadas à porta da oficina e olhava desconfiado para a bigorna e para a fornalha que rugia lá dentro. O moço deu-lhe indicações: «Põe-te à frente do cavalo de maneira que ele te veja e fala-lhe baixinho.»

Loisl obedeceu; de facto o castanho acalmou. Agora Sebastian agarrou habilmente a pata traseira esquerda do animal e puxou o casco peludo para cima. O ferrador apareceu logo com a tenaz; tirou o ferro velho e depois, com uma faca pequena e curva, começou a aparar o casco. O menino de sete anos sentiu o cavalo retesar-se; conseguiu, porém, distraí-lo com carícias e palavras suaves. Também quando o artesão ajustou a nova ferradura ainda em brasa e subiu o cheiro amargo, o cavalo não fez cenas; ficou quieto e só bufava de vez em quando assustado quando o ferrador pregava os pregos novos.

«Não te portas nada mal. Mais tarde até te aceitava como aprendiz», elogiou o artesão o miúdo depois de o moço ter largado a perna do cavalo, que soltou um grunhido aliviado.

«Pois é, o Loisl tem jeito para cavalos e para os outros animais da estrebaria», assentiu Sebastian. «Mas como futuro lavrador do Bruckthaler-Hof tem de saber lidar com as criaturas de quatro patas.»

«É verdade», confirmou o ferrador e voltou a pegar na tenaz.

Mais uma vez o menino de sete anos esforçou-se por manter o cavalo o mais calmo possível; cerca de uma hora depois as quatro ferraduras estavam postas. Para testar, levaram o castanho algumas vezes de um lado para o outro no pátio; depois de assim verificarem que o novo ferrado não incomodava o animal, o moço do lavrador isolado de Scharam pagou ao artesão e atrelou o cavalo outra vez ao carro de escada.

O sol já ia baixo sobre os montes a oeste quando Sebastian e Loisl regressaram a casa. Mal o cavalo foi desatrelado, bebido e alimentado,

ouviu-se de Maria Eck o toque das vésperas. Por isso o miúdo não pôde hoje realizar o que em segredo desejava: subir com a vara bifurcada, que trouxera para casa, até à pedra de fogo. Prometeu a si mesmo fazer a experiência sem falta no dia seguinte.

E de facto aconteceu o que o menino de sete anos intuía que aconteceria. Mal se aproximou do bloco de pedra rachado e ficou a uma certa distância, a vara de amieiro saltou ainda mais forte do que na margem atrás da forja de Siegsdorf. Se não tivesse sido prevenido pela experiência – sobretudo com o arame que dois anos antes, no primeiro contacto desse tipo com o menir, segurara na mão –, as violentas vibrações que lhe sacudiam todo o corpo tê-lo-iam provavelmente deitado outra vez ao chão. Assim porém conseguiu dominar a força que estava escondida na pedra de fogo e agora reagia com intensidade nunca vista à vara bifurcada.

Mais: depressa Loisl aprendeu a medir-lhe exatamente os limites. Era uma aventura excitante para ele rodear o rochedo vezes sem conta e assim determinar o círculo mágico que os seres invisíveis aparentemente não podiam ultrapassar. Quando se aventurava mais um passo além da linha mágica, sentia logo o formigueiro fino na pele; formigueiro que um único passo mais perto do menir se transformava no formigueiro excitante. E mais um pedacinho ainda e parecia que punhos fantasmagóricos agarravam a madeira para dobrar com força irresistível a ponta, que até então apontava direita à frente, em direção ao céu; tão violentamente que o miúdo a princípio temeu que a madeira se partisse.

O mais estranho, porém, era o fenómeno que surgia quando Loisl se aproximava mesmo muito da pedra de fogo. Então tinha a sensação de que algo irisado fluía da vara que vibrava na vertical: um encantamento que – agora de repente completamente sem peso – chegava até ao firmamento e queria também elevá-lo a ele.

Foi assim que o menino de sete anos o sentiu e talvez por isso não se cansasse naquele fim de tarde do seu jogo. Só quando outra vez o toque das vésperas soou do torreão da igreja de peregrinação próxima é que regressou à quinta. Às perguntas dos adultos sobre onde andara tanto tempo, respondeu vagamente e ficou o resto da tarde calado e recolhido.

No dia seguinte voltou a sair, mas desta vez não se contentou com explorar a zona à volta do menir: correu com o ramo de amieiro em todas as direções pela paisagem. Começou em Maria Eck, onde em certos sítios, sobretudo junto à ábside do edifício sagrado, registou também claros saltos da vara. O mesmo aconteceu no bosque da montanha para lá da igreja de

peregrinação; aí descobriu vários lugares que exteriormente pareciam perfeitamente banais, mas faziam a vara bifurcada tremer outra vez, embora mais fraco. Quando Loisl continuou a investigar o fenómeno, que já lhe parecia quase familiar, e se deixou guiar pela vara por cima debaixo e por cima de pedras, deu numa nascente no meio do bosque. Entre fragmentos de rocha e fetos brotava da terra, e a vara saltara para cima ainda antes de o miúdo ter visto a fonte.

«Outra vez a água», murmurou. Essa descoberta, porém, fez-lhe reparar numa contradição, e acrescentou pensativo: «Mas se é a água, porque gira a madeira também na pedra de fogo e na igreja?»

Não encontrou logo resposta; por fim, porém supôs, tal como já fizera no Traun, que os seres que provocavam o encantamento deviam estar escondidos tanto nas rochas ou edifícios especiais como nas águas.

Com isso se contentou; na noite após a sua viagem de descoberta, enquanto dormia inquieto no quarto do sótão do Bruckthaler-Anwesen, os seres misteriosos apareceram-lhe em sonhos. Eram minúsculos e no entanto, irradiavam um poder que ultrapassava tudo o que era humano. Embora os seus rostos e até as suas formas ficassem no incerto e parecessem vibrar como atrás de véus finos, névoas ou cristais translúcidos, a luz ofuscante e cintilante que os rodeava como uma aura era tão intensa que doía os olhos e o miúdo sonhador teve de desviar rapidamente o olhar.

Quando, depois de ter sido arrastado como por um redemoinho entorpecente, tentou de novo olhar para os seres, eles tinham desaparecido.

A decepção fê-lo gemer durante o sono. Logo a seguir acordou, olhou assustado para a escuridão do quarto enquanto a memória do que vira se esvaía em segundos e não deixava para trás senão um vazio atormentador: o saber de uma compreensão que estivera quase ao alcance da mão e que agora, como que para troçar dele, lhe era outra vez negada.

Quando, depois de ter sido arrastado como por um redemoinho entorpecente, tentou de novo olhar para os seres, eles tinham desaparecido.

A decepção fê-lo gemer durante o sono. Logo a seguir acordou, olhou assustado para a escuridão do quarto enquanto a memória do que vira se esvaía em segundos e não deixava para trás senão um vazio atormentador: o saber de uma compreensão que estivera quase ao alcance da mão e que agora, como que para troçar dele, lhe era outra vez negada.

Quando à tarde seguinte o filho do lavrador isolado correu de novo para a pedra de fogo, viveu mais uma decepção. O ramo de amieiro que ontem saltara com tanta força não reagiu desta vez, embora Loisl continuasse a sentir o formigueiro na pele. O menino de sete anos refletiu; depois apercebeu-se de que o ramo secara e daí tirou mais uma lição importante. A título de experiência procurou um rebento fresco, encontrou-o num arbusto de aveleira que crescia perto da igreja de peregrinação – e o fenómeno repetiu-se como antes. Após pensar um bocado chegou à única conclusão lógica e formulou-a mentalmente assim: Com madeira morta não funciona; tem de estar viva e cheia de seiva...

Nos meses seguintes o miúdo confirmou esta experiência muitas vezes. Enquanto a Guerra dos Bôeres se arrastava na África do Sul até a sorte voltar a favorecer os colonos holandeses e em maio de 1902 se chegar à paz com o Império Britânico e à criação dos territórios quase independentes do Estado Livre de Orange e do Transvaal, Loisl seguia, com fascínio crescente, os saltos da vara de zahorí. Os seus círculos à volta da quinta isolada, da aldeola de Scharam ou da igreja de peregrinação de Maria Eck tornavam-se cada vez mais amplos e quase sempre com sucesso.

Descobriu outras formações rochosas onde as forças misteriosas vibravam; localizou, no meio do bosque cerrado, nascentes e regatos aonde só muito raramente chegava um caçador. Após cada uma dessas vivências sentia uma profunda felicidade; era como se estivesse em íntima sintonia com algo que não sabia nomear, mas que – apesar de todo o mistério – o tocava com uma irradiação profundamente maternal.

Naturalmente esta atividade não podia passar despercebida aos adultos do Bruckthaler-Anwesen. Ainda no outono tardio de 1901 houve por isso uma conversa à mesa da cozinha. Depois de o lavrador ter chamado o filho à razão e Loisl ter contado como as propriedades especiais do ramo bifurcado lhe tinham sido revelados pela primeira vez na margem do Traun, Anna Irlmaier disse: «Um tio do lado do meu marido, que Deus o tenha em glória, também tinha esse dom raro. Passou a vida inteira a andar com a vara de zahorí.»

«Então parece que o nosso rapaz herdou a capacidade», acrescentou a avó. «Veio do irmão do teu pai, e sabe-se lá que um talento tão especial, que a razão não explica, costuma saltar uma geração.»

«Não tem nada de mau, isso é certo», interveio agora o velho lavrador reformado de cabelo grisalho. «Pelo contrário: em todos os tempos quem dominava a arte de mutar era muito respeitado.»

«Porquê?», quis saber o menino de sete anos.

«Porque podiam, por exemplo, ajudar quando num quintal o poço secava e era preciso abrir outro», explicou o pai.

Os olhos do miúdo brilharam. «Achas que eu também conseguia aprender isso?»

«Talvez mais tarde», respondeu-lhe a mãe. «Para já é mais importante aprenderes alguma coisa na escola! Mas se nos tempos livres quiseres andar por aí com a vara de zahorí, não temos nada contra.»

Assim ficou combinado no outono tardio de 1901, e depois a regra foi-se cumprindo. Na escola da aldeia de Eisenärzt o filho desperto do lavrador isolado aprendia mais do que a maior parte das outras crianças; além disso ajudava o pai ou o moço com toda a força no estábulo e nos campos. Mas sempre que o tempo lho permitia, procurava um ramo bifurcado e deixava-se guiar pelo instinto até descobrir mais um daqueles lugares extraordinários onde o rebento vegetal parecia de repente ganhar vida.

Todo o ano de 1902 e até ao verão alto de 1903 foi assim; depois o Loisl, agora com nove anos, teve um encontro que marcaria decisivamente o resto da sua vida.

A Ruína

O topo do monte ficava a hora e meia a pé de Scharam, na direção do Hochfelln, mas ainda bastante abaixo do cume dessa montanha. O menino de nove anos subira por bosque misto; agora já estava na zona das coníferas e, quando chegou a uma clareira só com pinheiros-anões, viu do outro lado de uma pequena ravina o planalto estranhamente achatado, que subia ligeiramente para sul e terminava num esporão rochoso que se erguia abruptamente. Não foi, porém, só a topografia invulgar do monte que o fez parar; foi sobretudo o instinto que lhe dizia que ali do outro lado a vara daria resultado.

Pouco depois, porém, depois de ter atravessado a ravina e trepado a encosta oposta, viveu uma surpresa completamente diferente. Porque no centro do planalto achatado deu com restos de muros: alvenarias de pedra bruta cobertas de giestas e musgo que evidentemente tinham sido, há muito tempo, a fundação de um edifício maior. Quando examinou melhor o terreno encontrou, debaixo de folhas e húmus, uma superfície estreita e comprida ainda lajeada de pedra. Sem dúvida tratava-se de um flez, como o

que havia no Bruckthaler-Anwesen; um corredor que outrora atravessara toda a casa e dera acesso às divisões de habitação e às cavalariças de ambos os lados. Desde então, Loisl sentia-o bem, tinham decorrido séculos; muitas gerações humanas durante as quais o lugar se tornara deserto e a natureza recuperara pouco a pouco o que era seu.

«Era uma quinta», murmurou o miúdo. «Uma quinta bonita, mas hoje provavelmente já ninguém se lembra dela...»

A ideia era excitante; era como se tivesse entrado em terra proibida ou perdida. E esse terreno havia agora que explorar imediatamente: com a vara de zahorí, que talvez trouxesse à luz do dia ainda mais do que apenas percorrer os muros arruinados, apalpar as pedras toscamente talhadas e mexer na terra.

O menino de nove anos tirou a vara do cinto das calças, segurou os ramos frouxamente com ambas as mãos e começou a percorrer o lugar aparentemente sem rumo. Cruzou várias vezes o corredor, depois rodeou lentamente os restos das paredes exteriores da quinta desaparecida. Primeiro a vara não deu o mínimo sinal – mas por fim, quando o miúdo chegou ao canto sudoeste da ruína, sentiu um leve salto. Parou imediatamente como que farejando, fez a vara descrever um arco de prova e verificou que o impulso aumentava para o interior da antiga quinta. Trepou o muro de pedra bruta que ali ainda chegava à cintura e ficou num espaço estreito de poucos metros de diâmetro. Mal lá estava, sentiu um forte formigueiro na pele; o ramo fino tremeu, com mais um passo de prova a vara de zahorí saltou violentamente para cima.

O miúdo cavou no sítio indicado; afastou folhagem podre, terra e entulho de parede. Depois, quando descobriu uma laje de rocha alisada artificialmente e a arrastou um pouco para o lado, percebeu toda a dimensão da descoberta. Um poço descia ali para as profundezas: um tubo redondo de alvenaria de onde subia um vapor húmido e bolorento. Loisl apanhou uma pedrinha e deixou-a cair; demorou bastante até ouvir o leve chapinhar.

«Pelo menos trinta pés», sussurrou; no instante seguinte o desejo de explorar melhor o poço tornou-se irresistível. Saltou, correu de volta ao exterior, olhou rapidamente em volta e desatou a correr para um pinheiro seco. Arrancou-lhe um dos ramos secos, trouxe-o para a ruína e procurou nos bolsos das calças os fósforos que roubara em casa. Logo a seguir os ramos secos pegaram fogo; rapidamente as chamas passaram para a madeira mais grossa. Loisl esperou até o ramo estar todo em chamas,

depois atirou-o para dentro do poço. A tocha em queda iluminou o antigo poço com luz vermelha tremeluzente; antes, porém, de chegar ao fundo, prendeu-se na estreita tubagem e ficou a meio da altura.

A princípio o menino de nove anos ficou decepcionado, porque queria ver o fundo. Alguns batimentos cardíacos depois, porém, foi recompensado de uma maneira que não teria sonhado. Porque o ramo a arder não iluminava apenas a parede do poço coberta de lodo viscoso – iluminava também um nicho do tamanho de um homem, evidentemente muito fundo, alguns metros abaixo do sítio onde estivera a laje.

No primeiro instante Loisl ficou pasmado, depois percebeu e exclamou: «Um corredor secreto! Exatamente como havia antigamente nos castelos...»

Mal proferiu o incrível, só um pensamento o dominou: descer e penetrar no túnel que agora o atraía como por força mágica. Saltou mais uma vez por cima do muro, correu para o pinheiro morto, abasteceu-se de mais alguns ramos, voltou a correr para o terreno da ruína e acendeu uma segunda tocha. Depois enfiou debaixo da japona os outros paus que lhe serviriam de reserva, sentou-se à beira do poço e preparou-se para descer. Já o pé procurava uma fenda na tubagem escorregadia, escorregou, mas logo encontrou uma pequena reentrância que parecia dar apoio. O menino de nove anos respirou fundo mais uma vez, depois deixou-se deslizar, segurando a tocha numa mão e agarrando-se com a outra à laje afastada, cada vez mais fundo. Mal, porém, metade do corpo desaparecera no poço, soltou da garganta um grito de terror.

A culpa foi do aperto duro que de repente sentiu no ombro; das mãos brutais que o agarravam e também do rosto selvagem que de repente estava tão perto que conseguia ver cada um dos redemoinhos da barba desgrenhada e cada ruga profunda na testa e à volta dos olhos em brasa. Gritou outra vez; desta, porém, o som terminou num gemido sufocado, porque no instante seguinte, enquanto a tocha voava para o abismo, foi puxado violentamente para cima e aterrou sem cerimónia no chão ao lado do poço. Atordoadado tentou pôr-se de pé e fugir; antes, porém, de o conseguir, o braço do outro disparou de novo e agarrou-o. Ao mesmo tempo ouviu as palavras cuspidas com voz rouca: «Não tenhas tanta pressa, rapazinho! Não precisas de ter medo de mim, embora sem dúvida merecesses uma lição!»

Só então Loisl percebeu que não era um troll do bosque, mas um ser humano; um tipo, porém, de aspeto muito estranho. O homem esfarrapado

podia ter entre cinquenta e sessenta anos; a cabeleira escura e a barba cheia e selvagem já estavam entremeadas de muitos fios grisalhos. Os olhos, sob as sobrancelhas espessas, estavam fundos nas órbitas; as sombras pareciam reforçar ainda mais a expressão penetrante das pupilas castanhas com chamuscas cor de mel à volta da íris. O mais invulgar no desconhecido, porém, era a roupa: uma espécie de traje de salteador feito de um camisolão grosseiro muito remendado, calças de couro e botas gastas; além disso o barbudo trazia um manto de pele de ovelha de ar arcaico.

Quando reparou que o miúdo começava a dominar o susto, apontou para um resto de muro e ordenou ao menino de nove anos: «Senta-te! E agora quero saber como te chamavas, de onde és e como deste com o poço onde quase partias o pescoço.»

Loisl, que já começava a ver o seu descuido, agachou-se no sítio indicado, deu ao homem as informações pedidas e depois confessou, cabisbaixo: «Foi a vara que me indicou a água debaixo da laje. Mas nunca me teria ocorrido descer se não tivesse visto o buraco na parede do poço...»

«Ouvi bem? Andaste mesmo com uma vara de zahorí pelo terreno?», interrompeu-o o esfarrapado.

O miúdo assentiu, tirou o ramo bifurcado do cinto das calças e mostrou-lho.

«De facto, um belo rebento de aveleira», disse o barbudo, surpreendido. De repente sorriu e pediu: «Faz-me o favor de me mostrar como fazes quando mutas.»

Loisl levantou-se de um salto, pegou na vara com as duas mãos e deu dois, três passos em direção ao abismo escancarado. Imediatamente o ramo saltou com força para cima.

«Diabos me levem, tens mesmo o dom no sangue!», exclamou o homem do manto de pele de ovelha.

«Ora, isso foi fácil», respondeu o menino de nove anos, que já sem medo. «Eu sabia para onde tinha de ir.» Calou-se um bocado. «Mas a água tem de vir de qualquer lado para o poço, e isso ainda não descobri.»

«A sério que achas que também consegues descobrir a corrente da nascente?», perguntou o barbudo, espantado.

«Porque não?», retorquiu o miúdo.

Logo a seguir trepou mais uma vez por cima do muro da ruína para fora e começou a rodear a distância os restos da divisão onde ficava o poço. Exatamente no canto sudoeste da antiga quinta, onde, pouco antes de encontrar o tubo escondido do poço, já sentira aquele impulso fraco, houve também desta vez reação correspondente.

O esfarrapado, que seguira Loisl, assentiu em silêncio e observou depois o miúdo ainda mais atento do que já estava. O menino de nove anos olhou rapidamente para trás, para o sítio onde sabia estar o poço, e continuou com o ramo de avelã esticado na prolongação dessa linha imaginária. Como não encontrou nada, começou de novo a andar em círculo – e ao fim de poucos passos a vara de zahorí tremeu pela terceira vez.

«A água faz uma curva», murmurou Loisl enquanto tornava a apontar a direção; pouco depois teve novo sucesso. Nos quinze minutos seguintes conseguiu, com o método descrito, seguir a corrente subterrânea até ao ponto de origem: uma nascente escondida que borbulhava no alicerce do esporão rochoso na borda sul do planalto, onde a fonte saía de uma fenda e um metro mais adiante voltava a sumir-se na terra.

«Se não tivesse visto com os meus próprios olhos, não acreditaria!», disse o barbudo, atónito. «Confessa: alguém que percebe muito disso ensinou-te a mutar!»

«Não, andei sempre sozinho com a vara de zahorí», explicou o miúdo.

«E desde quando fazes isso?», quis saber o outro.

«Há coisa de dois anos», foi a resposta. «Pouco depois de ter começado a escola.»

«Então está na hora de um zahorí experiente tomar conta de ti», retorquiu o esfarrapado. «Tens um talento que só aparece uma vez em cem anos, mas precisas mesmo assim de ajuda. E se quiseres, dou-ta eu. Chamo-me Jakob, e a gente das aldeias aqui da região conhece-me como o eremita do Hochfelln...»

«Agora percebo porque tens esse ar tão esquisito», escapou-se a Loisl. «E provavelmente vives numa gruta, não é?»

«Uma cabana de toros que construí bem fundo no bosque também serve», respondeu Jakob a sorrir. «Então, que dizes? Gostavas que eu tomasse conta de ti e te ensinasse tudo o que sei sobre mutar?»

«Claro!», assentiu o menino de nove anos. «Mas tinhas de falar primeiro com os meus pais.»

«Vou falar com eles», prometeu o eremita. «Nos próximos dias passo pela vossa quinta.»

«Mas do poço é melhor não dizeres nada, está bem?!», escapou-se ao miúdo.

«Isso fica entre nós», garantiu o barbudo. «Mas só com a condição de nunca mais seres tão imprudente!»

«Vou lembrar-me», jurou Loisl. «E eu realmente não teria tentado descer se não tivesse visto o esconderijo lá dentro. Juro-te, Jakob, lá em baixo há um corredor subterrâneo!»

«Eu sei!», respondeu o eremita com ar carregado de significado.

«Tu... tu sabes?», gaguejou o menino de nove anos.

«Sim, e também conheço um caminho para lá entrar que é seguro», explicou Jakob.

«Mostras-me? Por favor, mostra!», gritou o miúdo excitado.

«Vem comigo!» Dito isto, o eremita levou o seu protegido por um trilho estreito de animais, quase invisível, à volta do esporão rochoso.

Na encosta oposta, a torre de pedra estava fendida e entre blocos enormes havia uma passagem estreita que dava para uma câmara natural. As rochas formavam ali um espaço triangular com o dobro da altura de um homem; num ponto pareciam subir degraus arcaicos até uma fenda larga por onde entravam dedos de luz solar. Mas Jakob não se dirigiu para lá; foi antes para um canto no fundo da caverna, com cerca de cinco metros de profundidade. Aqui a base de um dos monólitos sobressaía um pouco acima do chão – e quando Loisl, a um aceno do barbudo, se agachou, viu o buraco redondo escondido debaixo do nariz de pedra.

O eremita tirou debaixo do manto uma pequena lanterna, acendeu o toco de vela e ordenou: «Eu vou à frente. Quando eu te der o sinal, vens atrás e fazes exatamente como eu.»

Logo a seguir deitou-se de barriga para baixo à frente do buraco na terra e, de pés para a frente, arrastou-se um pouco para debaixo do pedestal de pedra; no instante seguinte todo o corpo desapareceu com um único movimento fluido no esconderijo.

O menino de nove anos esperou até ouvir o grito abafado que vinha das profundezas, depois também ele se deixou deslizar pelo buraco. O túnel estreito descia primeiro em forte inclinação; antes, porém, que o miúdo pudesse escorregar rápido demais, a curva suavizou-se e, no segundo seguinte segundo, desembocou numa pequena gruta. Era suficientemente alta para Jakob estar lá dentro curvado; à luz da lanterna Loisl reconheceu as marcas das ferramentas com que a caverna fora escavada no mergulho.

Antes que pudesse fazer alguma pergunta, o adulto apontou para um buraco em frente à entrada e sussurrou: «É por aqui que seguimos.»

Desta vez o barbudo avançou de gatas. Loisl seguiu-o outra vez e, ao fim de cerca de três metros, verificou que o túnel se tornava mais largo. Pôs-se de pé, andou os passos seguintes curvado; depois de uma curva cerrada encontrou-se num corredor estreito que terminava em arco ogival para cima. De novo reparou nas paredes, à esquerda e à direita, nas marcas regulares de ferramentas que pareciam formar desenhos misteriosos. De resto o túnel, que tinha quase exatamente a largura dos ombros de Jakob, seguia agora bastante direito e com ligeira descida até terminar numa segunda gruta em forma de cúpula.

Aqui o miúdo não se conteve mais. «Estamos talvez numa mina?», escapou-se-lhe.

Com sorriso enigmático o eremita abanou a cabeça e respondeu baixinho: «Mais tarde explico-te tudo. Mas agora não devemos falar. Limita-te a prestar atenção ao que a terra te diz – se sentires que ela te fala...»

Com isso o menino de nove anos teve de se contentar. Mais ainda: aceitou o desafio e, como também o eremita ficou em silêncio, concentrou-se no silêncio da caverna escavada no mergulho. Primeiro sentiu o silêncio profundo como opressivo e quase ameaçador; passado um bocado, porém, relaxou. Alguns minutos depois pareceu-lhe ouvir, do meio da ausência de som, um sussurro infinitamente delicado que pouco a pouco cresceu até um zumbido melodioso e pulsante. Um zumbido e rumor que vinha de um ponto muito concreto da gruta – e que de repente se tornou tão intenso que Loisl teve de se aproximar como em transe.

«Muito bem!», ouviu nas costas a voz de Jakob; ao mesmo tempo viu na parede da gruta o novo buraco.

O buraco redondo escondia-se atrás de uma dobra da terra e ficava à altura da anca; desta vez o barbudo mergulhou lá dentro como um

mergulhador. Mais uma vez o miúdo seguiu o brilho fraco da luz, deslizou alguns metros por uma inclinação suave e por fim rastejou do troço final plano do túnel para um corredor que, com a sua forma ogival, se parecia com o outro que já conhecia. Agora, porém, o túnel seguia em curvas aparentemente sem regra; descia, voltava a subir e por fim enrolava-se numa grande espiral para baixo. E foi este troço que provocou nos membros do menino de nove anos uma reação que, embora inesperada, não lhe era estranha: um formigueiro eletrizante como o que tantas vezes sentira no círculo mágico da pedra de fogo ou noutros lugares especiais com a ajuda da vara de zahorí.

Mal o invadiu, o eremita, que ia mesmo à frente dele, virou-se, observou-o atentamente e constatou satisfeito: «É exatamente como se, ao mutar, tivesses encontrado uma corrente de água muito forte, não é?»

Confuso, Loisl assentiu; desejava ardentemente que o eremita dissesse mais. Mas Jakob apenas lhe piscou o olho por cima da lanterna e continuou caminho. O formigueiro e a vibração mantiveram-se com a mesma intensidade até o corredor subterrâneo seguir de novo direito e depois terminar abruptamente diante de uma parede de mergulho. Quando o barbudo ali ergueu os braços e o menino de nove anos seguiu o movimento com os olhos, viu a saída na abóbada por cima da barreira; quase no mesmo piscar de olhos viu também os degraus que sobressaíam da parede. Com destreza o eremita e atrás dele o miúdo treparam; no mesmo instante em que Loisl passou pelo buraco redondo para a gruta de cima, pareceu que algo se desprendia dele. Era como se o formigueiro ficasse para trás num apagamento suave e ele próprio voltasse a entrar na sua pele antiga e familiar.

Da caverna acima da passagem o túnel continuava em duas direções diferentes. O miúdo inspirou profundamente o ar húmido, ligeiramente bolorento que soprava da abertura em cunha à esquerda, e exclamou: «O poço, não é?»

«Sim, agora estamos debaixo da ruína da quinta», confirmou o eremita. «Cerca de cinco metros mais adiante o corredor desemboca no poço de alvenaria que descobriste. Mas esse sítio não é o nosso destino; vamos seguir o outro caminho.»

Ditas estas palavras, avançou de novo e entrou no troço do túnel à direita. No início as paredes de mergulho muito juntas mostravam a imagem já conhecida: os desenhos confusos das marcas de ferramentas e, mesmo por cima da cabeça do adulto, o cume em cunha. Em breve, porém,

o corredor subterrâneo começou de novo a descer em espiral, ao mesmo tempo que o teto baixava tanto que Jakob e Loisl tiveram de rastejar com dificuldade.

O menino de nove anos foi tomado de claustrofobia; a cada metro que avançava tornava-se mais forte. Respirava agora aos arquejos, imagens ameaçadoras dançavam-lhe no cérebro: representações obsessivas de massas monstruosas de terra que a qualquer momento podiam desabar e esmagá-lo; depois obsessões de outro tipo: água lamacenta que inundava o tubo de mergulho sem saída e o afogava. Com toda a força o miúdo obrigou-se a aguentar. Por fim, exatamente quando pensava que já não conseguia conter o grito de pânico, sentiu de repente que o túnel o ajudava na luta. Alguns batimentos cardíacos depois percebeu que, embora muito lentamente, começara a deslizar; logo a seguir aterrou – meio a deslizar, meio a cair – numa gruta cujo amplo e suave círculo lhe deu a sensação de alívio infinito e, ao mesmo tempo, de proteção nunca antes sentida.

O barbudo amparou-o, ajudou-o a pôr-se de pé e deu-lhe tempo para se recompor antes de dizer baixinho: «Chegámos ao destino. Agora podes descansar e esperar pelo que vai acontecer...»

Dito isto, levou o protegido meia dúzia de passos até à extremidade oposta da caverna, onde num nicho da parede de mergulho havia um banco baixo de terra. Loisl caminhava como sobre algodão; quando se agachou ao lado do adulto, a sensação de proteção ilimitada tornou-se quase avassaladora. Algo dentro dele expandiu-se para lá dos limites físicos; no mesmo instante em que parecia tocar a concavidade da parede da gruta e fundir-se com ela, uma calma indescritível invadiu o espírito do menino de nove anos.

O tempo perdeu significado para ele. Enquanto passavam segundos ou horas, interiorizou de novo aquele silêncio sem limites que já o envolvera na segunda caverna. Em algum momento voltou a ouvir o sussurro infinitamente delicado que pouco a pouco cresceu até um zumbido melodioso e pulsante; um zumbido e rumor que agora, porém, tinha intensidade muitas vezes superior à que já vivera. E depois era como se a terra lhe falasse; falasse com toda a riqueza das suas línguas: do mergulho, do cascalho, da rocha, do que morre e do que nasce de novo, das veias húmidas escondidas e das correntes de água e cristal que rugem fundo no eterno.

O seu espírito começou a vibrar no ritmo deste coral; entregou-se profundamente e deixou-se levar até ao clímax e depois suavemente de

volta à sua própria dimensão, até que de novo o silêncio da gruta o acolhesse. Por fim, quando o transe lentamente se afastava dele, surgiu o rosto do eremita no círculo de luz da lanterna à sua frente, e ouviu a frase que, como já uma vez, era mais constatação do que pergunta: «Agora sabes onde estás, não sabes?»

«No ventre da Mãe», ouviu o miúdo responder a si mesmo; logo a seguir escutou espantado as próprias palavras, como se não pudesse acreditar que aquelas palavras estranhas tinham mesmo saído da sua boca.

«É isso mesmo!», confirmou o eremita. «O destino dos caminhos sinuosos do templo da terra é o ventre da Mãe Terra, de onde brota toda a vida e todo o saber e para onde tudo regressa!» Deixou ao menino de nove anos tempo para assimilar a revelação, depois continuou: «E tu sentiste-o, senão não terias sido capaz de o dizer há instantes...»

«Sim, ela estava lá... a força da terra», sussurrou Loisl. «Os corredores por onde viemos... seguem as correntes invisíveis...»

«As correntes que muitas vezes sentiste quando andavas com a vara de zahorí», interrompeu Jakob. «Mas até agora só conhecias o que sobe até à superfície da terra. Hoje, porém, deste uma olhadela ao ser interior da força.»

Mais uma vez o eremita e o seu protegido ficaram um bocado calados lado a lado. O menino de nove anos refletiu sobre o que ouvira e assim ganhou mais clareza, desta vez a nível racional. Deste modo encontrou – mesmo que o outro não desaparecesse de facto – o caminho de volta à consciência do dia e murmurou: «Acho que sei o que me quiseste dizer. Só uma palavra não percebi bem: o templo da terra...?»

«O que isso significa explico-to assim que estivermos lá fora», respondeu Jakob e levantou-se.

Loisl seguiu-o até ao buraco em frente do banco de terra. No longo caminho pelo labirinto julgou sentir ainda mais intensamente a irradiação dos tubos estreitos, dos corredores ogivais, das passagens redondas e das grutas. Por fim, quando rastejou para o espaço triangular entre os monólitos e se pôs de pé, teve a sensação de que também aquele lugar se transformara. A luz do sol, que agora entrava por ângulo diferente pela larga fenda na abóbada da caverna, parecia mais quente e mais luminosa, embora lá fora o astro já devesse estar baixo. Além disso o zumbido e rumor que o acompanhara no ventre da terra ainda aqui se ouvia e só se esbateu quando o eremita começou a falar.

«O lugar onde estamos é sagrado há milhares de anos», disse o barbudo. Sentou-se no ressalto da rocha que escondia a entrada do sistema de grutas, esperou que o miúdo se sentasse ao lado dele e continuou: «Nos tempos antigos, antes de serem construídas as primeiras igrejas cristãs na nossa terra, as pessoas vinham muitas vezes a estas pedras para absorver a sua força e estar especialmente perto tanto do sol como da terra.» Jakob apontou para a fenda por cima da cabeça, por onde entrava a luz. «Ali em cima depositavam as suas oferendas: cereais e frutos para a deusa radiosa. O rochedo triplo é, pois, um templo solar, mas também é a entrada para o segundo santuário que esta cordilheira especial guarda.»

«Queres dizer os corredores e grutas subterrâneas?», perguntou o menino de nove anos.

«Chamei-lhes templo da terra porque também eles servem o culto de uma divindade», explicou o barbudo. «Já ouviste hoje o nome dessa deusa hoje. É a Mãe Terra, que todos os anos é de novo fecundada pelo sol na primavera, traz os seus dons no verão, repousa no outono, dorme no inverno para reunir forças novas e acorda na primavera seguinte, mantendo assim o eterno ciclo da vida. Do seu ventre brotam também as nascentes que possibilitam toda a vida vegetal, animal e humana. Além disso tecem no seu corpo as outras correntes, mais finas e por isso muitas vezes ainda mais poderosas, que fazem saltar o ramo bifurcado nas tuas mãos quando te aproximas delas. Na verdade, porém, elas tocam a tua carne, o teu sangue e o teu espírito assim que entras em contacto com elas...»

«E lá bem fundo no templo da terra sinto isso ainda mais forte do que na superfície!», interrompeu Loisl.

«Porque tens o dom», assentiu o eremita. «Muito te será revelado que fica escondido para as pessoas comuns. Embora ainda sejas quase uma criança, a capacidade em ti já é agora extraordinariamente forte. Se a cultivares e desenvolveres, um dia ser-te-ão possíveis conhecimentos de que hoje nem sequer suspeitas...»

O rosto do menino de nove anos trabalhou, depois exclamou: «Porque não sou como os outros?»

«Porque és como és», foi a resposta.

Desta vez o miúdo olhou longo tempo pensativo para o vazio, por fim pareceu aceitar a resposta oracular e quis saber: «Então as pessoas que antigamente vinham aqui eram todas como eu?»

O eremita abanou a cabeça. «Nunca foram muitos os que conseguiam reconhecer o invisível; sempre apenas as mulheres e os homens mais sábios. Mas ao templo da terra por baixo das pedras solares também entravam muitos outros. Estes não sentiam necessariamente o mesmo que tu ou eu, mas podiam, na profundidade do ventre da Mãe Terra, purificar a alma e voltavam depois à luz do dia como que renascidos.»

«No fim, antes de chegarmos à gruta com o banco, o túnel era tão terrivelmente estreito que pensei que ia morrer», murmurou Loisl. «Mas logo a seguir, quando me amparaste lá dentro, pensei que não podia haver felicidade maior.»

«Essa foi uma das lições que o templo da terra sempre teve pronta para cada ser humano», explicou o barbudo. «Só quem luta contra o que o aperta e vence o medo experimenta a libertação e ganha assim força.»

Mais uma vez o menino de nove anos refletiu sobre estas palavras; por fim perguntou: «Como sabes tu tudo isso? Quero dizer, como podes falar de coisas que aconteceram aqui há muitos milhares de anos?»

«O saber foi transmitido de geração em geração», respondeu Jakob baixinho. «Nos tempos antigos faziam-no as mulheres e os homens iniciados que viviam nestas montanhas. Mais tarde, quando chegaram os padres cristãos e perseguiram os seguidores dos verdadeiros deuses, a sabedoria foi guardada em segredo. Durante todos esses séculos houve sempre pessoas isoladas ou certas famílias que não quiseram abandonar o paganismo. Assim foi até aos nossos dias, de modo que também eu, um dia, encontrei o meu mestre – e esse homem era descendente daqueles que, até há cerca de cento e cinquenta anos, viviam exatamente onde nos conhecemos...»

«A ruína da quinta?», perguntou o miúdo de repente.

O barbudo confirmou. «O lugar é extraordinariamente antigo. Outrora os seus habitantes pagãos guardavam o santuário, e o templo da terra só tinha então esta entrada aqui no interior das pedras solares. Mais tarde, quando a Igreja cristã ganhou poder e proibiu às pessoas continuar a visitar o grupo sagrado de rochas e a descer daí para o ventre da Mãe Terra, foi escavado o caminho secreto que descobriste no poço da ruína. Protegidos por ele, os fiéis da antiga crença ainda podiam chegar sem ser vistos à câmara de pedra e às grutas, enquanto os padres – ou os seus espiões – pensavam que se reuniam apenas para passar o tempo na quinta.»

Enquanto dizia as últimas palavras, um sorriso irónico passara pelos lábios de Jakob; agora também Loisl sorriu e observou: «Mas nós viemos outra vez completamente à vista e em liberdade!»

«Desde que a quinta teve de ser abandonada há cinco gerações, porque os donos empobreceram e também não apareceu mais ninguém que quisesse ficar com a quinta isolada, o saber sobre o templo pagão quase caiu completamente no esquecimento», disse o eremita. «Só eu visito ainda de vez em quando este lugar venerável...»

«E eu – posso voltar contigo outra vez?», insistiu o menino de nove anos.

«Já te ofereci tomar conta de ti e ensinar-te tudo o que sei», respondeu o barbudo. «Mas deves guardar segredo, sobretudo com os muito devotos. Não compreenderiam nada, por isso é melhor mostrarmos ao mundo que só nos ocupamos de andar com a vara de zahorí.»

«A avó é assim», pensou o miúdo em voz alta. «Gosto muito dela, mas vai todos os dias a Maria Eck e, se soubesse onde estive hoje...»

«Vejo que me entendeste», sorriu Jakob. «Mas agora está na hora de nos despedirmos por hoje, senão não chegas a Scharam antes de escurecer. Porta-te bem – e nos próximos dias passo por vossa casa, como te prometi.»

Quando o eremita lhe apertou a mão, Loisl teve a sensação de se despedir de um velho amigo. Por isso correu ainda mais depressa encosta abaixo; uma última vez, já à altura dos muros da ruína, virou-se e viu o barbudo, no seu manto de pele de ovelha, imóvel como um ser de outro tempo junto às pedras solares.

O Zahorí

Chegou ao Bruckthaler-Hof já ao crepúsculo. Os adultos, que já se tinham habituado às suas andanças, contentaram-se com a resposta inofensiva que deu às perguntas mais ou menos distraídas: que no bosque conhecera um zahorí experiente que queria tomar conta dele daqui em diante.

«Posso dar uma vista de olhos ao homem», disse o pai. «Como tens sem dúvida o dom, não seria nada mau tirar partido dele. Mais de um ganha um bom dinheiro extra com o ramo bifurcado.»

Depois o lavrador de Scharam virou-se de novo para a mulher, que acabava de tirar do berço no canto do fogão o bebé: o segundo filho, Hansl, nascido poucos meses antes, a 15 de maio daquele ano de 1903.

«Hoje à tarde não mamou nada bem, coitadinho», murmurou Anna Irlmaier enquanto levava o pequenino para o canto do Senhor e se sentava. Abriu a blusa, pôs a criança ao peito e suspirou aliviada quando Hansl logo procurou o mamilo e começou a mamar com devoção.

«Já te disse que te preocupavas à toa», veio da avó reformada. «Não foi mais do que uma flatulência que lhe tirou o apetite há bocado. Agora o chá de funcho que lhe demos ajudou.»

«Uma mãe preocupa-se sempre», respondeu a que amamentava. «Pode acontecer tanta coisa a um bebé; basta olhar para o cantinho dos anjinhos no cemitério de Siegsdorf...»

«Tu vais criar o rapaz tão bem como criaste o Loisl», encorajou-a o marido. «Afinal não é o oitavo ou décimo filho, como noutros quintas, e tu não estás esgotada como muitas mulheres...»

Anna lançou-lhe um olhar agradecido, depois entregou-se ao sentimento de união íntima com o filho de três meses e imaginou como seria quando ele já tivesse a idade do mais velho.

Nos anos seguintes foi dado a Anna Irlmaier e ao resto da família ver o segundo filho crescer saudável.

Fora do vale montanhoso isolado, porém, reinavam condições menos pacíficas. Em maio de 1904, por exemplo, quando Hansl aprendia a andar, eclodiu a guerra entre o Japão e a Rússia. Num ataque surpresa de torpedeiros japoneses ao porto de Port Arthur foi afundada a maior parte da frota do Pacífico do czar. Tropas do imperador-deus do Japão desembarcaram na Coreia e avançaram daí para a Manchúria. No início de 1905 os combates alastraram ao Vietname, em julho os japoneses ocuparam a ilha Sacalina. Só em setembro se chegou à paz, que obrigou o império do czar a reconhecer a Coreia e outros territórios do sudeste asiático como zonas de interesse japonês.

Quando foram assinados os documentos do armistício, Hansl tinha quase dois anos e meio e o irmão mais velho onze. Nos meses seguintes, no inverno de 1905 para 1906, apareceram em Loisl os primeiros sinais da puberdade. Com a primavera chegou um surto rápido de crescimento; ao mesmo tempo o futuro herdeiro do Bruckthaler-Anwesen começou a sofrer,

por vezes com grandes oscilações de humor. As mudanças físicas e psíquicas pareciam atormentá-lo mais do que a outros adolescentes; dias inteiros o rapaz de onze, depois doze anos isolava-se timidamente, depois caía em atividade quase maníaca. Nessas fases entregava-se ao trabalho da quinta – que, além da escola em Eisenärzt, já era parte fixa das suas obrigações – até ao limite das suas forças. Às vezes o pai ou Sebastian, o moço, tinham de travá-lo, pois de outro modo teria trabalhado até cair de cansaço.

Só no convívio com Jakob o adolescente encontrava paz interior temporária. Desde aquele primeiro encontro no sopé norte do Hochfelln o contacto não se interrompera. Poucos dias depois o eremita aparecera na quinta e, depois de dissipadas sobretudo as reservas iniciais de Anna Irlmaier perante o estranho excêntrico, chegara a acordo com os pais de Loisl. Com um aperto de mão ficou combinado que o eremita formaria o filho mais velho do casal como zahorí completo, e daí em diante o barbudo e o seu protegido encontravam-se regularmente. Agora que o corpo descontrolado e, mais ainda, as tormentas psíquicas o atormentavam tanto, Loisl via no eremita o único ser humano que, apesar de tudo, o compreendia. Graças a esta amizade ganhava as pausas de calma necessárias no tumulto da puberdade; além disso Jakob sabia usar positivamente o estado de exceção do seu pupilo quando se tratava de mutar.

«O que parece atormentar-te quer na verdade ajudar-te no teu desenvolvimento», disse o barbudo uma vez, quando os dois praticavam com a vara junto à pedra de fogo. «A natureza não te está apenas a transformar exteriormente num homem, está também a dar-te, no que toca ao teu dom, possibilidades adicionais.»

«A força dentro de mim parece de facto às vezes mais forte do que antes», admitiu o rapaz magro de olhos escuros, quase negros, após refletir. «Mas agora também me assusta muitas vezes. Por exemplo ainda há pouco, quando me aproximei da pedra com a vara e as veias das mãos incharam de maneira horrível. O ramo saltou como sempre, mas... aquilo nunca me tinha acontecido!»

«Aceita-o, que te será útil agora e no futuro», aconselhou Jakob. «Experimenta e vai outra vez até à pedra. Mas desta vez deixa a vara aqui e tenta só com os braços esticados.»

Loisl obedeceu. Mal chegou à distância crítica do monólito lendário, o fenómeno que o assustara repetiu-se. Como cordas azul-escuras as veias

saltaram no dorso das mãos, e o formigueiro que delas partia parecia continuar fundo no corpo.

«Percebeste?», ouviu nas costas a voz do eremita. «Já nem precisas da vara para sentir claramente a corrente energética e até ver os seus efeitos em ti próprio. E isso acontece porque, devido às mudanças que se passam em ti, ganhaste maior sensibilidade.»

O rapaz voltou para junto do amigo adulto; a cada passo que dava para longe da pedra de fogo a agitação no sangue diminuía. De repente a forte reação corporal já não lhe parecia repugnante; até sorriu e quis saber: «Então daqui em diante posso mutar sempre sem vara?»

«É bem possível», assentiu o barbudo. «Mas alcançarás mais se usares as duas capacidades. As veias inchadas mostram-te uma corrente de água mesmo sem ramo; com a vara podes depois determinar em pormenor as características da corrente escondida.» Devolveu a vara de aveleira a Loisl e acrescentou: «Vamos agora praticar isso mesmo.»

Caminharam mais para o bosque da montanha para lá de Maria Eck, onde o filho do lavrador isolado descobrira outrora, nos seus primeiros ensaios com a vara de zahori, a nascente escondida cujos vários braços subterrâneos iam em direção à igreja de peregrinação. Sem dificuldade o rapaz encontrou de novo um desses regatos; depois Jakob pediu: «Tenta determinar a que profundidade corre a corrente e lembra-te do que já te expliquei sobre o método.»

Loisl recomeçou a mutar: percorreu a área várias vezes seguidas de maneira a cruzar a corrente de água a intervalos regulares. As pálpebras quase fechadas; assim era-lhe mais fácil concentrar-se no que agora era mais importante do que a vara ou o latejar nas veias de novo salientes. Ao entrar num estado de semi-vigília tornava-se-lhe possível sentir o invisível também mentalmente: entrar em contacto muito especial com o solo e com a sua vida interior.

No início sentia a matéria sob o tapete de agulhas do chão do bosque apenas como massa imensa e neutra. Em breve, porém, pareceu subir dela um calor suave que o envolveu, e isso – sentia-o instintivamente – era o momento em que a terra se mostrava pronta a aceitar o seu pedido. Esforçou-se por pôr o espírito em harmonia com ela; da cabeça e também do coração formulou o seu desejo: Mostra-me o teu segredo... Diz-me onde está escondido em ti... Revela-me se o que pulsa está longe ou perto dos meus pés...

Passado um bocado, movendo-se agora muito lentamente e cada vez mais em transe, recebeu a resposta. Em imagens subiu ao longo de uma linha dupla fina, em cores brilhantes e ao mesmo tempo delicadas, do escuro e prendeu-se nas pontas do ramo bifurcado. Viu o corpo respirante da Mãe Terra: a pele de húmus, o tecido mais denso por baixo, por fim o esqueleto cristalino. Nas suas veias rumorejava a corrente que procurava; agora o rumor tocava-o e envolvia-o. Por fim – sem ter dado por isso, descera muito fundo – a força suave levou-o de novo à superfície: quatro, cinco vezes a altura do seu corpo.

Voltou a si, agradeceu à terra, separou-se dela com cuidado. A poucos passos viu o eremita de pé e ouviu-se dizer: «A corrente de água corre aqui a cerca de sete metros de profundidade.»

«Vamos ver se não te enganaste», respondeu Jakob.

Levantou a própria vara, encontrou o contacto e seguiu a corrente invisível com a mesma absorção que o adolescente antes dele. Loisl observava tenso cada movimento; por fim, quando o barbudo saiu do campo de força, baixou o ramo e se virou, teve a certeza. «Sete metros», confirmou o eremita. «Além disso a corrente leva cerca de três litros por minuto e passa por cima de um banco de rocha.»

O rosto do rapaz, onde ainda há instantes se via a alegria pelo êxito, retesou-se. «Consegui localizar a profundidade», murmurou. «Mas o resto não teria descoberto.»

«Se já fosses capaz disso, não precisavas de mestre», retorquiu o adulto. «Não podes querer tudo de uma vez. O teu saber tem de crescer como uma planta: hoje um rebento e amanhã outro.»

Loisl refletiu sobre estas palavras, depois admitiu: «Eu próprio sei que às vezes sou impaciente demais.»

«És assim – e é completamente natural na tua idade. Por isso não deves censurar-te por isso», respondeu Jakob. «Só tens de compreender uma coisa: o melhor que podes fazer é aceitar-te exatamente como o teu ser dita. Isso vale tanto para mutar como para a vida em geral.»

«Aceitar-me... como há pouco a Mãe Terra me aceitou», disse baixinho o adolescente. «É isso que queres dizer?»

«Acabaste de compreender mais uma coisa muito importante», assentiu o barbudo. «E por hoje ficamos por aqui. Eu tenho de voltar à minha cabana de toros e tu certamente ainda tens trabalho na quinta.»

«Mas na próxima semana voltamos a encontrar-nos, não é?», certificou-se o filho do lavrador isolado.

«Claro», prometeu o eremita. «Até lá continuas a treinar sozinho com a vara e tentas determinar a profundidade de outras correntes de água. Mais tarde ocupamo-nos da força delas e das outras características...»

Quando o rapaz magro de pupilas escuras, quase negras, completou treze anos em junho de 1907, podia dizer com razão que dera novos passos como zahori. Cada vez mais se lhe desvendava o segredo das correntes escondidas quando, com a ajuda da vara bifurcada, estabelecia a ligação mental com elas. Tal como o eremita, também ele já conseguia agora determinar a força de um regato subterrâneo e dizer se a veia – caso se escavasse – seria difícil ou fácil de atingir. Mas ainda não era tudo o que um iniciado devia saber. Alguns meses depois o barbudo introduziu-o no maior mistério: a enigmática interação entre as forças da água, da terra e da lua.

Mais uma vez Jakob e o seu aluno encontraram-se num domingo à tarde de setembro no monte junto ao sopé norte do Hochfelln. Desta vez, porém, ficaram pouco tempo junto às pedras solares. Em breve o eremita levantou-se do banco de pedra por cima do esconderijo e levou o adolescente mais para cima na montanha até, após cerca de uma hora de caminho, chegarem a um pequeno corte em forma de ravina não longe do cume. Abriram caminho por entre um emaranhado de pinheiros-anões que crescia à frente da entrada estreita de poucos metros e continuava ainda um bocado lá dentro. Em breve, porém, a vegetação rareou e, ao fim de algumas dezenas de passos, apareceu o fundo afundado em forma de caldeira da pequena ravina.

O eremita parou, pousou a mão no ombro de Loisl e pediu-lhe: «Observa bem este lugar e depois diz-me o que te chama a atenção.»

Lentamente o rapaz de treze anos deixou o olhar percorrer a área irregular, sombreada pelas paredes da ravina. Primeiro não viu mais do que natureza aparentemente intocada: ilhas de terra cobertas de tufo de erva, entre elas regos e bossas de pedra cobertas de musgo. Passado um bocado, porém, a impressão mudou. Agora o rapaz julgou ver, num ponto da ravina, algo de especial na forma e disposição dos fragmentos de rocha – exatamente onde o fundo descia num círculo algo irregular. Aqui os blocos pareciam mais lisos; como se tivessem sido toscamente talhados – e quase no mesmo instante em que percebeu isso, apercebeu-se também de que seguiam o bordo da depressão em forma de dolina.

«Um círculo de pedras», murmurou o adolescente. «Parece que alguém as colocou aqui de propósito.»

«Exato», confirmou Jakob. «Mas ainda não é tudo...»

Mais uma vez Loisl concentrou-se na imagem arcaica que agora lhe parecia cada vez mais palpável; passado um bocado ocorreu-lhe contar os monólitos atarracados, que só chegavam ao joelho ou à anca. «São treze», disse por fim. «E provavelmente isso tem um significado especial, não é?»

«É isso mesmo», assentiu o barbudo. «Temos diante de nós um santuário muito antigo, dedicado aos treze meses lunares do ano. Foi construído há muito tempo pelos mesmos que escavaram o templo da terra por baixo das pedras solares. E tal como as grutas escondidas, também este lugar tem a ver com correntes de água subterrâneas, embora não seja essa a sua única função...»

«Mas eu não sinto nenhuma irradiação desse tipo», interrompeu o filho do lavrador isolado o mestre.

«Se te aproximares mais, vais senti-la sim», respondeu Jakob. «Vai, experimenta!»

Como sempre, também nesse dia o adolescente trazia uma vara de zahori. Tirou o ramo bifurcado do cinto das calças, segurou-o com as duas mãos e aproximou-se do círculo de pedra. De facto houve reação – mas só quando o pé quase tocava um dos blocos de rocha, e mesmo assim ainda muito fraca. Também quando rodeou o círculo e depois o atravessou várias vezes na diagonal os saltos não ficaram mais fortes. Desiludido, Loisl acabou por desistir, voltou para junto do eremita e disse com desdém: «Este lugar pode ser mesmo muito antigo, mas para mutar não tem interesse.»

«Não devias dizer isso tão levianamente», repreendeu-o o eremita. «Pensa antes mais uma vez a que astro está dedicado o círculo de pedra e depois diz-me em que fase está agora a lua.»

«Lua nova», respondeu Loisl após breve reflexão. «Mas o que tem isso a ver com a minha experiência?»

«Vais saber quando voltarmos aqui daqui a duas semanas», respondeu Jakob enigmaticamente.

«Daqui a catorze dias...», disse o aluno pensativo. Logo a seguir percebeu. «Nessa altura a lua estará cheia outra vez!»

O barbudo sorriu com malícia, mas não disse mais nada e mudou de assunto: «Outrora as tribos desta terra viviam em profunda harmonia com a divindade em honra da qual foram dispostos os treze monólitos. Mais tarde, porém, Arianrhod foi esquecida e só muito poucos conservaram a antiga sabedoria...»

«Arianrhod?», repetiu o adolescente com ar interrogativo.

«É o nome da deusa lunar», explicou o eremita. «Era muitas vezes representada com uma roda de prata, e os que criaram essa imagem designavam de forma muito poética a magia do astro que atravessa o céu noturno e se transforma constantemente. Eram celtas: membros do povo mais misterioso que jamais viveu na Europa.»

«Conta-me mais dessas coisas», pediu o filho do lavrador.

«Faço-o com muito gosto», respondeu Jakob. «Mas podemos muito bem sentar-nos para isso.» Dito isto, percorreu a curta distância até ao círculo de pedra, entrou entre dois dos blocos cobertos de musgo e, depois de lhes tocar como que a acariciar, sentou-se num deles. Loisl imitou-o; também ele procurou primeiro o contacto com a mão – e sentiu um frio profundo, mas nada desagradável. Primeiro registou-o apenas com certa surpresa, mas depois apercebeu-se de que nunca sentira nada assim: frio que parecia conter em si um calor imaterial.

O eremita, que o observava muito atentamente, adivinhou – não pela primeira vez na amizade dos dois – os seus pensamentos e falou-lhe disso: «Pedras como estas são capazes de acolher o espírito de outras entidades. E porque estes monólitos foram ligados a Arianrhod, também neles se manifesta a natureza da deusa lunar. Agora, como o astro não brilha no firmamento, sentes os seus representantes terrenos como frios. Mas nesse estado já está contida a chama suave que a lua depois envia à terra quando se mostra na sua forma luminosa.»

Os pensamentos do rapaz de treze anos rodopiavam. Quando Jakob reparou, sorriu e prometeu: «Vais compreender tudo isto melhor quando voltarmos aqui. Para já só é importante o que já reconheceste: que no círculo lunar atuam outras forças além das que já te são familiares...»

Caleou-se um bocado; contemplou pensativo o círculo das pedras antes de continuar: «Como já disse antes, os blocos guardam algo com milhares de anos. Muito antes de Jesus de Nazaré nascer, os membros da tribo celta que outrora habitava estas montanhas reuniam-se neste lugar sagrado. No dia a dia cultivavam os campos, apascentavam os rebanhos e

escavavam a terra à procura de metais. Mas em certas épocas do ano encontravam-se aqui, e então as suas mulheres e homens mais sábios – chamavam-lhes druidas, os Grandes Sábios – dirigiam as correntes de força que desciam do céu noturno para a terra: de Arianrhod para os monólitos.»

«Então foram os celtas que construíram o círculo mágico de pedra?», quis saber o filho do lavrador isolado.

«É possível», respondeu o barbudo. «Mas também é concebível que o círculo lunar já existisse quando eles se instalaram nos Alpes. Porque os povos celtas foram apenas os últimos guardiões daqueles segredos que remontam ao mais profundo escuro da história da humanidade. Pode muito bem ser que estes blocos já estejam aqui há seis ou sete mil anos.»

Mais uma vez a cabeça do adolescente rodopiava. Tentou imaginar o tempo imenso; por um instante pareceu conseguir. Julgou ver diante de si uma roda sombria e ao mesmo tempo radiosa que tirava vida de um oceano eterno, levava povos estranhos para o brilho do tempo e depois os deixava deslizar de novo para o mar infinitamente profundo. Um batimento cardíaco depois, quando o transe fugaz se afastou dele, sussurrou comovido: «Tantos – e hoje já ninguém sabe nada deles...»

«Os monólitos conservaram a memória», disse Jakob baixinho. «A memória que está entretecida com os raios de Arianrhod: a deusa silenciosa e poderosa que tudo viu desde a eternidade.»

«Quer isso dizer...», o rapaz de olhos escuros hesitou e recomeçou. «Quer isso dizer... que o círculo lunar poderia contar-nos o que aconteceu naquelas eras remotas? Quero dizer... seríamos capazes de ver os povos desaparecidos... e as pessoas, se chamássemos o seu poder?»

Por um instante o eremita pareceu assustado. O olhar que lançou ao rapaz de treze anos foi tão agudo que este estremeceu. Mas depois – exatamente quando o adolescente esperava ansiosamente saber mais – Jakob respondeu apenas: «Quem sabe...»

Depois o eremita ficou longo tempo calado e olhar perdido. Loisl, que sentia ter magoado o amigo mais velho, aceitou-o; por fim tentou distraí-lo com outro assunto: «Como conheceste tu o círculo de pedra? Quem te falou dele e de todas essas outras coisas?»

Jakob respirou fundo, relaxou e respondeu: «Já te disse uma vez que um mestre muito especial tomou conta de mim. Era descendente da linhagem que outrora guardava o templo da terra e o santuário solar, e esses

iniciados também conservaram o saber sobre o círculo lunar. Eram simples lavradores, mais tarde apenas pobres criados e moços de estrebaria; e no entanto, ou talvez exatamente por isso, estavam sempre muito perto dos segredos. E um deles, o último, transmitiu-me o que durante milénios foi guardado.»

«Mas quando falas assim, nunca parece um lavrador ou um moço a falar», insistiu o rapaz de treze anos. «Usas muitas vezes palavras que parecem mais de um professor ou de um padre. Como se tu próprio...»

«Observaste muito bem», interrompeu-o o eremita. «Mas hoje não estou com disposição para te contar mais sobre isso. Talvez mais tarde...»

Levantou-se e saiu do círculo dos monólitos, tocando na pedra onde se sentara da mesma maneira que ao entrar. O adolescente imitou-o também desta vez; lá fora Jakob despediu-se invulgarmente depressa depois de combinarem encontrar-se de novo duas semanas depois junto ao círculo lunar.

Enquanto esses catorze dias passavam, o futuro herdeiro do Bruckthaler-Hof continuava, como já fazia há sete anos, a percorrer todos os dias o caminho de cerca de uma hora até à escola primária de Eisenärzt, onde já estava na classe final. O professor da aldeia apreciava-o como aluno desperto, embora calado; entre os dois nunca houvera tensões sérias desde que Loisl começara a escola.

Com o padre, porém, que dava três vezes por semana a aula de religião, a coisa era diferente. Esse já atacara várias vezes com dureza o filho do lavrador isolado no passado, quando, na sua inocência e lembrando as conversas com Jakob, lhe escapavam certas afirmações que não batiam certo com os dogmas do catecismo católico. Depois de o sacerdote, em nome da fé supostamente única salvadora, ter até pegado na vara e castigado cruelmente o então menino de dez anos, este compreendera que era melhor guardar para si o que o eremita lhe ensinava. Desde então aceitava as lições cristãs como a Igreja queria: submisso e, exteriormente, piedoso. Ao mesmo tempo, porém, continuava a fazer os seus próprios pensamentos, bem pagãos, assim que escapava ao poder do padre e regressava à quinta dos pais.

Aí, nos últimos anos, fora assumindo cada vez mais tarefas no trabalho quotidiano da quinta. Agora, no fim do verão após o seu décimo terceiro aniversário, era indispensável na ceifa; todas as tardes ajudava com a foice ou o ancinho nos campos e prados. À noite dava uma mão ao pai e a

Sebastian no estábulo; dava de comer e beber ao gado e levava o estrume para o monte de esterco. Cada vez mais crescia para as funções de moço de quinta e sabia-o: seria esse o seu lugar no Bruckthaler-Hof assim que, no ano seguinte, 1908, acabasse a escola.

Quase todos os dias, do nascer ao pôr do sol, seriam preenchidos com trabalho duro e humilde; quer como ajudante quer, mais tarde, como moço completo. Pelo menos até ao dia em que herdasse a quinta; mas mesmo então o trabalho não acabaria, seria apenas o seu próprio patrão. Nunca, porém, lhe ocorreu desejar outra coisa – exceto uma: que nos anos vindouros ainda pudesse andar com a vara de zahori pelo bosque e pelos campos e talvez assim ganhar algum dinheiro extra.

Também naquele domingo à tarde, quando pela segunda vez em catorze dias caminhava para o sopé norte do Hochfelln, esses pensamentos passavam pela cabeça do filho do lavrador isolado. Subia o monte pensativo; ao fazer o último troço, viu já lá em cima, à entrada da pequena ravina, o eremita à sua espera. Pouco depois Jakob saudou-o calorosamente; já não havia sinal da leve irritação que se notara no barbudo na despedida há duas semanas, quando Loisl de repente perguntara pelo seu passado. Pelo contrário, o eremita parecia ansioso por concluir a lição começada. «Vem!», disse agora, apontando para o emaranhado de pinheiros-anões que crescia à frente da ravina. «Tenho curiosidade em saber o que vais sentir desta vez quando percorreres o círculo lunar com a vara.»

O rapaz de treze anos deixou-se contagiar pela expectativa do mestre e passou primeiro pelo fenda de rocha que dava para a ravina. Um corvo que se aquecia ao sol num dos blocos levantou voo, voou até ao fundo da ravina – e voltou inesperadamente para os intrusos. Com um grasnido que tinha algo de excitado e ao mesmo tempo alegre, deu várias voltas à volta dos dois; só depois subiu em espiral para o céu e desapareceu na direção do cume do Hochfelln.

«Nos tempos antigos as pessoas teriam visto nisso um sinal dos deuses», ouviu o adolescente a voz baixa do amigo enquanto ele próprio, estranhamente tocado, seguia com o olhar a silhueta escura. Quando, espantado, olhou para Jakob, este explicou: «Os corvos estavam ligados a Lug: o deus celta do saber e também do dom da visão...»

«E por isso ainda hoje reconhecem os lugares sagrados? É assim?», escapou-se espontaneamente ao rapaz de treze anos, sem pensar nas palavras.

«Talvez não só os lugares...», respondeu o eremita em tom carregado, observando o protegido com atenção. Logo a seguir virou-se e percorreu o último troço até aos monólitos.

Loisl seguiu-o em silêncio, mais uma vez sem conseguir decifrar o comportamento do mais velho. Só quando Jakob lhe fez sinal e ele tirou o ramo bifurcado debaixo da japona é que a confusão se dissipou e conseguiu concentrar-se no verdadeiro motivo de ali estar.

Agora estava apenas a três, quatro metros do bordo da depressão em forma de dolina que constituía o centro do círculo lunar. Trocaram um olhar; quando o barbudo assentiu, levantou a vara de zahori e começou a mutar. Imediatamente ela começou a vibrar nas mãos esticadas e, ao mesmo tempo, as veias incharam de repente. Mal deu mais um passo em direção ao bloco de pedra coberto de musgo mais próximo, o ramo saltou com tanta violência que o fez parar assustado e recuar no instante seguinte.

«A irradiação é incrivelmente forte!», arquejou. «Nunca a senti tão selvagem!»

«Não tens medo dela, pois não?», perguntou o eremita.

«Não!» A resposta do rapaz de treze anos saiu-lhe apertada. «Só não estava preparado.»

«Então tenta outra vez!», exigiu Jakob. «Supera a barreira e entra no círculo!»

O adolescente obedeceu. As veias do dorso das mãos pareciam querer rebentar e a vara apontava literalmente ao céu quando voltou a tentar passar a barreira invisível. Mais uma vez o medo o invadiu, ainda mais forte do que antes, mas dominou-o e conseguiu romper. Com o passo seguinte aconteceu algo completamente inesperado: como que uma libertação, a ameaça metafísica desapareceu e uma sensação de proteção envolveu-o. Continuava a sentir a força com a mesma intensidade, mas agora já não era contra ele; acolhia-o e enchia-o com tanta potência que julgou flutuar.

O círculo lunar indicava-lhe a direção a seguir. No sentido contrário aos ponteiros do relógio levou o rapaz de treze anos à volta do círculo; cada um dos treze monólitos parecia chamá-lo, acolhê-lo na sua irradiação e depois passá-lo adiante até a força do seguinte o captar. A vara bifurcada, por sua vez, girava nas suas mãos sempre que ele estava mesmo diante de um bloco; nos curtos troços entre eles a ponta apontava para o céu.

Depois de dar uma volta completa ao círculo, Loisl sentiu que também dentro dele algo chegava à plenitude. Parou um instante e deixou-se invadir pela sensação gratificante; no momento em que esta atingiu o auge, a vara puxou-o mais para diante. Pelo caminho da força da terra – ao longo de uma espiral – guiou-o até ao centro do círculo. E então, no exato instante em que ocupou o lugar central, a força que atuava sobre ele transformou-se de novo.

Era como se se soltasse da ponte do ramo bifurcado e envolvesse diretamente o espírito do adolescente. Julgou ouvir um trovão muito longínquo e escuro; de repente, na névoa que agora o rodeava, apareceu de novo a roda sombria e ao mesmo tempo radiosa que já vira uma vez ali no círculo lunar. A roda que tirava vida de um oceano eterno, elevava povos estranhos ao brilho do tempo e depois os deixava deslizar de novo para o mar infinitamente profundo. Desta vez, porém, não desapareceu logo; ganhou contornos mais nítidos – no batimento cardíaco seguinte o eixo rodopiante enviou-lhe imagens detalhadas do abismo dos milénios.

Viu três mulheres de idades diferentes entrar no círculo de pedra; branca era a roupa da jovem, vermelha a da mãe, preta a da anciã. Dançaram o mesmo caminho que ele percorrera: o círculo e a espiral, até se reuniram no centro do círculo lunar e deram as mãos. Enquanto isso apareciam doze membros masculinos da tribo; também eles eram um terço jovens, um terço adultos e um terço velhos, com pinturas corporais brancas, vermelhas e pretas. Tal como as sacerdotisas que lhes haviam mostrado o caminho sagrado, deixaram-se levar pela força escondida da terra e do astro até ao centro e, juntamente com as mulheres – que agora eram a deusa na sua tríplice manifestação –, formaram a plenitude dos Treze.

Grande força fecundante desceu do céu noturno sobre a terra. No solo mexiam-se as sementes do futuro e propagavam-se de milénio em milénio até o mais jovem talo de erva de uma sucessão infinita de colheitas brotar da terra e tocar o pé daquele que, como em transe, estava no círculo lunar.

O contacto leve, quase impercetível, quebrou o encantamento; o adolescente sobressaltou-se da sua imobilidade. No instante seguinte deu-se conta de que a vara de zahori lhe caíra das mãos; nesse momento o mestre, que se aproximara sem ele dar por isso, apanhou o ramo de aveleira. Logo a seguir o eremita levou o protegido para fora do círculo dos monólitos e fez com que se sentasse numa bossa de pedra aquecida pelo sol à beira da ravina.

Pouco a pouco o estado quase traumático que se afastou do rapaz após a visão. Jakob sentiu-o e falou-lhe: «Acho que agora conheceste na totalidade a essência deste círculo de pedra, que é dedicado à deusa Arianrhod, não é verdade?»

«Quando cá viemos da primeira vez, ele dormia», respondeu Lois. «Mas hoje, com lua cheia, a sua força é imensa. Tão forte como nunca senti!»

«E a vara reage em conformidade», assentiu o barbudo. «Porque a irradiação das correntes de água que se cruzam muitas vezes no solo por baixo dos blocos é por sua vez influenciada pelas fases mutáveis do astro noturno.»

«Porque é assim?», quis saber o adolescente.

«Pelo mesmo motivo por que as mulheres dependem da lua», explicou o eremita. «Mas também nas plantas, cujo seiva sobe ou repousa conforme a posição do astro, observamos este fenómeno. O mesmo acontece com o mar: até a maré alta e baixa dos oceanos do nosso planeta é influenciada pela lua.»

«Mulheres e plantas, mares e correntes de água...», disse pensativo o filho do lavrador isolado. «Tudo isso está mesmo ligado?»

«Essas formas de existência e infinitas outras», confirmou Jakob. «E todas elas estão ligadas às forças do cosmos, das quais Arianrhod é a que nós, humanos, mais facilmente reconhecemos.»

«Se assim é, então nada no mundo vive só para si», murmurou o rapaz de treze anos. «Na verdade, tudo seria um só...»

«Compreendeste!», confirmou o eremita. «Tudo o que existe neste planeta ou lá fora no espaço é parte do ser eterno e imortal. Vale para o mais pequeno como para o maior, para o aparentemente insignificante tanto como para o sublime. Terra, água e ar; plantas, animais e homens; e também os corpos celestes, que provavelmente produzem incontáveis outras formas de vida, são todas manifestações de um único ser que tudo abarca: o Divino.»

Deu tempo ao aluno para assimilar o que ouvira, depois continuou: «Como disseste, tudo é um e está intimamente ligado. Aqui no círculo lunar são sobretudo as correntes de água e a forma sempre mutável do astro noturno, e se quiseres ler verdadeiramente os sinais da vara de zahorí, tens de ter isso sempre presente daqui em diante.»

Mais uma vez Loisl refletiu; por fim disse: «Se, por exemplo, eu tivesse mandado abrir um poço aqui no círculo de pedra em lua cheia, em lua nova ele teria secado outra vez, não era?»

«Sem dúvida», confirmou Jakob. Piscando o olho, acrescentou: «Mas espero que não te ocorra mesmo pegar na pá num lugar como este!»

«Deus me livre!», escapou-se ao adolescente. «Este lugar é sagrado! As imagens que vi...»

«O quê?!», perguntou o barbudo com dureza.

«Foi só um instante», respondeu o rapaz assustado. «Mesmo no fim, quando estava no centro. De repente vi as três mulheres...»

«Descreve-me com todos os pormenores o que viste!», exigiu o eremita.

O rapaz de treze anos obedeceu; gaguejando e procurando palavras, contou a visão. Quando acabou, Jakob ficou longo tempo calado a olhar para o círculo dos monólitos. Por fim recompôs-se e virou-se de novo para o aluno, mas a explicação que Loisl esperava não veio. Com voz velada o mestre disse apenas: «Há forças que vão muito para além do que a vara nos mostra. Às vezes manifestam-se inesperadamente, mas não devemos de maneira nenhuma procurá-las! Quanto a ti, estás numa fase de desenvolvimento em que – como alguns outros que têm o dom – és especialmente sensível. Mais tarde, espero que passe; talvez hoje tenha sido a primeira e última vez...»

Instintivamente Loisl lembrou-se da visão, embora muito fugaz, que tivera duas semanas antes ali no círculo lunar. Mas calou-se, e também o barbudo não parecia ter vontade de acrescentar mais nada. Pelo contrário, voltou surpreendentemente rápido ao tema do mutar e da influência da lua nas correntes de água e, por conseguinte, na vara de zahori, e o filho do lavrador isolado escutou-o até ser hora de regressar a casa.

Em breve a visão era apenas memória vaga para o rapaz; também porque Jakob, nos meses seguintes, o desafiou mais do que nunca noutras áreas. Agora Loisl aprendeu a usar a vara de zahori em harmonia com as fases da lua; além disso o eremita introduziu-o nos últimos segredos dos campos de energia em forma de grelha ou losango formados por numerosas correntes de água. O adolescente já muitas vezes mutara esses padrões geométricos escondidos, mas até então não os conseguira decifrar por completo. Agora, ao avançar tanto com a vara como mentalmente nas suas

estruturas, desvendavam-se-lhe as leis que lhe permitiam avaliar radiestesicamente encostas inteiras ou pastagens. Assim era possível reconhecer os pontos de cruzamento das correntes subterrâneas: os lugares onde – se as restantes condições também fossem favoráveis – se podia escavar em busca de nascentes.

Quando, na primavera de 1908, a neve derreteu, chegou o momento em que o eremita disse ao aluno: «Agora já sabes o suficiente para te tornares, com os anos, um zahori experiente. Mais não te posso ensinar; agora depende de ti aperfeiçoar o teu dom com prática constante e reflexão.»

Embora se alegrasse com as palavras de Jakob, Loisl sentiu uma pontada. «Mas vamos continuar a ver-nos!», escapou-se-lhe.

«Somos amigos e podes sempre contar comigo», tranquilizou-o o barbudo. «Mas deves ter consciência de que daqui em diante tens de seguir o teu próprio caminho, porque só assim te tornarás adulto.»

Como tantas vezes quando o eremita lhe dizia coisas assim, o adolescente refletiu intensamente; depois esforçou-se por pôr em prática o bom conselho.

Terminou com distinção os últimos meses de escola primária. No verão daquele ano de 1908, pouco depois de fazer catorze anos, posou orgulhoso no grupo dos outros finalistas diante da câmara de placas do fotógrafo de Siegsdorf, que viera de propósito a Eisenärzt. A partir do dia seguinte passou a cumprir as funções de moço de quinta no Bruckthaler-Anwesen, que agora ocupavam todo o seu tempo do amanhecer ao anoitecer. Aliviava o pai e Sebastian o mais que podia; sobretudo este último mostrava-se grato, pois já passava dos cinquenta e, depois de décadas de trabalho duro na lavoura, sofria por vezes de fortes dores nas costas. Exatamente agora, na altura da ceifa, Loisl tinha de trabalhar tanto como os homens adultos; caía na cama morto de cansaço todas as noites, mas na manhã seguinte voltava sempre com coragem renovada ao trabalho do dia.

No fim de agosto a última meda foi recolhida ao celeiro e, no início de setembro, a debulhadora chegou ao quintal. Um par de cavalos de tiro puxava o carro com a sua estrutura alta de um metro que todos os anos fazia a volta pelo vale de Scharam. Em breve a caldeira a vapor foi posta a trabalhar e os correios de couro começaram a cantar à volta das rodas. Fardo atrás de fardo de cereal desaparecia na boca em funil no topo da

máquina e, lá em baixo, o ouro do grão escorria para os sacos. A debulha mecânica durou dois dias inteiros; na noite do segundo dia os Bruckthaler, os trabalhadores sazonais e os vizinhos mais próximos festejaram na eira como mandava a tradição. Abriu-se um barril de cerveja; houve fumados, salsichas, queijo e pão fresco à discrição. A festa durou noite dentro; Loisl, descontraído, estava sentado com os maquinistas, que contavam anedotas alegres – ao meio-dia do dia seguinte viveu mais uma alegria.

Um lavrador de Wagenau, aldeia a três horas a leste de Scharam, chegou de charrete à quinta. Depois de trocar impressões sobre a colheita e o gado com o lavrador isolado, perguntou pelo filho. Um homem da sua terra que recentemente encontrara o eremita do Hochfellen lhe dissera que o rapaz era muito hábil a mutar. Ele próprio precisava de mandar abrir um novo poço para a cabana de montanha e pensara que o jovem Bruckthaler podia aparecer em Wagenau quando tivesse oportunidade.

O lavrador de Scharam convidou-o a entrar em casa. À mesa da cozinha, onde Anna Irlmaier pouco depois pousou as terrinas fumegantes de couve e batatas, acertaram-se os pormenores. Passado um bocado chegaram a acordo; Loisl comprometeu-se a ir já no domingo seguinte procurar uma corrente de água adequada na pastagem de altitude.

Foi a pé os quinze quilómetros até Wagenau, foi convidado a almoçar na quinta de lá e depois, acompanhado pelo mandante, subiu mais hora e meia até às pastagens em questão. Junto à cabana de montanha inspecionou o antigo tubo do poço, que secara quase por completo. Com a ajuda da vara de zahori seguiu o regato subterrâneo que até então o alimentara, mas cujo caudal principal parecia agora ter mudado de direção.

Cerca de trezentos metros acima da cabana de montanha descobriu os sinais de um pequeno deslizamento de terras; o lavrador contou que a avalanche descera na primavera anterior. O rapaz de catorze anos voltou a mutar e rapidamente descobriu para onde a corrente de água se deslocara depois do entupimento.

Seguiu então o novo curso encosta abaixo, parou num ponto cerca de cinquenta passos ao lado e ligeiramente acima da cabana, colocou algumas pedras como marca e disse: «Se escavares aqui, vais dar, debaixo do húmus, com uma fenda na rocha. Tem pouco mais de um metro de profundidade e no fundo está muito escavada. É aí que a nascente se acumula e, como o sítio fica um pouco mais alto do que a cabana, basta trazeres um cano até lá e tens água em abundância outra vez.»

«Se isso for verdade, nem preciso de abrir poço novo», alegrou-se o lavrador.

«É assim mesmo, podes acreditar!», respondeu o adolescente. Depois guardou a vara bifurcada e, sem mais uma palavra, começou a descer.

Duas semanas depois o lavrador de Wagenau voltou ao quintal isolado de Scharam, agradeceu efusivamente ao rapaz de olhos invulgarmente escuros, meteu-lhe o pagamento na mão e prometeu: «Vou recomendar-te, porque tens melhor faro para as correntes de água do que muitos zahoris adultos!»

O jovem Alois Irlmaier guardou as três marcas que recebera no armário suspenso do seu quarto, onde também estavam o táler do batismo e o relógio da crisma. Nos tempos seguintes foram-se juntando mais moedas, porque depois do primeiro cada vez mais lavradores da região pediam conselho ao filho mais velho do Bruckthaler-Hof.

A Guerra Mundial

«Mais uma vez distúrbios na Bósnia e na Herzegovina!», disse o lavrador isolado de Scharam de beija apertada. Mais uma vez estava sentado no canto do Senhor com o jornal; o calendário por cima da cabeça marcava um dos últimos dias de outubro de 1909. Atirou o jornal para a mesa e acrescentou: «Não é milagre nenhum, valha-me Deus! Depois de a Áustria ter anexado os dois países no outono passado, era de esperar que os Balcãs se revoltassem! Sobretudo os sérvios agora tentam mais do que nunca dar coices contra o aguilhão dos Habsburgos.»

«É porque têm a religião errada!», interrompeu a avó reformada. «Porque não acreditam no Papa de Roma, mas na heresia ortodoxa.»

«São cristãos na mesma», ouviu-se da pia, onde Anna Irlmaier mexia com o pequeno Hansl, agora com seis anos, agarrado à saia.

«O Kaiser em Viena ainda os vai tornar católicos!», troçou o sogro. «Ou tu o que achas, Loisl?»

Piscou o olho cúmplice ao neto.

O adolescente, porém, parecia não ter ouvido a pergunta; olhava absorto o jornal cujas folhas, como que movidas por mão invisível, tremiam numa leve corrente de ar.

«Se o Francisco José provocar demais os sérvios, pode haver guerra», respondeu o lavrador em vez dele. «E se isso acontecer, também nos atinge

a nós. Porque o Reich alemão está aliado aos Habsburgos; se a Áustria marchar, marchamos com ela!»

Então o velho recompôs-se, olhou pensativo para o neto e disse com voz velada: «Seja como for, ainda bem que o nosso rapaz só vai para o serviço militar daqui a três anos.»

O dono da casa assentiu. Logo a seguir levantou-se, dando assim também ao filho o sinal para voltarem ao trabalho comum. Juntos o lavrador isolado e futuro herdeiro saíram; Sebastian já estava no monte de estrume a atirar com a força os bolos pesados e húmidos para o carro. O lavrador e o adolescente juntaram-se; cerca de uma hora depois o carro de bois arrancou com estrondo. Até ao anoitecer o rapaz de quinze anos espalhou com os dois homens o estrume no campo de cereais atrás da quinta, para que também no verão seguinte a semente pudesse medrar.

Enquanto a chuva de outono e depois a neve caíam sobre os campos, as tensões entre a Casa da Áustria e os Balcãs agravaram-se. À guerra, porém, não se chegou, porque no auge da crise o Kaiser alemão mediou. O ano de 1910 decorreu, pois, em grande parte em paz; sem preocupações as pessoas da quinta isolada puderam continuar o seu trabalho duro.

Loisl, que após a escola ficara fisicamente muito mais forte, fazia a sua parte. Aos domingos andava muitas vezes com a vara de zahori e ganhava assim um dinheiro extra considerável além do parco salário de moço que o pai lhe pagava. De vez em quando encontrava-se com Jakob: nas pedras solares ou no círculo lunar. Às vezes os dois amigos tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos subiam simplesmente uma montanha para estar perto da natureza intocada.

Em 1911 a paz voltou a ficar fragilizada. Em maio tropas coloniais francesas ocuparam a capital marroquina de Fez. Depois de o Reich alemão ter protestado em vão, o Kaiser Guilherme II enviou em julho o canhoneiro «Panther» para o norte de África. O navio de guerra aproximou-se até distância de tiro do porto de Agadir, após o que o governo francês cedeu e se declarou disposto a negociar. Mal a crise franco-alemã perdeu a ponta, eclodiu no norte do continente negro um conflito armado entre Itália e a Turquia, porque a Sublime Porta ignorara um ultimato romano para retirar as tropas da sua última província norte-africana, a Tripolitânia.

Unidades do exército italiano atacaram então a referida região costeira líbia a oeste do Grande Sirte. Em novembro de 1911 o Reich alemão recebeu, como compensação pelo reconhecimento do protetorado francês

sobre Marrocos, vastos territórios nos Camarões; enquanto no início do novo ano lá se hasteavam as bandeiras imperiais, os italianos conquistavam Trípoli. Para cúmulo, voltava a ferver nos Balcãs, onde a Sérvia, o Montenegro, a Bulgária e a Grécia se tinham aliado contra a já enfraquecida Turquia. Por fim, no verão de 1912, tudo apontava para que muito em breve houvesse guerra entre a Liga Balcânica e a Sublime Porta.

A 8 de junho desse ano explosivo Alois Irlmaier completou dezoito anos. O aniversário, porém, foi ensombrado por uma carta que o carteiro trouxe ao meio-dia à quinta isolada, insistindo em entregá-la pessoalmente ao jovem.

«Parece oficial, e isso nunca é bom sinal», profetizou o avô enquanto o neto abria o sobrescrito. Depois o rapaz leu aos tropeções as poucas frases que continha: «Em nome de Sua Alteza Real o príncipe-regente Luitpold, o filho de lavrador Alois Irlmaier, registado na polícia no Bruckthaler-Anwesen em Scharam, é chamado a cumprir o serviço militar. O quartel é o da Jägerkaserne em Freising, Alta Baviera. Tendo em conta que o obrigado a servir trabalha como moço na quinta dos pais, a entrada ao serviço fica marcada para 1 de outubro de 1912.»

«Pelo menos não te levam depois da ceifa», comentou o pai do futuro recruta com voz velada.

«Mesmo assim é uma vergonha chamá-lo, quando precisamos tanto dele em casa», conseguiu Anna dizer, visivelmente a conter o choro.

«Não é o único que vai», tentou o avô acalmá-la.

Anna Irlmaier, porém, não quis saber. «Logo agora que já está tudo de pernas para o ar no mundo inteiro!», queixou-se.

«Cala-te! Não ponhas o rapaz doido!», repreendeu-a o marido. «Claro que é duro para ele e para nós, mas o serviço militar nunca fez mal a ninguém.»

«Exceto aos que não voltaram das guerras», murmurou a avó lá ao fundo.

«Afinal não vou para a guerra, e até Freising são só umas horas de comboio», disse agora o jovem de dezoito anos. Depois forçou um sorriso triste e acrescentou: «Além disso ainda fico cá até ao outono...»

«Vais ser um soldado valentão, disse já sei», interveio o avô reformado. «E agora bebemos um copo. Ao teu aniversário e a que os Jäger façam de ti um homem a sério!»

A primeira impressão que o jovem de dezoito anos teve de Freising, quase quatro meses depois, foi opressiva. A estação, as ruas e até o quartel pareciam encolher-se sob o peso da residência episcopal que dominava tudo do alto do Domberg. A isso juntava-se uma chuva miudinha desagradável e rajadas de vento gelado demasiado frias para a estação. Perdido estava o punhado de recrutas chegados de Munique no cais até que da passagem subterrânea surgiu um sargento. Com sorriso cínico mediu os quase ainda quase adolescentes, a maior parte, como Alois Irlmaier, filhos de lavradores. Por fim rosnou: «Em fila, seus carneiros, e depois sem compasso, marsch!»

Nos dias e semanas seguintes o jovem de Scharam e os camaradas foram tratados de forma igualmente grosseira. Os cabos e sargentos deixaram-lhes bem claro qual o lugar deles na hierarquia do quartel: o fundo da escada. De manhã à noite eram atormentados, treinados e corridos sem sentido. Morto de cansaço, Alois caía todas as noites numa das oito camas – sempre duas sobrepostas – do quarto de quartel com cheiro a mofo.

No fim do mês, quando já estavam tão quebrados que obedeciam cegamente a qualquer ordem só para não serem castigados, receberam pela primeira vez armas: carabinas pesadas e respetivas baionetas. Agora tinham de treinar até cair, com as armas ainda descarregadas, e nos intervalos praticar o ataque de infantaria nalgum campo de pousio; os comandos «Deitar!» e «Levanta! Marsch, marsch!» perseguiam-nos até no sono. Em breve juntaram-se o tiro ao alvo e os ataques de baioneta a bonecos de palha. Os recrutas aprendiam a disparar à cabeça ou ao peito das figuras tipo espantalho; noutras ocasiões cravavam as lâminas nos sacos de trapos que vestiam uniformes, e então o cabo gritava alegre: «Rodar a baioneta quando está na barriga! Depois arrancar a arma! É assim que se liquida o inimigo segundo o regulamento!»

Até ao fim do ano durou esta tortura física e psicológica a que, na gíria militar, chamavam instrução básica. Nem uma única vez nesse período Alois Irlmaier teve licença para sair; a cidade de Freising ficou-lhe desconhecida – exceto a residência episcopal, que também do quartel se via e continuava a erguer-se como um farol ameaçador sob o céu de outono. Durante meses o de Scharam e os camaradas estiveram isolados da vida

civil lá fora; as notícias quase não chegavam. Só por rumores ouviram falar do rebentamento da Guerra dos Balcãs: da invasão sérvia, búlgara e grega em território turco em outubro e novembro daquele ano de 1912. Deliberadamente escondiam-lhes informações sobre o Congresso Internacional Socialista que nessas semanas se reunia em Basileia e denunciava a agressão dos do sudeste europeu contra o Islão.

A noite de Natal o jovem de dezoito anos passou-a com os sete companheiros de sofrimento no quarto com cheiro a mofo. Na mesa estava uma pequena árvore de Natal de pouco mais de metro; pelo menos o sargento da cozinha mandara distribuir álcool em abundância aos recrutas. Pela primeira vez na vida Alois embebedou-se nessa noite; com o estômago revolto, sentou-se mais tarde num dos bancos do fundo da igreja da guarnição depois de um sargento também já bêbado o ter mandado, a ele e aos outros, em altos berros, para a missa do galo.

No Ano Novo, porém, foi-lhe concedida, pelo menos durante três dias, algo como redenção. O obrigado a servir de Scharam recebeu uma curta licença e um bilhete militar para o comboio que o levou de volta às montanhas. Quando caminhava da estação de Siegsdorf para a quinta isolada e voltou a ver a paisagem da sua infância e juventude, lutou várias vezes contra as lágrimas. No Bruckthaler-Anwesen ficou calado e recolhido até ser hora de regressar a Freising.

No decurso do ano de 1913 foi-se habituando cada vez mais à vida de quartel. Como a maior parte dos outros recrutas, tentava não dar nas vistas no serviço para assim evitar as punições disciplinares sempre iminentes. De resto, agora que Alois Irlmaier já tinha a instrução básica atrás das costas, a existência militar tornava-se um pouco mais suportável. Mais ou menos regularmente havia licença à noite; de três em três meses os soldados tinham direito a um fim de semana que podiam usar para ir a casa. O próprio treino passou cada vez mais do pátio do quartel para o terreno. É certo que por vezes também as marchas forçadas, os exercícios noturnos e, em novembro de 1913 e na primavera de 1914, as manobras tradicionais nessas épocas do ano eram brutais, mas o filho do lavrador isolado, que desde muito pequeno andava muitas vezes por terrenos difíceis das montanhas, pelo menos fisicamente não tinha dificuldade em corresponder às exigências.

A pressão psicológica que pesava sobre os soldados, porém, cresceu quase até ao insuportável quando, na noite de 28 de junho de 1914, se espalhou pelo quartel a notícia de que na capital bósnia, Sarajevo, houvera

um atentado contra o herdeiro dos Habsburgos, Francisco Fernando, e a mulher, Sofia. No decurso daquela noite angustiante, o já com vinte anos Alois Irlmaier percebeu o que isso significava: a declaração de guerra da Áustria aos sérvios – povo a que pertencia o assassino nacionalista Princip – era apenas questão de tempo.

De facto, a partir daí os acontecimentos precipitaram-se. A 23 de julho, depois de ficar claro que o governo sérvio protegia os mandantes do atentado, o Kaiser Francisco José dirigiu a Belgrado a exigência-ultimato de permitir que órgãos policiais austríacos participassem nas investigações. A Sérvia recusou, após o que em Viena cada vez mais vozes exigiam a guerra. O monarca resistiu, um passo desses arrastaria toda a Europa para o abismo, e ele não podia assumir essa responsabilidade. Então, quase já do leito de morte, interveio o Papa Pio X e, em vários telegramas, suplicou ao Kaiser que avançasse militarmente contra a Sérvia, pois de outro modo temia-se a queda da Casa de Habsburgo. Esta intervenção do pretenso vigário de Deus na Terra decidiu a questão; a 28 de julho Francisco José assinou a declaração de guerra.

Dois dias depois, a 30 de julho, o czar russo ordenou, por causa das suas obrigações para com a Sérvia, a mobilização geral, ao que o Reich alemão, aliado da Áustria, respondeu a 1 de agosto declarando estado de guerra com a Rússia e a 3 de agosto com a França, que por sua vez tinha pacto de assistência com o império do czar. Já a 4 de agosto tropas alemãs entravam na Bélgica para assim apanhar o exército francês em tenaz, o que levou à declaração de guerra de Inglaterra à Alemanha e aos seus aliados. Como se não bastasse, a 23 de agosto o Japão entrou na guerra ao lado de França e Inglaterra; quase ao mesmo tempo a Turquia mobilizou de novo contra a Sérvia e agora também contra o império do czar. Só Itália permaneceu por enquanto neutral; mas também aí os belicistas, que aconselhavam o ataque à Áustria, ganhavam lentamente terreno.

Já no início de setembro os exércitos alemão e franco-britânico enfrentavam-se entre Paris e Verdun. Outra frente formara-se diante de Nancy e do Meurthe e, desta situação, resultou a meio do mês o primeiro morticínio em massa da Guerra Mundial: a batalha do Marne. Enquanto lá os soldados alemães e franceses sangravam aos milhares nas trincheiras e nos arames farpados, no Leste, na região dos lagos da Masúria, divisões prussianas e russas chocavam entre si. Mais ou menos na mesma altura uma ofensiva austríaca avançava contra a Sérvia e a Galiza – e nessa

operação militar participavam não só unidades dos Habsburgos, mas também corpos bávaros.

Logo no início de setembro um destacamento avançado da guarnição de Freising partira para leste. A companhia de atiradores a que pertencia Alois Irlmaier ficou, porém, por enquanto poupada à ordem de marcha. Os oficiais não deixavam claro que a unidade seria enviada ainda antes do fim do ano; para o filho do lavrador de Scharam isso era tanto mais duro quanto a sua prestação normal terminaria a 1 de outubro. Agora só podia esperar uma última licença para casa antes que a guerra o mandasse para qualquer frente – e teve sorte, porque depois de ser promovido a cabo a 30 de setembro de 1914, o sargento-mor entregou-lhe licença de uma semana.

Como sempre que, nos dois anos anteriores, voltara a casa, Alois Irlmaier fez a pé o longo caminho da estação de Siegsdorf até ao Bruckthaler-Hof. A visão dos campos já ceifados e dos pastos abandonados pelo gado doía-lhe; pior ficou quando viu a quinta dos pais lá em cima na encosta. Embora regressasse a casa, sentia que a cada passo perdia mais um pedaço de pátria. Pior ainda foi quando, por fim, a mãe lhe veio ao encontro à porta e, ao vê-lo, desatou a chorar.

«Rapaz, já não acreditávamos que te víssemos outra vez antes de ires para o campo...», disse o pai lá dentro na cozinha, com voz rouca, interrompeu-se e lutou também contra o choro. Também os avós mal conseguiam esconder a dor; até o irmão, agora com onze anos e normalmente um traquinas, esteve estranhamente calado durante o reencontro opressivo.

Só quando Alois tirou o uniforme e vestiu a roupa velha de moço é que o ambiente pesado aliviou um pouco. Pouco a pouco a gente da quinta e o filho conseguiram falar mais à vontade; à noite, durante o trabalho comum no estábulo, o lavrador disse: «Não és o primeiro rapaz que sai desta quinta para a guerra. Sempre, geração após geração, calhou a um ou outro. A dor foi certamente a mesma de hoje – mas a maior parte voltou, senão já não haveria a nossa família no Bruckthaler-Hof. É nisso que tens de pensar, rapaz, quando estiveres lá fora na frente! Que os outros conseguiram, e que por isso também tu vais voltar para casa!»

«Prometo-to», respondeu o jovem de vinte anos. «E herói é coisa que não vou tentar ser, isso sabes.»

O pai assentiu. Sebastian, que estava perto, fez também um gesto de concordância e disse com sorriso torto: «Além disso dizem que a guerra

acaba em poucos meses. Para nós só pode ser bom, porque as minhas costas este ano estão ainda piores e precisamos de ti aqui mais do que nunca!»

«Mas não somos os únicos que esperam ver-te em breve», acrescentou o lavrador. «Também o eremita não te esqueceu e ainda há pouco perguntou por ti. Talvez devesse visitá-lo nos próximos dias. De qualquer modo manda dizer que sabes onde fica a cabana dele...»

«O Jakob?», interrompeu Alois. «Claro que subo ao Hochfelln para o ver.» Depois, enquanto os outros voltavam ao trabalho, murmurou como que para si mesmo: «Porque ainda tenho uma coisa muito importante para saber dele...»

Já na manhã do dia seguinte o jovem Irlmaier pôs-se a caminho. O dia de outubro estava limpo, o ar puro e fresco; das encostas e arestas dos Alpes de Salzburgo já brilhavam campos de neve. Após cerca de hora e meia o jovem de vinte anos, magro mas musculoso, que também nesse dia vestia roupa civil, chegou às pedras solares. Descansou junto ao templo neolítico e lembrou-se de como o eremita lhe revelara outrora o segredo daquele lugar. Passado um bocado continuou, contornou o maciço do Hochfelln e ao fim da manhã viu diante de si a fenda na encosta que era o seu destino.

A cabana de toros ficava protegida por três pinheiros num patamar natural do pequeno vale; um pouco mais abaixo uma nascente jorrava sobre uma laje de pedra. Alois curvou-se, tirou água com a mão em concha e bebeu alguns goles. Quando se endireitou ouviu um ruído vindo dos pinheiros; era o eremita, agora com cerca de sessenta e cinco anos, que aparecia à porta da sua morada.

Pouco depois os dois homens, o jovem e o velho, estavam frente a frente. A voz de Jakob soava comovida quando disse: «Há muito que não nos víamos...»

«Desde o outono de 1912», respondeu Alois. Pigarreou e acrescentou: «Mas tu sabes como é no exército. Como recruta tratam-nos pouco melhor do que na prisão. E nas poucas vezes em que pude vir a casa, a família era o mais importante...»

«Não tens de te desculpar», garantiu o eremita. «O importante é que hoje encontraste o caminho até mim.»

Dito isto, pôs o braço sobre os ombros do de Scharam e levou o hóspede para dentro da cabana.

A pequena casa de toros era simples: entre as duas janelas viradas a sul uma mesa feita por ele com um banco corrido a meio, o fogão de pedras brutas, nas esquinas algumas prateleiras e peças de roupa penduradas em pregos. Lá no fundo do espaço estava a cama baixa com o colchão de palha; além disso havia ali uma tábua larga cheia de várias dezenas de livros. Alois absorveu a imagem, depois tirou a mochila e sentou-se de costas para a parede de tábuas cujas fendas estavam tapadas com musgo. Jakob pousou dois copos e uma garrafa de barro com aguardente de genciana na mesa; enquanto servia, o filho do lavrador tirou os alimentos que a mãe lhe embrulhara: um pão, manteiga e um pedaço de fumado.

Os dois homens brindaram, depois começaram a comer devagar. Nos intervalos entre as dentadas trocaram perguntas e respostas. Com cuidado o eremita evitou primeiro falar do rebentamento da guerra. Só quando o soldado tocou no assunto é que o mais velho se pronunciou, tal como o lavrador isolado na noite do regresso do cabo: «Tens de desejar de todo o coração sobreviver a esta loucura para que, na tua vida futura, possas fazer aquilo a que foste chamado!»

«Seria mesmo tão sem sentido se eu...», disse baixinho o jovem de vinte anos.

«É o que dizes», respondeu o eremita. «E quem tem essa consciência e a mantém também lá fora no campo... será protegido!»

Alois refletiu longamente sobre estas palavras enigmáticas. Por fim respirou fundo e prometeu: «Vou lembrar-me sempre e agradeço-te o conselho – mesmo que não compreenda exatamente o que quiseste dizer no fim...»

«No fundo do teu coração compreendes perfeitamente», respondeu o de barba grisalha. Olhou-o de forma penetrante; nas pupilas castanhas com chamas cor de mel à volta da íris havia uma vontade que parecia querer prender o mais novo. Logo a seguir Alois Irlmaier sentiu de facto que compreendia o eremita; embora a um nível que tinha mais a ver com mutar do que com pensamento racional. Tornou a inspirar profundamente; de forma inexplicável a angústia desaparecera de repente. E agora também conseguia fazer a pergunta por causa da qual – além da amizade pelo eremita – subira nesse dia ao Hochfelln.

«Quem és tu na verdade, Jakob?», deixou escapar. «Conhecemo-nos há mais de dez anos, mas nunca falaste verdadeiramente de ti. Só sei que tiveste um mestre especial que te iniciou em certos segredos e que às vezes – como ainda há pouco – falas de coisas e usas expressões que não saem da boca das pessoas que nasceram aqui. Já to perguntei antes, mas esquivaste-te. Agora, porém, que provavelmente é a última vez que nos vemos por muito tempo...»

«Tens razão», interrompeu o eremita. «É a hora certa para te contar algumas coisas da minha vida.»

Tornou a encher os copos, bebeu um gole, olhou um bocado pensativo à frente e começou: «A tua suspeita de que não sou desta região está certa. Nasci em 1848 em Regensburg, a antiga cidade imperial no Danúbio. O meu pai tinha lá uma próspera oficina de cantaria que trabalhava para a construção da catedral, e o meu irmão mais velho devia sucedê-lo. A mim, como segundo filho, os meus pais destinaram-me à carreira eclesiástica; talvez para mostrar gratidão ao cabido da catedral pelos contratos lucrativos. Por isso fui para a escola latina e depois para o seminário. Era 1866; nos quatro anos seguintes estudei teologia, mas não era nada feliz. Quanto mais me ocupava dos dogmas da fé católica, mais me afastava daquilo que, por outro lado, o meu coração, os meus sentidos e a minha razão queriam reconhecer como divino...»

Instintivamente Alois lembrou-se do padre de Eisenärzt que outrora o castigara com tanta violência por uma série de frases inocentes na aula de religião que as marcas roxas das vergastadas ainda se viam semanas depois.

Logo a seguir ouviu de novo a voz de Jakob: «Em 1870, quando a minha crise espiritual atingiu o auge, rebentou a guerra entre a Alemanha e a França. Percebi que era a minha oportunidade de escapar ao seminário. Significativamente, os prelados não me puseram obstáculos depois de lhes pedir licença. Pelo contrário, animaram-me a cumprir o meu dever para com a pátria, como disseram. Eu, por minha vez, só pensava numa coisa: fugir das salas de aula que aprendera a odiar profundamente. Juntou-se um pouco de espírito aventureiro e, poucos dias depois, alistara-me como voluntário num dos regimentos de Regensburg. Em agosto de 1870 marchei para o campo, mas não com a arma na mão, antes como auxiliar de enfermagem.»

O de barba grisalha calou-se um instante, pareceu lutar consigo mesmo, depois pousou a mão no antebraço do cabo e disse com voz

conjuratória: «Por favor, não te deixes assustar com o que vais ouvir agora! Mas também não posso calar, porque faz parte da minha história...»

Quando Alois assentiu, continuou: «Pouco tempo depois aprendi o que a guerra realmente significa. É o oposto do que está nos livros de história, do que os padres pregam do púlpito ou do que príncipes e generais afirmam nos seus discursos pomposos. A guerra é o pior crime que a humanidade pode cometer; é sangue, pus, porcaria, desespero absoluto e humilhação extrema daqueles que criminosos mandam para as frentes. A cara da guerra é contra Deus; percebi-o, mais de uma vez perto do suicídio, naquele hospital de campanha onde fui colocado. Centenas de jovens, a maior parte horivelmente mutilados, vi morrer naqueles poucos meses até ao armistício de fevereiro de 1871, e nunca poderei esquecer o horror!»

Com a mão a tremer o jovem de vinte anos agarrou no copo, levou-o à boca, hesitou e pousou-o de novo. Porque de repente compreendera o que o amigo queria transmitir-lhe para além da sua própria história de vida: ele, o soldado da guerra atual, devia preparar-se para o inevitável.

Exatamente quando este pensamento lhe passou pela cabeça, o de barba grisalha continuou: «Mas as experiências terríveis tiveram algo de positivo. Quando regressei, ficara-me para sempre claro quão preciosa e maravilhosa é uma vida em paz. Uma existência em que conta o silêncio e não o barulho, a palavra cuidadosa e não o berro, o toque terno e não a violência.»

«Por isso te tornaste eremita, agora percebo», disse Alois.

«Esse foi o motivo», confirmou Jakob. «Pois só na natureza conseguia encontrar, sem restrições, aquilo que procurava. Claro que precisei de algum tempo até alcançar essa certeza. Mas um ano após o fim da guerra — passei esses doze meses como criado numa quinta na fronteira franco-alemã, exatamente onde pouco antes ainda tinha havido combates — chegou o momento. Depois de regressar a Regensburg e de me ter reconciliado com os meus pais, eles pagaram-me a parte da herança que me cabia. Com esse dinheiro consegui comprar um terreno aqui no Hochfelln e construir a minha cabana. O resto do que precisava para viver ganhava-o como trabalhador ocasional nas quintas próximas...»

«Não andavas então com a vara de radiestesia?», interrompeu Alois Irlmaier.

«No início nem sabia que possuía esse dom», respondeu o eremita. «Só me apercebi disso quando encontrei o meu mestre: aquele descendente

da família que vivia na propriedade abandonada perto das Pedras do Sol, de que já te falei há mais tempo. Foi ele quem reconheceu o meu talento e me ajudou a desenvolvê-lo. Além disso, transmitiu-me o conhecimento ancestral sobre o verdadeiramente Divino e outros segredos, e só graças à sua ajuda me tornei quem sou hoje.»

«Num sábio que, por sua vez, me mostrou o caminho.» Desta vez, o filho de camponês de Scharam ergueu o copo devagar e com reverência, tilintou-o contra o do seu interlocutor e continuou: «A tua história de vida tocou-me profundamente. E quase me parece que já sabia de antemão algumas das coisas que contaste...»

Jakob observou pensativo o jovem de vinte anos, examinando aquele rosto de nariz saliente e afiado, queixo angular, boca sensível e olhos escuros, quase negros. Passado um bocado, acenou com a cabeça, absorto, e disse: «Isso não me espanta. Para além da radiestesia, parece que possuis ainda outro dom...» Hesitou, tomou impulso e acrescentou: «Nomeadamente a força mental para viver visões...»

«Não! Não foi isso que quis dizer!», defendeu-se Alois, assustado. «Só quis dizer que deduzi algumas coisas.»

«E o que viste no círculo lunar quando, há sete anos, o percorreste o anel com a vara bifurcada?», insistiu o eremita. «Não viste as três mulheres? A Branca, a Vermelha e a Negra, que no fim voltaram a fundir-se numa única figura? E os outros dançarinos?»

«Vi-as», murmurou o filho de camponês. «Tu, porém, não deste grande importância à minha... experiência naquele dia. Disseste que tinha a ver com o meu desenvolvimento e que provavelmente não se repetiria.»

«Agi assim porque na altura nem eu próprio tinha a certeza», confessou o homem de barba grisalha. «Mas agora tenho e digo-to claramente: tiveste outras visões semelhantes, tanto antes como depois!»

«Mas nenhuma foi tão nítida como aquela no círculo lunar», escapou-se a Alois. Depois, porque os olhos castanhos com laivos cor de mel à volta da íris não o não largavam, acrescentou: «Nas outras vezes, em três ou quatro ocasiões, tratou-se apenas de imagens fugidias... Como sombras ou vultos que não se conseguem agarrar. Como se algo tremeluzisse rapidamente diante dos meus olhos e logo se dissolvesse...»

O eremita acenou com a cabeça, compreensivo, e mudou aparentemente de assunto: «Quando te levei ao templo subterrâneo perto

das Pedras do Sol, reconheceste a Mãe Terra. Mais tarde, junto aos monólitos lunares, falei-te de Arianrhod. Aí também viste as três mulheres: a Jovem, a Mãe e a Anciã, que juntas formam o círculo eternamente renovado da vida. E hoje explico-te: todas elas — a Mãe Terra, Arianrhod e a Tríade — são uma só. Em qualquer forma que as pressintas ou as vejas, são sempre emanções da Grande Deusa e formam a teia sagrada que se estende infinitamente para além do tempo que a ti ou a mim foi concedido nesta existência presente.

São o Divino na forma em que nós, terrestres, podemos pressentir a sua infinita grandeza. Essa força eterna e amorosa, como já te indiquei há pouco, proteger-te-á. Fá-lo-á porque te destinou, para a tua vida futura, uma missão que te elevará muito acima dos outros homens. Foi por isso que a Deusa Tríplice se te mostrou no círculo de pedras, e foi por isso que, nos anos seguintes, sentiste de vez em quando novamente a sua misteriosa irradiação.»

Após as últimas palavras de Jakob, ambos os homens ficaram longo tempo em silêncio. Só quando o eremita sentiu que o seu protegido já tinha assimilado o que ouvira é que voltou cautelosamente a trazer a conversa para assuntos mais quotidianos.

Mais tarde, os amigos deram um passeio pelo bosque outonal, entre cujas árvores brilhava a luz suave do sol da tarde. Por fim, Alois acompanhou o homem de barba grisalha até à cabana e despediu-se ali dele. Profundamente pensativo, o jovem de vinte anos empreendeu então o longo caminho de regresso a Scharam. Só ao cair da noite chegou lá; à vista da quinta isolada, caiu-lhe em cheio e dolorosamente a consciência de que lhe restavam apenas mais três dias na terra natal.

Início de novembro de 1914, pouco depois do Dia de Todos os Santos, todo o Regimento de Caçadores de Freising, ao qual pertencia também o soldado raso Alois Irlmaier, foi enviado para a frente oriental. Os vagões de gado em que os soldados iam apertados rolaram primeiro por Passau, Budweis e Brno até Mährisch-Ostrau. Dali, o comboio, atravessando os contrafortes setentrionais dos Cárpatos, seguiu em direção a Cracóvia e, por fim, ao rio Dunajec, mais a leste, que formava a fronteira com a Galiza. Aqui, desde outubro, enfrentavam-se os corpos de exército russos e austro-bávaros, depois de as divisões sob comando supremo dos Habsburgos terem avançado em agosto e setembro até Lemberg e Varsóvia, mas terem sido depois repelidas pelas tropas czaristas.

Bancos de nevoeiro pairavam sobre o rio quando a companhia de Irlmaier ocupou as suas posições: uma fila de abrigos primitivos, construídos com vigas e barro, na encosta ocidental do vale fluvial. Até onde a vista alcançava, a terra parecia profanada; aldeias e quintas estavam destruídas a tiro, os bosques ribeirinhos revirados por milhares de impactos de granadas. No meio disso tudo corriam, como feridas purulentas que a guerra abrira na terra, em todas as direções, as trincheiras e os aramados. Ainda enquanto o soldado raso, juntamente com o seu pelotão, ocupava o bunker, as peças de artilharia, cujo ribombar já se ouvira a dezenas de quilómetros, voltaram a abrir fogo. Os projéteis russos que explodiam lançavam para o ar jatos de lama e terra; logo a seguir respondia a artilharia austríaca.

O soldado que se encostava à parede escorregadia do abrigo ao lado do filho de camponês de Scharam deu voz ao sentimento geral quando praguejou: «Cruz credo! Caímos na maior merda!» E tinha razão, pois menos de uma hora após a chegada do Regimento de Freising já havia vários mortos e feridos a lamentar.

Durante dias a fio continuaram os duelos de artilharia; a meio de novembro deu-se então uma grande ofensiva para leste. Sob fogo intenso, a unidade de Irlmaier também atravessou o Dunajec e, nas duas semanas seguintes, avançou profundamente pela Galiza adentro. Nos primeiros dias de dezembro, porém, a sorte virou-se. Agora eram as tropas czaristas que se organizavam para o contra-ataque e que empurravam o Regimento de Caçadores, juntamente com a divisão a que obedecia, de volta para os contrafortes setentrionais dos Cárpatos. Aí se entrincheiraram novamente as companhias bávaras no fim de dezembro de 1914 — começava assim, tal como na frente ocidental em França, a guerra de posições.

Tal como os seus camaradas, também o soldado raso Irlmaier se tornou um «porco de trincheira», como se dizia na gíria militar. Dia e noite vegetavam os soldados nas trincheiras e bunkers de terra. Quando de algum lado se ouvia um grito de alarme, começavam a disparar e a atirar granadas de mão; depois avançavam eles próprios, até darem de caras com o fogo inimigo ou se envolverem em combates corpo a corpo renhidos com carabina, baioneta e até com a pá de trincheira curta. Os caídos eram, quando possível, enterrados à pressa; lá à frente, na terra de ninguém, os mortos ficavam simplesmente pendurados nos aramados. Aí as ratos dos cadáveres engordavam nos corpos, multiplicavam-se explosivamente e tornavam-se uma praga adicional nos abrigos. Eclodiram epidemias de

disenteria e tifo; por vezes os rudimentares hospitais de campanha já não conseguiam acolher os infetados e os muitos feridos, de modo que os homens com febre e a sangrar ficavam deitados ao relento.

Perante tudo isto, mais de um soldado via quase como uma salvação quando, no verão de 1915, se lançou nova ofensiva. As tropas austro-bávaras tomaram Lemberg, mas na altura dessa cidade a frente voltou a imobilizar-se. Seguiram-se novamente meses de combates nas trincheiras — e em outubro desse mesmo ano também Alois Irlmaier se tornou uma das incontáveis vítimas da guerra.

O seu pelotão recebera ordem de realizar uma patrulha de reconhecimento até muito perto do setor inimigo em frente. Na hora mais escura da noite de outono, os dez soldados e o cabo rastejaram para fora da trincheira e avançaram de barriga pelo chão, aproveitando todas as coberturas, até à terra de ninguém. No primeiro troço conseguiram penetrar relativamente sem obstáculos no aramado muito destruído, mas ao cabo de um bocado tiveram de usar as tesouras de arame. De respiração suspensa trabalhavam os homens da frente, um dos quais era o soldado raso de Scharam. O seu pulso disparava enquanto as mandíbulas afiadas da ferramenta cortavam um a um os fios de metal enferrujados; sempre que, nas breves pausas, assegurava e se apercebia do doce cheiro a cadáver, julgava sentir a morte de perto. Mas nada aconteceu; foram avançando cada vez mais — até que de repente, à esquerda de Irlmaier, se ouviu a curta e seca detonação e a chama de fogo subiu ao céu.

Enquanto a onda de choque o atirava vários metros para o lado, o jovem de vinte e um anos percebeu que o seu camarada pisara uma mina. No instante seguinte, o seu pensamento parou, pois nesse momento desencadeou-se o inferno. De vários lados disparavam metralhadoras, explodiam granadas de mão, e no meio ouvia-se um estacato selvagem de dezenas de tiros de carabina. Em algum lado gritava um homem como um animal; no mesmo instante em que o soldado raso registou aquele som horrível, uma bala atingiu-o a ele próprio. A picada ardente penetrou fundo no seu peito, instintivamente Alois crispou a mão sobre a ferida. Um batimento cardíaco depois, apenas escuridão abismal o rodeava: um redemoinho negro como pez que parecia sugar-lhe a vida.

Horas mais tarde, quando Irlmaier voltou a si, foi percebendo gradualmente que devia estar numa tenda de hospital. À sua volta ouvia-se o gemer e o estertor dos outros feridos; pesava no ar um cheiro intenso a ácido carbólico, sangue e pus. Na sua fraqueza ainda meio inconsciente

precisou de minutos para conseguir mexer o braço e apalpar o tronco. Por fim sentiu a ligadura encharcada; aos poucos julgou lembrar-se do que acontecera. Mas sobre a gravidade do ferimento continuou sem saber até que, a certa altura, um enfermeiro se debruçou sobre ele. Quando o homem, com o avental ensanguentado que parecia um talhante, viu que o soldado raso estava contactável, informou-o: «É um tiro no pulmão, mas já foste operado. E de resto tiveste uma sorte dos diabos. Apesar de quase metade do teu pelotão ter morrido, os teus camaradas sobreviventes conseguiram arrastar-te de volta da terra de ninguém.»

Nos dias seguintes o corpo do jovem de vinte e um anos ardia em febre da ferida. A maior parte do tempo estava novamente inconsciente; nos raros momentos de lucidez que tinha entrementes, era tomado por um pânico de que pudesse sufocar no próprio muco e nas secreções que quase lhe impediam respirar. Por fim, porém, o seu estado melhorou o suficiente para que o médico-chefe o declarasse transportável e o mandasse transferir para a retaguarda. Passou quase dois meses no hospital divisionário numa pequena cidade cerca de quarenta quilómetros a oeste de Lemberg; quando finalmente regressou à sua companhia, já o inverno de 1915-1916 tinha chegado há muito.

Mais uma vez Alois Irlmaier se tornou porco de trincheira na guerra de posições, até que em junho de 1916 o general russo Brussilov lançou uma grande ofensiva contra o setor sul da frente, onde estava também o soldado raso de Scharam com a sua companhia. Só em agosto, depois de mais de trezentos mil soldados austríacos e alemães terem sido feitos prisioneiros e outros centenas de milhares terem caído ou ficado feridos, se conseguiu travar o avanço das tropas czaristas.

De novo a linha principal de combate passava pelo bordo norte dos Cárpatos; até início de outubro a unidade de Irlmaier defendeu, com perdas sangrentas constantes, o setor que lhe fora atribuído: algumas centenas de metros do sistema de trincheiras profundamente escalonado com os seus aramados no terreno à frente. Quando os soldados podiam ocasionalmente retirar-se para a clareira no bosque um pouco mais atrás, com as árvores despedaçadas, isso já lhes parecia uma bênção; os cheiros pútridos das poças de lama aceitavam-nos de bom grado face à morte que continuava omnipresente mais à frente.

Mas então, num dia do início de outubro desse ano de 1916, a morte caiu inesperada e com terrível crueldade também sobre a clareira. O bombardeamento de artilharia russo começou de um segundo para o outro;

Alois Irlmaier viu como um infante com quem acabara de falar foi despedaçado por uma granada. Em pânico, enquanto outra salva de projéteis pesados se aproximava a uivar, o soldado raso correu para o bunker mais próximo e conseguiu a muito custo chegar a abrigo. Atrás dele saltou o seu cabo para dentro do abrigo onde já se encontravam vários outros soldados. Encolhidos, os homens encostaram-se à parede de barro escorregadia e esperaram que o bunker de terra lhes desse mais uma vez a proteção de que precisavam para sobreviver.

Pouco depois, quando julgavam que o pior já passara, um impacto direto abalou o abrigo. A detonação atirou uma avalanche de torrões de barro, pedras e destroços de vigas contra o soldado raso e os seus camaradas; algo duro atingiu o crânio de Irlmaier e fez-lhe perder os sentidos. Passado um tempo voltou a si e deu consigo sepultado vivo: esmagado debaixo de uma viga carbonizada que se cravara através do barro e dos escombros de pedra, formando um estreito espaço vazio. Horas a fio debateu-se o soterrado por ar; horas que se esticaram até à eternidade. Apenas uma corrente de ar quase impercetível o ligava ainda, por um fio ténue, à existência terrena: um cordão umbilical trémulo que, do oculto sistema venoso da terra, ia diretamente a um ponto minúsculo e ao mesmo tempo ilimitado muito fundo no seu cérebro. E aí, como que levado por ondas que se balançavam lentamente, concentrou-se agora tudo o que constituía o verdadeiro ser do agonizante; daí partiu por fim algo como uma libertadora explosão a um nível mental superior.

Viu a clareira profanada e os novos funis de granada ao lado das antigas poças de lama. Reconheceu os caídos da sua própria unidade, mas também, mais à frente no aramado, os cadáveres com uniformes inimigos que antes do bombardeamento ainda lá não estavam. A clareira no bosque jazia agora deserta, mas ao longe combatia-se intensamente. Aí pairavam nuvens de fumo sobre o chão, explodiam schrapnels — e tudo isto se passava sob um sol que se movia de forma sobrenaturalmente rápida por um céu que mudava de cor continuamente.

Então os contornos do setor da frente dissolveram-se e transformaram-se em nevoeiro fluido; a bruma aveludada e ondulante levou o soldado raso de volta a Scharam e à sua infância. Conduziu-o até ao Feenstein e depois através dos anos da sua curta vida, até que se viu de novo no bunker destruído a tiro — e logo a seguir novamente lá fora, na clareira do bosque. Mas agora havia pessoas a mexer-se no terreno: soldados de rostos conhecidos que assaltavam a clareira e disparavam contra russos isolados

que fugiam. Rapidamente a companhia bávara ocupou a clareira e o sistema de trincheiras mais à frente; apenas esporadicamente, vindos da terra de ninguém, ainda se ouviam tiros. Pouco depois aproximou-se um grupo de homens liderado por um sargento do abrigo soterrado — e Alois Irlmaier ouviu cada palavra que trocavam, tão nitidamente como se estivesse ao lado deles.

«Já lá vão quatro dias desde que o Ivan rompeu aqui a frente e o bunker levou com o impacto direto», disse um dos soldados. «É impossível que ainda haja alguém vivo lá em baixo.»

Outros concordaram; o sargento ficou pensativo até que acabou por decidir: «Recuperar os mortos não faz mesmo sentido. Basta pôr uma cruz no sítio.»

«Não! Tirem-me daqui!» O soldado raso que ainda há pouco estava sepultado a metros de profundidade aproximou-se de repente dos camaradas da sua unidade até quase os tocar; gritava-lhes desesperado, mas ninguém reagia.

Pelo menos foi o que pensou, até que o sargento, que já se virara para se ir embora, deu meia-volta de repente, olhou mais uma vez para o abrigo destruído e ordenou com a voz estranhamente embargada: «Vamos escavar, afinal!»

Os subordinados olharam-no sem compreender, até que um deles tirou a pá curta do cinto e começou a trabalhar. Com cara de mau humor, os restantes seguiram-lhe o exemplo; lentamente o buraco na massa compacta de barro, pedregulhos e destroços de madeira foi-se aprofundando. Passou cerca de meia hora; de repente a ferramenta de um dos homens encontrou uma cavidade e sentiu resistência mole. O soldado hesitou, um batimento cardíaco depois julgou ouvir um gemido. Puxou a pá para trás, meteu a mão na fenda e sentiu carne humana a tremer. Ainda demorou bastante até que a viga carbonizada que prendia o corpo do soterrado ficasse completamente livre e pudesse ser retirada, permitindo assim resgatar o soldado raso.

Quando finalmente o conseguiram, o sargento e os outros ajoelharam-se ao lado dele; um dos homens disse, com a voz rouca: «O Senhor Deus fez-lhe um milagre!»

Os lábios do homem de Scharam mexeram-se, sussurrou com dificuldade: «Não, a Mãe Terra...»

Mas as palavras saídas num sopro eram tão fracas que os soldados não as entenderam; além disso, já se preparavam para o levantar.

Então, enquanto o transportavam, Alois Irlmaier teve uma iluminação. Soube de repente, com uma certeza inabalável: a guerra ainda duraria mais dois anos e ceifaria mais milhões de vidas, mas a ele seria concedido regressar a casa.

SEGUNDO LIVRO

A MADONA NEGRA

(1918 – 1939)

O regresso a Casa

Na caserna de Freising, um cabo que a braçadeira vermelha identificava como membro do conselho de soldados assinou os papéis de desmobilização de Alois Irlmaier e entregou-lhe também o bilhete militar de comboio. Agora, num dos primeiros dias de dezembro de 1918, o soldado raso terrivelmente magro sentava-se no comboio, olhava a tremer para a paisagem de início de inverno lá fora e recordava os dramáticos acontecimentos das últimas semanas.

Início de novembro regressara da Galiza, onde, após a revolução russa de outubro e apesar da paz de Brest-Litovsk assinada a 3 de março de 1918 com o governo bolchevique, reinava a anarquia, regressara à pátria. Mal chegara à cidade de guarnição, espalhara-se como um rastilho a notícia de que um escritor chamado Kurt Eisner proclamara a revolução em Munique, expulsara o rei Luís III e proclamara o Estado Livre da Baviera. Alguns dias depois dera-se o golpe também em Berlim e em Viena; o kaiser Guilherme II abdicara e fugira para a Holanda, o último monarca dos Habsburgos, Carlos I, para a Suíça. Já a 9 de novembro, um dia após a sublevação popular em Munique, os conselhos operários e de soldados tinham tomado o poder também em Freising e declarado os oficiais depostos. A 11 do mês, por sua vez, fora assinado no bosque de Compiègne o armistício entre o Reich alemão e os Aliados, pondo assim oficialmente fim à Primeira Guerra Mundial.

Agora que todos estes acontecimentos voltavam à memória do filho de camponês de Scharam, alguns condensavam-se em imagens fulgurantes. Via-se a si próprio com a braçadeira vermelha: como membro da forte delegação de combatentes sobreviventes da frente que, na segunda

quinzena de novembro, viajara de camião até Munique para dar apoio ao ainda provisório ministro-presidente Eisner. Depois novas cenas de Freising: ele e outros, a quem a morte de milhares nas trincheiras abrira os olhos, patrulhavam armados pelas ruas para intimidar os que, teimosamente pequeno-burgueses, se opunham à revolução. Também houvera uma marcha até ao monte da catedral, onde os prelados, temendo pelo seu próprio poder vacilante, tentavam incitar a população contra o novo governo. Por fim, quando parecia garantido que as forças democráticas manteriam o controlo, a desmobilização: o papel que o cabo eleito para o conselho de soldados lhe pusera na mão e que, após seis anos de farda, lhe devolvia a liberdade.

Alois Irlmaier lançou um último olhar à silhueta cinzenta da cidade de guarnição que se afastava sob o céu de início de inverno. Depois recostou-se no duro banco de madeira e fechou os olhos; no instante seguinte sentiu com todas as fibras o quanto estava infinitamente cansado e esgotado. Logo a seguir veio o sono crepuscular, mas depressa o jovem de vinte e quatro anos sobressaltou-se de novo, porque no subconsciente temia a aproximação dos pesadelos. Assim, dilacerado entre o cansaço e o medo das imagens horríveis, fez a viagem de várias horas. Só ao fim da tarde, quando o comboio chegou à estação de Siegsdorf, a cabeça se lhe aclarou, e a alegria de voltar a ver os seus afastou também as angústias.

Já muito depois do anoitecer venceu o último troço íngreme até à quinta isolada. Das trevas destacavam-se vagamente os contornos dos edifícios; num ponto brilhavam debilmente dois quadrados mais claros: as janelas da cozinha. Apesar de a chuva com neve que caíra quase todo o caminho o ter encharcado até aos ossos, Alois ficou longo tempo imóvel. Com lágrimas nos olhos deixou que a sensação de finalmente ter chegado a casa o invadissem; só quando começou a tremer violentamente de frio deu os últimos passos. Do corredor veio-lhe ao encontro o cheiro familiar, no segundo seguinte abriu-se a porta da cozinha. No limiar estava a mãe, que primeiro o fitou incrédula e depois, com um grito sufocado, o estreitou nos braços.

Até alta noite a família ficou sentada à volta da grande mesa no canto da sala; o camponês, que já ia nos sessenta, obrigara desta vez o filho a sentar-se no lugar de honra debaixo do crucifixo entalhado no canto do Senhor Deus. Primeiro hesitante, depois de um petisco e uns golinhos de aguardente mais comunicativo, o herdeiro do Bruckthaler respondeu às perguntas dos outros: dos pais, do irmão Hans já quase adolescente e da

criada Theresia. Faltavam, porém, os avós; Alois sabia pelas cartas que lhe tinham chegado à frente que o velho caseiro e a mulher tinham morrido um após o outro ainda no fim do inverno de 1915. Também o banco ao fundo da mesa, que outrora fora de Sebastian, ficou vazio. O trabalho na quinta tornara-se pesado demais para o criado idoso no último ano, por isso agora trabalhava como tratador de cavalos numa cervejaria de Traunstein; aquele que antes ocupara o lugar estava num vala comum em Verdun.

Depois de o soldado desmobilizado ter contado o que vivera nos últimos meses, ouviu por sua vez o que a quinta Bruckthaler sofrera nos últimos tempos de guerra. Na primavera tinham aparecido funcionários da comissão estatal de alimentação escoltados por gendarmes e, face à fome que grassava cada vez mais nas cidades, confiscaram parte do gado. Desde então cada terceiro lugar no estábulo das vacas estava vazio, mas as cotas fixadas de leite continuavam altas. Como se não bastasse, após um verão chuvoso a colheita fora extremamente má; como as autoridades tinham mesmo assim requisitado cereais, provavelmente seria preciso comprar grainha para a próxima sementeira.

«Mas vamos lá dar conta do recado, agora que estás de novo em casa, rapaz», disse por fim Anna Irlmaier. «A Madonna de Maria Eck trouxe-te são e salvo, e também não vai deixar a nossa quinta ir ao fundo.»

«Sobretudo porque agora temos mais duas mãos para pegar no trabalho», acrescentou o camponês.

«Mas temos de dar ao Alois umas semanas de descanso para ele se refazer primeiro», interveio a criada Theresia. «Só pele e osso, dói na alma só de olhar para ele!»

«Posso dar-me por feliz por ter voltado», murmurou o jovem de vinte e quatro anos. «Tantos dos meus camaradas tiveram menos sorte, esses ficaram lá fora no campo...»

Levantou-se aos tropeções, de repente a cambalear de sono, e sentiu agradecido a mãe a ampará-lo. Como se voltasse a ser criança, ela levou-o lá acima, para o seu quarto. Mal se deitou na cama, deixou de saber de si; só de madrugada voltaram os pesadelos.

Também nas semanas seguintes, enquanto se reabilitava ao trabalho da quinta, os pesadelos perseguiram-no. Em segredo esperara que desaparecessem assim que por fim despisse a odiada farda. Mas continuavam a assombrá-lo as imagens opressivas: os breves mas tanto mais horríveis sonhos de angústia que se tinham instalado pela primeira vez

depois de o terem tirado meio morto do bunker soterrado e levado para o hospital.

A princípio sofrera-os apenas ocasionalmente, depois com mais frequência, mas eram sempre iguais. Primeiro julgava encontrar-se de novo na clareira profanada da Galiza: juntamente com o cabo e o infante barbudo cujo corpo, no piscar de olhos seguinte, era despedaçado pela granada que caía. Logo a seguir estava no bunker soterrado, lutava de novo pela vida sob montes de barro, pedregulhos e destroços de vigas, até que de repente chegava uma escuridão infinitamente profunda que lhe apagava a consciência.

Até aí tudo, embora extremamente condensado no tempo, era como realmente acontecera; mas nos pesadelos cresciam agora da escuridão absoluta novos horrores. Parecia que da escuridão impenetrável, que de repente era como um miasma fervilhante e, no entanto, intangível, irrompiam miríades de imagens terríveis: toda a pletora de horrores de que fora testemunha durante os anos de guerra. E desse vórtice blasfemo formavam-se novos monstros: visões indizivelmente medonhas que já nada tinham a ver com o seu mundo nem com o seu tempo.

Nunca conseguia captar realmente as cenas infernais; assim que tentava fixar o olhar nelas, recuavam para a para a periferia do seu campo de visão. Mas pressentia-as para além de um limiar que ficava no extremo do ainda jovem século; sentia-as a abater-se sobre uma terra que já não era a sua, mas a dos seus netos ou bisnetos. Aí, numa futura distante várias gerações, pareciam formar-se os contornos tremeluzentes do anti-deus: imagens repulsivas para além de qualquer descrição, a que uma parte do seu ser não conseguia escapar, embora nunca se lhe revelassem por completo. Por fim, enquanto ele, dilacerado entre o terror e uma compulsão maníaca de compreender, ainda lutava com aqueles espectros infernais, a angústia apoderava-se dele. Acordava banhado em suor e ofegante, ficava depois longo tempo deitado de coração aos saltos e cérebro desperto mas entorpecido, com um medo terrível de voltar a deslizar para aqueles domínios onde os pesadelos espreitavam.

Durante semanas, enquanto o ano velho terminava e o novo começava, o regressado da guerra sofreu assim. Na segunda metade de janeiro decidiu por fim procurar ajuda junto da única pessoa em quem confiava ter o conhecimento necessário: Jakob, o eremita. De qualquer modo já há muito tencionava voltar a subir ao Hochfelln; só que o trabalho

na quinta se impusera sempre. Mas agora, numa manhã de domingo, depois de tratar das vacas no estábulo, comunicou aos pais a sua intenção.

Tanto Anna Irlmaier como o marido, que se preparavam para ir à missa a Eisenärzt, olharam-no surpreendidos; depois o camponês disse, com ar significativo: «Não te pomos nada no caminho. Mas o eremita nunca mais apareceu por cá desde que foste despedir-te dele nos primeiros dias de guerra...»

«Provavelmente não queria ser peso para vocês», respondeu Alois; reprimiu o estranho pressentimento que as palavras do pai de repente lhe provocaram.

Pouco depois o herdeiro da quinta subiu até Maria Eck, passou pelo Feenstein, depois da igreja de peregrinação virou para um caminho florestal e por volta das onze chegou ao sopé sul do Hochfelln. A neve rangia debaixo das solas, e o seu bafo desenhava nuvens brancas no ar quando percorreu o último troço final até ao pequeno vale. Por fim avistou o patamar natural na encosta onde cresciam os três pinheiros; entre as árvores continuava de pé a cabana de troncos. Pelo menos foi essa a impressão do regressado da guerra no primeiro instante — mas logo a seguir deteve-se, surpreendido. Porque, olhando melhor, reparou que o telhado do modesto edifício estava afundado em vários sítios; além disso havia muitas pegadas de animais na neve endurecida junto à cabana.

«O lugar está abandonado, há anos!», sussurrou, assustado. Logo a seguir estava à porta e tentou abri-la. A madeira empenara; só à força conseguiu entrar. Lá dentro confirmou-se o que já temia. O espaço outrora tão acolhedor estava completamente vazio de móveis; pela telha partida entrara neve que se acumulara em montes no soalho.

Longo tempo Alois Irlmaier ficou a olhar aquela imagem desoladora. Por fim saiu em silêncio, fechou a porta de tábuas o melhor que pôde e abandonou o lugar, cuja aura inteira lhe parecia agora opressiva. Mas não tomou o caminho de regresso a Scharam, seguiu antes um caminho de lenhadores que, um pouco mais abaixo na montanha, ia para leste. O trilho profundamente cavado levava a uma quinta isolada que ficava a boa uma hora de distância e que Alois conhecia de tempos antigos; aí soube então o que queria saber.

«No outono de 1916 um caçador encontrou o eremita», contou o camponês. «No máximo duas horas depois de ter morrido.»

«Estava estendido junto à nascente que ficava abaixo da cabana dele», acrescentou a mulher. «E não havia sinais de que tivesse sofrido por muito tempo.»

Alois recebeu em silêncio a notícia da morte do amigo e mestre. Por uns momentos só se ouvia na cozinha o tique-taque lento do relógio de parede. Passados alguns minutos, o jovem Irlmaier pareceu lembrar-se de repente de algo e perguntou com a voz rouca: «Quando foi exatamente que o Jakob morreu? Em que mês do outono do terceiro ano de guerra?»

«Início de outubro», respondeu o camponês da quinta isolada e, após pensar um pouco, indicou também o dia.

Nos olhos escuros do homem de Scharam desenhou-se um sobressalto súbito, seguido imediatamente de um vislumbre de compreensão.

«Galiza», sussurrou quase inaudível. «O mesmo dia em que eu lá...»

«O que disseste?», perguntou a camponesa.

«Nada», cortou Alois. «Só... gostaria ainda de saber onde sepultaram o eremita.»

«Está no cemitério de Ruhpolding», respondeu o camponês. «Deram-lhe uma sepultura de pobre.»

«E as autoridades, claro, ficaram com o que puderam do leilão dos poucos haveres dele?», perguntou Alois Irlmaier.

«Foi mesmo assim», confirmou o homem, enquanto a mulher ia agora buscar ao armário de parede uma garrafa de aguardente de genciana para que se pudesse brindar à memória do defunto.

Depois de cumprir o costume, o jovem de vinte e quatro anos despediu-se e pôs-se novamente a caminho.

Do outro lado do vale onde ficava a quinta isolada, encontrou a estrada de terra batida que levava ao mercado de Ruhpolding, a cerca de dez quilómetros. Teve sorte: pouco depois parou um comerciante de gado que seguia no mesmo sentido com a sua carroça de um cavalo e o convidou a subir. A meio da tarde chegou à povoação; pouco depois entrava no adro da igreja e perguntou a umas velhotas que iam a caminho da reza da tarde pela sepultura de pobre que procurava.

O lugar onde Jakob fora sepultado ficava mesmo no fundo do cemitério. A maior parte das estreitas sepulturas ali parecia abandonada e

estava apenas assinalada por cruces de madeira. Numa delas o regressado da guerra descobriu o nome próprio do amigo; surpreendido, verificou ainda que no monte de terra por cima havia um pequeno ramo de sempre-vivas que não podia ter mais de algumas semanas.

Alguém trata da sepultura, pensou grato, enquanto se baixava e tirava algumas folhas secas que o vento trouxera. O contacto com a matéria morta, da qual no entanto voltaria a brotar nova vida, consolou-o de forma estranha; no instante seguinte ajoelhou-se na neve fina e murmurou: «Tudo o que existe está interligado, foi o que me ensinaste, Jakob. E naquele dia de início de outubro de 1916 provaste-mo. Morreste junto à nascente abaixo da tua cabana, mas no mesmo momento os camaradas tiraram-me do bunker soterrado na Galiza, porque tu...»

Calou-se; na plena compreensão do incompreensível escondeu o rosto nas mãos — um batimento cardíaco depois julgou ouvir a voz incorpórea do eremita: «A teia que se estende infinitamente para além do tempo que a ti ou a mim foi concedido... Essa força eterna e amorosa proteger-te-á... Porque te destinou, para a tua vida futura, uma missão...»

«Sim, foram essas as tuas palavras naquela tarde em que nos vimos pela última vez», sussurrou Alois Irlmaier. «Antes de eu ter de ir para a frente...» Tocou suavemente a terra que cobria o corpo do mestre; depois ergueu-se devagar.

Ficou ali imóvel, profundamente pensativo — até que de repente sentiu a presença de outra pessoa. Quando virou a cabeça viu uma jovem que, vinda da igreja, dava os últimos passos até à sepultura. Era de estatura média, andaria pelos vinte anos e vestia roupa simples de camponesa. Por baixo do lenço na cabeça espreitavam caracóis escuros e fartos; agora, ao parar ao lado dele, o herdeiro do Bruckthaler viu que os olhos azuis dela formavam um contraste fascinante com o cabelo castanho.

Engoliu em seco, tentou confusamente dizer qualquer coisa inofensiva; no fim foi ela quem lhe falou: «Conhecias o Jakob?»

Alois acenou que sim, depois conseguiu fazer a contra pergunta: «E tu também, não é?»

A desconhecida — o rosto era oval, quase em forma de coração, reparou ele agora — confirmou: «O eremita ia de vez em quando à nossa quinta na aldeia de Obergswind. Da primeira vez, há muitos anos, o meu pai chamara-o para radiestesia. Eu era criança, mas lembro-me bem como ele foi carinhoso comigo. Depois ficámos amigos. Embora não nos

víssemos muitas vezes, ele estava sempre lá quando eu precisava. E por isso, desde que aqui jaz, cuido da sepultura dele o melhor que posso.»

«Então aquele ramo também é teu, não é?», perguntou o regressado da guerra apontou para o arranjo de sempre-vivas.

Quando a filha de camponês confirmou com um gesto, ele, de repente mais à vontade, acrescentou: «Logo pensei que só podia ser de uma mulher... de uma mulher que gostava dele tanto como eu.»

Ela sorriu, e de repente os olhos encantadores pareceram-lhe muito próximos. No instante seguinte ouviu-a dizer baixinho: «Se é assim, temos algo em comum. Queres contar-me da tua amizade com ele?»

Ele contou; primeiro ainda no cemitério, depois num passeio por Ruhpolding. Tornou-se espantosamente rápido íntimo da jovem — chamava-se Maria —; por fim, quando já não era possível adiar a despedida, perguntou: «Achas que nos podemos voltar a ver?»

«No domingo depois do próximo há o primeiro baile depois da guerra no estalajadeiro de Obergswind», respondeu ela. «E se quiseres vir...»

«Prometo-to!», disse ele de olhos brilhantes.

Depois ficaram ainda um bocado de mão dada na praça do mercado até Maria se soltar suavemente dele e se afastar lentamente por uma das ruas laterais.

Ele só conseguiu arrancar-se quando já não a via. Mas mesmo depois, no caminho de regresso de mais de duas horas, sentia que ela ainda estava com ele.

Ao longo dos meses seguintes o ex-combatente Alois Irlmaier começou a curar-se interiormente. Os pesadelos tornaram-se mais raros e menos intensos; por fim eram apenas uma lembrança distante e opressiva. A razão da libertação do trauma da guerra mundial — assim o interpretava ele pelo menos — era a relação cada vez mais próxima com Maria. Sempre que o tempo lho permitia encontrava-se com a jovem morena; em breve também na quinta dos pais dela, o Schießlinger, na pequena povoação de Obergswind mesmo atrás de Ruhpolding. No início o que os aproximava ficou mais ou menos por dizer, mas na primavera de 1919 confessaram-se o amor também com palavras.

Isso aconteceu mais ou menos na mesma altura em que, noutras partes da Alemanha, as sequelas da Primeira Guerra Mundial ainda ceifavam

muitas vidas. Depois de em Berlim terem eclodido combates de rua sangrentos entre burgueses e comunistas e, no auge dos tumultos, os socialistas Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht terem sido assassinados por nacionalistas, em abril também em partes da Baviera se chegou à guerra civil.

Tudo começou com um atentado contra o ministro-presidente Kurt Eisner a 21 de fevereiro; um certo conde Arco Valley abateu a tiro, em plena rua de Munique, o político que proclamara o Estado Livre. Seguiu-se a proclamação de uma república soviética bávara por revolucionários radicais; paralelamente, fora da capital formaram-se os chamados Freikorps: unidades militares irregulares de extrema-direita. A meio de abril tentaram tomar de assalto a cidade de Dachau ocupada pelos vermelhos, mas sofreram aí uma derrota sensível. Nos primeiros dias de maio, porém, os Freikorps, agora apoiados por unidades regulares prussianas e württemberguesas, conquistaram Munique e, ao esmagarem violentamente a república soviética, perpetraram um massacre em que caíram mais de mil prisioneiros.

Na região pré-alpina entre Siegsdorf e Ruhpolding, porém, manteve-se a calma; de resto, Alois Irlmaier e Maria Schießlinger tinham agora outras coisas na cabeça além da grande política, mais uma vez desumana. A vida futura em comum era o que contava; logo depois de se terem encontrado plenamente, ficou claro que não queriam esperar muito pelo casamento. Num domingo de pleno verão de 1919, pouco antes da colheita que desta vez se anunciava farta, o herdeiro de Scharam e os pais viajaram de carroça puxada a cavalo até Obergschwind. Na sala boa da quinta falaram-se os pormenores do dote e fixou-se o casamento para a primavera seguinte.

Na despedida desse dia, quando Alois tomou a noiva nos braços pela primeira vez à frente de todos, sussurrou-lhe: «Tenho a sensação de que o nosso amigo eremita, lá do outro mundo, fez com que nos encontrássemos naquele dia e agora sejamos tão felizes juntos.»

«Talvez tenha sido mesmo assim», sorriu a jovem apaixonada. «Mas uma coisa sei com certeza: tu e eu pertencemos um ao outro para sempre, e vou contar os dias até estarmos diante do altar...»

Até lá, porém, o casal de noivos ainda teve de esperar quase três quartos de ano. Os meses passaram no ritmo regular do trabalho campesino. Quando Alois Irlmaier não estava nos campos ou no estábulo, ou em Obergschwind, voltava agora ocasionalmente a trabalhar como radiestesista e ganhava assim, tal como antes da guerra, um dinheiro extra.

Às vezes parecia-lhe que a radiestesia lhe saía ainda mais fácil do que dantes; com segurança sonâmbula encontrava as veias de água e indicava aos camponeses os sítios onde deviam cavar.

Durante o inverno, enquanto os campos descansavam sob a neve e a vida no campo era em geral mais calma, a arte misteriosa do regressado da guerra foi mais procurada do que nunca. Quando chegou a nova primavera, aquela em que ia casar, já juntara com a vara bifurcada dinheiro suficiente para comprar a um joalheiro de Traunstein um bonito colar de prata como prenda de casamento para a noiva.

Uma semana depois, a 2 de maio de 1920, chegou a Scharam a carroça de transporte vinda de Obergsschwind. De olhos radiantes, Maria sentava-se ao lado do pai no banco do carroceiro. Na plataforma do carro de escada amontoava-se o dote da filha de camponês: uma cama larga com entalhes, almofadas e edredons, um baú pintado com grinaldas, um roupeiro cujas portas mostravam cada uma uma árvore da vida, e outros móveis pequenos. Atrás do carro de dote trotava uma vaca leiteira enfeitada com grinaldas; ao lado dela vinha um jovem são-bernardo de pelo amarelo e castanho.

Alois ajudou Maria a descer do banco e abraçou-a, depois apontou a rir para o cão desajeitado e perguntou: «É algum costume especial lá em Obergsschwind a noiva trazer também um cão para o casamento?»

«Sabes como eu gosto do Astor», respondeu a noiva. «O vizinho era bem capaz de o ter afogado o mais fraco da ninhada no outono passado se não o tivéssemos ficado connosco. Criei-o com biberão, agora vai ter aqui um bom lugar. Já há muito que falta um cão de guarda na vossa quinta.»

«A partir de amanhã o Bruckthaler também é a tua casa», respondeu o noivo e acariciou-lhe carinhosamente o cabelo. Com compreensão acrescentou: «Mas claro que vais precisar de te habituar. E se o são-bernardo te ajudar nisso, seja muito bem-vindo.»

Maria agradeceu-lho com um beijo; logo a seguir, enquanto o cão brincalhão começava a explorar o novo ambiente, Alois saudou também o futuro sogro. Os pais do noivo e o irmão Hans, agora com quase dezassete anos, juntaram-se; Theresia saiu de casa com um tabuleiro cheio de copinhos de aguardente.

Depois descarregou-se a carroça; os homens levaram juntos os móveis para o quarto que serviria de dormitório ao jovem casal. As mulheres levaram a vaca para o estábulo e puseram-na num lugar enfeitado. Feito

tudo isto, reuniu-se todos na sala boa da casa, onde por ocasião da chegada do carro de dote fora preparado um farto lanche.

No dia seguinte — Maria e o pai tinham regressado a Obergschwind para passar a noite — as duas famílias encontraram-se em Siegsdorf para o casamento. O horror da guerra parecia infinitamente longínquo quando Alois Irlmaier levou ao altar a sua bonita noiva morena vestida com o traje tradicional alto-bávaro. De olhos brilhantes ela deu-lhe o sim; o padre pronunciou a bênção em latim, depois puseram um ao outro as alianças.

A festa civil foi oferecida pelos pais da noiva no estalajadeiro da igreja próxima; até ao fim da tarde ali ficaram parentes e amigos do casal a divertir-se com baile, entrega de pequenas prendas ou donativos em dinheiro ao casal e, entrementes, as graçolas do mestre de cerimónias do casamento. Por volta das cinco, porém, era hora de voltar a casa, porque as obrigações da quinta também naquele dia não podiam ser descuradas.

Pela primeira vez, e foi como uma segunda promessa de casamento mais terrena, Maria e Alois Irlmaier trabalharam juntos ao crepúsculo do dia do casamento no estábulo das vacas: deitaram palha fresca nos lugares, deram de comer aos animais e deram-lhes de beber. A uns metros deles andava o velho camponês isolado, agora com sessenta e um anos; de vez em quando pousava nos jovens um olhar pensativo, quase avaliador. Por fim, quando o trabalho do estábulo estava feito e iam os três para casa, o recém-casado teve a sensação de que o pai ainda lhe queria dizer algo importante naquele dia.

Primeiro, porém, enquanto a família tomava a ceia, o velho manteve-se calado. Sentado, pensativo; só de vez em quando se deixava tirar da meditação pelo Astor, que inquieto farejava pela cozinha, e então dava-lhe um ou outro bocado. Depois, quando a mulher se preparava para levar a loiça para o lava-loiça, ele deteve-a e disse: «Deixa hoje a Theresia tratar disso sozinha. Nós os dois temos algo a dizer aos jovens!»

Com um sorriso fino e entendido, Anna Irlmaier voltou a sentar-se. O marido acendeu cerimoniosamente um charuto, depois anunciou ao casal: «Na próxima semana vamos ao notário a Traunstein. A Anna e eu decidimos passar-vos já agora a escritura da quinta, embora ainda estejamos rijos de saúde. Mas queremos assim, para que trabalhem para algo que é vosso; assim hão de manter-se ainda mais unidos. Em troca, hão de garantir-nos um bom retiro digno; quanto a isso continuaremos a pegar no trabalho como pudermos. E quanto ao Hans, fica assegurado que também ele terá o seu sustento na quinta enquanto quiser.»

Com os olhos marejados de lágrimas, Alois apertou a mão do pai e abraçou em seguida a mãe. Maria estava tão emocionada quanto o homem com quem acabara de casar; disse baixinho: «Agradecemos-vos do fundo do coração, e prometo que terão uma vida boa vida na casa de retiro. Mas sobretudo quero que saibam que não vim para o Bruckthaler para vos pôr de lado, mas por amor ao vosso filho!»

«Foi exatamente porque sentimos isso desde o primeiro instante que nos foi fácil tomar a decisão», respondeu Anna Irlmaier. Depois puxou para si, tal como fizera antes com o filho mais velho, também a nora e abraçou-a.

Mal as duas mulheres se soltaram, Hans, que até então estivera calado e recolhido à mesa, tomou a palavra: «Já que estamos nisto, também eu queria falar-vos do meu futuro...»

«Não tínhamos acabado de resolver isso?», interrompeu-o o velho Irlmaier, admirado. «Em muitas quintas o filho segundo trabalha como criado, é o bom costume antigo.»

«Não é que eu não queira servir sob o meu irmão», replicou Hans. «Nem», virou para Maria o rosto estreito e inteligente, muito parecido com o de Alois, «que tenha alguma coisa contra ti. Só que, desde que acabei a escola, sempre quis seguir o meu próprio caminho, embora me calasse porque precisavam de mim na quinta. Mas agora é diferente. Vocês dão conta do trabalho sem mim, e por isso gostaria de ir para a cidade.»

«O que queres tu lá fazer, rapaz?», escapou-se à velha camponesa.

«Aprender enfermagem», respondeu o quase adolescente. «E mais tarde... talvez ser médico.»

«Para isso tinhas de estudar!», exclamou o pai, horrorizado. «E antes frequentar o liceu clássico!»

«O médico de Eisenärzt já me explicou isso», retorquiu Hans. «Mas disse que eu era capaz, se me esforçasse.»

«É mesmo esse o teu desejo? Não é só fogo de palha?», perguntou Anna.

«De certeza que não!», jurou o segundo filho.

«Quando algum animal no estábulo estava doente, de facto tinhas boa mão», concedeu então o velho Irlmaier. Virou-se para Alois: «O que achas dos planos do teu irmão?»

«Talvez seja parecido com a radiestesia», murmurou o jovem de vinte e cinco anos. «Simplesmente está dentro da gente e não se pode lutar contra isso...» Troçou um olhar com Maria; depois de ler a aprovação nos olhos dela, declarou: «Deixemos o Hans tentar. A quinta aguenta se lhe dermos um pequeno apoio, e ele tem direito à sua parte da herança de qualquer maneira.» Quando o pai e, embora hesitante, a mãe acenaram que sim, Alois propôs ao irmão: «Nos próximos dias fazemos as contas todas direitinho. Pode ser que até consigas ir já para o liceu clássico.»

«Não vos hei de desiludir, juro!», garantiu o jovem de rosto radiante. «Um dia hão de ter orgulho em mim!»

«Já temos agora, porque ninguém mais na freguesia de Scharam se atreveu a pôr-se um objetivo assim», respondeu o velho camponês isolado.

«É o que Alois e eu também pensamos», disse Maria. Com um sorriso suave, quase sonhador, acrescentou: «Além disso, é justo que te ajudemos, depois de hoje termos sido tão ricamente presenteados...»

No primeiro instante o jovem camponês pensou que a mulher se referia à transmissão da quinta. Mas logo a seguir, quando ela se aninhou nele, percebeu melhor, e o desejo de estar a sós com ela tornou-se de repente tão forte que quase não conseguia contê-lo.

Uma hora depois, depois de a família ter esvaziado ainda uma garrafa de vinho para celebrar o dia, Alois levou para cima, para o quarto de dormir comum, a mulher com quem partilharia a vida dali em diante. Sobre as almofadas da cama entalhada estava um ramo de flores da primavera; um pequeno e carinhoso gesto da mãe para com a nora.

Maria pegou no ramo, aspirou esquecida de si o perfume; logo a seguir sentiu o toque do homem que amava no seu cabelo. Encostou a face à mão dele e deixou que o calor dele lhe penetrasse fundo; passado um bocado os lábios encontraram-se. Em algum momento deixaram-se cair na cama e perderam-se completamente um no outro, até que do desejo transbordante nascesse a realização e depois uma exaustão feliz e sem desejos. Sem se soltarem do abraço, ambos adormeceram; o ramo de flores estava agora, junto do vestido da jovem, numa cadeira de verga ao lado da cama de casal.

Ao acordar na manhã seguinte, porém, Maria encontrou o ramo novamente onde estivera na véspera: na sua almofada. Mas entre as flores estava agora entrelaçado o colar de prata que Alois comprara em Traunstein. Surpreendida, a morena tirou-o do ramo, virou-se para o

marido e ouviu, enquanto ele lhe punha o adereço ao pescoço, as palavras carinhosas dele: «Esta joia há de lembrar-te sempre da nossa primeira noite, meu coração.»

Então a jovem, ainda quente de sono, procurou novamente a união com ele e presenteou-o mais ricamente do que ele a ela.

Maria adaptou-se rápida e facilmente à vida no Bruckthaler nos meses seguintes. A sua presença compensava os pais, que após a transmissão da quinta se tinham mudado para a casa de retiro, pela partida do segundo filho em setembro.

Hans frequentava agora o liceu clássico em Rosenheim, onde alugara um quarto mobilado. Quando regressou a casa por uns dias no Natal, contou que um dos professores, ele próprio filho de camponês, cuidava especialmente dele. Entre outras razões, estava confiante em conseguir depressa colmatar as lacunas de conhecimento que tinha em relação aos outros alunos da turma, muito mais novos. De facto, até ao verão seguinte as notas foram tão boas que passou de ano sem dificuldade.

O jovem casal de Scharam, por seu turno, teve após a colheita de 1921 mais um motivo de alegria. Maria apresentava os sinais inequívocos de gravidez; no outono o ventre começou a arredondar-se. Sempre que o olhar do marido caía sobre ela, os olhos dele tornavam-se ternos; por vezes mal conseguia acreditar na felicidade que agora, depois de todos os horrores da guerra e dos terríveis pesadelos do primeiro tempo de paz, lhe era concedida. Agora dormia tranquilo e profundamente; tudo o que precisava para se sentir protegido na vida era a proximidade da morena. Porque ela estava ao seu lado, o duro trabalho campesino saía-lhe leve; com alegria assumia a responsabilidade pela quinta e pelos seus. Além disso continuava muito procurado como radiestesista e assim garantia ainda mais o sustento da família.

Maria pôde esperar tranquilamente pelo parto, e a 9 de março de 1922 chegou o dia. A parteira vinda de Eisenärzt assistiu a jovem camponesa do Bruckthaler no nascimento de uma menina saudável, que ainda nesse mesmo dia foi batizada em Maria Eck com o nome da mãe. Orgulhoso, Alois Irlmaier levava a primeira filha ao colo, passando pelo Feenstein, até à igreja; mas poucas semanas depois parecia que o destino queria cobrar esse equilíbrio.

Apareceu agitada a parteira que ajudara a pequena Maria a nascer na quinta isolada e contou aos moradores um terrível acidente acontecido

noutra parte da freguesia de Eisenärzt. Uma jovem jornaleira solteira chamada Magdalena Hölzl, que dois anos antes tivera um filho e sempre se recusara a dizer o nome do pai, fora encontrada morta na sua pobre choupana. «O miúdo, chama-se Johann, estava a chorar sentado ao lado do cadáver», contou a parteira, «e agora está no asilo de Siegsdorf. Mas não o podem deixar lá para sempre, senão vai-se completamente abaixo. Por isso subi até cá acima perguntar se vocês sabem de alguma solução?»

«Não é possível encontrar familiares nenhum do órfão?», perguntou o camponês de retiro, que com Anna viera para a cozinha.

A parteira abanou a cabeça. «Ninguém sabe de onde vinha a mãe. Sabe-se apenas que apareceu na zona, muito grávida, no início de 1920. Numa ou noutra quinta onde ajudou depois do parto, parece que disse que antes vivera numa cidade. Provavelmente fugiu para aqui do seu infortúnio e apagou deliberadamente o rasto. É por isso que não encontraram papéis nem cartas que dessem alguma pista.»

«Se é assim, o pobre coitado não tem mesmo mais ninguém no mundo», sussurrou a puérpera com pena.

«A não ser que apareça uma família que o acolha», respondeu a parteira em voz baixa.

Por uns momentos fez-se silêncio à volta da grande mesa; só se ouvia o ofegar do são-bernardo deitado ao canto do fogão.

Por fim, depois de o jovem casal trocar um longo olhar, Alois disse: «Vamos pensar nisso.»

«Mais ninguém vos pode pedir», respondeu a parteira; pouco depois despediu-se.

Também os do Bruckthaler voltaram por enquanto ao trabalho do dia; à noite falaram longamente, mas não chegaram a conclusão. Sobretudo porque os velhos achavam que Maria já tinha que fazer com o próprio filho de poucas semanas. Por outro lado, era precisamente aos jovens pais que o coração sangrava ao pensar no menino de dois anos no asilo. Cada vez que olhavam para o berço onde a pequena Maria dormia, o destino cruel do órfão parecia-lhes insuportável. No fim, porém, também não conseguiam fechar-se aos argumentos dos pais; sem solução definida, foram para a cama tarde.

Pela meia-noite Maria acordou. O murmúrio angustiado do marido arrancara-a do sono já de si inquieto. Quase ao mesmo tempo Alois

sobressaltou-se; à luz do luar que enchia o quarto, a jovem julgou ver uma expressão estranhamente distante no rosto dele. Tocou-lhe suavemente, ele apertou-lhe a mão como quem pede ajuda e começou a falar aos tropeções: «O pai do pequeno Johann Hölzl... Vi-o... Em Munique, em maio de 1919... Os das braçadeiras brancas nos uniformes fuzilaram-no... Porque era dos vermelhos... Um operário... E a mulher que trazia o filho dele na barriga teve de assistir... Por isso fugiu da cidade, serviu nos camponeses... Até que caiu, porque já não sabia que fazer...»

Ainda enquanto ele pronunciava a última frase, Maria tomou-o nos braços. Esperou que a respiração dele acalmasse, depois perguntou com cuidado: «E se tudo isso tiveres apenas sonhado...?»

«Não!», cortou ele. «Não foi um sonho qualquer! Foi como se eu próprio... lá estivesse. Como se tivesse visto tudo... com os olhos da morta...»

«Agora assustas-me», disse a jovem, sufocada.

«Não era essa a intenção, e não precisas ter medo!» Alois acariciou-lhe o cabelo; logo a seguir foi ele quem a segurou. «Talvez tenhas razão», concedeu. «Provavelmente sonhei mesmo estas coisas. Porque o miúdo sem pais me dá tanta pena...»

«A mim também», sussurrou Maria. «Nós somos tão felizes, e o pobre coitado há de apodrecer no asilo...»

Ambos calaram-se um bocado, por fim a puérpera decidiu com firmeza: «Acho que conseguíamos! Até porque os pais de certeza que não nos deixariam ficar mal se o órfão estivesse cá em casa.»

«Podes ter a certeza», concordou o marido. «Hoje hesitaram só por tua causa, mas tinham tanta pena do miúdo como nós.»

«Então amanhã voltamos a falar com eles. Depois, se os convencermos, avisas a parteira», decidiu Maria. Quando nesse mesmo instante ouviu o suspiro profundo e aliviado do marido e sentiu ao mesmo tempo o alívio no próprio coração, soube que fizera o que estava certo.

Poucos dias depois Alois e Maria Irlmaier foram a Siegsdorf, tratar dos papéis na câmara de Siegsdorf e depois buscaram o pequeno Johann Hölzl, de dois anos, ao asilo. Nos primeiros tempos que passou no Bruckthaler o órfão era tímido, chorava muito, teimava frequentemente e perguntava constantemente pela mãe. Mas depressa, porém, o rapaz ganhou

confiança nos pais adotivos e no casal de retiro e parecia ir esquecendo aos poucos as experiências traumáticas.

Durante a colheita desse ano de 1922, em que também o estudante clássico Hans veio a casa, o pequeno Johann já brincava alegre entre os adultos. Os do Bruckthaler, quando em janeiro de 1923 festejaram o terceiro aniversário do rapaz, tinham a sensação de que ele sempre pertencera à família. Por isso Maria também não se sentiu sobrecarregada quando em março seguinte descobriu que estava grávida pela segunda vez. Pelo contrário, o filho adotivo, que se desenvolvia de forma muito positiva, tirou-lhe nos meses de verão, à medida que a barriga crescia, muitos pequenos trabalhos. A 9 de setembro a parteira de Eisenärzt assistiu-a sem complicações no nascimento de um menino. Tal como a irmã antes dele, foi levado nesse mesmo dia à igreja de peregrinação de Maria Eck; um padre deu-lhe no batismo o nome do pai.

Juntamente com as outras duas crianças, o pequeno Loisl cresceu em paz nos anos seguintes, mas também de outras formas parecia pairar uma bênção tranquila sobre a quinta isolada e os seus moradores. Sentiam pouco dos acontecimentos lá fora no grande mundo, onde nessa época havia constantemente fortes turbulências e pior. Do malogrado putsch de Adolf Hitler, que a 8 de novembro de 1923 marchara à frente de um bando de uniformes castanhos até à Feldherrnhalle em Munique, só souberam dias depois pelo jornal local; a proibição da NSDAP o camponês de retiro comentou simplesmente com a frase curta:

«Bem feito para eles, os palhaços!» Nenhuma atenção prestaram os de Scharam em abril de 1924 à vitória esmagadora dos fascistas italianos de Benito Mussolini nas eleições. Um estranho mal-estar, porém, acometeu o já trinta anos Alois Irlmaier quando em março de 1925 o antigo marechal-de-campo Paul von Hindenburg foi eleito Presidente do Reich alemão.

Durante uns dias o jovem camponês andou calado e falava com frequência dos horrores da guerra e do desprezo pelos homens dos generais, até que as tarefas da quinta o trouxeram de volta a outros pensamentos. Semeou o novo grão, manteve os campos o mais possível limpos de ervas daninhas nos meses seguintes e viu as culturas amadurecerem pouco a pouco. No verão, quando o irmão Hans veio como sempre nas férias ajudar na ceifa, Alois e os seus viveram uma alegria inesperada. O estudante clássico anunciou-lhes que já no outono seguinte frequentaria a turma de finalistas do seminário; por boas notas podia saltar um ano.

De facto, no verão seguinte Hans já ajudava como estudante universitário na ceifa e no recolhimento do cereal e inscrevera-se para o semestre de inverno desse ano na Universidade de Munique. Antes, porém, de se sentar pela primeira vez numa sala de aula, aconteceu na quinta isolada uma terrível catástrofe.

A noite de Terror

Era como um escárnio maligno. Alois Irlmaier sabia que estava a sonhar e que bastava acordar para escapar ao horror. Mas não conseguia; por mais que se esforçasse, não conseguia libertar-se das garras do pesadelo. A escuridão profunda, atrás dos véus impenetráveis da qual espreitava a ameaça, continuava a pairar sobre o Bruckthaler. Remoinhos negros ocultos, com algo de traiçoeiro e blasfemo, pareciam aí dar à luz um indizível terror.

Agora, enquanto tentava gritar mas não conseguia soltar um som, os contornos ondulantes do abismo tornaram-se um pouco mais nítidos. Julgou reconhecer caretas distorcidas, mas não sabia se pertenciam a animais, pessoas ou demónios. Só uma coisa compreendia: que se aproximavam inexoravelmente, rodeavam-no a ele e à quinta, ávidas de encontrar um ponto fraco por onde entrar. Quando julgou sentir já quase fisicamente a proximidade repulsiva, lembrou-se da carabina que trouxera da guerra mundial. Tentou sacudir a paralisia: queria correr para casa dentro e arrancar a arma do armário no quarto de dormir. Mas os membros estavam de chumbo; uma paralisia mortal, semelhante àquela outra no bunker soterrado, apoderara-se dele. Imponente ficou na sua paralisia; no mesmo instante em que tomou consciência da sua impotência absoluta, a escuridão explodiu numa detonação silenciosa.

Um clarão insuportavelmente intenso rompeu do negrume e varreu a quinta. Num instante os edifícios e a paisagem em redor mergulharam numa aura púrpura; ao mesmo tempo um rugido selvagem abalou o ar. Os gritos dos seus misturaram-se com o bramido dos elementos; viu a mulher, as crianças, os pais, o irmão e a criada correrem em pânico e quis ir ter com eles. De facto, conseguiu voltar a mexer-se — mas era demasiado lento; não os alcançava e teve de assistir de longe ao horror blasfemo que se abateu sobre eles...

Banhado em suor acordou, sentou-se na cama de um salto e assustou-se com a própria respiração ofegante. Maria, que no sono se afastara um pouco dele, murmurou qualquer coisa. Na escuridão pálida, que ao contrário da do pesadelo não era impenetrável, viu a mulher mudar de

posição, enterrar a cabeça na dobra do braço e voltar a ficar tranquila. Na sua angústia teve vontade de a acordar e abrir-se com ela; no último momento a razão venceu a confusão que só lentamente se dissipava.

Controlou-se, forçou o pensamento a voltar completamente ao normal — e quebrou a cabeça à procura da causa do pesadelo que não era a primeira vez que o visitava. Por fim, depois de mais de uma hora acordado, chegou à mesma conclusão de antes. Por algum motivo, talvez porque fizeram do Hindenburg, o marechal-de-campo, Presidente do Reich, as experiências da guerra voltam a perseguir-me, pensou. Não tem nada a ver com o Bruckthaler. É antes a recordação da Galiza: das muitas quintas que a nossa artilharia lá destruiu. E porque um dos assassinos de então voltou a mandar e eu não consigo esquecer os crimes, o passado persegue-me. Por isso sonho que, em vez de estranhos, são os meus que sofrem...

A explicação pareceu-lhe plausível; um grãozinho de incerteza, porém, ficou também desta vez: um roer leve, quase imperceptível, lá no fundo de si, que não se deixava agarrar pela razão. Mas a sensação durou pouco; logo a seguir o camponês de Scharam foi tomado por um torpor que em segundos o fez cair num sono pesado. Ao acordar na manhã seguinte as imagens do pesadelo já não eram realmente palpáveis; reduziram-se a uma angústia distante e vaga.

Alois Irlmaier evitou falar com Maria ou outro familiar sobre aquilo; de resto não teria conseguido exprimir por palavras o que o atormentava de forma tão estranha. Além disso, à luz do dia contavam coisas bem mais concretas na quinta. Agora, a meio de setembro, com a colheita de 1926 recolhida, era preciso preparar os molhos na eira para a debulha. Mal isso estava feito, vieram mais uma vez os trabalhadores sazonais e a máquina a vapor puxada a cavalos subiu o caminho íngreme até ao Bruckthaler. Nos dias seguintes reinou o habitual bulício alegre do amanhecer ao anoitecer. Grato, o camponês deixou-se distrair, na festa tradicional da última noite pareceu visivelmente mais descontraído do que ultimamente. Já havia uma semana que voltara a dormir tranquilo, e assim continuou nas noites seguintes, depois de a debulhadora seguir para a aldeia vizinha.

No fim do mês, porém — o calendário no canto do Senhor Deus da cozinha marcava 27 de setembro —, o equilíbrio anímico do camponês isolado voltou a vacilar. Ao crepúsculo, enquanto trabalhava no estábulo das vacas, ouviu a mulher chamar várias vezes pelo são-bernardo. O tom agudo, que não conhecia de Maria, inquietou-o. Cravou o garfo da forragem num monte de feno e correu para a porta; aí já a mulher vinha ao

seu encontro, transtornada, e desabafou: «O Astor ficou completamente louco! Ainda há pouco estava deitado pacificamente no seu canto ao lado do fogão. De repente deu um ganido de susto e no mesmo instante disparou como se o perseguissem fúrias...»

«Para onde foi?», cortou Alois.

«Ali, está a correr», respondeu Maria apontou para os pastos que subiam na direção de Maria Eck.

O camponês espreitou para a escuridão que caía e distinguiu uma mancha castanho-amarelada a mover-se rapidamente pelas encostas. «Não percebo mesmo», disse, tenso. «O são-bernardo nunca fez disparates, está sempre sossegado no terreiro...»

«Se um caçador o apanha, mata-o a tiro!», interrompeu-o a camponesa. «Tens de ir já atrás dele e trazê-lo!»

«Vou com o Hans», decidiu o camponês. «Entretanto trata das vacas, já não falta muito no estábulo.»

Pouco depois os dois irmãos subiam a trote o trilho para a igreja da montanha, cada um com uma lanterna na mão. A esperança de encontrar Astor ali estar gorou-se; também nas encostas próximas não descobriram rasto do são-bernardo. O mesmo aconteceu quando entraram na floresta para lá da igreja de peregrinação; era como se a terra tivesse engolido o cão grande. Por fim desistiram e regressaram a casa, cansados da busca de horas.

«Tentamos outra vez amanhã cedo», prometeu Alois Irlmaier à mulher. «Agora, no escuro, quase não tínhamos hipóteses, já que o Astor não reagiu aos nossos chamamentos, mas à luz do dia havemos de encontrá-lo.»

Nisto, porém, o camponês isolado enganara-se. O são-bernardo continuou sem deixar rasto, embora os homens tivessem vasculhado não só o bosque e os campos como também perguntado nas aldeias vizinhas por Astor. À noite os moradores do Bruckthaler tiveram de se contentar com o duvidoso consolo de que o cão pelo menos não caíra sob a bala de um caçador, porque uma coisa dessas depressa se saberia na região.

«Mas se nenhum caçador o apanhou a caçar furtivamente, então aconteceu-lhe alguma outra desgraça», lamentou-se Maria. «Quase sinto que há uma força maligna metida nisto...»

«Disparate!», repreendeu-a o cunhado. «Estás só a imaginar isso porque gostas especialmente do Astor; afinal foste tu que o criaste com biberão. Mas não podes por isso deixar-te enlouquecer. Há decerto uma explicação racional para o desaparecimento do são-bernardo, e de certeza que mais cedo ou mais tarde ele reaparece — não é, Alois?»

«Claro», respondeu o camponês. «Temos de o...» Calou-se, porque de repente voltou aquele roer angustiante lá no fundo; aquele mal-estar medroso que já sentira antes quando ficava acordado depois de um pesadelo. E agora tornou-se de repente mais forte do que nunca; a pressão atrás do esterno quase lhe provocava náuseas físicas.

«Estás bem?!», ouviu como que de longe a voz preocupada da mulher. «Estás branco como a cal!»

«Não... não me acontece nada, é só cansaço», murmurou Alois Irlmaier. «O melhor é deitar-me cedo, amanhã já estou fino.»

Pouco depois recolheu-se; quando cerca de uma hora depois também Maria subiu ao quarto, ele dormia profundamente.

Parece que foi mesmo só cansaço, pensou a jovem aliviada. Pelo menos quanto a ele já não preciso de me preocupar.

Deslizou para a cama, procurou proteção nas costas dele e convenceu-se de que também quanto ao Astor tudo acabaria bem. Passado um bocado as pálpebras pesaram-lhe, pouco depois respirava fundo e regular no primeiro sono profundo — e assim não deu conta de que o marido era de novo visitado por um dos seus terríveis pesadelos.

Ao pequeno-almoço do dia seguinte, 29 de setembro, o camponês parecia estranhamente fechado em si. Entre as dentadas olhava para o vazio; quando os familiares lhe falavam, mal respondia. Quando o irmão o confrontou diretamente, limitou-se a encolher os ombros com brusquidão, pegou no jornal e escondeu-se atrás dele. Por uns minutos fez-se na cozinha um silêncio constrangido, intimidadas as três crianças encolheram-se no seu canto. De repente Alois pousou o jornal e disse com voz estranhamente monocórdica: «Hoje abre em Munique uma exposição agrícola. Apanho o comboio em Siegsdorf e vou vê-la.»

«Mas tu querias procurar outra vez o Astor com o Hans!», exclamou Maria, horrorizada.

O camponês de retiro, que com Anna também estava sentado à mesa, acrescentou: «Não podes simplesmente ir assim de repente! Logo agora...»

«Vou, porque... porque tenho de ir!», cortou-lhe o filho a palavra. Levantou-se abruptamente, saiu da cozinha sem mais uma palavra e subiu a escada com estrondo para o andar de cima.

A mulher quis ir atrás dele, mas a velha camponesa segurou-a, abraçou-a e disse, conciliadora: «Deixa-o! Às vezes os homens são assim, depois arrependem-se.»

Pouco depois Alois Irlmaier apareceu de novo à porta, com o sobretudo vestido e o chapéu na cabeça. Como ausente, acenou com a cabeça aos outros, virou-se e saiu em silêncio. Constrangidos, os restantes membros da família viram-no pela janela até a figura do camponês desaparecer por detrás das árvores que ladeavam o caminho para o vale.

Quando o comboio chegou perto do meio-dia à estação central de Munique e travou com um guincho, o camponês isolado de Scharam deu um salto e olhou confuso para o cais. No primeiro instante não percebeu onde estava; só quando a voz rouca do altifalante se fez ouvir murmurou: «A exposição... é na Theresienwiese, estava no jornal...»

Várias vezes, enquanto corria pelas ruas, o magro trintão de bigode e olhos escuros, quase negros, esbarrou noutros peões, desculpou-se nervosamente e continuou a correr. Por fim tinha diante de si o recinto da exposição; por momentos o olhar deteve-se na monumental estátua de bronze da Baviera que dominava o espaço, depois entrou no pavilhão mais próximo. Nas horas seguintes deixou-se arrastar pela corrente de visitantes, mas não viu realmente nada. Durante todo o tempo o rosto anguloso, curtido pelo tempo, manteve a mesma expressão ausente que já mostrara de manhã na cozinha do Bruckthaler; parecia que o camponês era movido por uma força que o transformava numa marioneta sem vontade. Só ao fim da tarde, quando de repente sentiu uma fome feroz e engoliu uma refeição fria num quiosque, voltou à realidade e lembrou-se de que ainda tinha um longo caminho de regresso.

O comboio noturno de Munique chegou pouco depois das 22 horas em Siegsdorf. Durante toda a viagem Alois Irlmaier foi atormentado por remorsos. Agora que a cabeça voltava a funcionar com clareza, era-lhe completamente incompreensível por que razão se comportara de forma tão impossível com a família de manhã. Como que sob um estranho impulso e sem motivo real, partira para a capital; a visita à exposição agrícola não passara de um pretexto para poder abandonar a quinta isolada. Agora, enquanto o camponês caminhava pela noite estrelada, continuava a quebrar a cabeça; ao fim da marcha de duas horas, quando viu as primeiras casas da

aldeia de Scharam, não tinha mais explicação do que antes no vagão do comboio.

Passou pela pequena povoação, virou para o trilho que subia até à sua quinta mais acima na montanha e pensou, angustiado: Seja como for, tenho de pedir desculpa à Maria e aos outros! E depois o melhor é mesmo ir ao médico e fazer um exame a sério.

O pensamento aliviou-o um pouco. Caminhou mais depressa e pouco depois chegou ao ponto mais alto do caminho de gravilha. Daí já conseguia distinguir os edifícios sombrios do Bruckthaler; apesar de tudo alegrava-se agora com a cozinha quente e o descanso no canto do Senhor Deus. Mas quando reparou que nenhuma janela da casa de habitação tinha luz acesa, a sensação agradável virou-se do avesso. Subitamente voltou aquele mal-estar medroso atrás do esterno que já o atormentava periodicamente há semanas, e desta vez doía-lhe mais do que nunca. Ofegava, dobrou-se sob as ondas de dor; só passado um bocado o espasmo se desfez e conseguiu endireitar-se.

Ali ficou, a respirar pesadamente, limpou com a mão trémula o suor frio da testa — de repente os olhos arregalaram-se-lhe em extremo horror.

Uma das estrelas no firmamento pareceu soltar-se de repente do seu lugar, crescer a velocidade vertiginosa e voar direita a Alois Irlmaier. À volta do centro vermelho-escuro da aparição dançavam cascatas mais claras cor de carmim; além disso chegava agora dali um crepitar e zumbido sinistro: um som baixo mas extremamente ameaçador.

No primeiro instante o camponês isolado esteve tentado a fugir do horrível fantasma; um batimento cardíaco depois, porém, pôs-se a correr em direção à quinta. Porque de repente reconheceu a verdadeira natureza do fenómeno aparentemente sobrenatural; compreendera onde se encontrava a origem do redemoinho vermelho que continuava a crescer: exatamente onde o cume do edifício do estábulo tocava na parede exterior da casa de habitação, logo abaixo do telhado muito descaído. Parecia-lhe ver em todos os pormenores como as chamas devoravam as vigas secas naquele ponto, como telhas de madeira explodiam em chamas e se despedaçavam; como o fogo ganhava assim, de segundo a segundo, um perigoso fôlego.

«Fogo!», gritou o seu grito desesperado pela noite dentro. «A quinta está a arder!»

Uma e outra vez, enquanto corria pelo caminho de gravilha, ecoavam os seus avisos; não parou, embora os pulmões parecessem prestes a rebentar. Mas ainda estava a uns trezentos metros da quinta quando avistara o foco de incêndio, de modo que os seus demoraram a ouvi-lo. Só quando irrompeu pelo terreiro julgou ver, por detrás de uma janela do lado direito do andar de cima, o brilho fraco de uma vela — mas a essa altura o fogo já devorava um bom quarto do telhado do estábulo e o revestimento de madeira da eira atrás; também um canto da casa de habitação já ardia em chamas altas.

Com os dois punhos Alois Irlmaier martelou a porta de casa; na sua angústia nem se lembrou da chave que trazia consigo. No instante seguinte a porta foi aberta por dentro e o camponês chocou contra o irmão.

«As vacas!», gritou Hans, depois de vencer o susto e reconhecer Alois. «Temos de as pôr na rua, senão...»

Só então o mais velho registou o rugido infernal que vinha das janelas do estábulo mais à esquerda. «Mete-as cá fora!», ordenou a Hans. «Eu trato da Maria e das crianças!»

Disparou escada acima; a meio do caminho veio-lhe ao encontro a camponesa. Estava de camisa de dormir; ao colo trazia o Loisl de três anos, com a outra mão arrastava a filha pequena atrás de si. «Onde está o Johann?!», exclamou Alois enquanto passava por ela.

«A Theresia ia buscá-lo...», ofegou Maria.

Não ouviu mais; em poucos saltos estava no patamar de cima. Um fumo acre enchia o corredor do primeiro andar; faíscas atingiam o camponês, de algum lado vinha um choramigo histérico. De respiração suspensa, Alois Irlmaier abriu caminho pelo véu de fumo até chegar à criada, que com o filho adotivo se encolhera mesmo no fundo do corredor, debaixo da escada do sótão. Agarrou a mulher idosa, tentou pô-la de pé, mas ela debatia-se como se ele fosse inimigo. Bateu-lhe curto e seco, trouxe-a a si com a bofetada e ordenou: «Sai daqui! O mais rápido que puderes!»

De gatas, Theresia começou a rastejar para a escada da frente. O camponês ergueu o Johann de seis anos e deu-lhe coragem com poucas palavras apressadas. Agarrado a ele, o rapaz seguiu-o nos primeiros passos pelo inferno; a criada, porém, quando mesmo ao seu lado caiu uma viga em chamas, desabou de novo. Alois deu um empurrão ao de seis anos e assim o fez correr à frente; no instante seguinte baixou-se e, com um golpe

aprendido na guerra, carregou a mulher transtornada às costas. Com o peso pesado aos ombros, abriu caminho. Chegou à escada e desceu-a meio a correr, meio a escorregar — mesmo a tempo, antes que do andar de cima se ouvisse um estrondo terrível e todo o madeiramento do lado do estábulo desabasse.

Com Theresia às costas e agora de novo o Johann pela mão atrás de si, o camponês isolado cambaleou para o terreiro e arrastou o seu pesado fardo humano até ao poço. Aí estavam encolhidos e assustados os mais pequenos; sem que lho pedissem, o de seis anos cuidou deles. Nesse momento chegava também o casal de retiro; os dois velhos traziam recipientes, enchiam rapidamente água e corriam para o canto entre a casa principal, o estábulo das vacas e a eira, onde o fogo lavrava mais forte. Alois deixou a criada deslizar para o chão, encheu um balde de abeberar que estava ao lado do poço e correu atrás dos pais. A meio caminho veio-lhe ao encontro Maria, com uma tina de leite vazia nas mãos, e gemeu: «É... inútil! Descobrimos o fogo... demasiado tarde!»

«O gado! Temos pelo menos de salvar os animais!», exclamou o camponês enquanto a mulher já corria de novo. Logo a seguir despejou o conteúdo do balde contra a porta do estábulo, que entretanto também já ardia.

O jorro de água deu folgo a Hans, que nesse mesmo segundo saiu para a rua arrastando uma das vacas leiteiras. Alois passou a correr ao lado do animal que escouceava; mal entrou no estábulo cambaleou sob o assalto terrível do calor. Protegeu-se o melhor que pôde erguendo os braços diante do rosto; meio cego avançou: até às manjedouras onde as vacas acorrentadas bramiam de pavor. Libertou a primeira e tentou pô-la na rua. Por um instante pareceu que o animal, louco de medo, o ia empalar, mas de repente disparou. Sob perigo de vida constante, o camponês isolado soltou mais vacas e pô-las em fuga; só passado um bocado percebeu que o irmão voltara também ao estábulo. Juntos conseguiram por fim trazer para fora a última vaca e o cavalo de tiro que estava mesmo no fundo — mesmo a tempo, porque poucos minutos depois uma enorme coluna de fogo subiu ao céu por cima do edifício que desabava.

O vento levou a coluna de fogo por cima da casa de habitação e da eira, que de qualquer modo já estavam meio devoradas pelas chamas. Num abrir e fechar de olhos pegaram fogo também as partes dos telhados que até aí as chamas tinham poupado. Os moradores do Bruckthaler, que se agrupavam a distância segura, nada mais podiam fazer senão olhar

impotentes para o inferno: para a violência desencadeada que destruía tudo por que tinham trabalhado a vida inteira. Ali ficaram, como paralisados, até que de repente, do caminho que descia para o vale, lhes chegou um grito de aviso: «Cuidado! A casa de retiro!»

Um rapaz de Scharam, que vinha à frente de todo um grupo de ajudantes, dera o grito. Nesse mesmo segundo também os do Bruckthaler perceberam que o vento mudara de direção e que agora o incêndio ameaçava o último edifício ainda intacto da quinta.

Profundamente assustados, Alois Irlmaier e os seus voltaram a pegar nos baldes e tinhas de leite que havia por ali, encheram-nos no poço e correram para a pequena casa de madeira. Quando lá chegaram, a chuva de faíscas levada pelo vento já se cravara em vários pontos no telhado de telhas de madeira e formara focos de incêndio. Desta vez, porém — também porque no minuto seguinte já lá estavam os homens de Scharam —, conseguiram apagar as chamas a tempo. Durante as horas seguintes, enquanto a casa principal da quinta, que de modo nenhum podia ser salva, ardia até aos alicerces, a casa de retiro foi protegida com jorros de água ininterruptos. No fim, quando o incêndio nas ruínas da casa de habitação, da eira e do estábulo foi morrendo por si, os camponeses isolados puderam dizer-se que pelo menos não tinham ficado completamente sem teto.

Na luz cinzenta da nova madrugada os dois velhos levaram as crianças para a cama no seu quarto; trataram também de Theresia, que chorava sem parar devido ao choque nervoso. Alois, o irmão e Maria, porém, ainda não podiam descansar. Juntamente com os ajudantes de Scharam puseram-se à procura das vacas e do cavalo que, depois de libertos do inferno de chamas, tinham fugido em todas as direções. Só ao meio-dia todos os animais estavam novamente reunidos e levados para a aldeia; aí foram alojados aos pares ou aos três em diferentes estábulos.

Numa das quintas o camponês isolado, a mulher e Hans aceitaram, a insistência da camponesa, um lanche. A mulher solícita encheu-lhes ainda um cesto com comida, de modo que a família sinistrada tinha o que comer nos dias seguintes. Além disso o presidente da câmara de Scharam, que estava sentado na cozinha com eles, prometeu: «A comunidade da aldeia não vos abandona, isso têm de saber! Amanhã mesmo venho cá acima com uma delegação. Depois vemos como organizamos os dias de trabalho e os serviços de tração para a reconstrução do Bruckthaler.»

Com a voz rouca, Alois Irlmaier agradeceu a oferta; pouco depois ele e os seus puseram-se a caminho de regresso à quinta destruída. Quando

chegaram ao cimo do monte e viram ao claro do dia o campo de destroços enegrecidos pelo fumo, só aí tomaram plena consciência da dimensão da desgraça. Maria cambaleou, sentiu-se amparada pelos braços do marido e desatou a chorar convulsivamente. Alois nada mais pôde fazer senão segurá-la e lutar contra as próprias lágrimas. Longo tempo o casal ficou assim; Hans, que trazia o cesto da comida, afastara-se em silêncio uns passos e agora estava encolhido numa pedra antiga e gretada à beira do caminho — até que de repente se endireitou e olhou para onde, no cume da montanha, ficava a igreja de peregrinação.

Um som perturbara-o, e agora ouviu-o de novo: um latido distante que vinha de Maria Eck. Logo a seguir viu junto a uma margem de campo lá em cima uma mancha castanho-amarelada que se movia rapidamente.

«Astor!», exclamou surpreendido; no instante seguinte o irmão e a camponesa estavam ao seu lado. Também eles espreitaram, depois Maria confirmou agitada: «Meu Deus, é mesmo o são-bernardo!»

Não demorou um minuto até que o cão, que corria a todo o pano, chegasse junto deles. Aos saltos, alternadamente para a jovem camponesa e para os dois homens, cumprimentou-os efusivamente; demorou um bocado até se acalmar o suficiente para que o camponês lhe pegasse na coleira e lhe falasse: «Onde te meteste tu este tempo todo?! E o que raio te levou a fugir da quinta?!»

Mal pronunciara as últimas palavras, Alois empalideceu, olhou assustado para cima e acrescentou: «Ou será que o Astor pressentiu o que ia acontecer e por isso fugiu...?!»

Maria e o irmão precisaram de um instante para compreender, depois Hans desabafou: «Pode bem ser essa a solução do enigma. Afinal não é por acaso que se diz que os animais têm um sexto sentido...»

«Sim, foi assim», interveio a camponesa. O rosto dela contorcia-se; de repente aproximou-se muito do marido, agarrou-lhe a mão e continuou: «E agora sei também por que razão ontem de manhã quiseste ir embora a todo o custo e ninguém te conseguiu deter. Sentiste o mesmo que o são-bernardo... que a nossa quinta ia arder.»

«Mas se eu tivesse consciência disso, nunca vos teria abandonado!», protestou o camponês isolado, horrorizado.

«Não nos abandonaste!», retorquiu Maria com firmeza. «Pelo contrário! Porque regressaste exatamente no momento em que mais

precisávamos de ti. Foste tu que nos acordaste com os teus gritos de aviso. Lembro-me perfeitamente como eles entraram pela janela e me acordaram, para que ainda a tempo tirasse as crianças da cama.»

«E eu também acordei porque te ouvi gritar lá fora», confirmou Hans à cunhada. «Só nos conseguiste alertar porque foste a Munique e só chegaste a casa tão tarde da noite.»

«Normalmente já estaria a dormir há muito...», murmurou Alois Irlmaier. «E o dia inteiro na capital estive como que atordoado... Só ao fim da tarde a cabeça aclarou e soube de repente que tinha de apanhar a todo o custo o último comboio para Siegsdorf.»

«Há mais uma coisa!», disse Maria. «Lembras-te do que disseste de manhã? Pouco antes de ires embora...»

O marido abanou a cabeça.

«Vou porque tenho de ir», esclareceu a camponesa. «Foram essas as tuas palavras.»

«E tinhas o ar de quem estava sob algum tipo de coação», acrescentou Hans.

«Algo contra o qual não conseguia resistir levou-me a sair de casa», sussurrou o camponês isolado. «Uma força... tão irresistível como aquela outra que faz a vara bifurcada saltar nas minhas mãos quando, sem querer, passo por cima de uma veia de água...»

«E desta vez a força misteriosa fez com que saíesses da quinta e fosses à exposição em Munique», constatou Maria. «O sentido profundo era que ao regressares viesses o início do incêndio.» Agarrou o braço do marido. «Quanto mais penso nisto, Alois, mais claros ficam os nexos. Foste instrumento de algo... do além! De algo que nos quis proteger e salvar a vida...»

Imóvel, o rosto anguloso tenso e os olhos escuros semicerrados, o camponês de trinta e dois anos ali ficou; por cima da raiz do nariz formara-se-lhe uma ruga profunda que parecia uma runa. Longo foi o silêncio entre as três pessoas, por fim Alois Irlmaier murmurou: «O eremita... Falou da entrelaçamento de todas as coisas, naquela última vez que nos vimos... De um saber que vai muito para além de nós próprios... Da força eterna e amorosa que, apesar de tudo, nos protege...»

«Agora mesmo também pensei no Jakob», disse Maria, comovida. «Mais ainda: de repente tive a sensação de que ele estava muito perto de nós...»

«E está», respondeu o camponês. «Ele e o outro...» O corpo endireitou-se, inspirou fundo, depois abraçou a mulher e o irmão e acrescentou: «O Bruckthaler está destruído, mas nós e os nossos estamos vivos! Nenhum de nós se magoou, e se nos mantivermos unidos havemos de conseguir reconstruir a quinta!»

«Sim, havemos de conseguir!», afirmou Maria.

«Até porque vamos ter a ajuda dos camponeses de Scharam», acrescentou Hans pegando no cesto que pousara ao lado da pedra antiga à beira do caminho.

Logo a seguir os três caminharam com passos firmes para o local do incêndio; o são-bernardo, agora novamente muito sossegado, mantinha-se ao lado da jovem camponesa.

Cerca de uma hora depois, porém — Alois Irlmaier, o irmão e o pai já tinham começavam a arrumar os destroços —, o grande cão ladrou de aviso. Quando os homens olharam, viram dois gendarmes que empurravam as bicicletas de serviço envernizadas de preto pelo caminho acima desde Scharam.

«O sargento Obermeier e o cabo Gernreich de Eisenärzt», resmungou o camponês de retiro. «Só nos faltavam estes...»

Depois de chegarem, os policiais encostaram as bicicletas a um resto de parede; depois o sargento fez a pergunta que os da quinta já esperavam: «Têm alguma explicação para como o incêndio pode ter começado?»

O velho Irlmaier abanou a cabeça, mal-humorado. «Nenhum de nós percebe.»

«Mas estas coisas acontecem depressa», acrescentou Hans. «Se, por exemplo, um fardo de feno estiver húmido por dentro e fermentar, pode pegar fogo sozinho. Também é possível que uma faísca da chaminé da casa tenha voado e se tenha metido despercebida no telhado do estábulo até que as telhas pegaram fogo.»

«O que achas tu, camponês?», perguntou o cabo a Alois.

O de trinta e dois anos, porém, não reagiu. Estranhamente tenso, os lábios cerrados, ali estava e olhava por cima dos uniformizados na direção da igreja de peregrinação de Maria Eck.

«Não podes falar — ou não queres?!», insistiu o sargento.

«Porque em certas circunstâncias não foi um acidente, mas incêndio criminoso?!», insistiu o cabo.

«Perderam o juízo?», explodiu o camponês de retiro, furioso. «Que motivo teríamos nós para pegar fogo à nossa própria quinta?!»

«Fraude ao seguro», disse o sargento, malicioso. «Não seria a primeira vez que...»

«Não tínhamos seguro nenhum contra incêndio!», ofegou o velho, fora de si. «E se não pedires desculpa imediatamente pela tua insolência, Obermeier, então...»

Ergueu ameaçador o punho contra o gendarme que recuava assustado; nesse mesmo instante sentiu a mão do filho no braço e ouviu Alois dizer com voz rouca: «Deixa estar, pai! Os polícias até têm alguma razão!»

«O que estás para aí a dizer?!», exclamou o camponês de retiro, horrorizado.

«Venham comigo, hão de ver...», foi a enigmática resposta.

Dito isto, Alois Irlmaier caminhou devagar para o outro extremo do terreiro: exatamente na direção para onde antes olhara tão tenso. Levou o pequeno grupo, de olhar confuso, à volta do monte de entulho da eira queimada até ao horto contíguo da quinta, cercado por uma vedação de estacas quase intacta na maior parte. Aí parou um instante, virou ligeiramente à esquerda e avançou decidido por cima dos canteiros já preparados para o inverno até chegar ao troço mais recuado da cerca. Aí baixou-se, afastou os ramos de um arbusto de groselha-espim e apontou para um buraco na vedação, claramente feito ao arrancar várias estacas.

«Foi aqui que o incendiário entrou sem ser visto no canto entre a eira, o estábulo e a casa de habitação», explicou o de trinta e dois anos.

«Como soubeste disso?!», perguntou o cabo, ofegante.

«E como tens a certeza de que foi um único criminoso e não vários?!», perguntou o sargento, seco.

Alois hesitou um instante, depois respondeu aos tropeções: «Há bocado, quando começaram a fazer perguntas... De repente vi tudo diante de mim... Como aconteceu... Como o tipo de rosto enegrecido se aproximou furtivamente da quinta por trás... Como aqui arrancou as tábuas da cerca e passou pelo buraco... E como se esgueirou até ao estábulo das vacas, com a vela no bolso...»

«Queres dizer que ele lá dentro acendeu uma vela de sebo e pôs-se em segurança enquanto ela se consumia?», exclamou Hans.

«A vela estava meio enterrada num fardo de palha», confirmou o irmão. «E demorou cerca de uma hora até a chama alastrar.»

«Descreves tudo com tanta precisão como se lá estivesses», disse o sargento, agora claramente pensativo. «Em mais de vinte anos de serviço nunca me aconteceu nada assim...» Troçou um olhar com o cabo e, ao ver aprovação nos olhos dele, continuou: «Mas acreditamos em ti, Irlmaier, e aceitamos a tua versão, por mais incrível que pareça. Afinal já há algum tempo que tens fama de saber mais do que as pessoas comuns. Diz-se que encontras veias de água a cem metros de olhos vendados, talvez tenhas também noutros aspetos o dom da vidência. Sempre se ouviu falar que essas coisas existem...»

«E o buraco na vedação é pelo menos uma prova indiciária do que disseste», interveio o segundo gendarme que, entretanto, examinara bem o buraco. «Para alguém da quinta seria completamente inútil entrar aqui com tanto trabalho. A brecha tem mesmo de ser de um estranho.»

«Além disso não tinham seguro contra incêndio, portanto não tinham motivo nenhum para pegar fogo», retomou o sargento. «Com isso ficamos completamente às escuras na busca do incendiário traiçoeiro — a não ser que o tenhas... reconhecido, Alois?»

«Não», respondeu o de trinta e dois anos, baixinho. «O rosto estava enegrecido, o chapéu puxado até abaixo...»

«E a idade? A estatura?», interrompeu o cabo. «Ou algum outro traço distintivo?»

Alois Irlmaier encolheu os ombros; o irmão reparou que de repente cambaleava de cansaço.

«Deixem-no por hoje», pediu aos gendarmes. «Se mais tarde se lembrar de alguma coisa, avisamos-vos.»

Com isso os polícias tiveram de se contentar; depois de lavrarem auto, regressaram a Eisenärzt.

No Bruckthaler, por seu turno, reinou ainda dias a confusão por causa da visão que Alois tivera, até que ele e os seus se foram habituando ao facto de simplesmente ter acontecido algo inexplicável e a partir daí calaram o assunto com receio.

Nos meses seguintes, em que os gendarmes não conseguiram prender o incendiário, os moradores da quinta isolada viveram em condições que Alois Irlmaier só conhecera na guerra. A pequena casa de retiro, com os seus dois quartos sobrepostos pensados apenas para duas pessoas, albergava agora seis adultos e três crianças. Maria, a sogra, a criada Theresia e as crianças pequenas e o filho adotivo de seis anos partilhavam o quarto de cima. Os três homens — Hans adiará o início dos estudos para ajudar na limpeza — dormiam de noite em colchões de palha na cozinha apertada do rés-do-chão, onde de dia também se cozinhava e comia.

Durante muitas semanas o cheiro acre a queimado continuou a entrar na casa a abarrotar por todas as costuras; só a meio de novembro, quando os destroços maiores lá fora foram removidos, melhorou. Sem os dias de trabalho manual e de tração dos aldeões essa tarefa esgotante nunca teria sido possível, pois os camponeses isolados já não tinham carroça nem ferramentas pesadas. Todos os utensílios agrícolas que estavam na eira tinham sido devorados pelas chamas; nenhum dos animais pequenos que estavam presos nos seus compartimentos sobrevivera. Além disso toda a colheita desse ano fora destruída, de modo que aos do Bruckthaler só teriam restado as batatas que ainda estavam no campo no fim de setembro se os aldeões não tivessem ajudado com farinha, leite, toucinho, couve e ovos.

Quando Alois Irlmaier e os seus comiam, tinham de o fazer em dois turnos à única mesa que lhes restava. Na passagem de 1926 para 1927, quando o frio começou a morder lá fora, sofreram ainda mais com a falta de espaço e o ar cada vez mais pesado na casa de retiro. Passaram um Natal triste; a Maria de quatro anos estava com febre há dias, e também a avó Anna sofria de uma bronquite teimosa. Os adultos eram ainda atormentados pela certeza de que ainda não era previsível uma melhoria decisiva da situação. Durante o inverno não se podia pensar na reconstrução da quinta; apenas trabalhos preparatórios como o corte exaustivo da madeira para a carpintaria eram possíveis com o solo gelado, de resto, apesar de toda a necessidade, era preciso esperar pela primavera. Para essa altura, porém, já

se previam novas dificuldades — e a meio de fevereiro Alois e o pai falaram a sós, durante um passeio, dos problemas que então lhes viriam.

«Os camponeses de Scharam, Deus lho pague, cortaram segundo o costume antigo a madeira necessária nos seus bosques e trouxeram-na para o estaleiro», disse o de retiro. «Também podemos contar com mais alguma ajuda por direito consuetudinário de pedido de esmola em caso de incêndio, mas com isso a quinta ainda está longe de estar de pé.»

«Os muitos milhares de tijolos que vão ser precisos, por exemplo, temos de comprar», acenou o jovem camponês. «Tal como temos de pagar os salários dos pedreiros, carpinteiros e telhadores, aos quais nós e os outros só podemos dar trabalho de servente.»

«A isso somam-se os eletricistas, vidraceiros e ladrilhadores», acrescentou o velho. «E mesmo quando tudo isso estiver feito, ainda faltam os móveis na casa. Para já não falar de roupa de cama, loiça e roupa.»

«Visto assim, a ajuda da vizinhança é mesmo só uma gota no oceano», disse Alois, tenso.

«Não a podemos menosprezar por isso», respondeu o pai. «Há centenas de anos que este costume de caridade ativa se pratica nas nossas montanhas, muitas famílias lhe deveram no passado a sobrevivência. Hoje em dia, porém, os dias de trabalho e de tração já não chegam de longe. Por isso não te resta outra senão morder a bala e pedir um crédito ao banco.»

«E nestes tempos tão incertos!», exclamou o de trinta e dois anos, angustiado.

«Sim, o país não está nada bem», concordou o de retiro. «As potências vencedoras, que agora nos atribuem a culpa exclusiva da guerra, deixam-nos sangrar. O nosso povo tem de pagar milhares de milhões em reparações, enquanto milhões de pessoas, sobretudo nas cidades, mal têm o indispensável para viver. Parte-se o coração só de pensar. E já que falamos nisso, digo-te também o que temo. Que este Estado a que chamam República de Weimar desabe e no seu lugar suba algo completamente diferente: algo terrível que aproveite o desespero da população esfomeada...»

«Queres dizer os castanhos?», perguntou Alois, franzindo o sobrolho.

«Esse Hitler e os seus bandos de arruaceiros», confirmou o velho. «Se chegarem ao poder, a Alemanha está perdida sem remédio!»

Ao ver a expressão angustiada nos olhos do filho, o camponês de retiro de sessenta e sete anos pousou-lhe a mão no braço e suavizou: «Mas talvez eu pinte tudo demasiado negro, e no fim a razão vença mesmo; sempre podemos esperar. De modo nenhum podemos agora, quanto à nossa própria existência, perder a coragem. Apesar dos tempos difíceis temos de fazer tudo para reconstruir a quinta. E por isso não te resta senão pedir um empréstimo.»

«Nos próximos dias vou a Siegsdorf informar-me no banco das condições», prometeu Alois.

«Assim está bem», encorajou-o o pai. «E afinal não és nenhum pedinte. Podes oferecer garantias aos senhores: o gado que está nos estábulos de Scharam, mais os campos, pastagens e demais propriedades que pertencem ao Bruckthaler.»

Tal como o velho camponês previra, Alois Irlmaier conseguiu o crédito sem grandes dificuldades; teve, porém, de aceitar uma taxa de juro sensivelmente alta e algumas cláusulas contratuais que mal entendia. Mas depressa o camponês isolado afastou esses pensamentos, pois no fim de março de 1927, quando a neve derreteu, pôde finalmente começar-se a reconstrução da quinta.

Já na segunda metade de maio o estábulo e a eira com os compartimentos para animais pequenos estavam prontos. Com a participação de toda a população de Scharam, as vacas e o cavalo foram trazidos de volta ao Bruckthaler; os camponeses da aldeia doaram feno suficiente para alimentar os animais até à primeira ceifa de verão. Além disso os pais de Maria trouxeram de Obergswind uma dúzia de galinhas e uma ninhada de leitões, de modo que voltava a haver um efetivo suficiente de animais de criação. Quando as galinhas começaram a pôr, a jovem camponesa ficou radiante; o marido, porém, na mesma altura, voltou a ser atormentado por preocupações.

«A Sexta-Feira Negra de Berlim dá-me que pensar», confidenciou desta vez ao irmão enquanto davam de comer às vacas.

«O crash da bolsa a 13 de maio», acenou Hans. «É, valha-me Deus, uma coisa feia! Diz-se que certos senhores perderam milhares de milhões e até houve uma série de suicídios entre especuladores. Muito pior, porém, são as falências de empresas que agora causam ainda mais prejuízo à economia alemã...»

«É exatamente isso», cortou-lhe Alois. «O mestre-de-obras de Siegsdorf, com quem hoje fiz os últimos acertos para os trabalhos seguintes, falou de vários milhares de empresas que já faliram ou que ainda vão falir. E logo agora, nesta situação terrível, endividei-me até ao pescoço e ainda tenho de responder pela construção da casa de habitação.»

«Compreendo muito bem os teus medos», respondeu o mais novo. «Mesmo assim não te podes deixar intimidar de forma nenhuma! Não creio que a crise económica atinja a agricultura; para os camponeses ainda valem leis próprias. E quanto à construção da casa, de qualquer modo não podes voltar atrás.»

«Claro que tem de ser», retorquiu Alois Irlmaier. «Mas à noite, quando penso em tudo, às vezes sinto que não vai acabar bem...»

Sem querer, Hans lembrou-se da tarde após o incêndio no outono anterior, quando o irmão descobrira de forma tão enigmática o buraco na vedação e descrevera os pormenores do incêndio criminoso ainda por esclarecer. Por um instante sentiu uma estranha angústia interior, mas depressa venceu o medo que brotara e tentou também consolar Alois: «É só a pressão que tens em cima; tens de cerrar os dentes e aguentar mais uns meses! Quando voltares a ter uma quinta a sério, também conseguirás pagar as dívidas; se quiseres, ajudo-te com toda a força e fico como criado na quinta até lá...»

«Não, em outubro vais para Munique e comesas finalmente os estudos», rejeitou o mais velho. Com firmeza acrescentou: «Nós os outros aqui em Scharam também nos safeamos sozinhos!»

«Assim é que eu gosto de te ouvir — e que apesar de tudo queiras que eu vá para a universidade, nunca to esquecerei!», disse Hans de olhos brilhantes. «Mas uma coisa te prometo: vou ganhar a minha formação eu próprio e não vos hei de pesar no bolso. Nas férias do semestre posso trabalhar como enfermeiro, assim dou-me por satisfeito. Por enquanto, porém, até a casa nova estar pronta, podes contar comigo.»

«Assim ficamos combinados», respondeu Alois com voz suave e estendeu a mão ao irmão mais novo. Este apertou-a, logo a seguir ambos voltaram com o coração mais leve ao trabalho do estábulo.

Ainda nessa mesma semana veio o mestre-de-obras de Siegsdorf com quatro ajudantes para levantar as paredes da casa principal no Bruckthaler. Até meados de julho o esqueleto estava pronto; depois os carpinteiros puseram o madeiramento do telhado, de modo que no início de agosto se

pôde fazer o levantamento da armação. Enquanto nas semanas seguintes os artesãos atacavam as partes mais urgentes do acabamento interior para deixar o edifício protegido do inverno a tempo, a família do camponês isolado recolheu a colheita de cereal de 1927. Foi farta; quando o último carro ficou guardado na nova eira, Alois Irlmaier e os seus sentiram que podiam voltar a olhar o futuro com mais esperança. Também quanto às obras de construção tudo correu conforme o plano. No fim de outubro — na mesma altura em que Hans se despediu para começar os estudos em Munique — o grande edifício da quinta estava tão adiantado que a casa de retiro pôde ser devolvida aos dois velhos.

Contudo, muita coisa na construção nova ainda era provisória. Como as paredes precisavam de secar durante o inverno, faltava o reboco exterior; também o andar de cima só ficaria habitável na primavera seguinte. Ainda assim, a cozinha e os outros três compartimentos do rés-do-chão, que já podiam ser usados, pareceram ao jovem casal, à criada e às crianças quase luxuosos depois de treze meses a viverem em condições quase desumanas.

Agora, porém, tudo isso e a noite de terror de 29 de setembro de 1926 eram apenas má recordação. Aliviada, Maria pôde dizer à família na noite do Dia de Todos os Santos, quando já voltava a haver geada nos campos: «No início do ano ainda estávamos completamente desesperados, mas agora conseguimos o mais difícil. E em breve as coisas vão melhorar, basta acreditarmos com força!»

Alois Irlmaier, com a filha pequena ao colo, acenou que sim; fê-lo embora de repente voltasse a roer-lhe atrás do esterno aquele mal-estar medroso que aprendera a temer no passado.

A Madona Negra

No início do verão de 1928 o Bruckthaler erguia-se mais bonito do que nunca no cimo do monte abaixo da igreja de peregrinação de Maria Eck. De longe brilhava o reboco fresco da casa de habitação; nos dois varandins sobrepostos floriam os gerânios, e também no interior da casa as obras restantes, entretanto, estavam concluídas.

Uma e outra vez o olhar do agora trinta e quatro anos Alois Irlmaier ia para a quinta, mas nos seus olhos não havia alegria apesar da imagem acolhedora que se lhe oferecia. Pelo contrário, cerrava os lábios como se algo o oprimisse; só com esforço conseguia depois voltar a concentrar-se no trabalho: reparar a vedação da pastagem na encosta onde se erguia o Feenstein. Só perto do crepúsculo terminou; respirou de alívio, arrumou as

ferramentas e pôs-se a caminho de casa. Para encurtar, atravessou a pastagem a direito e passou perto do menir. A tempo lembrou-se, fez um arco em volta da pedra e assim evitou a reação corporal extrema que aquele lugar sempre lhe provocava. Uns passos mais adiante ocorreu-lhe de repente: Desde o incêndio quase não voltei a andar com a vara bifurcada, porque tudo o resto caiu em cima de mim. Mas agora haveria tempo suficiente para radiestesia. Assim podia voltar a ganhar um dinheiro extra como antes; valha-me Deus, bem precisávamos!

O pensamento não mais o largou, e ainda nessa mesma noite, quando estavam a sós no quarto, partilhou com Maria as suas reflexões. Ela ouviu-o atentamente, depois respondeu: «O dinheiro fazia-nos mesmo falta, porque até agora conseguimos pagar os juros do empréstimo, mas quase nada está amortizado.»

«É exatamente essa a preocupação que me consome», confirmou Alois. «Temos de fazer tudo para nos livrarmos das dívidas o mais rápido possível. A colheita do ano passado ainda nos deu lucro, mas desde então caíram não só os preços do cereal como os do leite e da carne. A crise económica não tem fim, de mês para mês piora. Ontem mesmo o jornal dizia que na Alemanha já há quase dois milhões de desempregados. Outros milhares de milhões de pessoas não estão muito melhor, e quem desses coitados pode ainda comprar um assado ou manteiga para o pão? Mas se grande parte da população passa fome, isso tem necessariamente de afetar a agricultura — e essa evolução pode arrastar-nos também para o abismo se não tivermos muito cuidado.»

«Como foi possível chegar a este ponto?», perguntou a jovem camponesa, assustada. «É ainda a guerra perdida, ou o quê?»

«A guerra mundial, as reparações brutais, os gritadores radicais na política, a vigarice nas cidades, o comércio negro criminoso, tudo junto», respondeu o marido. «A isso soma-se o capitalismo gelado dos americanos, que desde o início deste ano retiram em massa os seus empréstimos à economia porque a Alemanha, ao contrário do que acontecia há pouco tempo, deixou de ser rentável para os EUA. E assim talvez deem ao nosso país o golpe de misericórdia...»

Ao sentir Maria estremecer, o camponês arrependeu-se das palavras demasiado claras e tentou consolá-la: «Talvez eu veja tudo demasiado negro. Afinal são sobretudo os pequenos nas cidades que sofrem; esses não têm terra própria que os alimente mesmo em tempos difíceis. Mas a nós pertence a quinta onde a família vive há muitas gerações; a isso nos

podemos agarrar. A terra sempre deu aos do Bruckthaler o que precisavam para viver; também nós e os nossos filhos podemos confiar nisso. Mas o peso da dívida tem de sair da quinta; quanto mais cedo, melhor!»

«E por isso o teu dom agora vale ouro», disse Maria, aliviada. «Já antes do casamento ganhaste tanto com ele que me pudeste oferecer a joia de prata.»

«Embora na altura só fizesse radiestesia quando os interessados vinham diretamente ter comigo», retorquiu Alois. «Agora, porém, vamos fazer de outra maneira. Nos próximos dias vou a Traunstein e ponho um anúncio no jornal a oferecer os meus serviços de radiestesista.»

«Assim havemos decerto de conseguir», concordou a morena e aninhou-se carinhosamente nele. Pouco depois o casal perdeu-se um no outro e encontrou na união íntima apoio adicional.

De facto, nos meses seguintes o cálculo de Alois Irlmaier e da mulher pareceu dar resultado. O anúncio que o camponês isolado publicara teve, apesar e em parte precisamente por causa dos tempos difíceis, grande eco. Todo o verão e até ao início do outono o radiestesista de Scharam andou pela região entre Traunstein, Ruhpolding e Freilassing à procura de veias de água. Como antes, indicava aos donos de poços que secavam os pontos onde podiam abrir uma nascente abundante; não raro era chamado também quando havia uma rotura de canalização oculta a descobrir.

Ocasionalmente, porém, também aventureiros da sorte recorriam aos seus serviços, que na penúria geral se dedicavam a buscas obscuras de tesouros, de preferência em ruínas de castelos, e achavam que a vara bifurcada servia para isso. Como Alois rejeitava categoricamente esses pedidos aventureiros e insistia em usar o dom de forma útil, semana após semana ganhava o seu dinheiro extra.

Cada marco assim obtido era aplicado na amortização da dívida. Ainda eram somas pequenas, quase gotas no oceano; mas os do Bruckthaler calculavam que, passado um ano completo, a situação já estaria visivelmente melhor. Além disso, porque os preços agrícolas subiram um pouco antes da colheita, em setembro houve novo pequeno lucro pequeno do trabalho campesino, reduzindo o total do empréstimo em alguns milhares de marcos.

Numa dessas noites de início de outono, pouco depois de o dinheiro da venda do cereal ter sido depositado no banco de Siegsdorf, o camponês isolado e a mulher voltaram a falar das possibilidades de, num futuro

próximo, se libertarem completamente das obrigações que os sufocavam. «Tenho mesmo a sensação de que em breve vamos ver a luz ao fundo do túnel», disse Maria por fim. «E acho que no próximo domingo devo subir à igreja de peregrinação e acender uma vela de agradecimento à Madonna.»

«Não pode fazer mal nenhum», respondeu o marido, pensando nas preocupações do início do verão.

Falaram ainda um bocado de outras coisas até que a natureza reclamou os seus direitos e ambos adormeceram quase ao mesmo tempo. Um silêncio profundo reinava no quarto — mas depois, lá para a meia-noite, Alois Irlmaier começou a respirar pesadamente e a gemer entre dentes. Tal como nas semanas antes do incêndio, sofreu um terrível pesadelo; no auge do terror noturno sentou-se na cama, banhado em suor, e olhou assustado para a escuridão, por detrás do véu impenetrável da qual as imagens horríveis, agora novamente intangíveis, se escondiam de novo.

Na manhã seguinte o camponês parecia fechado em si de forma quase assustadora; às perguntas preocupadas de Maria, que nada sabendo do pesadelo noturno, esquivou-se. Lá para o meio-dia tornou-se cada vez mais inquieto; a cada poucos minutos saía da eira, onde mexia distraidamente num arado avariado, e espreitava para o caminho que vinha de Scharam. Por fim, quando viu aparecer o carteiro, correu ao seu encontro pelo terreiro e perguntou de rosto pálido: «Hoje não trazes só o jornal para nós, pois não?!»

«Como sabes tu isso?!», escapou-se ao carteiro. Como Alois Irlmaier não respondesse, limitando-se a fitá-lo fixamente com as pupilas escuras, quase negras, o funcionário acrescentou gaguejando: «Sim... trago mesmo uma carta... registada...»

«Dá cá!», exigiu o camponês isolado. «Não precisas de te envergonhar! Não é culpa tua teres de a trazer ao Bruckthaler.»

O carteiro procurou na sacola, encontrou o sobrescrito e estendeu-lho. De sobrolho franzido, de modo que a ruga profunda por cima da raiz do nariz se cravou ainda mais, Alois pegou na carta registada e ouviu o outro murmurar: «Tens de assinar a receção...»

A mão do de trinta e quatro anos tremia quando confirmou a receção; logo a seguir o funcionário despediu-se apressado e desapareceu de ombros encolhidos. Alois Irlmaier ficou ainda um bocado como que paralisado no mesmo sítio até que por fim tirou o canivete do bolso das calças e abriu o sobrescrito. De sobranceiras cerradas leu a missiva e ficou ainda mais

pálido do que já estava; por fim exclamou: «Já o esperava! Já na noite passada o vi em sonhos!»

Na cozinha, Maria e a sogra ocupavam-se a preparar os Gewichsten para o almoço: rolinhos finos do tamanho de um dedo feitos de batata ralada e farinha, que depois seriam fritos em gordura quente e servidos com uma tigela de chucrute. As duas crianças biológicas da camponesa, agora com cinco e seis anos, brincavam no canto da sala; nesse momento o pequeno Loisl ergueu a cabeça e perguntou: «Quanto tempo falta ainda até o Johann chegar da escola?»

Maria ia responder, mas o camponês de retiro, que acabava de entrar na cozinha, adiantou-se. «O mais tardar daqui a um quarto de hora está cá o teu irmão mais velho», disse piscando o olho aos netos. As duas crianças saltaram do banco e correram para ele. Quando o avô as ia abraçar, a porta abriu-se de novo. Juntamente com o camponês pareceu entrar algo gelado no espaço até aí tão acolhedor — e de imediato fez-se um silêncio constrangido silêncio de expectativa.

De rosto petrificado, Alois Irlmaier atravessou a cozinha e sentou-se lentamente no seu lugar no canto do Senhor Deus. Sem que lho pedissem, os outros aproximaram-se; as duas crianças pequenas aninharam-se como que em busca de proteção na mãe. Foi também Maria quem por fim perguntou com voz assustada: «Meu Deus, o que aconteceu?!»

O camponês isolado abriu a boca, mas não saiu som. Só quando a mulher se sentou ao lado dele no banco e lhe pôs o braço à volta dos ombros como quem protege encontrou forças para comunicar aos seus o terrível. «Chegou uma carta registada...», começou aos tropeções. «De Siegsdorf... do banco...» Engoliu em seco e falou mais fluente: «É sobre o empréstimo. O diretor escreve que temos de pagar o dinheiro imediatamente... imediatamente...»

«Isso não é possível!», protestou o de retiro. «Temos o contrato em que o crédito está fixado para dez anos!»

«Na letra pequena parece que é diferente», respondeu o filho. Depois revelou a Maria e aos pais toda a terrível verdade: «Devido à crise económica, o banco de Siegsdorf também está em dificuldades. Parece estar à beira da falência e só se salva se cobrar imediatamente todos os créditos em aberto. Por isso o diretor cancela o nosso empréstimo e exige o pagamento total no prazo de catorze dias. Invoca as cláusulas especiais que o contrato prevê para esse caso...»

«Assinaste mesmo uma coisa dessas, rapaz?!», gemeu a camponesa de sessenta e quatro anos.

«Na altura ninguém me explicou o que significavam aqueles parágrafos em letra pequena», disse Alois, tenso. «E agora partem-nos a espinha! Porque não podemos arranjar o dinheiro! Nem em duas semanas nem em...»

«Não há mesmo nenhuma saída?!», cortou-lhe a mulher a palavra.

O camponês isolado abanou a cabeça em silêncio; na cozinha só se ouvia por uns momentos a respiração penosa da avó, que desabara no banco e apertava a mão contra o coração.

«E agora o que acontece?!», sussurrou por fim o de retiro.

«Leilão forçado do Bruckthaler!», exclamou Alois Irlmaier.

Um som fino e agudo fê-los virar-se. Viram a velha camponesa agarrar com as duas mãos o tecido do avental sobre o coração e ao mesmo tempo cair do banco. O corpo bateu com força no soalho; mal Maria, que estava mais perto, chegou junto dela, a respiração da idosa parou e os olhos muito abertos quebraram-se.

Atónitos, os adultos e as duas crianças pequenas olharam para o corpo contorcido. Por fim a jovem camponesa tentou erguer o cadáver da sogra e arrastá-lo para o banco do canto. Alois e o de retiro sacudiram a paralisia e correram a ajudar Maria. Quando erguiam o corpo da falecida Anna Irlmaier para o banco, a porta abriu-se; a rir e puxando a criada Theresia atrás de si, entrou o filho adotivo Johann de oito anos. No instante seguinte o escolar recuou assustado e agarrou-se à criada, que nesse mesmo momento deixou escapar a pergunta consternada: «Meu Deus, o que aconteceu?!»

«Um ataque cardíaco...», conseguiu ainda Alois dizer antes de desabar a chorar sobre a mãe.

Num dos últimos dias de setembro desse ano de 1928 Anna Irlmaier foi sepultada no cemitério de Eisenärzt. No círculo da família e dos parentes de Maria de Obergswind estava também Hans, que viera de Munique por uma semana, junto da sepultura aberta. Logo após o enterro ele e os outros regressaram à quinta isolada; ao repasto fúnebre, que segundo o costume antigo deveria ter sido oferecido na estalagem da aldeia paroquial a todos os presentes no funeral, os do Bruckthaler renunciaram por boas razões.

Pelo contrário, Alois Irlmaier, aconselhado pelo sogro, foi já na manhã seguinte, com todo o dinheiro vivo que ele e os pais de Maria tinham conseguido juntar, ao banco e pediu ali um adiamento das suas obrigações.

«Que estou disposto a pagar provo-o entregando a quantia que trouxe para amortização da dívida», explicou ao diretor. «E suplico-lhe que não nos expulse de casa e quinta!»

«Se dependesse de mim, antes me cortava a mão do que fazer uma coisa dessas!», garantiu o outro. «Mas não tenho escolha. São os credores do nosso instituto em Munique que me obrigam a proceder assim.»

«Se não houvesse letra pequena no contrato, não teria chegado a isto», murmurou o camponês isolado. «Nem sabia o que assinava na altura!»

«Essas cláusulas também não eram habituais nos nossos contratos de crédito», admitiu o bancário. «Tal como outras coisas, foram-nos impostas por aqueles a quem nós próprios tivemos de pedir empréstimos.»

«E se eu for à cidade?!», irrompeu do camponês. «Se me puser de joelhos diante dos senhores ricos lá...?!»

De repente havia uma compaixão quase irreprimível nos olhos do diretor de banco rural. «Deixa lá, Irlmaier!», disse, tenso. «Porque achas tu que esses... arrogantes têm o dinheiro e tu não...?!»

Alois compreendeu, e no mesmo instante em que a plena consciência lhe veio lembrou-se da guerra. Também na Galiza havia esses corações duros: oficiais superiores que sempre sobreviviam enquanto os soldados simples sangravam aos milhares nas trincheiras e nos aramados.

«Se é assim, podia ter poupado o caminho!», exclamou. «Então quando será o leilão forçado?»

«Até ao fim de outubro ainda têm tempo», informou-o o diretor em voz baixa.

Sem se despedir, Alois Irlmaier virou-se e saiu do gabinete. Como que atordoado, correu pelas ruelas de Siegsdorf; quando passou por fora da povoação por um tilia isolada, ao ver os ramos muito abertos ocorreu-lhe o pensamento de suicídio.

Nas quatro semanas seguintes o camponês isolado foi várias vezes assaltado por impulsos semelhantes. Só o saber que os seus precisavam dele agora mais do que nunca o impediu, no fim, de cometer um ato de

desespero. Não menos do que ele sofriam os outros; a ideia de serem expulsos da terra que pertencia à família há tantas gerações continuava insuportável mesmo depois do primeiro choque. Mas os parágrafos sem alma e as cláusulas traiçoeiras do contrato eram mais fortes do que o sentido natural de justiça das pessoas, e por isso, num dos últimos dias de outubro, apareceram no Bruckthaler o leiloeiro, o diretor do banco, vários gendarmes e um bando de interessados na compra, na maioria vestidos à maneira da cidade.

Depois de o grupo de pouco mais de uma dúzia de cabeças ter examinado e avaliado secretamente a quinta, realizou-se o leilão; após algum vai e vem, um dos cidadãos levou a melhor. Por dever de ofício, o leiloeiro perguntou-lhe se continuaria a exploração agrícola. O novo proprietário — um quarentão de rosto flácido rosto pastoso, de nome Brandsberger — semicerrando os olhos frios de peixe, abanou a cabeça e anunciou secamente: «A quinta vai ser desmantelada e assim destinada a uma utilização mais rentável do que até agora!»

«O criminoso quer vender a casa e os terrenos em separado para tirar ainda mais para si!», sussurrou o de retiro ao filho, furioso. «É um abutre! Um que deviam matar ali mesmo com a relha do arado!»

«Cala-te, pai!», pediu Maria, que também ouvira as palavras. «Se algum polícia te ouve...»

Calou-se porque o marido fizera um movimento brusco; agora, ao olhar para ele, viu que as pupilas escuras, quase negras, estavam anormalmente dilatadas. No instante seguinte ela e o velho ouviram o camponês, que acabava de perder tudo o que possuía, murmurar: «O tubarão do dinheiro vai pagar... No próximo ano receberá o castigo... Em Munique vai acontecer... Vejo-o estendido no próprio sangue...»

Mal pronunciara as últimas palavras terríveis, que Alois soltara como em transe, o leiloeiro aproximou-se do grupo e anunciou: «A quinta tem de ser entregue até 1 de dezembro deste ano de 1928, com todo o inventário vivo e morto, ao novo proprietário. Excetuam-se apenas os bens pessoais dos moradores, como joias, roupa, móveis, roupa de cama e semelhantes.»

Alois Irlmaier acenou em silêncio, os olhos agora novamente claros. Virou-se para a mulher, pegou-lhe no braço com infinita suavidade e levou-a dali: para a casa de habitação que já não lhes pertencia. O pai, a criada e as crianças seguiram o casal; quando se reuniram à volta da mesa na cozinha sentiram-se já como estranhos. Sentaram-se aturdidos; Maria e o

velho evitaram voltar ao que Alois murmurara lá fora. As frases ameaçadoras, porém, continuavam a ressoar neles; só passado um bocado o diretor do banco, que entrara pela porta, os trouxe a outros pensamentos, pois trazia pelo menos um pequeno consolo para a família tão duramente atingida.

«Pelo menos nem tudo está perdido», disse. «Porque, na sua ganância, os interessados fizeram subir o preço e o leilão rendeu claramente mais do que a dívida, e essa soma deveria bastar para um recomeço noutra parte. Mais exatamente: seria suficiente para comprar a casa de que falámos na semana passada.»

O camponês falido lembrou-se do dia em que o de Siegsdorf, visivelmente atormentado pela má consciência, aparecera e lhe fizera a proposta. «A Villa Kurr na aldeia de Hagn, lá para os lados de Freilassing...», murmurou. «É mesmo tão boa oportunidade?»

«Sem dúvida nenhuma!», foi a resposta. «Mas seria preciso agarrar rápido, antes que outro a leve!»

«Precisamos de um teto, e também não temos muito tempo», lembrou Maria. «Só mais um mês...»

Quando o pai soprou no mesmo sentido, Alois decidiu: «Está bem, vamos vê-la amanhã mesmo.»

Na manhã cedo de 26 de novembro de 1928, quatro dias antes do prazo de desocupação fixado pelo leiloeiro, Alois Irlmaier e a família deixaram o Bruckthaler. Com a ajuda de uma carroça puxada a cavalo que um dos camponeses de Scharam lhes emprestara, transportaram o resto dos seus haveres: sobretudo os móveis desmontados o mais possível e os edredons de penas, em cima dos quais iam sentados o Loisl de cinco anos, a irmã Maria um pouco mais velha e o Johann de oito. Os adultos e o são-bernardo iam a pé ao lado do carro de escada, hora após hora, porque a distância entre Scharam e o lugar onde doravante viveriam era de quase trinta quilómetros.

Ao meio-dia tinham percorrido cerca de dois terços e descansaram perto do mosteiro de Höglwörth, junto a Teisendorf. Uma e outra vez, enquanto comiam a refeição frugal, Alois olhava para a igreja de São Pedro e São Paulo no cimo do monte. O edifício sacro lembrava-lhe Maria Eck, e nessas alturas também julgava ver diante dos olhos interiores o Feenstein e, mais a sul no Hochfelln, o santuário solar escondido e o círculo lunar. A consciência de que esses lugares e, além deles, os túmulos da mãe e do

eremita Jakob já não estariam ao alcance de um passo doía-lhe quase mais do que a perda da quinta herdada.

Durante todo o tempo ficou calado na lanca do carro e comeu apenas umas dentadas. Só quando Maria instou para continuar viagem e ele viu como o pai e a já idosa criada Theresia se levantavam com dificuldade, sacudiu-se e ordenou: «Vocês os dois sentam-se agora no carro com as crianças! Senão ainda desabam antes de chegarmos.»

Gratos, os dois velhos concordaram; o tiro, porém, avançava ainda mais devagar nas horas seguintes, de modo que a família só chegou ao fim da tarde à aldeia de Hagn, perto de Freilassing.

Os poucos edifícios agrupavam-se na encosta de um monte moreno: algumas quintas de aspeto abastado, entre elas meia dúzia de choupanas de jornaleiros. Um pouco para lá da longa elevação via-se a povoação de Salzburghofen com a sua torre gótica. Os sinos começavam nesse momento a tocar as vésperas quando o carro com os dois cavalos cansados entrou a sacudir pela estrada lamacenta da pequena aldeia. Para lá do limite da povoação o caminho descia para a planície aluvial do Salzach e terminava alguns centenas de metros adiante junto a um bosque de amieiros. Atrás erguia-se a casa que Alois Irlmaier comprara com o último dinheiro: a Villa Kurr.

O nome, porém, era enganador. Embora o edifício tivesse conhecido melhores dias e servido de residência de reforma a um capitão de cavalaria real-bávaro de nome Kurr, nas décadas seguintes degradara-se de forma assustadora. Das paredes do edifício de três andares caía o reboco, as caixilharias das janelas estavam inchadas, vários vidros sujos partidos. Os ramos de uma árvore derrubada pela tempestade tinham-se cravado no telhado de telhas do barracão dos fundos; também o terreiro da frente, invadido pelas ervas, parecia desolador. Pelas poças profundas poças que ali se formaram, os cavalos puxaram o carro até mesmo diante da porta; Alois e Maria ajudaram o velho e Theresia a descer, e nesse momento a criada exprimiu o que todos sentiam: «Vamos ter um monte de trabalho até isto ficar pelo menos minimamente habitável!»

Nas semanas seguintes a família esforçou-se por se instalar o melhor possível apesar de tudo. Do amanhecer ao anoitecer os adultos trabalharam como escravos, e também as crianças ajudaram com todas as forças. A Villa Kurr foi esvaziada; dias a fio os novos moradores raspavam das paredes dos quartos o bolor que crescera abundantemente e pintaram por cima das manchas negras. Limpavam as chaminés entupidas e substituíram

tábuas podres do soalho; repararam as janelas, o telhado do barracão e muito mais. No fim do ano puderam finalmente dizer que os trabalhos mais pesados estavam feitos. A grande preocupação, porém, que atormentava Alois Irlmaier todo esse tempo, permanecia: como ganhar doravante o sustento para si e para os seus?

Numa noite gelada de janeiro, enquanto lá fora o vento leste uivava nos ramos dos amieiros, o camponês falido e a mulher falaram do problema no quarto de dormir, cujas janelas estavam cobertas de geada espessa.

«Se puseres um anúncio no jornal de Freilassing a oferecer os teus serviços de radiestesista, decerto voltas a ter trabalhos», aconselhou Maria.

«Vou fazê-lo sem falta», concordou Alois. «Só que agora no inverno às vezes é difícil fazer radiestesia, e também mais tarde dificilmente nos safeamos só com isso. Precisávamos de outra fonte de rendimento — talvez uns campos arrendados onde plantar beterrabas e batatas.»

«Para isso já não nos chega o dinheiro», objetou a morena, agora no seu trigésimo primeiro ano de vida. «Teríamos de pedir novo crédito se quiséssemos voltar a ter uma pequena exploração agrícola, e isso assustame!»

«A mim também não me agrada», confessou o marido. «Mas que outras possibilidades nos restam?»

«O jornal...», respondeu Maria, hesitante. «Tu, eu, a Theresia e talvez também o Johann podíamos de vez em quando ajudar nas quintas de Hagn ou Salzburghofen.»

«Depois de há pouco tempo ainda termos a nossa própria quinta?!», disse Alois, amargo. «Além disso já não podemos contar muito tempo com a criada. Disse-me ontem mesmo que não quer continuar a ser peso para nós. Na primavera quer ir para o Chiemgau, para casa do irmão, que lá tem uma choupana e é viúvo há alguns anos.»

Em silêncio, a de trinta e um anos aceitou a notícia; logo a seguir o marido ouviu-a soluçar. Aproximou-se, puxou-a para os braços e sussurrou: «Havia uma saída. Só que até agora não te quis falar nisso porque não conseguia de todo habituar-me à ideia...»

«Do que se trata?», perguntou Maria.

«Há dias, quando fui a Salzburghofen comprar os vidros novos, o presidente da câmara falou comigo», respondeu Alois com voz embargada.

«O asilo de lá está a abarrotar, e procuram outro alojamento de emergência para duas das famílias. Por isso o chefe da junta perguntou se por acaso estaríamos dispostos a acolher essas pessoas...»

«Sem-abrigo?! Nunca na vida!», exclamou a morena, indignada. No instante seguinte arrependeu-se e corrigiu-se: «Não, não foi isso que quis dizer! Só não estava preparada para uma coisa assim. E também não podemos olhar essas pessoas de cima. Por pouco não acabámos nós próprios no asilo de Siegsdorf...»

«Então estarias disposta a pensar no assunto?», quis saber o marido.

«Sim», respondeu Maria. «Porque temos de encontrar alguma saída para a nossa miséria!»

Quinze dias depois Alois Irlmaier e os seus desocuparam os andares de cima da casa, que apesar dos trabalhos de reparação ainda parecia muito degradada, e instalaram-se o melhor possível no rés-do-chão e nas divisões húmidas e com correntes de ar do rés-do-chão com as suas janelas ao nível do chão. Sobretudo lá em baixo — os quartos nus tinham necessariamente de servir de dormitórios — as condições de habitação eram quase piores do que outrora na casa de retiro do Bruckthaler. Nas duas primeiras noites as três crianças sofreram especialmente com o frio, mas também os adultos ansiaram como nunca pela terra natal de Scharam. Na terceira manhã Maria foi decidida a Freilassing e comprou um maço de cobertores suplementares, o que tornou o frio húmido pelo menos um pouco mais suportável.

Com um mobiliário extremamente pobre chegaram ao mesmo tempo os infelizes do asilo de Salzburghofen, que o presidente da câmara local instalara na Villa Kurr. Uma das duas famílias tão duramente maltratadas pela vida — uma mulher macilenta com o marido gravemente mutilado da guerra, sem uma perna, e dois filhos adolescentes assustadiços — ocupou os quartos do primeiro andar; nos compartimentos de cima instalou-se um casal idoso com a filha adulta deficiente. A junta pagava a modesta renda; além disso Alois Irlmaier já pusera no jornal local os seus serviços de radiestesista e recebera os primeiros trabalhos, de modo que pelo menos as preocupações existenciais mais graves estavam resolvidas.

Ao longo de fevereiro desse ano de 1929 a fama do homem invulgar com a vara bifurcada espalhou-se rapidamente pela zona fronteiriça entre a Alta Baviera e o Salzkammergut. Também da Áustria começaram a chegar pedidos ocasionais, e nos últimos dias do referido mês Alois atravessou

mais uma vez a ponte do Salzach atrás de Freilassing e caminhou ainda um bom bocado até chegar a uma aldeia chamada Kuchl.

A quinta onde o poço quase secara parecia ter várias centenas de anos. Os edifícios, com as grossas paredes de pedra bruta, repousavam pachorrentos numa encosta suave. Em redor estendiam-se os campos e pastagens; nesse dia de föhn, a água do degelo corria em fios finos.

Por uns momentos o de trinta e quatro anos ficou parado e contemplando pensativo a imagem acolhedora que lhe recordava a pátria perdida. Depois sacudiu-se, suspirou e percorreu o último troço até ao terreiro. Quando o cão da corrente ladrou, o camponês apareceu à porta do estábulo e veio ao encontro do visitante. Apontou para a vara que espreitava do bolso do sobretudo do sensitivo e perguntou: «Queres começar já a radiestesia ou aquecer-te um bocado na sala?»

Alois Irlmaier pensou no longo caminho de regresso que ainda tinha pela frente e respondeu: «O melhor era não perdermos tempo.»

«Então vem!», convidou-o o agricultor e levou-o para trás da casa de habitação, onde sob um telheiro de madeira se via o parapeito de pedra do poço.

Alois pegou na vara com as duas mãos, esticou os braços e deu lentamente a volta ao redor da cisterna. Num ponto a vara reagiu; o movimento, porém, foi muito fraco, e não se alterou quando o radiestesista seguiu agora a veia de água que até aí alimentara o poço.

Por fim explicou ao dono, que o seguira: «Até agora o veio subterrâneo seguia uma camada de argila a cerca de seis metros abaixo dos nossos pés. Agora, porém, porque numa placa de rocha por baixo se abriu uma fenda, a veia de água corre muito mais fundo, de modo que passa ao lado do cesto do poço e na cisterna só se junta ainda o líquido de uma veia secundária fraca.»

«E como se resolve o problema?», perguntou o proprietário.

Alois Irlmaier voltou ao pequeno abrigo do poço, radiestesiou de novo e propôs por fim: «O mais simples seria aprofundar o poço cerca de quatro metros. Assim voltarias a encontrar a veia principal, e seria muito menos trabalho do que abrir uma cisterna nova noutro lugar. Claro que deves ter muito cuidado, a partir do fundo do cesto do poço, em não cavar a direito, mas em ângulo de setenta graus, inclinado, e na direção sul até à nova camada de água.»

«Parece complicado», murmurou o camponês austríaco. «Não sei se eu e o criado conseguimos.»

«Se quiseres, eu escavo», ofereceu o radiestesista. «Com o solo gelado, levaria três ou quatro dias.»

O agricultor aceitou imediatamente; depois de combinarem o salário à hora, Alois indicou: «Hoje ainda esvazias o poço e tapas lá em baixo a entrada de água. Eu aviso em casa em Hagn, amanhã volto.»

«E enquanto trabalhares para mim, ficas na quinta», respondeu o camponês. «Seria disparate andares todos os dias esse caminho todo. Portanto tens comida e cama por minha conta. Para começar, convido-te já para o almoço; no máximo uma hora e a camponesa tem tudo pronto.»

O de trinta e quatro anos agradeceu com um aperto de mão; depois o austríaco indicou-lhe: «Tenho ainda qualquer coisa para fazer no estábulo, podes esperar por mim na sala e descansar. É a segunda porta à direita quando entrares no corredor. Entra simplesmente e não atrapalhes a minha mulher na cozinha; ela não gosta que lhe andem no caminho quando está a cozinhar.»

Alois acenou, guardou a vara no bolso do sobretudo e contornou a casa. Entrou no corredor, ouviu à esquerda a camponesa a mexer-se e encontrou a porta da sala entalhada em pinho-cembro que o dono lhe indicara. Com cuidado, para não fazer barulho, baixou a maçaneta de ferro forjado e pôs o pé sobre o limiar. O quarto estava na penumbra, porque as cortinas estavam corridas. Com cautela o radiestesista abriu caminho até uma das janelas e puxou o pano para o lado. Nesse mesmo instante um forte raio de luz entrou na sala campesina, arrancou do crepúsculo os móveis pesados e sólidos e bateu na parede oposta num quadro de moldura barroca larga.

A visão inesperada fez Alois ficar como que petrificado. De olhos semicerrados fitou o retrato que mostrava uma Madonna muito escurecida pelo tempo no meio de doze figuras masculinas. Algumas das figuras seguravam os atributos típicos de santos católicos; isso ainda o sensitivo registou — depois, no batimento cardíaco seguinte, do centro do quadro disparou sobre ele algo como uma espiral vertiginosa. Uma luz de outro mundo, quase insuportável, cegou-o; logo a seguir, porém, o clarão tornou-se uma torrente dourada que o acolheu e envolveu em calor materno. A luz agora suave começou a pulsar, os raios entrelaçaram-se e concentraram-se: condensaram-se numa aparição sobrenatural. A mulher sem idade que

avançava sobre um caminho de raios lunares parecia-se com a Madonna do quadro; pelo menos assim pareceu no primeiro instante. No instante seguinte, porém, do único corpo feminino nasceram três; branco era o vestido da Virgem, vermelho o da Mãe, preto o da Anciã. Mais um batimento cardíaco e esta Trindade fundiu-se de novo no corpo da Única; agora, porém, nada mais nela lembrava a Mãe de Deus cristã. Pelo contrário, o discípulo do eremita pagão, ali de pé como que enfeitado, reconheceu a divindade eterna que dá a vida na sua emanção total: a Grande Deusa.

A sua força infinita atravessou-o, e ele entregou-se-lhe — tal como outrora no círculo lunar — sem reservas. Mais forte ainda do que então algo nele se completou; tornou-se completamente parte do seu ser, e ao mesmo tempo a potência que nele atuava transformou-se novamente. A Única uniu-se às doze figuras masculinas, que agora também se materializaram a nível metafísico, na Treze; juntas formavam a plenitude de Arianrhod.

O sensitivo julgou ouvir um trovão cósmico que ao mesmo tempo era música indizivelmente harmoniosa. Depois, por cima das manifestações da energia divina que agora dançavam numa trajetória em espiral, surgiu de novo a roda radiosa que ele, adolescente, já vira duas vezes no círculo lunar: a roda prateada de Arianrhod, que tirava vida de um oceano eterno, elevava povos estranhos no tear do tempo e os deixava de novo deslizar para o mar infinitamente profundo. E no mesmo piscar de olhos a axis giratória enviou-lhe imagens detalhadas do abismo de milénios passados e séculos futuros.

Cambaleou sob o assalto rugidor dos elementos que formavam, sustentavam e de novo destruíam o tempo, para — sem que passasse a fração de um segundo — o fazer nascer de novo. Com todo o seu ser esforçava-se por captar as imagens que lhe atravessavam o cérebro e dar-lhes contornos, mas não conseguia. O Eterno parecia ter outras intenções com ele; parecia querer mostrar-lhe apenas a existência transbordante do Oculto: do que está velado por detrás do véu, que era ao mesmo tempo presente, passado e futuro.

Por fim, quando julgou compreender isso, o trovão cósmico perdeu-se e a música de outro mundo calou-se. A roda de Arianrhod dissolveu-se, as figuras dos doze dançarinos desvaneceram-se; só a aparição da Grande Deusa permaneceu visível ainda um bocadinho antes de também ela desaparecer numa espécie de névoa tremeluzente.

A tremer e como que atordoado, Alois Irlmaier voltou a si. Perturbado, olhou para o quadro barroco que continuava banhado pela luz do raio de sol que entrava pela janela. Só passados minutos percebeu que ali nada mais havia senão a Madona negra no meio dos doze santos.

Devagar aproximou-se do retrato, tocou com cuidado na moldura — e sobressaltou-se ao ouvir atrás de si as palavras: «Uma velha herança da minha família. Ninguém sabe donde veio originalmente. E tu passaste o tempo a olhar para ele; fizeste bem!»

Quando Alois se virou, o dono da quinta, que entrara sem ser notado, acrescentou: «E desculpa também que o trabalho no estábulo tenha demorado tanto; aconteceu-me qualquer coisa. Mas agora há finalmente almoço, depois de infelizmente teres esperado uma hora inteira por mim...»

As figuras de véu

Durante semanas Alois Irlmaier quebrou a cabeça com a aparição que tivera na sala da quinta austríaca. Sentia que algo de fundamental mudara dentro de si; não conseguia, porém, exprimir por palavras a natureza dessa mudança. Por isso não falou a ninguém da visão, tentou primeiro esclarecer-se consigo próprio. Por fim sentiu necessidade de se abrir com a mulher; o que realmente lhe acontecera, porém, também a ela não conseguiu explicar.

Maria ouviu-o, fez algumas perguntas, mas não pareceu atribuir grande importância ao que ouvira e acabou por dizer: «Em outras ocasiões tiveste experiências e visões ainda mais estranhas. Pensa só no teu salvamento milagroso na guerra ou na viagem a Munique no dia antes do incêndio, graças à qual provavelmente nos salvaste a todos de uma morte horrível. Mais tarde encontrei o buraco na vedação e descreveste o criminoso que não podias ter visto. Também no leilão da nossa quinta tiveste uma visão. Disseste que o Brandsberger, o tubarão do dinheiro, ia pagar a sua ganância, que receberia o castigo no ano seguinte. Talvez aconteça mesmo, talvez não, mas uma coisa sei com certeza: tu e também nós os outros temos de viver com o que por vezes te assalta tão inesperadamente. Provavelmente tem a ver com o teu dom especial que te permite a radiestesia; é assim que eu o explico.»

«Há decerto alguma ligação», murmurou o de trinta e quatro anos. Depois não voltou a tocar no assunto; também porque, a partir da

primavera desse ano de 1929, os acontecimentos — profanos e dramáticos — se precipitaram de repente.

Primeiro, o aprofundamento do cesto do poço na quinta da aldeia de Kuchl, lá no lado de Salzburgo, teve consequências inesperadas. Alois Irlmaier, que até aí só radiestesiara e, no máximo em casos excepcionais, cavara ele próprio atrás das veias de água, seguindo uma inspiração súbita, ofereceu num novo anúncio também os seus serviços como construtor de poços — e, como não havia mais ninguém na região que fizesse isso, teve um eco muito positivo. Quase diariamente estava agora na estrada e, com a descoberta dos veios subterrâneos e o escavar das cisternas, ganhava em breve tanto que a família poderia ter dispensado a renda dos dois andares de cima. Entretanto, porém, habituaram-se aos inquilinos; além disso, desde a partida da criada Theresia, que a meio de abril fora para casa do irmão viúvo no Chiemgau, os pais da jovem deficiente cuidavam muito desinteressadamente do avô, agora frequentemente doente. Assim os antigos do antigo asilo continuaram a viver na Villa Kurr e agradeceram aos proprietários à sua maneira com mais de um pequeno favor além dos cuidados ao velho.

Numa tarde de início de maio, quando o avô de setenta anos estava sentado ao sol poente no banco da casa com a neta Maria, o radiestesista não regressou a pé do trabalho como de costume, mas pedalava com força numa bicicleta envernizada de preto. A rir, travou; à pergunta admirada do pai respondeu: «Consegui esta bicicleta de corrida barata em Ainring lá do lado. É uma Wanderer, não há melhor. Vou poupar uma data de tempo e assim posso aceitar ainda mais trabalhos.»

«Além disso não precisas de passar tantas noites fora», ouviu-se da porta da casa a voz da mulher. «Mesmo que tenhas de trabalhar a umas horas a pé de Hagn, consegues fazer a ida e volta no mesmo dia.»

«É a segunda razão por que agarrei a oportunidade», acenou Alois. Depois tirou uma garrafa de vinho da sacola de lona presa ao porta-bagagens da bicicleta e acrescentou: «As coisas estão a melhorar para nós, por isso hoje vamos dar-nos-emos ao luxo de um bom copo.»

Na modesta cozinha do rés-do-chão festejaram então a compra da bicicleta; mais tarde, porém, também Maria teve uma surpresa para o marido. «Hoje estive na parteira em Salzburghofen lá do lado», revelou-lhe. «E a Wehmutter disse-me que posso contar com certeza tornar-me mãe outra vez no outono.»

Por uns segundos o marido ficou mudo. Sem querer, julgou ver de novo a imagem angustiante dos três filhos a subirem para a carroça que os levava do Bruckthaler há meio ano. Mas depois lembrou-se do êxito que a sua atividade profissional agora conhecia, e assim conseguiu alegrar-se com a notícia inesperada. Carinhosamente puxou Maria para os braços e sussurrou-lhe: «Agradeço-te! Agradeço-te do fundo do coração! É bom que a vida continue; vamos receber o pequeno como um presente, apesar de tudo.»

Antes, porém, de a nova vida entrar na Villa Kurr, a morte, embora não totalmente inesperada, reclamou o seu tributo.

Num dia de pleno verão, quando um calor paralisante pairava sobre o sopé dos Alpes e o termómetro ao lado da porta da frente da Villa Kurr marcava trinta e três graus à sombra, o velho Irlmaier desabou atrás da casa, junto ao barracão. Mais de meia hora esteve inconsciente ao sol forte, perto do sítio onde em junho fora enterrado o são-bernardo Astor já falecido, antes que Maria sentisse a falta dele e o procurasse. Quando o encontrou, ele ofegava assustadoramente na sua inconsciência e também na cozinha, para onde a nora o levava com ajuda de outros moradores, não voltou a si. O médico rural chamado a correr examinou o de setenta anos e depois disse em voz baixa: «Foi um enfarte grave. Temo que o velho não se safe.»

Quase uma semana depois morreu o antigo proprietário do Bruckthaler. Alois, que pouco antes celebrara o trigésimo quinto aniversário, estava ao lado da mulher, agora já no sexto mês de gravidez, do irmão Hans que chegara de Munique em cima da hora e das três crianças junto da sepultura aberta no cemitério de Salzburghofen. Quando o caixão desceu à terra, as lágrimas correram pelo rosto anguloso do radiestesista e construtor de poços; depois, no modesto repasto fúnebre, confiou a Maria: «Agora o pai está aqui, a mãe, porém, em Scharam. E isso dói-me ainda mais, que nem uma sepultura comum puderam ter.»

A morena não soube o que responder. Limitou-se a pegar compassivamente na mão do marido e tentou assim dar-lhe algum apoio. Logo a seguir a mulher dos defuntos chegou à mesa e, segundo o costume antigo, distribuiu as imagens mortuárias, onde ao lado de uma oração estava impressa uma fotografia do falecido. Alois soluçou de novo, guardou rapidamente o retrato no bolso do casaco e permaneceu as horas seguintes de forma opressivamente fechado em si.

Ao fim da tarde regressou com os seus à aldeia de Hagn; na cozinha da Villa Kurr aconteceu então algo espectral.

Primeiro o radiestesista ficou novamente sentado, profundamente mergulhado nos seus pensamentos. De repente, porém, sobressaltou-se e meteu rapidamente a mão no bolso da juponeta preta. Tirou a imagem mortuária, pousou-a à sua frente na mesa e fixou a fotografia do defunto de sobrancelhas cerradas. Em silêncio os outros observaram o seu estranho comportamento; repararam como a respiração dele se tornava cada vez mais entrecortada e rápida. Passado cerca de um minuto pareceu mudar-se algo nas pupilas escuras, quase negras; ao mesmo tempo Alois Irlmaier exclamou aos tropeções: «O pai nem está na sepultura... Está agora no outro mundo... Lá onde todos estão como que envoltos num véu... Olha, agora reconhece-me... Sorri-me e acena-me... Do nevoeiro luminoso saúda-me...»

Com dedos calejados o construtor de poços tocou carinhosamente o retrato; logo a seguir o corpo relaxou como que em súbito esgotamento. Desabou sobre a mesa; a cabeça apoiada no antebraço dobrado, a outra mão pendia inerte para baixo.

Hans, o estudante de medicina que estava sentado ao lado do irmão mais velho, apalpou instintivamente o pulso dele. «Mal cinquenta batimentos», disse passado um bocado. «Estás completamente esgotado, Alois. A morte e o dia duro de hoje foram demais para ti. Por isso tiveste há pouco também a alucinação...»

«Não!» De repente Alois Irlmaier endireitou-se de novo. «Não foi imaginação! Vi o nosso pai! Como figura de véu, assim como... ele agora vive!»

«Por favor, não digas essas coisas diante das crianças! E eu também não quero ouvir nada disso!» Maria fulminou o marido com o olhar, indignada, depois saiu com o Johann que protestava e os dois pequenos.

Alois olhou perturbado para a porta e garantiu: «Não quis magoá-la! Mas também não podia calar o que vi.» Com expressão suplicante virou-se de novo para o irmão: «Não foi alucinação nenhuma, Hans, juro-to por Deus!»

Inseguro, o estudante observou-o; por fim murmurou: «Que tens capacidades sensitivas, isso já sei... Além disso, desde que estou na universidade, já me ocupei um pouco destes fenómenos...» Tomou impulso. «Estarias de acordo se fizéssemos uma experiência?»

Quando o mais velho o olhou confuso, Hans acrescentou: «Se te entendi bem há pouco, viste o nosso pai morto na imagem mortuária noutra forma que não a que tinha em vida. Quase na sua forma de aparição do além...»

Alois refletiu de sobrolho franzido. Mais uma vez formou-se-lhe a ruga profunda por cima da raiz do nariz; por fim acenou que sim.

«Ótimo», continuou o estudante de medicina. «Então vou mostrar-te agora outra fotografia e tu dizes-me simplesmente o que vês nela.»

Tirou a carteira e pegou numa fotografia ligeiramente amarelada que mostrava uma família diante do Monóptero no Jardim Inglês em Munique. «Uma colega de curso com quem me dei bem deu-me esta fotografia tirada há cinco anos», explicou. «Vês a Marga completamente à esquerda, ainda estudante; aqui estão os pais dela, ao lado outros parentes. E agora queria saber o que sentes ao olhar para estas pessoas?»

Alois Irlmaier hesitou um instante, depois pegou na fotografia e fixou-a da mesma maneira que antes a imagem mortuária. De novo o ritmo da respiração acelerou até que de repente pareceu mudar-se algo nas pupilas. Nesse mesmo instante apontou para um jovem homem atrás da estudante e começou a falar aos tropeções: «Esse aí é diferente... O corpo dele é como que transparente... É exatamente o mesmo véu que o do nosso pai...»

«Tens a certeza?», insistiu Hans.

«Vi-o muito claramente!», garantiu o irmão enquanto devolvia a fotografia com um gesto nervoso.

«Se é assim, convenceste-me», disse o estudante com voz embargada. «Porque o primo da Marga que viste como figura de véu morreu no outono de 1926 num acidente na montanha, o que não podias saber. Todas as outras pessoas da fotografia estão vivas.»

Alois, que parecia quase tão esgotado como da primeira vez, passou a mão pelos olhos e murmurou: «Foi exatamente isso que vi... Só que, o que aconteceu comigo?! Há pouco e agora outra vez...»

«Parece ser uma forma especial de clarividência», respondeu Hans. «Da parapsicologia — é assim que se chama a ciência que se ocupa destas coisas — conhecem-se estas raras capacidades mediúnicas.»

«Mas antes nunca tive nenhuma experiência deste género...», começou o mais velho — e calou-se. Porque nesse mesmo segundo

lembrou-se do círculo lunar no sopé norte do Hochfelln: das visões lá, em que vira os dançarinos pré-históricos. E mais um piscar de olhos depois lembrou-se da aparição lá no lado de Salzburgo: aquele êxtase aparentemente fugaz que na verdade durara uma hora inteira e o mudara de forma tão estranha, até aí porém não realmente palpável.

«Se entendi bem os livros que li, essas capacidades paranormais às vezes manifestam-se de um dia para o outro», ouviu ao mesmo tempo o irmão responder. «Talvez se tenha preparado na tua psique todos estes anos. Hoje, porque estás num estado de grande tensão anímica, rompeu. Talvez parecido com o outono passado, quando no leilão do Bruckthaler soltaste aquelas frases sombrias. O pai escreveu-me na altura o que aconteceu...»

«Que vi o tubarão do dinheiro, o Brandsberger, morto em Munique no próprio sangue!», rosnou Alois. «Tão nítida era a imagem e tão perto, como se estivesse mesmo ao lado dele.» Refletiu. «Mas desde aí passou quase um ano e nunca mais soubemos dele...»

Visivelmente Hans queria comentar, mas não chegou a isso porque Maria voltou à cozinha. Pelo visto ouvira as últimas frases do marido, porque de novo se indignou: «Ainda estão a enlouquecer com fantasias espectrais?! Não basta o dia já ter sido suficientemente pesado para todos nós sem isso?!»

«O que o Alois viveu há pouco não teve nada a ver com fantasia!», respondeu o estudante de medicina. Quando a grávida o olhou espantada, explicou-lhe o resultado da experiência que acabara de fazer com o irmão e concluiu: «É uma prova clara de que certas capacidades misteriosas do teu marido, que sempre se manifestaram, se desenvolveram de forma espantosamente ampla. A questão é se o fenómeno apareceu só porque a sua psique hoje estava sob tensão extraordinária ou se no futuro também será capaz de reconhecer defuntos só por uma fotografia.»

Visivelmente abalada, Maria refletiu sobre estas palavras. Hans aproveitou a oportunidade para se virar de novo para o mais velho: «Infelizmente amanhã já tenho de voltar a Munique e não posso continuar a observar-te. Peço-te, porém, que me escrevas umas linhas se volta e meia se tiveres mais visões como a de hoje.»

Alois prometeu. Pouco depois, porque o cansaço se tornava irresistível, recolheu-se ao quarto. Quando Maria veio ter com ele passado um bocado, já ele dormia profundamente. Longo tempo ela contemplou o

rosto dele: a testa alta; as rugas à volta da raiz do nariz, que mesmo agora, relaxado, se viam claramente; a boca de lábios finos e sensíveis. E embora as pálpebras estivessem fechadas, julgou ver também os olhos dele; as pupilas escuras, quase negras, cuja irradiação enigmática a fascinara já no primeiro encontro no cemitério de Ruhpolding.

Por fim, quando se meteu na cama ao lado dele, estava de novo em paz consigo mesma. Ele simplesmente não é como os outros, pensou, mas isso sempre soube, e talvez o ame exatamente por isso.

Enquanto pensava nisso, desapareceu o último resto daquele sentimento desagradável que sentira à noite quando ele fixara a imagem mortuária e tivera a visão. Aninhou-se nele e abrigou-se na sua proximidade; que em poucas semanas acontecesse algo incomparavelmente mais sinistro do que a estranha visão no dia do enterro do sogro, ela não suspeitava.

Aconteceu no último domingo de outubro desse ano de 1929. As copas dos amieiros que delimitavam o terreno da Villa Kurr vergastavam-se numa tempestade de chuva; lá dentro na sala, nessa tarde incômoda, Alois Irlmaier remexia num maço de papéis que trouxera de Scharam. Nem saberia dizer o que o levava a pegar na pasta. Mas quando de repente teve nas mãos o documento que lhe entregaram após o leilão forçado do Bruckthaler, pareceu-lhe de repente que esse fora o sentido oculto do seu gesto.

Como se vivesse tudo de novo, viu diante de si a cena que se desenrolara há quase um ano na quinta abaixo da igreja de peregrinação de Maria Eck. Ele próprio estava com os seus um pouco afastado do grupo dos homens vestidos à maneira da cidade que rodeavam o leiloeiro; agora o quarentão de rosto flácido e pastoso levou a melhor. Semicerrou os olhos frios de peixe e anunciou secamente: «A quinta vai ser desmantelada...»

Como um eco que se amplificava até ao infinito ressoou a frase terrível pelo terreiro; ao mesmo tempo Alois ouviu o sussurro furioso do pai: «É um abutre! Um que deviam matar ali mesmo com a relha do arado!» E mais um batimento cardíaco, enquanto o tubarão do dinheiro de nome Brandsberger parecia repetir incessantemente a frase abominável, o radiestesista ouviu-se a si próprio murmurar: «No próximo ano receberá o castigo...»

Mal a última palavra saíra, a imagem desvaneceu-se e do seu desaparecimento formou-se uma cena completamente diferente. Sob um

céu carregado de mau agouro, por onde corriam pesadas nuvens de chuva, tornou-se visível a silhueta de uma cidade muito grande. Algo sugou o sensitivo para dentro de um desfiladeiro de casas; por um instante julgou ver um edifício que conhecia: o Arco do Triunfo de Munique. Em algum lugar atrás explodiu sem ruído a parede de uma casa de aspeto senhoril; a tempestade invadiu um grande espaço luxuosamente mobilado. As cortinas pesadas ao lado das janelas chicoteavam, os vidros de uma estante partiram-se, papéis voaram de uma larga secretária de mogno — depois soou um tiro. Sangue e massa cerebral espirraram contra a parede; de uma poltrona tombou um corpo pesado corpo, bateu surdamente no tapete e ficou deitado de olhos muito abertos e vazios.

Com uma respiração ofegante Alois Irlmaier voltou à realidade; mesmo assim parecia-lhe ainda ver diante de si o rosto daquele que o privara de casa e quinta: o homem de nome Brandsberger.

Como o radiestesista vivera desta vez a visão horrível sem testemunhas, não falou a ninguém dela. As imagens, porém, que o tinham assaltado perseguiram-no ainda dias. A meio da semana, quando o de trinta e cinco anos estava em Achthal, a três horas de caminho de Eisenärzt, na sua qualidade de construtor de poços, a visão alcançou-o de forma espetacular.

Mal chegou à quinta, o camponês, que sabia do leilão forçado do Bruckthaler e conhecia os pormenores, obrigou-o a entrar na cozinha. Ali meteu-lhe nas mãos um jornal do dia anterior, apontou para um artigo em destaque e exigiu: «Lê isto!»

Atónito, Alois olhou para a manchete; segundos depois compreendeu e leu com voz tensa:

«Atroz crime de sangue em vila de luxo em Munique! — Vizinhos alarmados fizeram na tarde do passado domingo, numa elegante moradia na Kaulbachstraße, mesmo atrás do Arco do Triunfo, uma descoberta horrível. Alertados por um tiro, entraram com a ajuda do porteiro no apartamento e encontraram o cadáver do especulador conhecido na cidade, de nome Brandsberger, de 45 anos. O homem de negócios de reputação duvidosa suicidara-se com um revólver, como a polícia criminal pouco depois apurou. Mais investigações da Kripo revelaram que o motivo do suicídio foram dificuldades económicas do referido Brandsberger. Nos últimos anos este homem acumulara lucros consideráveis comprando em leilão quintas endividadas nos arredores de Munique e, após as desmantelar, revendendo-as com altos lucros. Assim Brandsberger conseguira juntar uma fortuna

considerável, mas não desfrutou do seu saque. Pelo crash da bolsa de Nova Iorque a 25 de outubro de 1929 — já chamado Sexta-Feira Negra — e pelos seus efeitos devastadores em vinte e quatro horas também na economia alemã, o especulador perdeu aparentemente todo o seu dinheiro, de modo que no domingo seguinte não viu outra saída senão o suicídio. Face a uma descoberta comprometedora que a polícia criminal fez numa gaveta secreta da secretária de Brandsberger, a consternação pela morte do especulador sem escrúpulos é muito limitada.

Num caderno a Kripo encontrou certas anotações que indicam que Brandsberger pelo menos em parte arruinara deliberadamente os camponeses cujas quintas depois comprava em leilão. Certos indícios permitem concluir que para esse fim criminosos pagos pelo especulador, entre outras coisas, cometeram incêndios criminosos. Infelizmente não é possível continuar a investigação neste caso, pois o presumível criminoso económico usou nomes falsos para os que fizeram o trabalho sujo e, além disso, uma indemnização após o suicídio do falido já não é possível.»

Depois de Alois Irlmaier devolver o jornal com a mão a tremer, fez-se na cozinha um silêncio pesado. O camponês de Achthal deu tempo ao hóspede para digerir o inaudito; só passado um bocado começou a falar. Mas de repente o sensitivo adiantou-se e ofegou: «Agora percebo tudo! Já no nome Brandsberger estava escondido o seu crime: Brandsberger quer dizer incendiário! Mas ele próprio era demasiado cobarde para, naquela noite de setembro do ano passado, se esgueirar pelo buraco na vedação até ao Bruckthaler.

Por isso mandou uma das suas criaturas: o tipo de cara enegrecida que meteu a vela acesa no fardo de palha no estábulo das vacas. Nessa altura, quando as imagens me assaltaram, não consegui reconhecer-lhe a cara. Mas agora sei pelo menos quem instigou o canalha: o outro, o criminoso incomparavelmente pior, que no fim se matou a si próprio. E já há um ano, no dia em que me leiloaram a quinta à força, vi que acabaria assim e que o tubarão do dinheiro ficaria estendido no próprio sangue em Munique!»

Agarrou o braço do camponês de Achthal. «Não são palavras vazias! O meu pai e a minha mulher foram testemunhas. O pai já não pode falar, a perda da quinta levou-o à sepultura, tal como à mãe. Mas a Maria pode confirmar-to, basta perguntares-lhe!»

«Acredito em ti mesmo assim, Irlmaier!», garantiu o outro com voz embargada. «Sempre tiveste fama de não seres uma pessoa comum, e agora provaste-o mais uma vez. De uma maneira, porém, que faz correr arrepios

pela espinha. Porque ninguém consegue explicar como te foi possível profetizar a morte horrível do teu inimigo doze meses antes.»

«Se as pessoas compreendessem que as suas próprias ações voltam sempre contra elas, haveria muito menos coisas terríveis no mundo», respondeu o radiestesista, sombrio, e acrescentou: «Mas o Brandsberger não quis compreender, por isso já estava condenado há muito!»

Depois, antes que o camponês pudesse replicar, Alois Irlmaier virou-se bruscamente e saiu para começar o trabalho por que viera à quinta de Achthal.

Apesar da crise económica mundial que começara a 25 de outubro de 1929 com a Sexta-Feira Negra na bolsa de Nova Iorque e se espalhara em poucos dias por toda a Europa, o radiestesista e construtor de poços da aldeia de Hagn perto de Freilassing ganhou nos anos seguintes o suficiente para garantir o sustento da família — incluindo o da pequena Elisabeth, que dera o primeiro grito no início de novembro de 1929. Mais ainda: as capacidades extraordinárias do homem magro e muitas vezes um pouco fechado com a vara bifurcada espalharam-se ainda mais do que antes, de modo que Alois Irlmaier por vezes mal conseguia dar vazão aos pedidos. Quase sem interrupção andava de bicicleta, localizava os veios de água, escavava as cisternas e em breve também trabalhava como instalador quando era preciso levar água canalizada diretamente para a cozinha ou o estábulo numa das velhas quintas da região pré-alpina bávaro-austriaca.

Além disso — porque o camponês de Achthal não se calara e antes já os moradores da Villa Kurr tinham sabido algo dos acontecimentos no dia do enterro do velho Irlmaier — na população da região entre Traunstein, Ruhpolding e o Salzkammergut ocidental era já segredo público que o radiestesista possuía certas forças muito para além da simples deteção de veias de água. Nos primeiros anos trinta, com as condições políticas e sociais cada vez mais anárquicas, era-lhe pedido repetidamente que usasse o dom de vidência. Quando não era pura curiosidade, Alois fazia o favor aos semelhantes; se lhe ofereciam dinheiro, porém, recusava aceitar um tostão.

Em mais de uma cozinha ou choupana de camponês, onde queriam saber do destino de parentes emigrados ou desaparecidos na anonimidade de alguma grande cidade, o sensitivo concentrava-se nas fotografias que lhe mostravam e dava informações sobre o destino das pessoas em causa. Na maior parte dos casos conseguia tranquilizar as famílias, noutros, porém, reconhecia de novo o véu do além em torno da figura da fotografia e via-se

obrigado a comunicar aos familiares a triste verdade da forma mais suave possível.

Alguns agarravam-se então à esperança de que o construtor de poços não passasse afinal de um charlatão e se tivesse enganado. Sempre, porém — embora muitas vezes só passadas semanas ou meses — se confirmava que as afirmações do homem de pupilas escuras, quase negras, se cumpriam.

O próprio Alois Irlmaier sofria com isso quase tanto como as pessoas a quem tinha de comunicar o inevitável. A entrega ao seu dom visionário, que desde a segunda metade de 1929 se manifestava mais forte do que nunca, por vezes enchia-o de pânico. Ocasionalmente voltavam a atormentá-lo à noite os pesadelos que o faziam acordar banhado em suor; só quando Maria o acolhia nos braços e lhe falava baixinho conseguia relaxar aos poucos.

Em novembro de 1932, quando a NSDAP nas eleições para o Reichstag obteve quase doze milhões de votos e esmagou todos os outros partidos, o sensitivo foi visitado por uma visão de horror que o fez tremer como em fortes convulsões; depois, porém, já não se lembrava das imagens vistas. Aconteceu o mesmo na noite de 30 para 31 de janeiro de 1933, depois de Adolf Hitler se tornar chanceler do Reich. Em março do mesmo ano, quando os alemães tinham de eleger novo Reichstag, dissolvido por Hitler em fevereiro, a NSDAP obteve mais de dezassete milhões de votos e os deputados castanhos impuseram a lei habilitante que significava de facto a vitória da ditadura nazi, os medos do radiestesista culminaram numa visão de intensidade nunca antes experimentada — e desta vez o subconsciente já não conseguiu fugir às imagens terríveis.

Aconteceu em pleno dia; no banco da casa ao lado da entrada da Villa Kurr, onde outrora o velho Irlmaier gostava tanto de descansar. Nesse domingo após o almoço Alois sentara-se no canto protegido, cuja parede já voltava a estar aquecida pelo sol; lá ao fundo, junto aos amieiros, o filho adotivo Johann, já quase adulto, brincava com os três irmãos mais novos. De olhos fechados estava sentado o de trinta e oito anos, o peito subia e descia calmamente — de repente deu um salto como se uma descarga elétrica lhe tivesse atravessado o corpo. Algo infinitamente brilhante e ofuscante pareceu trespassar-lhe os ossos; foi como uma fenda que lhe rasgou a psique, e no mesmo batimento cardíaco a torrente de imagens da visão assaltou-o.

Viu o ditador numa limusina preta aberta passar pelo Portão de Brandemburgo em Berlim, uma multidão de muitos milhares aclamava-o freneticamente. Depois o de uniforme castanho desapareceu no edifício do Reichstag, que ainda mostrava as marcas do incêndio de 27 de fevereiro desse ano de 1933 — até que o tempo, que agora começava a correr loucamente, apagou os sinais negros de fumo. Ao mesmo tempo mudou a imagem da cidade e com ela a da Alemanha; algo como um vento duro e gelado varreu o Reich, fez a população encolher-se de medo e no mesmo instante gerou uma maquinaria de guerra armada até aos dentes.

Milhões de soldados marchavam, mas ainda havia paz; uma paz, porém, que agora foi profanada por um crime terrível: um pogrom que atingiu centenas de milhares de cidadãos judeus. Homens, mulheres e crianças com estrelas de David na roupa eram caçados pelas ruas das cidades; carrascos de uniforme preto batiam-lhes até os empurrarem para milhares de camiões e vagões de gado.

Névoa produzida quimicamente pareceu engolir os terríveis veículos de transporte; mal desapareceram na bruma blasfema, a mesma matéria amarelo-enxofre e vermelho-sangue transformou-se em colunas militares quase infinitas. Dois algarismos dançavam no céu escurecido: um três e um nove. Nesse mesmo segundo o céu explodiu, uma tempestade de fogo de violência infernal derramou a sua lava sobre todo o continente e muito para além. Em terra, no mar e no ar grassava a guerra mundial, milhares de milhões de pessoas morriam de morte horrível porque a Alemanha, a Itália, o Japão e alguns países menores se comportavam como lobos raivosos.

Imparavelmente as tropas dos ditadores aliados avançavam, mas depressa veio a viragem. Como sinais luminosos brilharam letras no firmamento e formaram nomes: Estalinegrado, Dresden; por fim, depois de o horror ter atingido e ultrapassado o auge: Hiroxima.

Ali um cogumelo infernal subiu quilómetros de altura, destruiu tudo num raio enorme, não deixou senão devastação e contornos de corpos humanos queimados na pedra.

Esta visão, na sua impiedade insuportável, foi o que fez o vidente romper o transe. Com um grito agudo voltou a si; lá ao fundo junto aos amieiros as crianças pararam, correram logo para o banco onde o pai estava sentado de rosto mortalmente pálido e a tremer de todo o corpo.

«O que tens?», perguntou o Loisl de nove anos.

«Pareces mesmo doente», acrescentou o Johann três anos mais velho, enquanto as duas meninas se encolhiam assustadas uma contra a outra.

O olhar de Alois Irlmaier ia de um rapaz para o outro. De repente puxou o filho adotivo para o peito, apertou-o como se quisesse protegê-lo com todas as forças e no mesmo instante desatou a chorar convulsivamente. Assim o encontrou Maria, que vinha da cave, ouvira também o grito terrível e agora corria transtornada porta fora. Tal como as crianças, também ela não obteve resposta quando perguntou assustada o que acontecera.

Só tarde da noite o marido conseguiu falar da visão. Com voz entrecortada tentou descrever pelo menos aproximadamente as imagens que o tinham assaltado. Quando percebeu como as palavras eram insuficientes, calou-se desamparado; passado um bocado resumiu a visão assim: «Esse Hitler a quem agora todos aclamam vai arrastar a Alemanha para uma nova guerra mundial e com isso para o abismo; sei-o com toda a certeza!»

Por enquanto, porém, só os alemães espiritualmente despertos sentiam a aproximação da catástrofe — e eram sobretudo essas pessoas que, após a tomada do poder pela NSDAP, iam parar aos campos de concentração. Também na região de Freilassing se segredava sobre o que se passava, por exemplo, no não muito distante Dachau; de resto, porém, a vida na zona afastada seguia o seu curso habitual.

Mais: agora até parecia que ia cumprir-se o que o ditador em Berlim prometera: que levaria o país a um novo florescimento. Muitos camponeses acreditavam e, após todos os tumultos do último ano e meio desde o fim da Primeira Guerra Mundial, voltavam a ter esperança. Numerosas quintas foram modernizadas, e isso trouxe a Alois Irlmaier uma quantidade de trabalhos suplementares.

Em toda a região deste e do outro lado da fronteira disputavam o radiestesista de capacidades extraordinárias que dominava também a arte da construção de poços e das respetivas instalações. Quase sem parar andava de bicicleta preta Wanderer; quando os locais de trabalho ficavam demasiado longe da aldeia de Hagn, os clientes davam-lhe com gosto alojamento por alguns dias ou até semanas.

Onde antes ainda cavava simples poços à maneira tradicional, agora aceitava projetos que causavam sensação muito para além da aldeia. Em Obing, perto de Traunreut, por exemplo, desceu oitenta metros e revestiu o

enorme tubo do poço com tijolos que ele próprio assentara. Em Wank, uma localidade no Werdenfelser Land, escavou uma cisterna de oitenta e um metros, cortando habilmente no fim um lago subterrâneo que daí em diante alimentava mais do que abundantemente o poço da casa do camponês em causa.

Quando outras pessoas apenas se aproximavam desses poços abissais para espreitar lá para baixo com cuidado, já sentiam angústia. Alois Irlmaier, porém, agora no fim da sua quarta década de vida, nos primeiros tempos da ditadura nacional-socialista era atraído quase maniacamente pelo interior da terra. Já na juventude, com o eremita, percorrera os caminhos sinuosos do templo da terra junto às Pedras do Sol; agora os poços, na cuja abóbada o espírito impiedoso não penetrava, pareciam dar-lhe uma sensação de proteção semelhante à do ventre da Mãe Terra de então. Nelas encontrava força, aqui sentia-se acolhido pelo suave pulsar da vida total. Mesmo as visões assustadoras que por vezes lhe atravessavam o cérebro no crepuscular dos poços, suportava-as melhor do que noutro lugar, porque para além do horror sentia, apesar de tudo, o calor do outro mundo.

Às exigências da existência quotidiana, por seu turno, o construtor de poços e instalador correspondia na medida em que, nesses anos de 1933 e 1934, ganhou o dinheiro necessário para deixar de depender da Villa Kurr cada vez mais degradada. Como além disso o presidente da câmara de Salzburghofen arranhou noutra parte alojamento às duas famílias aí instaladas na primavera de 1934, Alois Irlmaier vendeu decididamente o edifício em Hagn, agora quase sem valor, e comprou em troca um grande terreno na periferia de Freilassing.

«Aqui vamos criar uma pátria melhor», anunciou à mulher e aos quatro filhos quando, após a escritura no notário, os levou ao terreno na rua de gravilha ladeada de macieiras bravas de Jennerstraße. «Mas ainda vai demorar muito até podermos mudar-nos para a casa nova, porque vamos ter de fazer grande parte do trabalho com as nossas próprias mãos.»

Por enquanto o agora quarenta anos alugou um apartamento num prédio comercial na Reichenhaller Straße, mesmo junto ao cinto verde da Saalach. No rés-do-chão o proprietário tinha um talho; no andar de cima Alois instalou a família. Ainda nesse verão começou a escavar a cave da casa nova na Jennerstraße; os trabalhos, porém, avançavam muito lentamente. Porque as capacidades sensitivas e artesanais do homem de olhos escuros, quase negros, continuavam a ser procuradas noutros lados; no máximo aos domingos tinha tempo de ir ao terreno. Aí tirava as

ferramentas da barraca de obra que construía no canto do terreno para, nas poucas horas de que dispunha, betonar um pedaço de chão da cave ou assentar uma fiada de pedra.

Por isso a construção, nos anos seguintes, que para Alois Irlmaier e os seus decorreu sem sobressaltos apesar da ditadura de Hitler cada vez mais brutal, não passou dos alicerces. Em 1939 o construtor de poços, a mulher e os três filhos biológicos do casal ainda viviam no apartamento por cima do talho na Reichenhaller Straße. O filho adotivo Johann, porém, fora chamado à Wehrmacht no outono de 1938; quando a 1 de setembro de 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial, estava como cabo numa base aérea em Fürstenfeldbruck.

TERCEIRO LIVRO

A GRANDE VISÃO (1939 – 1957)

As noites de Bombardeamentos

Logo após o início da guerra Alois Irlmaier viu-se obrigado a interromper completamente a construção da casa; devido ao racionamento quase não havia materiais. Ainda assim o construtor de poços, nesse início de outono de 1939, ia mais frequentemente do que antes ao terreno afastado na periferia de Freilassing. Fazia-o, por um lado, porque ali ao ar livre podia estar só com os seus receios pelo destino de Johann; por outro, de repente tinha muito tempo livre, porque após o ataque da Wehrmacht alemã à Polónia os pedidos para radiestesia ou escavação de cisternas caíram a pique.

Também numa das últimas tardes de setembro o homem invulgar de rosto anguloso e ruga profunda por cima da raiz do nariz estava sentado na barraca de obra. Há mais de uma hora o de quarenta e cinco anos olhava fixamente para o vazio; de repente, porém, sobressaltou-se porque ouviu passos na estrada de gravilha.

Logo a seguir alguém bateu à porta; depois de Alois resmungar um «Entre!» contrariado, entrou na barraca de tábuas uma mulher de aspeto sofrido, vestida à maneira campesina.

«Já perguntei por ti lá em casa na Reichenhaller Straße», explicou a desconhecida, tímida. «Disseram-me que te encontrava aqui...»

«E em que te posso ajudar?», perguntou Alois Irlmaier, que de repente sentiu pena da estranha.

«É pelo meu filho, o Georg», respondeu a camponesa, lutando contra as lágrimas. «Logo no primeiro dia de guerra teve de ir para a frente com a companhia. Desde aí não tive notícias dele e não consigo dormir com tanta preocupação.»

O construtor de poços indicou em silêncio um banco que estava na cabeceira da mesa tosca feita de tábuas não desbastadas. Depois de a mãe do soldado se sentar, perguntou: «Tens uma fotografia do teu rapaz?»

A desconhecida acenou que sim, remexeu na mala de mão e entregou-lha. Alois pousou a fotografia, que mostrava um jovem de ar inocente com o uniforme de saída de um simples artilheiro, diante de si. Tem dezanove ou vinte anos, exatamente como o Johann, passou pela cabeça do sensitivo. Depois, vencendo a angústia, concentrou-se na imagem.

Passado um bocado apareceu o véu tremeluzente que parecia ondular como uma aura em volta da figura do jovem soldado. No piscar de olhos seguinte, porém, desapareceu; ao mesmo tempo o rosto de Irlmaier contraiu-se: pareceu petrificado à mulher que o olhava fascinada. Mais um instante e o radiestesista sacudiu o transe, soltou um suspiro profundo e disse: «Na península de Hela, no golfo de Danzigue, o teu filho teve azar e foi gravemente ferido...»

Ao ver o horror nos olhos da camponesa, acrescentou depressa: «Não, não morreu! É verdade que quase sangrou até à morte, mas agora está num hospital em Danzigue e está a recuperar. Como lá tudo está de pernas para o ar, a carta para ti e para o teu marido não foi enviada, por isso não tiveram notícias.»

Aliviada, a mãe do soldado desatou a chorar. Demorou alguns minutos até se acalmar; depois ofereceu dinheiro ao vidente pelo serviço.

«Dinheiro não quero!», rejeitou Alois. «E agora vai para casa para que o teu marido também saiba que o Georg está vivo.»

Com agradecimentos efusivos a camponesa despediu-se. O sensitivo seguiu-a com o olhar até desaparecer por detrás das macieiras bravas que ladeavam o limite do terreno; depois voltou a cair nos seus pensamentos.

Na semana seguinte a mulher, que era de uma quinta entre Freilassing e Ainring, encontrou-o no apartamento por cima do talho e contou-lhe radiante: «Ontem o carteiro trouxe uma carta de Danzigue! Tudo o que me

disseste da outra vez estava lá, palavra por palavra. O meu filho levou um tiro na barriga nos combates da península de Hela, quase sangrou até à morte, mas conseguiram salvá-lo por um triz e no próximo mês vem de licença de convalescença para a Baviera.»

Como a camponesa não se calou com mais ninguém, a notícia da visão espetacular espalhou-se como fogo de palha pela região de Freilassing e depressa muito para além. Seus limites. Enquanto em anos anteriores as capacidades clarividentes de Alois Irlmaier ao olhar fotografias só ocasionalmente causavam sensação, a partir da primavera de 1940, quando a guerra escalou com os ataques alemães à Dinamarca e à Noruega, cada vez mais familiares de soldados da frente vinham à barraca de tábuas na periferia da cidade em busca de certeza sobre o destino dos filhos, maridos, irmãos ou noivos.

Quase diariamente o sensitivo concentrava-se nas fotografias que as pessoas assustadas lhe entregavam com mãos trémulas. Muitas vezes conseguia tranquilizar; sempre se via que também dele caía um peso. Noutros casos, porém, quando via um dos soldados como figura de véu, sofria quase tanto como aqueles a quem tinha de comunicar a verdade terrível. Quando depois regressava à Reichenhaller Straße, ficava horas sem falar. A família teve de aprender a viver com isso; pelo menos Maria podia dizer-se que o marido fazia as sessões exclusivamente na barraca de obra para manter o mais possível o angustiante longe dos seus.

No fim de abril de 1940, porém, Alois Irlmaier não conseguiu de forma alguma poupar a mulher e os filhos. Só pôde preparar Maria para a carta que, como disse de lábios cerrados, chegaria no dia seguinte. Quando a morena insistiu, respondeu apenas: «O carteiro trará a notícia que há muito esperava. E então tens de ser forte, muito forte...»

De facto, na manhã seguinte tocaram à campainha e o carteiro entregou ao construtor de poços um sobrescrito com a águia da Wehrmacht carimbada. Em silêncio Alois pegou na carta, abriu-a, leu as poucas linhas e voltou com passos arrastados para a cozinha. Aí encontrou o olhar angustiado de Maria; o sensitivo acenou e disse sem tom: «Aconteceu exatamente como previ em maio de 1933, quando tive a visão terrível de uma nova guerra mundial. O Johann morreu na Noruega. Em Dombaas, abateram o avião onde ele era operador de rádio.»

Com um grito sufocado a mulher, que em 1922, pouco depois do nascimento do primeiro filho biológico, se batera com tanta misericórdia pela adoção do órfão, deixou-se cair no banco do canto ao lado do fogão. O

marido nada mais pôde fazer senão tomá-la nos braços e segurá-la. Mais tarde, depois de a filha Elisabeth de dez anos regressar da escola, foi preciso explicar-lhe também o incompreensível; a Maria de dezoito anos e o Loisl de dezasseis, que já estavam em formação, só souberam do horror à noite.

A família precisou de semanas para se conformar, mesmo que só um pouco, com a morte de Johann; foi-lhes como a incontáveis outras pessoas que agora sentiam na pele as consequências terríveis da guerra que se alargava rapidamente. Em maio de 1940 exércitos alemães ocuparam a Bélgica e a Holanda e avançaram para França, cujas tropas se defenderam desesperadamente juntamente com um corpo expedicionário britânico até à batalha de cerco de Dunquerque e à fuga em pânico de 340 000 franceses e ingleses através do estreito de Dover. Em junho a Itália declarou guerra a França e à Grã-Bretanha, as tropas do ditador Mussolini atacaram pelos Alpes marítimos; ainda no mesmo mês o exército francês capitulou. A 13 de agosto começou a batalha aérea pela Inglaterra com ataques incessantes de cerca de 2200 bombardeiros e caças alemães às cidades britânicas; até ao fim de setembro a defesa antiaérea inglesa abatera mais de mil aviões inimigos.

Milhares de pessoas assustadas tinham-se, desde o início da guerra, apresentado na barraca de tábuas na Jennerstraße de Freilassing. Quase todas as tardes Alois Irlmaier estava sentado ali à mesa simples feita de tábuas não desbastadas e fixava com pupilas escuras, quase negras, as fotografias que os visitantes lhe entregavam com mãos trémulas mãos. No início os que procuravam ajuda vinham quase só da Alta Baviera e do Salzkammergut vizinho. Com o tempo, porém, porque as visões acertavam com precisão quase infalível e a notícia se espalhava de aldeia em aldeia e de cidade em cidade como fogo de palha, cada vez mais pessoas de toda a Alemanha chegavam à pequena estação do sopé dos Alpes para depois se informarem do caminho até ao sensitivo.

No início de novembro de 1940, porém, a barraca esteve fechada vários dias e também no apartamento da Reichenhaller Straße o visionário não se encontrava. No Dia de Todos os Santos levava a mulher de quarenta e três anos a Viena para a proteger do alvoroço; aí Hans Irlmaier, o irmão mais novo do vidente, trabalhava já como médico numa clínica. Na maternidade dessa clínica Maria deu à luz a 5 de novembro o quarto e último filho: uma menina a quem os pais deram o nome de Rita.

Quando pela primeira vez pegou no minúsculo ser, cujo nascimento corra milagrosamente sem complicações, Alois chorou de felicidade; pouco depois confiou à mulher: «Parece-me que o destino quis compensar-nos pela perda do Johann. Quando ele morreu no fim de abril, tu já trazias a nova vida no ventre. Por isso vamos dar agora à pequena todo o amor que infelizmente já não pudemos dar ao nosso filho adotivo.»

Nos meses seguintes Rita recebeu o carinho profundo dos pais. Apesar da guerra, estava protegida no berço ao lado do fogão na cozinha de Freilassing. Mas lá fora nas frentes continuava o morticínio; o delírio tornou-se ainda pior quando Hitler, a 22 de junho de 1941, ordenou o ataque à URSS.

Centenas de milhares de soldados alemães e russos perderam a vida ainda nesse ano; morreram nas batalhas de cerco de Białystok, Gómel, Kiev, Bryansk, Vyazma e Demyansk ou nos combates terríveis por Leninegrado, Narva, Novgorod, Taganrog, Kharkov, Rostov e Moscovo. Quando chegou o inverno russo e os exércitos alemães, na sua maioria sem equipamento adequado, ficaram atolados no gelo e na neve, o número de baixas subiu ainda mais depressa; ao lado dos mortos e feridos os relatórios diários do exército juntavam agora cada vez mais soldados desaparecidos.

Milhões de pessoas na pátria ficaram na incerteza sobre o destino dos filhos, irmãos, maridos ou noivos, de modo que o afluxo à barraca do construtor de poços de Freilassing cresceu quase sem limites. Por vezes formavam-se agora diante da simples construção filas inteiras de quem procurava ajuda. Muitas vezes Alois Irlmaier via-se obrigado a passar dias e noites seguidos na barraca de obra porque não tinha coração para mandar embora os assustados. Quando depois lhes dava a informação pedida, acontecia nesse inverno de 1941 para 1942 com frequência suficiente que os chocados desmaiassem diante dos seus olhos e assim tornassem quase insuportável também o sofrimento que ele próprio sentia.

Foi o caso, por exemplo, em fevereiro de 1942, quando os soviéticos cercaram todo um corpo de exército alemão em Issjum no Donets, de uma cena comovente que perseguiu o sensitivo ainda muitas noites nos sonhos.

Horas esperara o casal idoso, que viera de comboio da Vestefália, na fila debaixo das macieiras bravas. Quando finalmente chegou a vez e entraram na barraca de tábuas, o homem teve de amparar a mulher completamente esgotada. Alois, que estava sentado à mesa de olhos vermelhos, levantou-se, ajudou a mulher a sentar-se na sua própria cadeira e ofereceu-lhe um gole de água. O marido esperou que ela recuperasse um

pouco, depois explicou com voz embargada: «Há mais de dois meses que não temos notícias do nosso filho, que está como sargento no setor sul da frente leste...»

O vidente acenou e pediu, como já fizera milhares de vezes, uma fotografia do soldado. Agachado no banco que normalmente era para os visitantes, Alois Irlmaier fixou a fotografia; passados poucos segundos houve uma reação súbita. Depressa, com a mão a tremer, devolveu a fotografia à mãe do militar; ao mesmo tempo exclamou: «Guarda-a! Não aguento olhar mais! O coitado!»

Perturbada, a mulher obedeceu. Enquanto ainda guardava a fotografia na mala, Irlmaier virou-se para o marido e sussurrou: «Como hei de lho dizer?! A coitada desmaia se souber a verdade!»

O vestefaliano empalideceu. Antes que pudesse responder, a mãe do soldado agarrou o braço do vidente e suplicou: «Temos de saber tudo, por favor!»

Quando logo a seguir também o marido insistiu, Alois viu-se obrigado a revelar ao casal toda a terrível verdade: «Foi há cerca de uma semana. Uma granada caiu muito perto do vosso filho. Um estilhaço abriu-lhe o ombro, outro atingiu-lhe a têmpora direita. E esse estilhaço matou-o no mesmo instante...»

Mal pronunciara a última palavra, a idosa sofreu um desmaio. O sensitivo e o marido cuidaram dela o melhor que puderam; mais tarde Irlmaier arranjou que outros que procuravam ajuda, que tinham vindo de carroça, levassem o casal infeliz de volta à estação de Freilassing.

Quinze dias depois chegou uma carta à Reichenhaller Straße. Tinha carimbo da Vestefália e os pais do sargento que, entretanto, receberam notícias da frente leste, confirmavam a visão do construtor de poços.

«O nosso filho morreu exatamente da maneira que descreveste, e também o momento em que a granada o atingiu foi o que disseste», dizia uma das frases.

Alois Irlmaier guardou a carta junto das muitas outras que já estavam na gaveta de uma cómoda velha na barraca de obra — entre elas também numerosas cartas de pessoas que não tinham podido vir pessoalmente à pequena cidade da Alta Baviera. Só com base nas fotografias enviadas, o vidente dera em centenas de casos respostas escritas certas, como provavam maços inteiros de cartas de resposta. Muitas vezes transparecia

das palavras dos familiares uma dor profunda, outras vezes um alívio sem limites quando o sensitivo via o soldado em causa sem a estranha aura leitoso. Sempre que isso lhe era concedido, também Alois sentia grande alívio anímico; no geral, porém o sofrimento permanecia e aumentava quanto mais durava o delírio da guerra.

A família do construtor de poços foi atingida na pele quando na primavera de 1942 o carteiro trouxe a ordem de alistamento para o filho Loisl, agora com dezoito anos. Tal como o pai outrora o pai, o aprendiz de torneiro entrou na caserna de Freising. Ainda após curta instrução básica lá, a companhia de reserva a que pertencia foi enviada para combate na Rússia.

Durante dias Maria chorava ao mínimo pretexto. Por fim, uma noite de julho, não viu outra saída senão mostrar ao marido uma fotografia tirada poucas semanas após o nascimento de Rita no pátio dos fundos da casa da Reichenhaller Straße e que mostrava o rapaz de rosto estreito e inteligente como aprendiz no meio da família.

«Na altura estávamos todos juntos, exceto o Johann», lamentou a mulher de quarenta e tal anos. «Mas agora recebemos dois golpes seguidos. Já em janeiro os nazis obrigaram a nossa filha mais velha a trabalhar, desde aí trabalha como escrava numa fábrica de munições em Rosenheim. E agora também o Loisl, que como infante na frente leste está constantemente em perigo de vida. Só nos ficaram a Elisabeth de doze anos e a pequena Rita, essas os criminosos castanhos não nos podem tirar. Mas quando penso no nosso filho, fico quase louca de medo por ele. Por isso te suplico, Alois, usa agora a tua capacidade para nós próprios, para termos a certeza...»

Soluçando, calou-se; tão desesperado como ela, o construtor de poços olhou para a fotografia que estava diante dele na mesa da cozinha. Custou-lhe muito reprimir os próprios medos: as recordações terríveis da Galiza, onde levava o tiro no pulmão e depois ficara quatro dias e quatro noites sepultado vivo. Por um instante — e não era a primeira vez desde que o transporte de tropas com o filho partira de Freising — julgou ver o jovem de dezanove anos cair ensanguentado. Ainda assim a angústia de Maria obrigou-o agora a vencer o medo e aceder ao pedido dela. Disse-lho e esperou que ela, pelo menos exteriormente, se acalmasse um pouco; depois concentrou-se na fotografia.

Ali ficou, imóvel. Os olhos de pupilas escuras, quase negras, estavam semicerrados; por cima da raiz do nariz formara-se-lhe a ruga profunda que parecia uma runa. O olhar da mulher estava preso nos lábios tensos do

sensitivo; por fim ouviu as palavras que ele soltava aos tropeções: «Não consigo ver nenhum véu... Até agora não lhe aconteceu nada de mal... Mas isso só vale para o ontem e o hoje... Não para o amanhã... Não para os anos de guerra que ainda tem — e nós temos — pela frente... Quase três anos ainda... Até que em maio de 1945 venha a paz... Mas não consigo descobrir se o nosso filho estará então de novo connosco...»

«Por favor! Tens de conseguir!», penetrou a voz de Maria no seu transe. «Não suporto a incerteza — e tu também não!»

A vontade dela parecia chicoteá-lo. A força mental dele esticou-se ao limite; por um ínfimo instante pareceu-lhe que conseguia transpor a fronteira. No batimento cardíaco seguinte viu, em vez do contorno da fotografia, uma escuridão profunda, impenetrável. Algo como trevas cósmicas pulsava ali; trevas aveludadas que — enquanto julgava ouvir de novo a voz da mulher — de repente se fenderam por uma fração de tempo e lhe revelaram algo completamente inesperado: um lugar que na juventude lhe fora muito familiar.

Com uma respiração ofegante voltou a si. Maria sentiu o esgotamento dele, não perguntou nada, limitou-se a puxá-lo para si e a acolhê-lo no peito. Passado um bocado ouviu-o murmurar: «Não é possível... Não hoje e não aqui... Mas a força mostrou-me outro caminho por onde talvez...»

«Que caminho?!», perguntou a de quarenta e quatro anos, ansiosa.

O melhor que pôde, explicou-lhe o que queria dizer. Primeiro ela resistiu, mas por fim — porque o instinto feminino venceu os preconceitos da razão — cedeu e concedeu-lhe: «Se é a única possibilidade que vês, temos de tentar...»

Nove dias depois estava na porta da barraca de tábuas um papel a pedir aos que procuravam ajuda que voltassem noutra altura.

Quando os primeiros chegaram, por volta das sete da manhã, leram o aviso, um deles supôs que um trabalho urgente tivesse prioridade para o radiestesista. Alois Irlmaier e a mulher, porém, tinham abandonado o apartamento da Reichenhaller Straße uma boa hora antes por motivo bem diferente. Agora, enquanto o sol subia lentamente no céu a leste, já iam a meio caminho entre Freilassing e Höglwörth. O homem seco de rosto anguloso pedalava com força na bicicleta Wanderer; Maria ia sentada de lado no selim improvisado preso ao tubo do quadro. Por volta das onze chegaram a Ruhpolding, continuaram sem parar e, no calor do meio-dia,

depois de deixarem a bicicleta ao abrigo de uma cabana de montanha, começaram o último troço da subida até ao sopé norte do Hochfelln.

Pouco depois tinham diante de si um pequeno desfiladeiro estreito, e o construtor de poços levou a mulher pelo emaranhado de pinheiros-anões que protegiam a entrada de poucos metros de largura da ravina oculta. Logo a seguir o casal estava diante da depressão em forma de caldeira no interior da fenda: a dolina onde, na orla, se erguiam os treze monólitos do círculo lunar.

«É este o lugar que me chamou há dias quando olhava a fotografia», disse Alois baixinho. «Foi o Jakob, o eremita, que me trouxe aqui outrora; foi também aqui que aos treze anos tive a minha primeira visão.»

«E achas mesmo que neste lugar podes obter certeza sobre o destino do nosso filho?», perguntou Maria.

«Se não aqui, então em lado nenhum», murmurou o sensitivo. «Esperámos pela lua cheia; agora está no seu pleno poder, seja de dia ou de noite. Por isso vou tentar agora, talvez Arianrhod nos seja misericordiosa...»

Ao ouvir o nome da divindade pagã, a morena estremeceu; por um instante pareceu que ia protestar. No fim, porém, a confiança no marido venceu os preconceitos que lhe tinham sido incutidos; além disso Maria sentiu de repente algo como uma irradiação protetora que parecia emanar do círculo dos menires. Assim, sem pensar mais, seguiu o impulso de simplesmente deixar acontecer o incompreensível. Abraçou o marido, soltou-o suavemente e sentou-se em silêncio numa saliência rochosa um pouco afastada da zona sagrada.

Dali viu como Alois, de olhar fixo no centro do círculo de pedra, se concentrava. Cerca de um minuto ficou imóvel; depois ergueu os braços e esticou-os horizontalmente: exatamente como se segurasse a vara bifurcada nas mãos. Lenta, cuidadosamente, passo a passo, entrou no círculo lunar. Exatamente no instante em que passou pelo espaço entre os dois monólitos mais próximos, estremeceu como que tocado por algo invisível; logo a seguir o corpo endireitou-se e os movimentos tornaram-se mais decididos.

Seguiu o caminho que os menires lhe traçavam. Contra o sentido dos ponteiros do relógio, circundou a orla da depressão até voltar ao ponto de partida. Exatamente nesse ponto os movimentos tornaram-se mais rápidos e ao mesmo tempo mais suaves. O sensitivo afastou-se da periferia do santuário natural; parecia agora seguir uma pista em espiral que só ele via e

que por fim o levou ao centro do círculo lunar. Aqui parou, ficou um bocado como que à escuta: olhos fechados e o rosto voltado para um ponto determinado do firmamento. O tempo passou — depois ressoou na alma do vidente um trovão distante e escuro, aproximou-se e, juntamente com as névoas que agora também afluírem, formou o aro sombrio-radiante: a roda prateada de Arianrhod com os treze raios.

No batimento cardíaco seguinte a axis giratória enviou-lhe imagens detalhadas. Por detrás do véu irisado que escondia o futuro aos olhos das pessoas comuns, o visionário reconheceu o rosto do filho. De uniforme coberto de lama, o jovem infante errava por uma vasta estepe queimada; logo a seguir combatia nas ruínas de uma cidade gigantesca destruída por bombas. Surgiu um monumento de onde se erguiam dentadas de cavalos empinados; no mesmo segundo outro edifício avançou para primeiro plano: alvenaria enegrecida pelo fumo, encimada por uma cúpula; aí uma bandeira caiu e outra subiu.

Mais uma vez o sensitivo viu os traços distorcidos do infante que era do seu sangue; no mesmo piscar de olhos a cena explodiu.

Como em fúria imensa, um conglomerado furioso de terra, rocha e atmosfera condensou-se, disparou para o céu e tornou-se o cogumelo blasfemo. A estratosfera rebentou; um relâmpago fendeu o firmamento e gerou um uivo de tempestade como a humanidade nunca conhecera. Pelo caos rodopiavam sinais que se tornaram a mesma palavra-farol que já lhe fora revelada: Hiroxima.

De novo o inferno não deixou senão devastação: rocha queimada, nela gravados os contornos de corpos contorcidos.

Por um instante reinou silêncio petrificado no planeta. Mal, porém, um sopro de tempo apagou os sinais impiedosos naquela ilha do Extremo Oriente, o delírio ganhou novamente a supremacia. De novo marchavam exércitos, esquadras sulcavam os mares, caças cruzavam o céu: o Moloch invicto cobiçava poder sobre os povos. Tanto no Ocidente como no Oriente os fios se juntavam; os que os puxavam agora incitavam ideologicamente metade da humanidade contra a outra. Babavam-se, envenenavam e bramiam; profanavam, enquanto grassava a Guerra Fria, centenas de vezes o corpo da Mãe Terra. Em atóis perdidos do Pacífico ou nas profundezas do deserto asiático acendiam-se mais cogumelos; ao mesmo tempo a ganância desmedida de lucro destruía em todo o mundo o equilíbrio da natureza.

Florestas tropicais morriam, calotes polares derretiam, terras férteis tornavam-se estepes. Espécies animais e vegetais que existiam há milhões de anos eram exterminadas; o segredo sagrado no núcleo mais íntimo de outros seres vivos era exposto, dissecado e manipulado. Enquanto uma ciência tresloucada destruía irremediavelmente a rede oculta da existência terrena, rasgavam-se nas regiões árticas e antárticas os escudos invisíveis que até aí tinham protegido o globo da radiação ultravioleta.

Cada vez mais a fauna, a flora e também os humanos eram tomados pelo cancro; na sequência dessa evolução espalhavam-se epidemias para as quais uma medicina aparentemente onnipotente já não encontrava cura. Os milhões de atingidos, porém, e os que ainda o seriam, eram cinicamente enganados quanto à verdade. Porque na Terra, nessa época, só valia uma lei: a dos marionetistas moloquianos que agiam das trevas e da ausência de rosto e na sua impiedade tentavam elevar-se acima do Divino.

Quando o visionário julgou reconhecer as caretas dessas criaturas à espreita na soleira do novo milénio, desabou sobre o planeta um golpe devastador. O golpe, de violência cósmica, fez a Terra cambalear. Surgiu um vórtice assombrosamente sibilante que sugou toda a percepção para o seu redemoinho louco. Demorou muito, muito tempo, até o rugido se acalmar; uma voz pareceu medir o tempo com um grito ecoante que se repetia sem fim: Três dias e três noites de trevas!

Por fim, depois de o grito se perder nas profundezas do espaço, Alois Irlmaier voltou a si. A tremer de todo o corpo, estava no centro do círculo lunar. Custava-lhe orientar-se e dirigir o olhar para onde Maria continuava sentada na saliência rochosa. Agora, ao notar a fraqueza dele, levantou-se de um salto e quis correr para ele. Mas um gesto brusco do marido deteve-a; imóvel observou como ele seguia de novo a trajetória em espiral das forças da terra até chegar à orla da zona e sair do círculo de pedra exatamente onde entrara. Só então se aproximou, amparou o esgotado nos braços e esperou angustiada que ele falasse.

«O nosso filho...», ouviu-o sussurrar passado um bocado. «O nosso filho... sobreviverá à guerra!»

«Vai voltar são e salvo?!», exclamou a morena. «Tens a certeza?»

«Sim, vi-o», respondeu Alois. Enquanto a levava para o monte de pedra e se sentava ao lado dela, continuou: «Ainda cairão inúmeros soldados, na Rússia e noutros sítios, mas ele sobreviverá. Estará presente quando os exércitos alemães recuarem do leste. Por fim combaterá numa

cidade muito grande, aí será testemunha do fim da guerra mundial. Depois bastam poucas semanas até estar de novo connosco em Freilassing.»

«E quando será isso?!», insistiu Maria. «Sabes também isso?!»

«Ainda quase três anos», respondeu o marido. «No início do verão de 1945 estará diante da nossa casa na Reichenhaller Straße. Primeiro levará um susto terrível porque o prédio está meio em ruínas. Mas depois compreenderá que nós escapámos tal como ele...»

«A nossa casa?! Dizes que será destruída?!», interrompeu a mulher de quarenta e tal anos.

«Nos nossos quartos não há danos irreparáveis», respondeu Alois. «As bombas que caem só atingem o edifício dos fundos.»

«Bombas! Em Freilassing!», gemeu Maria. «Viste mais alguma coisa?!»

Por um instante pareceu que o sensitivo ia abrir-lhe o coração. Mas depois os lábios cerraram-se, abanou a cabeça e murmurou: «Não! Só o ataque aéreo à nossa cidade mesmo no fim da guerra, nada mais.»

A mulher conformou-se. «O importante é que o nosso filho volte são e salvo! Isso é o que conta!»

Alois Irlmaier acenou, depois levantou-se e disse: «Temos de nos pôr a caminho se quisermos chegar antes de escurecer.»

Enquanto o verão desse ano de 1942 passava, o construtor de poços continuou à disposição das muitas centenas de pessoas que procuravam ajuda e o visitavam na barraca de tábuas. O mesmo aconteceu no outono e no quarto inverno de guerra de 1942 para 1943. A partir do início de janeiro do novo ano as cenas no interior da simples construção tornaram-se cada vez mais comoventes, porque nessa altura começou a desenhar-se a tragédia de Estalinegrado, que em fevereiro terminou com a capitulação do Sexto Exército sob o comando do marechal-de-campo Paulus. 90 000 soldados alemães completamente desmoralizados arrastaram-se para o cativeiro, quase 150 000 ficaram mortos no deserto de ruínas da antiga metrópole industrial russa.

O sofrimento que dia após dia vivia na pele carregava Alois Irlmaier até ao limite das forças. Mais de uma vez esteve ele próprio à beira do colapso; só o apoio da família e o saber que o filho sobreviveria o mantiveram de pé. Mesmo quando a barraca de obra por vezes fechava por

pouco tempo porque o construtor de poços andava nalgum lado à procura de veias de água ou a reparar uma canalização rota para ganhar o sustento para si e para os seus, não conseguia escapar às perguntas atormentadoras. Porque também nessas ocasiões lhe mostravam fotografias, e de novo se via obrigado a olhar o mistério da morte nos olhos; a verdade iniludível que se lhe revelava na aura tremeluzente das imagens.

Milhões de vezes continuou a morte na Europa e além-mar. Mal o último tiro em Estalinegrado se calara, a Wehrmacht alemã sofreu novos desaires em Issjum, Rostov e Kharkov; quase ao mesmo tempo travou-se no Pacífico a mortífera batalha de Guadalcanal entre americanos e japoneses. Em maio desse ano de 1943 capitulou em Tunes o exército alemão-italiano após perdas devastadoras; já a meio de julho deu-se a invasão aliada da Sicília, com o que a Alemanha e os aliados fascistas se viram confrontados com uma guerra em duas frentes no solo europeu.

Também no verão de 1943 britânicos e americanos intensificaram os ataques aéreos ao território do Reich. Milhares de civis queimaram ou sangraram até à morte quando a 24 de julho quase todos os bairros periféricos de Hamburgo foram reduzidos a cinzas por bombas de fósforo e explosivas. Em novembro — a Wehrmacht alemã fora entretanto esmagadoramente derrotada também na península da Crimeia e na Ucrânia — os ataques aéreos aliados atingiram uma dimensão nunca antes conhecida. O terror recaía quase completamente sobre a população desarmada; o pior era em Berlim, onde quase nenhuma noite passava sem que as sirenes uivassem e as pessoas sonolentas — na maioria velhos, mulheres e crianças — tivessem de correr para os abrigos antiaéreos.

Todo o ano de 1944 continuou o morticínio em massa dos civis nas cidades e dos soldados nas frentes que agora desabavam cada vez mais depressa. Pelo menos desde o início de junho, quando os Aliados desembarcaram na costa da Normandia, quase ninguém acreditava no «triunfo final» proclamado por Adolf Hitler. O ditador, porém, agarrava-se mais do que nunca à sua ideia delirante do triunfo definitivo da raça ariana e nomeou Joseph Goebbels plenipotenciário geral para a guerra total. As tiradas de ódio diárias deste demagogo na rádio não provocaram, porém, outro efeito senão o de os americanos e britânicos intensificarem ainda mais os bombardeamentos — e assim também as regiões afastadas da Alemanha começaram a ser atingidas.

Ainda antes do início da guerra uma prima de Maria deixara a aldeia de Obergsschwind perto de Ruppolding para casar com um mestre-padeiro na cidade distrital de Rosenheim, a duas horas de comboio. O casal de Freilassing participara na festa de casamento; também depois o contacto entre as duas mulheres, que tinham passado juntas a infância e a juventude, não se interrompera. Foi por isso que no início de novembro de 1944 chegou uma carta em que os padeiros pediam uma visita de Alois Irlmaier. O poço da casa secara de repente, dizia-se na carta, e como na cidade não havia falta de especialistas e era preciso trazer a água para a padaria de uma quinta vizinha com grande esforço, suplicavam ao radiestesista que viesse resolver o problema.

Alois, que meio ano antes completara cinquenta anos, falou com a mulher. Logo no dia seguinte apanhou o comboio da manhã para Rosenheim, chegou lá por volta das dez e explicou ao padeiro e à mulher: «Na verdade a Maria também queria vir. Mas a nossa pequena, a Rita de quatro anos, está de cama com varicela e precisa da mãe.»

Depois pediu que o levassem ao poço no pátio dos fundos e tirou do bolso um arame que usava há alguns anos em vez da vara bifurcada. No meio o arame fino estava dobrado numa alça estreita, à esquerda e à direita os braços saíam cerca de vinte centímetros horizontalmente. De braços estendidos e segurando o estranho objeto com as duas mãos, Alois começou a radiestesia; o mestre-padeiro seguia-o a poucos passos. De sobrelhas cerradas o sensitivo seguiu a veia de água quase morta; por fim as quase invisíveis sacudidelas da vara levaram-no ao terreno vazio ao lado. Atrás de um monte de terra que obviamente fora ali levantado há pouco tempo junto a uma escavação de vários metros de profundidade, o arame baixou de repente com força; a mesma reação aconteceu quando o radiestesista cruzou várias vezes o veio subterrâneo do outro lado do monte de argila pisada.

Por fim Alois Irlmaier voltou ao monte de terra e explicou ao padeiro: «Foi exatamente aqui que o veio de água foi interrompido. Provavelmente as obras de terra que aqui foram feitas são culpadas. Para que serviam afinal?»

«A direção distrital queria construir um abrigo antiaéreo», respondeu o outro. «Mas passados poucos dias a obra foi interrompida e em vez disso ampliaram o abrigo do outro lado na Salinenplatz, de modo que...»

O mestre-padeiro calou-se porque Alois empalidecera de repente. «Estás bem?», perguntou preocupado.

«Não, não me acontece nada!», respondeu o radiestesista. «Só... talvez me possas mostrar depois o abrigo ampliado?»

«Se te interessa, com todo o gosto», respondeu o de Rosenheim, admirado. «Mas e o meu poço? Achas que se pode voltar a pôr a funcionar?»

Irlmaier voltou ao ponto onde interrompera a radiestesia e concentrou-se de novo nas sacudidelas da vara. Depressa encontrou o novo curso da veia de água e seguiu-a na direção da padaria. O veio deslocado passava pelo pátio dos fundos do edifício, mas a cerca de três metros da cisterna. Alois marcou o ponto mais próximo do poço e perguntou ao dono: «Consegues arranjar hoje ainda uns tubos roscados?»

«Se não me engano, há alguns na cave», respondeu o padeiro após pensar um pouco.

«Ótimo, então abro-te já uma nova entrada de água para o poço», prometeu o de Freilassing.

De facto, no início da tarde a cisterna começou a encher-se de novo. Depois de se certificar de que a água que entrava também era limpa, Alois Irlmaier voltou ao pedido quanto ao abrigo antiaéreo na Salinenplatz e pediu ao anfitrião que o acompanhasse lá.

«Ainda não percebo o que queres no abrigo, mas claro que te faço a vontade», respondeu o mestre-padeiro.

Logo a seguir os dois homens puseram-se a caminho e poucos minutos depois chegaram ao local. Quando se aproximaram da porta blindada que protegia a entrada do abrigo, o sensitivo pareceu contrair-se, mas a uma pergunta do acompanhante deu uma resposta evasiva. Mal, porém, o de Freilassing estava no próprio abrigo de paredes de betão nu, o comportamento mudou completamente; de repente exclamou, agitado: «Ali à frente, mesmo no meio, vejo um monte de cadáveres! Todos os que estiverem nesse ponto morrem de morte horrível morte!»

Virou-se para o padeiro, agarrou-o pela manga e suplicou-lhe: «Diz às pessoas de Rosenheim que no próximo bombardeamento ninguém se pode pôr no meio do abrigo! Todos devem ficar o mais possível aqui junto à porta! Aí não lhes acontece nada!»

Chocado, o outro quis saber: «Quando achas que acontece isso?!»

«Em breve!», respondeu o vidente. «Só um ou no máximo dois dias até os aviões americanos chegarem!»

«Vou passar o aviso», prometeu o mestre-padeiro.

«Faz isso!», insistiu Alois Irlmaier mais uma vez. Depois virou-se e saiu a correr do abrigo; exatamente como se já não suportasse a atmosfera ali.

Durante o resto da curta estada manteve-se calado e fechado em si. Embora lhe estivessem gratos pela reparação do poço, os anfitriões quase sentiram alívio quando ele se despediu ao fim da tarde para apanhar o último comboio para Freilassing.

Dois dias depois, na noite de 7 para 8 de novembro de 1944, a visão do radiestesista cumpriu-se.

De repente as sirenes uivaram em Rosenheim; poucos minutos depois ouvia-se o ronco dos motores de aviões pesados. Os moradores do centro da cidade correram para as caves das casas ou para o grande abrigo antiaéreo na Salinenplatz. Como o mestre-padeiro realmente passara o aviso de Irlmaier, as pessoas assustadas apertaram-se o mais possível na zona da entrada e evitaram ir mais para dentro do espaço de paredes de betão nu. Mesmo quando lá fora começaram as primeiras detonações, ficaram junto à porta de aço — não assim, porém, os soldados de fora da cidade que pouco depois, no auge do ataque aéreo, entraram a correr.

Empurraram os locais e correram, enquanto as explosões se aproximavam cada vez mais, para o meio do abrigo.

«Saíam dali!», gritou o responsável pela defesa antiaérea, que também estava junto à entrada; também outros de Rosenheim tentaram ainda avisar os infantas. Os soldados, porém, cerca de uma dúzia, não fizeram caso dos gritos dos civis — e menos de um minuto depois pagaram horrivelmente por isso.

Um impacto direto fez desabar a abóbada de toneladas exatamente onde os soldados estavam. Os blocos de betão que caíram soterraram os infantas até ao último homem; os civis mais à frente, porém, ficaram ilesos. Quando os bombardeiros americanos desapareceram e começaram os trabalhos de desobstrução, verificou-se que nenhum dos soldados respirava ainda. Só os cadáveres puderam ser retirados e amontoaram-se no fim, exatamente como Alois Irlmaier previra, no centro do abrigo antiaéreo destruído.

Dezenas de cidadãos de Rosenheim que, ao contrário dos soldados, tinham seguido o aviso do visionário, deviam-lhe a vida. Na primavera de 1945, quando a Segunda Guerra Mundial já estava nos últimos estertores, o radiestesista teve uma segunda precognição deste tipo — e desta vez viu o inferno iminente para a cidade onde ele próprio vivia.

Era 22 de abril: o mesmo dia em que Adolf Hitler, numa reunião de situação no seu bunker em Berlim, declarou a guerra perdida e anunciou que se suicidaria. Já de manhã Alois parecia estranhamente inquieto; dava respostas nervosas e por vezes quase grosseiras aos que procuravam ajuda e que também nesse dia tinham vindo à barraca de obra. De repente, depois de acabar de garantir a uma mulher vinda de Munique que o filho, embora ferido, em breve regressaria a casa, levantou-se de um salto e saiu da barraca de tábuas. Secamente explicou aos que esperavam lá fora que por enquanto não estava disponível; logo a seguir montou na bicicleta e pedalou o mais rápido possível de volta à Reichenhaller Straße.

No corredor de entrada encontrou Maria e a filha Elisabeth de dezasseis anos que, carregando um cesto pesado, iam para a lavandaria no edifício dos fundos. «Deixem isso agora!», ordenou-lhes. «Têm de me ajudar a esvaziar o apartamento e a levar para a cave tudo o que possa ser danificado!»

«Mas porquê?!», perguntou a rapariga, horrorizada.

«Porque os americanos vão bombardear Freilassing!», respondeu o sensitivo. «E agora mexam-se! Não temos tempo a perder!»

Quando Elisabeth ainda hesitava, Maria, que de repente se lembrou dos acontecimentos no círculo lunar, insistiu: «Faz o que o teu pai diz! Ele previu a terrível desgraça em Rosenheim e decerto também desta vez não se engana!»

De lábios cerrados, Alois acenou-lhe que sim; depois correu para a escada que subia ao andar de cima. Logo a seguir os três ocuparam-se a levar os haveres para baixo; a pequena Rita de quatro anos seguia com olhos muito abertos aquela atividade incompreensível para ela. Igualmente espantado, quando percebeu o alvoroço, mostrou-se primeiro o casal sem filhos que tinha o talho no rés-do-chão do prédio. Depressa, porém, depois de o construtor de poços os informar, seguiram o exemplo dos inquilinos.

Até ao fim da tarde os bens móveis que estavam nos apartamentos estavam guardados nas amplas caves. Entre os móveis, caixas e fardos as mulheres prepararam várias camas de emergência, e quando se deixou cair

numa delas com um suspiro, o talhante disse: «Não é especialmente cómodo, mas pelo menos aqui estamos a salvo das bombas, se caírem mesmo.»

«O ataque vem!», respondeu Alois Irlmaier. «Na segunda ou no máximo terceira noite a contar de hoje! Mas não nos podemos ficar nestes espaços, não servem de abrigo!»

«Se nem aqui estamos em segurança, então o quê? O abrigo antiaéreo público fica longe da nossa casa...», perguntou o talhante com voz embargada.

«Cavamos nós próprios um abrigo», respondeu Alois com firmeza. «Começamos amanhã cedo, o mais tardar depois de amanhã tem de estar pronto!»

O talhante tinha algumas reservas, mas acabou por concordar. Na manhã seguinte, porém, houve discussão entre ele e o construtor de poços porque este insistia em abrir o abrigo do lado da frente do prédio, enquanto o proprietário — não sem motivos válidos — defendia o pátio dos fundos. «O lugar na rua está completamente desprotegido!», exclamou após algum vai e vem, exaltado. «Antes metermos uma bala na cabeça do que nos escondermos num buraco na rua! Só se fizermos o abrigo à sombra dos edifícios dos fundos, de preferência no canto entre a parede da casa e a lavandaria, temos alguma hipótese!»

«Se correres esse risco, não vives mais setenta e duas horas!», retorquiu o sensitivo. «E levas a tua mulher contigo para a morte! Mas faz como quiseres, eu pelo menos cavo o abrigo para mim e para os meus do lado da rua!»

Por fim o talhante cedeu e, embora contrariado, ajudou o inquilino a escavar o buraco do lado da Reichenhaller Straße. Graças à experiência de Irlmaier, o trabalho avançou depressa. Com picaretas e pás os homens abriram dois metros e meio de profundidade no solo. Ao fim do dia o espaço era grande o suficiente para as duas famílias; na manhã seguinte deviam começar a cobertura.

Embora o vidente estivesse morto de cansaço após o trabalho duro, nessa noite de 23 de abril demorou muito a adormecer. Já durante o dia Alois falara com numerosos transeuntes e avisara-os do bombardeamento iminente. Agora, após engolir depressa o jantar, correu pelas ruelas de Freilassing, tocou às campainhas dos moradores de certos prédios e informou-os de que as casas seriam atingidas no bombardeamento que se

aproximava. Mal superavam o primeiro choque, indicava-lhes outros alojamentos próximos onde podiam encontrar proteção e aconselhava-os a ir para lá assim que na próxima ou no máximo na noite seguinte houvesse alarme.

Completamente esgotado, o construtor de poços regressou finalmente à Reichenhaller Straße e dormiu umas horas na cama de emergência na cave. Pouco depois do nascer do sol ele e o talhante puseram-se a continuar o abrigo; ao fim da tarde o esconderijo estava pronto. Vigas pesadas protegiam agora a cova por cima, por cima delas os dois homens tinham deitado mais de um metro de terra bem calcada e uma camada de proteção de lajes de pedra. Fortes esteios sustentavam o teto por dentro; o acesso em ângulo fora o melhor possível barricado com tábuas, pedras e barro.

Até ao pôr do sol restava cerca de uma hora: o suficiente para a família Irlmaier e o casal proprietário se instalarem provisoriamente no abrigo. Apertados uns contra os outros sentavam-se nas simples enxergas, uma lâmpada a petróleo dava luz fraca. A espera do ataque aéreo que o sensitivo profetizara punha os nervos em franja; quanto mais tempo passava, pior era a tensão. Lá para o fundo da noite a mulher do talhante teve um ataque de histeria; demorou muito até o choro convulsivo acalmar. Passado um bocado os outros ouviram as palavras do construtor de poços: «São sete da manhã, podemos voltar para casa.»

O tempo nesse 25 de abril mostrou-se hostil. Uma e outra vez o vento nordeste trazia rajadas de granizo; quando as nuvens se abriam, o sol aguado mal atravessava a névoa que pairava como um sino sobre a pequena cidade no sopé dos Alpes bávaros. «Enganaste-te, Irlmaier», gritou um conhecido que ao meio-dia passava pelo talho ao radiestesista. «Com este tempo não aparece avião inimigo nenhum.»

Alois — estava ocupado a reforçar ainda mais a cobertura do abrigo — endireitou-se e respondeu imperturbável: «Vêm! Podes apostar nisso!»

O outro abanou a cabeça e seguiu caminho; não foi o único cidadão de Freilassing que duvidou da previsão ameaçadora do construtor de poços depois de as sirenes terem ficado silenciosas na noite anterior. A maior parte dos moradores da pequena cidade, porém, continuava a levar a sério os avisos do vidente. Mais cedo do que o costume as ruas esvaziaram-se ao fim da tarde; já algum tempo antes Alois Irlmaier instara subitamente os seus e o casal proprietário a irem para o abrigo.

De novo os quatro adultos, a Elisabeth quase adulta e a pequena Rita estavam sentados à luz da lâmpada a petróleo nas enxergas de tábuas — desta vez, porém, a espera angustiante durou pouco. Porque no último clarão do dia cinzento de abril, por volta das 17h30, chegaram os bombardeiros americanos e despejaram a carga mortífera sobre Freilassing.

O ataque deu-se em sete vagas. Por toda a pequena cidade explodiam as bombas incendiárias e explosivas: arrancavam telhados e paredes, abriam crateras profundas no pavimento das ruas e praças. Alguns impactos foram tão próximos que as ondas de pressão tiraram o fôlego às pessoas no abrigo e o bunker tremeu até aos alicerces. Mais de uma hora durou o inferno; quando lá em cima finalmente se fez silêncio, a mulher do talhante, de novo à beira de um colapso nervoso, quis rastejar choramingando para o exterior. O construtor de poços segurou-a com força e ordenou-lhe: «Fica aí se queres sobreviver! Ainda vem outro ataque!»

Por fim, porque também o marido lhe falou, a mulher perturbada conformou-se. Alois teve tempo de cuidar de Maria e das duas filhas; demorou muito, sobretudo até a Rita de quatro anos se acalmar um pouco. Mas mesmo depois, enquanto a tensão voltava a subir quase ao insuportável, ainda se ouvia o choro abafado dela — até se perder no fragor do segundo ataque aéreo, que começou por volta das 21h30.

De novo os bombardeiros americanos atacaram em sete vagas, e desta vez uma série de impactos foi tão próxima que as vigas do abrigo pareceram prestes a rebentar. Enquanto a terra se erguia, ouvia-se lá em cima, além das detonações, um estalar terrível: exatamente como se um edifício desabasse. De rostos mortalmente pálidos, os ocupantes do abrigo olharam para o teto; só passado muito tempo perceberam que as explosões se afastavam e as bombas explosivas caíam agora noutro bairro da cidade. Alguns minutos depois as detonações calaram-se também ali, e então Alois disse com voz rouca: «Acabou! Sobrevivemos!»

Custou-lhes sair. O acesso estreito ao abrigo estava parcialmente soterrado; lá fora havia por todo o lado blocos de parede, telhas, estilhaços de vidro e madeira a arder. O céu por cima da cena horrenda brilhava vermelho-sangue, em muitos pontos ardiam o centro da cidade e os subúrbios de Freilassing. A Reichenhaller Straße também sofrera muito. Um impacto direto destruíra até aos alicerces o prédio ao lado do talho, mas também o próprio prédio comercial estava consideravelmente danificado. No andar de cima, onde ficava o apartamento da família

Irlmaier, uma fenda irregular de largura de uma mão atravessava a fachada; todas as janelas estavam partidas, as duas lucarnas no telhado amassadas.

Pior ainda era nos fundos. Aqui parte do cume desabara diretamente sobre a lavandaria e destruía-a completamente. Na orla do monte de entulho de metros de altura abria-se um buraco nos alicerces da casa; estilhaços metálicos da bomba explosiva que atingira o madeiramento do telhado deviam ter destruído a parede da cave um pouco acima do nível do chão. Quando os dois homens entraram no rés-do-chão, encontraram lá dentro marcas de ricochetes; os estilhaços da bomba tinham aberto sulcos profundos na alvenaria e danificado parte dos móveis guardados.

«Devemos só a ti, Irlmaier, que todos sobrevivemos e saímos ilesos!», exclamou por fim o talhante. «Aconteceu exatamente como disseste! Aqui em baixo os estilhaços de aço ter-nos-iam atingido, e se tivéssemos cavado o abrigo onde eu queria, estaríamos agora todos soterrados debaixo do edifício dos fundos desabado!»

Como se veio a saber mais tarde, o vidente salvara também inúmeras outras pessoas de serem despedaçadas pelas bombas ou queimadas nas casas em chamas. Graças aos seus avisos e sobretudo às indicações precisas de quais os edifícios que seriam destruídos, centenas de habitantes de Freilassing tinham conseguido pôr-se a tempo em segurança noutro lugar.

Ainda assim, após aquela noite horrenda de 25 para 26 de abril de 1945, na pequena cidade da Alta Baviera houve setenta e oito mortos a lamentar. Entre essas infelizes vítimas encontravam-se exclusivamente pessoas de fora da cidade ou cidadãos que não tinham levado a sério a precognição do construtor de poços.

Duas semanas após o brutal ataque aéreo a Freilassing, a 9 de maio de 1945, a Wehrmacht alemã capitulou sem condições; já a 30 de abril Adolf Hitler suicidara-se no seu bunker em Berlim. Aos moradores da casa na Reichenhaller Straße conseguiram até aí reparar provisoriamente os piores danos; os quartos do andar de cima eram agora mais ou menos habitáveis de novo. Alois Irlmaier e os seus podiam assim olhar o futuro pelo menos um pouco mais tranquilos do que muitos outros. Uma preocupação angustiante, porém, sob a qual sobretudo Maria sofria, permaneceu também após o cessar-fogo: a do filho, de quem não chegavam notícias há meses.

Mas depois, num dos primeiros dias de junho, um jovem magro de uniforme de infante alemão veio pelo cinto verde da Saalach. Chegou à rua na periferia e aproximou-se, de olhar angustiado para a casa vizinha

completamente destruída, do prédio onde no rés-do-chão ficava o talho. Quando também ali viu os danos das bombas, parou assustado — no instante seguinte, porém, soltou um grito de alívio e correu para a mãe, que acabava de sair porta fora. Logo a seguir Maria e o filho Alois choravam nos braços um do outro; pouco depois o regressado da guerra estava sentado na cozinha do andar de cima e contava aos seus: «Em abril a minha unidade deixou a Prússia Oriental e entrou em Berlim. Aí vivi os últimos combates, no Portão de Brandemburgo e noutros sítios; no fim vi um grupo de soldados russos arrancar a bandeira com a suástica da cúpula do edifício do Reichstag e içar lá a bandeira vermelha. Nesse mesmo dia fui feito prisioneiro e estive pouco tempo num campo. Há uma semana e meia os russos deram-me inesperadamente os papéis de libertação; depois bati-me até à Baviera, parte de comboio, parte a pé.»

Depois de o de vinte e um anos terminar, Maria e Alois Irlmaier trocaram um olhar significativo; ambos pensavam o mesmo: o filho regressara, exatamente como o visionário vira no verão de 1942 no círculo de pedra no Hochfelln.

O criminalista visionário

Debaixo das macieiras bravas na Jennerstraße de Freilassing, uma mulher vestida pobremente ocupava-se a apanhar as pequenas frutas silvestres, noutras alturas sem valor, e a pô-las num cesto. A comida no início do outono de 1945 tornara-se extremamente escassa; as pessoas aproveitavam todas as oportunidades para arranjar um bocado além das rações completamente insuficientes.

Também Alois Irlmaier, nesses primeiros meses do pós-guerra, não se não se envergonhava de aceitar ocasionalmente um pão ou um molho de legumes como pagamento pelos seus serviços paranormais. Continuavam a vir à barraca de obra no terreno que o sensitivo comprara em 1934 após a venda da Villa Kurr. Também agora estava sentado à mesa de tábuas toscas e fixava com pupilas escuras, quase negras, uma fotografia. O homem de cerca de sessenta anos, de cabelo grisalho, que estava agachado no banco em frente dele, observava o seu comportamento com ar angustiado; agora, quando o construtor de poços começou a falar, estremeceu involuntariamente.

«Na fotografia o teu filho está de civil», murmurou Alois. «Mas no uniforme que usava na frente vejo dragonas prateadas entrançadas. Tinha um posto superior, era oficial...»

«Capitão e portador da Cruz de Cavaleiro!», escapou-se ao outro. «E até início de 1943 a minha mulher e eu recebíamos regularmente cartas dele. Depois, como já lhe disse, nada mais, só a notícia de que estava desaparecido. Quase ao mesmo tempo a nossa cidade natal no Ruhr foi bombardeada. Perdemos tudo, vivemos até ao cessar-fogo em Hamburgo; agora tentamos um recomeço na Baviera. Aqui em Freilassing soubemos do seu dom, senhor Irlmaier, e se não conseguir descobrir o que aconteceu ao Konrad...»

O de sessenta anos calou-se porque Alois fez um gesto brusco; logo a seguir exclamou: «Vejo uma cidade grande. Só ruínas, um rio largo. É na Rússia, pode ser Estalinegrado. O homem está mal...»

«O meu filho?!», perguntou o mais velho.

O sensitivo acenou e continuou agitado: «Vejo-o a fugir. É apanhado de novo. Está-lhe ainda pior. Foge outra vez, salta para a água grande. Vejo sangue! Vejo sangue — está ferido. Agora fica tudo branco, como um véu. — Esse não volta mais! Está morto! Tem uma roupa branca...»

O grisalho escondeu o rosto nas mãos. Passado um bocado gemeu: «Estalinegrado... sim! Desde a catástrofe lá o Konrad está desaparecido... E já em criança era tão rebelde... Por isso provavelmente não quis render-se após o aniquilamento do Sexto Exército... Tentou fugir e perdeu a vida...»

«Foi assim que aconteceu», confirmou Alois Irlmaier baixinho. «Queria poder dar-te outra notícia. Mas não é diferente. O teu filho caiu em 1943, lá.»

De novo o de sessenta anos ficou longo tempo em silêncio; por fim, antes de se levantar, sussurrou: «Pelo menos a minha mulher e eu agora temos a certeza...»

O construtor de poços acenou em silêncio, depois acompanhou o outro até à porta. Com olhos húmidos seguiu o grisalho até desaparecer por detrás das macieiras bravas, onde ainda andava a mulher pobre com o cesto.

Quase ao mesmo tempo em que o velho do Ruhr soube a amarga verdade sobre o destino do filho, aconteceu entre Freilassing e a cidade de Laufen, cerca de 25 quilómetros mais a norte no Salzach, um crime de sangue horrendo.

Um homem de ar duvidoso, de trinta e poucos anos, de culotes e casaco de uniforme tingido, aproximou-se de mota de um extenso bosque de amieiros que se estendia a sudoeste do lago Abtsdorfer See. Na orla da mata parou a mota, desmontou e escondeu a máquina num matagal. Muito perto sentou-se numa pedra e, com movimentos nervosos das mãos, enrolou um cigarro. Fumou-o depressa, mal apagou a beata apareceu um segundo homem de bicicleta. Também a bicicleta foi escondida, depois os dois entraram mais fundo na mata até chegarem a uma depressão que não se via da orla da floresta.

Aí o da mota tirou do bolso interior do casaco um pequeno pacote embrulhado em papel oleado e entregou-o ao outro. Este abriu-o, olhou avidamente o conteúdo, acenou e tirou por seu turno um grosso maço de notas. O homem de culotes agarrou avidamente e começou a contar as notas. Dois, três segundos o outro observou-o fixamente — de repente tinha uma faca na mão e apunhalou-o veloz como um raio. A lâmina afiada atravessou o coração do desprevenido; morreu antes mesmo de cair pesadamente no mato.

O assassino tirou-lhe o dinheiro e guardou-o juntamente com o objeto que lhe roubara. Uma nota, porém, sem que o criminoso notasse, voou para o chão; o papel oleado também ficou na terra da floresta. Do cadáver, porém, pouco depois já não havia rasto. Jaz agora debaixo de um tronco tombado; além disso o assassino amontoara um monte de folhas velhas sobre o corpo ensanguentado. Depois desapareceu na direção onde estavam escondidas as máquinas. Deixou a bicicleta com que viera, montou na mota e afastou-se depressa.

Oito dias após o crime de sangue um Opel P4 azul-escuro aproximou-se do terreno de construção na Jennerstraße de Freilassing e parou perto da barraca de tábuas. Alois Irlmaier, que nessa manhã andava a trabalhar com martelo de pedreiro e colher de pedreiro nos alicerces da obra parada desde 1939, olhou surpreendido. Logo a seguir viu dois homens desconhecidos de fatos cinzentos saírem do carro e aproximarem-se de ar sério.

«Inspetor criminal Färber de Traunstein», apresentou-se um. «Este é o meu assistente Höllerer. É certamente o construtor de poços e vidente de quem tanto se ouve falar, e precisávamos da sua ajuda num caso especial que...»

«Ah, da polícia criminal?», interrompeu-o Alois. «Devem garantir a lei e a ordem — mas usam exatamente aquele Opel ali como carro de serviço! O que querem de mim com o carro roubado?»

«Roubado?!», exclamou o assistente. «Modere a língua, senhor Irlmaier, senão...»

«O carro foi tirado ilegalmente ao seu legítimo proprietário!», insistiu o de cinquenta e um anos; mais uma vez formou-se-lhe a ruga profunda por cima da raiz do nariz. «Há cerca de quatro semanas aconteceu a injustiça, mas não em Traunstein, mas em Rosenheim...»

«Se repetir mais uma vez uma acusação tão infame, terá de responder por isso!», ameaçou o agente Höllerer. «Eu trato de que...»

«Não, deixa lá!», cortou-lhe o superior a palavra. «Esqueci-me de te dizer, estávamos tão ocupados com o nosso caso durante todo o caminho até aqui. Mas esta manhã cedo, antes de chegares ao posto, o administrador informou-me de que o Opel foi de facto confiscado sem base legal em Rosenheim antes de o porem à disposição da nossa esquadra. Os colegas de Rosenheim pensavam que o proprietário andava metido em negócios de mercado negro, mas ontem verificou-se que é inocente. Temos portanto de devolver o carro na primeira oportunidade.»

Enquanto o assistente ficava de boca aberta, o inspetor virou-se de novo para o sensitivo: «É incrível! Acabas de nos dar, sem querer, uma prova das tuas capacidades clarividentes verdadeiramente espantosas! E por isso foi certamente muito bom termos decidido, por conselho de um conhecido meu, pedir-te ajuda na investigação de um presumível crime de violência. Porque com os métodos habituais não avançamos um passo há uma semana...»

Alois Irlmaier pousou as ferramentas, levou os agentes à barraca de tábuas, sentou-se à mesa e pediu aos visitantes que se sentassem também. Só então perguntou: «O que aconteceu?»

Höllerer, que aparentemente queria reparar o erro, relatou solícito: «Trata-se de um homem chamado Josef Stangassinger, que presumivelmente foi assassinado. Há duas semanas chegou de mota a Traunstein e alugou um quarto numa pequena pensão. Aí comportou-se de início completamente normal, ainda assim a dona da pensão teve a impressão de que andava metido em negócios escuros. Porque várias vezes recebeu visitas de tipos também não da terra que, segundo a senhoria, pareciam contrabandistas ou outros criminosos...»

«Hoje em dia esses tipos encontram-se a cada passo», retorquiu Alois, sombrio.

«É verdade», concordou o inspetor e continuou a narrativa do assistente: «Há oito dias, ao pequeno-almoço, Stangassinger parecia estranhamente agitado. Quando a dona da pensão lhe perguntou, disse-lhe que tinha nesse dia um negócio importante em que muito estava em jogo para ele. Para isso ia estar fora algumas horas; até regressar, a mulher devia preparar a conta porque tencionava partir logo a seguir. Pouco depois partiu na mota e, como não apareceu nem nesse dia nem no seguinte, a dona da pensão acabou por dar parte do desaparecimento.»

«Não poderia ser que simplesmente quis enganar a mulher e fugir sem pagar?», perguntou o construtor de poços.

«Foi o que pensamos primeiro», admitiu o assistente criminal. «Mas quando revistámos o quarto de Stangassinger, verificámos que deixara lá roupa e vários objetos de valor como, por exemplo, uma máquina fotográfica, o que um caloteiro nunca faria de forma nenhuma.»

«O homem deve, portanto, ter sido impedido de regressar a Traunstein», declarou novamente o agente mais velho. «E como já está desaparecido há mais de uma semana, tudo aponta para um crime violento. Temos a forte suspeita de que Josef Stangassinger, que provavelmente era um traficante do mercado negro ou um recetador, tenha sido assassinado. Claro que só poderemos prová-lo se encontrarmos o cadáver. Por isso viemos ter consigo, senhor Irlmaier, porque o senhor talvez nos possa ajudar com o seu dom de vidência...»

Durante alguns segundos, Alois ficou como que ausente, a olhar para o vazio, depois perguntou: «Podem dar-me uma descrição do homem?»

«Stangassinger tem trinta e dois anos, é louro escuro, tem olhos castanhos e é atarracado», respondeu o assistente. «No dia em que desapareceu, trazia calças de montar e um casaco de uniforme tingido. A mota que conduzia era uma máquina da marca BMW, como as que eram muito usadas na guerra pelos estafetas motorizados.»

«Têm alguma coisa que tenha pertencido ao desaparecido?», quis agora saber o sensitivo.

O inspetor tirou um gravata do bolso, entregou-a a Irlmaier e explicou: «O meu conhecido, que me aconselhou a vir a Freilassing, disse-me que o senhor provavelmente precisaria de um objeto pessoal.»

Alois pousou a gravata à sua frente na mesa, passou delicadamente os dedos calejados pelo tecido e concentrou-se. Os olhos tornaram-se fendas

estreitas, algo indefinível irisou nas suas pupilas escuras, quase negras; logo de seguida, o visionário pronunciou-se aos tropeços: «A três horas a pé daqui... Junto a um pequeno lago... Sim, é no lago Abtsdorfer See... Ali está o cadáver no bosque de várzea... A sudoeste do lago... Debaixo de uma árvore caída... E de um monte de folhas... Ali está o morto com a facada no peito enterrado... Ali jaz ele, com a placa de prata na barriga... É ali que o encontrarão...»

O transe abandonou Alois Irlmaier; no mesmo segundo, o inspetor criminal exclamou: «Uma placa de prata na barriga?! Pelo amor de Deus, o que é que isso quer dizer?!»

«Mais do que isto não vos posso dizer», respondeu o sensitivo, exausto. «Mas tudo se esclarecerá assim que encontrarem o assassinado.»

Pouco depois, os dois agentes despediram-se, dirigiram-se à esquadra de Freilassing e mobilizaram os gendarmes locais, entre os quais se encontrava também um condutor de cães. Ainda no mesmo dia, o cadáver foi descoberto e recuperado nas proximidades do lago Abtsdorfer See. Do mesmo modo, o cão pisteiro encontrou a nota de dinheiro e o pedaço de papel oleado que o assassino-ladrão tinha perdido; além disso, foi encontrada no mato a bicicleta do criminoso. Com base nestes indícios, bem como noutras pistas, foi possível reconstruir amplamente o desenrolar do crime; permaneceu, no entanto, inicialmente enigmática a declaração do vidente relativamente à placa de prata.

Dois dias depois, quarenta e oito horas após a primeira visita ao terreno de construção na Jennerstraße, o inspetor chamado Färber apareceu novamente ali, informou Alois Irlmaier sobre o sucesso das investigações e esclareceu finalmente também o suposto milagre.

«Ontem foi feita a autópsia ao morto», relatou ele. «Nela, o patologista encontrou efetivamente um implante de prata debaixo do peritoneu do assassinado. Foi-lhe colocado durante a guerra para atenuar as consequências de um ferimento grave, como entretanto soubemos dos familiares de Stangassinger em Munique, que puderam ser localizados com a ajuda dos documentos encontrados junto dele.»

Depois de o poceiro de Freilassing ter contribuído de forma tão espetacular para o esclarecimento do assassinio com roubo no lago Abtsdorfer See, não era de admirar que a polícia criminal continuasse a recorrer ao seu conselho também nos anos seguintes. E em breve já não eram apenas agentes bávaros que o procuravam, mas cada vez mais

também de outras regiões alemãs. Foi o que aconteceu, por exemplo, num caso de crime grave que ocorreu alguns anos após a guerra em Estugarda.

Havia já meses que numa vila nos arredores da cidade se verificavam frequentes discussões entre o casal que ali vivia: um casal abastado que conseguira salvar grande parte da sua fortuna durante as turbulências do pós-guerra. Por dezenas de vezes tinham ocorrido cenas desagradáveis entre o empresário e a esposa, inclusive em público – numa determinada manhã, a criada encontrou a patroa sem vida no seu toucador. A polícia criminal constatou que a mulher tinha sido estrangulada; o marido, por sua vez, desaparecera sem deixar rasto, razão pela qual a suspeita recaiu imediatamente sobre ele.

Por fim, o empresário embriagado foi detido num estabelecimento público e nos dias seguintes submetido a interrogatórios quase ininterruptos. Embora os indícios o incriminassem, negou obstinadamente o homicídio e jurou incessantemente a sua inocência. Por último, suplicou encarecidamente que chamassem o vidente de Freilassing; o poceiro seria o único capaz de esclarecer os verdadeiros contornos do crime de sangue. O juiz de instrução, que de qualquer modo já estava no limite da sua sabedoria, acabou por aceder ao pedido e mandou transportar o suspeito de homicídio por dois gendarmes até à pequena cidade da Alta Baviera.

Também nessa tarde de sábado, Alois Irlmaier trabalhava na obra do casa na Jennerstraße, cujo primeiro andar já estava levantado. O filho, que entretanto terminara a formação de torneiro começada ainda antes da guerra e que agora, durante a semana, também trabalhava como instalador, ajudava-o. Juntos, pai e filho içavam nesse momento uma viga quando a limusina com a matrícula de fora parou debaixo das macieiras bravas à beira do terreno.

Ao longo de algumas hortas que Maria tinha plantado no outono anterior no terreno, aproximaram-se os dois gendarmes de Estugarda, o marido da assassinada e mais dois polícias de Freilassing. Um dos agentes locais informou o poceiro sobre o motivo da visita dos forasteiros; pouco depois, esse gendarme e os colegas de Estugarda acompanharam o sensetivo até à cabana de tábuas, enquanto o detido algemado tinha de esperar lá fora, vigiado pelo segundo polícia de Freilassing.

Os agentes suábios colocaram diante de Alois Irlmaier uma fotografia que mostrava a morta e o marido em dias mais felizes. Mal o vidente lançou um olhar à foto, exclamou: «Não, não! Este não a matou! Foi outro – deem-me a outra fotografia, aquela que ainda têm aí!»

«Como é que o senhor sabe dessa segunda fotografia?!», perguntou espantado um dos polícias de Estugarda. «Não dissemos uma palavra sobre ela!»

«O importante é que a tens na pasta», retorquiu o poceiro. «E agora dá-ma de uma vez!»

O gendarme tirou a foto da pasta. Fora tirada durante o funeral da assassinada; dezenas de pessoas enlutadas agrupavam-se em volta da sepultura onde a mulher abastada encontrara o seu último repouso.

Irlmaier fixou intensamente a fotografia, por fim apontou para um homem ao fundo e declarou: «Foi este! Foi ele que a matou! Roubou-lhe as joias, um anel e uma máquina fotográfica. – Mas isso já vocês próprios poderiam ter descoberto! Têm lá em casa uma carta em que está escrito. Este deu a outra mulher qualquer coisa do roubo. Vão ter com ela, e apanham o verdadeiro culpado!»

Logo após lhes ter dado esta informação, Alois acompanhou os gendarmes atónitos até lá fora, aproximou-se do detido e garantiu-lhe: «Vais livrar-te das algemas em breve! No máximo dois dias, e a tua inocência estará provada!»

Os olhos do algemado encheram-se de lágrimas; os polícias que o levaram de volta ao carro trataram-no agora visivelmente com mais consideração do que antes.

De regresso a Estugarda, os agentes da criminal seguiram o conselho do poceiro e voltaram a mergulhar nos seus processos. Numa das pastas depararam-se com uma carta anónima que até então quase não tinham considerado. Nessa missiva, acusava-se uma determinada mulher de ter entrado na posse de um anel valioso de forma ilícita. Quando a Kripo revistou o apartamento da referida pessoa, apreendeu a joia em questão e apresentou-a ao marido da assassinada, este identificou o anel como propriedade da falecida esposa. Ainda no mesmo dia, a mulher em cuja posse fora encontrado o objeto roubado confessou que recebera a joia de presente do amante. O homem foi preso e, perante as provas inequívocas, acabou por não lhe restar outra alternativa senão confessar o assassinio com roubo na vila dos arredores.

Enquanto o criminoso era conduzido para a prisão policial, os dois agentes da criminal que tinham estado em Freilassing voltaram a olhar para aquela segunda fotografia que, a pedido de Alois Irlmaier, lhe tinham mostrado. Fizeram-no com um certo arrepio, pois o homem lá bem ao

fundo no grupo dos enlutados, para quem o vidente apontara na altura, era o mesmo que agora iria para a cadeia por muitos anos.

Outro caso que o sensitivo de rosto anguloso e pupilas escuras, quase negras, resolveu causou – também durante os primeiros anos do pós-guerra – sensação na Suíça.

Em pleno dia, dois criminosos entraram por uma porta traseira num banco de Zurique, chegaram despercebidos ao gabinete do diretor e dominaram-no. Amarrado e amordaçado, o homem de sessenta e dois anos foi arrastado até à viela nas traseiras do edifício bancário, onde os criminosos tinham estacionado um carro. Nesse automóvel, os malfeitores levaram a vítima até à casa dele, um pouco fora de Zurique, e torturaram o viúvo que vivia sozinho até ele lhes abrir o cofre pessoal. Os sequestradores apoderaram-se assim de uma grande soma de dinheiro e de outros objetos de valor, matando logo de seguida o diretor do banco a tiro. Depois, conseguiram fugir sem serem reconhecidos e apagaram os rastos de forma tão perfeita que a polícia – depois de o homicídio ter sido descoberto por acaso – tateava completamente no escuro.

Na mesma altura, Alois Irlmaier encontrava-se perto de Zurique, na margem norte do lago Greifensee. Havia já dias que, a pedido de um agricultor e dono de serralharia, se ocupava a detetar um sistema de veios de água. O proprietário queria, se as nascentes fossem suficientemente abundantes, construir uma pequena central turbina.

Quando o zahori entrou em casa nesse meio-dia, o anfitrião chamou-lhe a atenção para o caso criminal de Zurique e entregou-lhe também um jornal onde o crime era descrito em todos os pormenores. Alois percorreu o artigo com os olhos, depois fixou longamente um retrato do diretor do banco que também estava publicado. Por cima da raiz do nariz do sensitivo surgiu a profunda ruga em forma de runa; de repente, voltou-se para o dono da casa e exigiu: «Logo depois do almoço tens de tirar o carro da garagem e levar-me a Zurique!»

«Para quê?», admirou-se o dono da serralharia.

«Porque a Kripo de lá precisa de mim», respondeu Irlmaier.

Meia hora depois, os dois homens já estavam a caminho e chegaram após curta viagem ao quartel-general da polícia cantonal na margem do Limmat. Ali, porém, o sensitivo deparou inicialmente com incompreensão ao garantir que podia contribuir para a captura dos assassinos-ladões. Só quando o acompanhante explicou aos agentes que o poceiro já tinha

esclarecido crimes graves noutros locais graças ao seu dom de vidência é que os visitantes foram levados ao gabinete do comissário responsável. Este, por sua vez, lera recentemente numa revista especializada sobre o homem de Freilassing, mostrou-se, pois, bastante recetivo e pediu expressamente a ajuda de Irlmaier.

Alois pousou o jornal que trouxera da serralharia na secretária, apontou para o retrato da vítima e explicou: «Esta foto no jornal não é suficientemente nítida. Vejo qualquer coisa a tremeluzir, mas as imagens não se formam corretamente. Mas vocês aqui na esquadra têm o original da fotografia. É desse que preciso se quiserem que eu diga quem são os assassinos e onde se encontram.»

O comissário mandou buscar a fotografia em questão. Irlmaier, que agora estava sentado em frente do agente, fixou o retrato; mais uma vez se aprofundou a ruga entre as sobrancelhas, e na testa alta brilhavam finas gotas de suor. Após cerca de um minuto, vieram aos tropeços as frases: «Foram dois tipos que mataram o diretor do banco... Um é suíço, o outro é italiano... Ambos com cerca de trinta anos... O italiano é pequeno e atarracado... Usa bigode... Tem uma tatuagem num dos braços... É um punhal à volta do qual se enrola uma serpente... O suíço é mais de duas cabeças mais alto do que o outro e é louro escuro... Na guerra esteve nas tropas de fronteira... Teve na altura um acidente... Na mão esquerda falta-lhe a parte da frente do dedo médio...»

Enquanto o dono da serralharia escutava como que hipnotizado, o comissário estenografava cada palavra – inclusive o que o precognitivo agora pronunciou: «Da casa onde torturaram e mataram a tiro a vítima... Os criminosos seguiram para sul... Passando por Adliswil até perto de Baar... Ali esconderam o carro num barracão... E continuaram de comboio até Schwyz... Desta cidade seguiram a pé para as montanhas... O aldeia chama-se Illgau, fica a sudeste de Schwyz... Três horas acima da aldeia, na montanha Hoch-Ybrig... Há uma cabana de pasto que pertence ao louro escuro... Ali se esconderam, juntamente com o saque... E querem esperar até que a poeira assente...»

Com isto, Alois Irlmaier calou-se; como sempre após uma visão, parecia trémulo e esgotado. Mas acenou com energia quando o agente criminal decidiu: «Vou imediatamente desencadear a busca pelos assassinos!»

De facto, a rusga na região selvagem da montanha Hoch-Ybrig foi bem-sucedida. Ainda ao cair da noite do mesmo dia, os criminosos foram

surpreendidos e, depois de os gendarmes terem também apreendido o saque, confessaram o cruel crime de sangue. E também a descrição que o poceiro de Freilassing deles fizera correspondia ao pormenor; até a tatuagem do italiano e a falange perdida do suíço coincidiam com a realidade.

Não menos claros foram os indícios do sensitivo num quarto caso de homicídio, de modo que também este crime – que ocorreu novamente na Baviera em 1948 – pôde ser totalmente esclarecido.

No final do verão do referido ano, a estrutura da casa na Jennerstraße estava quase concluída. Nessa tarde ensolarada de setembro, Alois Irlmaier ocupava-se a levantar uma das cumeeiras do telhado. Ao pé do edifício, Maria preparava os tijolos, mexia a argamassa e içava as cargas com a ajuda de um simples moitão até ao marido. A filha de ambos, Rita, que agora tinha quase oito anos, ajudava-a como podia – mas de repente a menina estacou e chamou a atenção da mãe para o táxi que nesse momento aparecia debaixo das macieiras brancas.

Logo a seguir, enquanto o carro esperava, uma mulher loira de meia-idade, bem vestida mas com ar abatido, aproximou-se do terreno de construção e dirigiu-se a Maria: «Procuro o vidente que já ajudou tantas pessoas.»

Levou alguns minutos até Alois terminar a parede de pedra que começara e descer do andaime. Depois, levou a visitante até à cabana de tábuas, ofereceu-lhe o lugar habitual no banco e perguntou-lhe o que a trazia ali.

«Sou de Berlim», começou a loira. «Até pouco antes do fim da guerra, o meu marido e eu tínhamos lá uma drogaria. No final de 1944, porém, o prédio onde ficavam o nosso negócio e o nosso apartamento foi destruído num bombardeamento. Nessa altura, eu estava lá sozinha, fiquei várias horas soterrada na cave, mas acabaram por me resgatar. Quando o meu marido regressou após o fim do alerta, eu já estava num hospital de emergência. Se ele quisesse, certamente teria conseguido encontrar-me lá, mas ele...»

«Aproveitou a boa oportunidade para te abandonar, não foi?», disse o sensitivo com compaixão.

«Foi exatamente assim!», soluçou a mulher. «Espalhou o boato de que eu tinha morrido; face ao caos que reinava na altura, quase ninguém podia verificar a veracidade das suas palavras. Depois, levantou as nossas contas

bancárias comuns e desapareceu para a Baviera. Logo após o fim da guerra, abriu uma drogaria em Traunstein e desde então gere-a com sucesso. Desde o início que uma mulher jovem o ajudou, que ele provavelmente conhecera logo após a chegada. Chama-se Paula, trabalhou primeiro como empregada e depois como gerente para ele, até que ele acabou por fazer dela sua amante. Até já lhe tinha prometido casamento quando, por acaso, soube de tudo isto...»

Novamente as lágrimas brotaram dos olhos da berlinense; só ao fim de bastante tempo conseguiu continuar a falar: «O choque foi terrível, mas depois decidi, mesmo assim, lutar pelo meu marido. Vim a Traunstein e enfrentei-o. No fundo, esperava que ele ao menos sentisse vergonha e, se assim fosse, provavelmente ter-lhe-ia perdoado. Mas da parte dele só recebi frieza. Declarou-me cinicamente que só amava aquela Paula e queria começar uma nova vida com ela. Quando lhe recordei que ainda estávamos casados e que eu não queria o divórcio, atirou-me que o advogado dele bem me obrigaria a dar o consentimento. Nas semanas seguintes, que passei num hotel de Traunstein, houve novas discussões muito graves entre nós. Ao mesmo tempo, o meu marido deu realmente os primeiros passos para dissolver o casamento...»

«A amante dele é que é a força motriz!», interrompeu Alois Irlmaier. «Ela faz tudo para o arrastar à conservatória, porque quer o dinheiro dele.»

«Essa Paula é uma víbora traiçoeira!», confirmou a mulher humilhada. «Chantagem-o ameaçando denunciar às tropas de ocupação americanas o passado dele nas SS. O meu marido omitiu a pertença a essa organização no questionário de desnazificação.» Mais uma vez soluçou. «E é exatamente por isso que me sinto tão impotente! Não sei mesmo mais o que fazer!»

«Trouxeste uma fotografia do teu marido?», perguntou o poceiro.

A berlinense acenou que sim, tirou a fotografia da mala e pousou-a na mesa tosca de tábuas.

Mal o sensitivo se concentrou, pareceu assustar-se; logo depois murmurou: «O melhor é não fazeres nada por agora. O problema resolver-se-á sozinho, porque o teu marido tem pouco tempo de vida. Vejo claramente nele já o véu do além...»

Menos de um mês depois, o droguista que tentara de forma tão cruel construir uma nova existência em Traunstein faleceu.

Na abertura do testamento, a viúva sofreu novo golpe duro, pois o marido legara toda a fortuna à jovem amante, de quem aparentemente fora escravo. Em desespero, a berlinense consultou novamente o vidente de Freilassing e, mais uma vez, Irlmaier fixou a fotografia que já antes estivera na mesa da cabana de obra. Desta vez olhou longamente para o retrato do falecido, por fim fez à visitante uma revelação chocante.

«Vejo o teu marido na sepultura recente...», disse com voz rouca. «Na barriga dele há comprimidos de veneno! Se o mandares exumar, saberás ainda mais! Aconteceu três vezes! E vejo uma mulher muito morena! Foi ela que lhos deu!»

Depois de ouvir aquilo, a viúva esteve à beira do colapso. Alois Irlmaier cuidou dela como pôde; por fim levou-a de volta ao táxi que, tal como na primeira visita, esperava debaixo das macieiras bravas.

No dia seguinte, a berlinense seguiu o conselho do sensitivo. Dirigiu-se ao Ministério Público de Traunstein e requereu – invocando a visão do poceiro – uma autópsia ao cadáver. Como também naquela repartição já se conhecia há muito o dom paranormal de Irlmaier, deferiu-se o pedido; ainda na mesma semana o morto foi exumado e levado para o instituto de medicina legal. Quando os médicos abriram o corpo, descobriram no estômago e no intestino uma concentração de arsénico tão elevada que já não restavam dúvidas de um envenenamento.

Imediatamente, o juiz de instrução mandou deter a amante do assassinado; aquela jovem chamada Paula que, nos meses anteriores à morte do droguista, partilhara com ele a mesa e a cama. No preciso momento em que ela se apresentou diante dele, o procurador ficou estupefacto – pois a suspeita era exatamente como o vidente descrevera a envenenadora na segunda sessão em Freilassing: era invulgarmente alta e de cabelo preto.

Após interrogatório cerrado, a jovem que, por interesse próprio, invadira de forma tão sem escrúpulos o casamento do empresário confessou o crime grave. Mais ainda: graças a essa confissão tornou-se claro o que o poceiro quisera dizer com a frase enigmática «Aconteceu três vezes!». Em três ocasiões diferentes, a assassina administrara secretamente o arsénico ao droguista. A primeira fora numa excursão à montanha juntos; depois no hospital de Traunstein, para onde o homem já doente fora internado. A terceira e fatal dose, por fim, ele ingerira sem saber na própria casa, depois de a amante assassina o convencer a sair da clínica e a deixar que ela tomasse conta dele...

Enquanto o julgamento do homicídio causava sensação muito para além das fronteiras da Baviera, a construção da casa na Jennerstraße em Freilassing continuava a avançar. A meio de outubro de 1948 já estava colocado o madeiramento do telhado e o edifício de dois andares tinha telhado, de modo que as paredes ainda não rebocadas poderiam secar bem durante o inverno. Como agora – após a reforma monetária de junho anterior e a introdução da moeda alemã – voltavam também a entrar muitos pedidos de escavação de poços e instalações, Alois Irlmaier poderia na verdade ter encarado a vida com mais serenidade e olhado para o futuro com maior tranquilidade do que há muito tempo.

Pois a fase outonal da vida do homem de cinquenta e quatro anos e da esposa parecia assegurada. O filho que regressara são da guerra viria um dia a continuar o negócio; tampouco os pais precisavam preocupar-se com a filha mais velha, Maria, que já estava casada em Rosenheim. Certamente também Elisabeth, que crescera e se tornara uma bela jovem, encontraria em breve o homem certo; mas depois ainda lhes ficaria a pequena Rita: a caçula nascida em 1940, o xodó especial do artesão de rosto anguloso e capacidades sensitivas extraordinárias.

Se Alois Irlmaier, apesar destas perspetivas positivas, agora parecia mais nervoso e exausto do que nunca, era porque raramente conseguia partilhar algumas horas despreocupadas com as pessoas que mais significavam para ele. Já durante a guerra fora repetidas vezes até ao limite das suas forças físicas e, sobretudo, psíquicas para ajudar os muitos milhares de consulentes que o procuravam na cabana de tábuas. Fizera-o embora o sofrimento dos outros lhe dilacerasse frequentemente o coração; no fundo sempre esperara que o assédio diminuísse gradualmente após a queda do regime de Hitler, para que pudesse finalmente encontrar paz. Em vez disso, porém, a pressão que, além do seu trabalho habitual, pesava sobre ele não diminuía desde a primavera de 1945 e, numa noite, no escuro do quarto de dormir, Alois confiou à mulher como se sentia.

«Já não aguento mais!», desabafou. «Durante seis anos, do primeiro ao último dia da guerra mundial, vi continuamente a morte! Tantas fotografias e tantas figuras veladas – e até hoje não tem fim! Na altura eram os soldados na frente, agora são os prisioneiros de guerra que ainda morrem nos campos soviéticos! Os que congelam ou morrem de fome na Sibéria, e eu vejo as sombras leitosas e tenho de o dizer aos familiares! Ainda ontem uma mãe desmaiou diante de mim; viera de Hanôver e tive de lhe dar a terrível notícia! E lá fora, à porta da cabana, esperavam dezenas de outros;

uma fila inteira até à estrada! Para além dos jornalistas com as suas câmaras e blocos de notas, que não têm coração nem compreensão pela dor das pessoas; esses abutres a quem só interessa a sensação...»

«Deves-lhes especialmente o facto de já quase não poderes dar um passo sem ser observado!», interrompeu Maria, exaltada. «Tudo começou com o primeiro caso criminal que esclareceste; desde então tem sido cada vez pior! E, para cúmulo, ainda publicam constantemente o nosso endereço nos jornais!»

«E depois chegam as cartas!», gemeu o homem de cinquenta e quatro anos. «O carteiro traz maços inteiros todos os dias! Empilham-se aos cestos na cabana de obra e aqui no apartamento! Mas não consigo responder-lhes, por mais boa vontade que tenha! Embora saiba as esperanças que os remetentes depositam em mim; como aguardam desesperados por uma resposta! Mas também sei o que me atinge quando abro os envelopes e me concentro nas fotografias: mais uma vez o sofrimento e novamente a morte!» De repente agarrou o ombro da morena e arquejou: «Será que nunca mais acaba?! Vai perseguir-me até à sepultura?!»

Comovida, Maria puxou-o para si e encostou a cabeça dele ao seu peito. Não encontrou palavras para aliviar a sua angústia, mas podia ao menos protegê-lo como uma mãe protege o filho. Passado um bocado, sentiu que ele se relaxava um pouco; com cuidado quis retomar a conversa e animá-lo.

«Juntos havemos de superar», começou ela. «Tu e eu, voltaremos a encontrar a nossa paz, vais ver...»

No mesmo instante em que pronunciou a última palavra, ele voltou a enrijecer. «Ver!», exclamou. «As visões que querem emergir da escuridão! Não me deixam em paz! São piores do que tudo! Perseguem-me sem cessar! Muito para além daquilo que os consulentes ou os polícias querem de mim...»

Gemendo, lutava por ar. «É o mais terrível... As imagens difusas que se escondem por trás das outras... Não as figuras veladas, mas aquilo que ameaça para lá do nevoeiro... Aquilo que não se consegue realmente agarrar... Porque ferve por trás do limiar... Do outro lado da barreira horrenda onde reinam três dias e três noites de escuridão...»

«Cala-te!» O grito assustado da mulher trouxe-o de volta à realidade. Mas ainda dançavam no seu espírito os fragmentos daquela visão

traumática que sofrera seis anos antes: no círculo lunar, poucas semanas depois de o filho ter partido como infante para a Rússia.

A lembrança terrível só se dissipou quando Maria lhe suplicou: «Não podes continuar a torturar-te a ti e a mim com essas coisas! Promete-me!»

«Mas como?! Como hei de conseguir?!», sussurrou ele.

«Terias de ganhar distância», respondeu a morena. «Deverias finalmente libertar-te de tudo o que aqui em Freilassing desaba sobre ti. E talvez também fosse bom que um médico tomasse conta de ti. Em Viena terias essa possibilidade, junto do teu irmão...»

«O Hans», murmurou o poceiro. «Já lá vão anos desde a última vez que o vi...»

«Mais uma razão para o visitares outra vez», insistiu Maria. «Podias partir ainda esta semana!»

Alois hesitou um pouco, depois respondeu: «Vou pensar nisso.»

Pouco depois reinou silêncio no quarto. A respiração da mulher adormecida era regular; o marido, porém, permaneceu acordado ainda muito tempo até que, por fim, antes que o cansaço também o vencesse, tomou uma decisão.

Na manhã seguinte comunicou a Maria que queria viajar já no dia imediato. Com os olhos brilhantes, ela tomou nota da decisão e fez os preparativos necessários.

Pelas nove horas da manhã seguinte, Alois Irlmaier pôs-se a caminho da estação de Freilassing. Mas não apanhou o comboio para Salzburgo, de onde teria ligação para Viena. Pelo contrário, esperou até anunciarem o comboio na direção oeste; só então saiu para a plataforma.

A Grande Visão Ninguém o reconheceu na estação de Siegsdorf nem depois nas ruelas do burgo. Agora o lugar já ficava bastante para trás; caminhava com passo firme pela estrada de macadame que seguia para sul. No máximo mais hora e meia até Scharam, pensou, enquanto deixava o olhar vaguear pelas encostas suaves das montanhas de antecume e pelo maciço do Hochfölln que se erguia ao fundo.

O ar fresco e revigorante do outono tornava agradável a caminhada. Sem uma única paragem, Alois cobriu os cerca de oito quilómetros até à aldeia que outrora fora a sua terra natal. Quando, porém, as primeiras casas surgiram à vista, desacelerou, desviou-se ao fim de algumas dezenas de

metros para um caminho rural que contornava o lugarejo a certa distância. Acima do povoado e à beira de um bosque voltou a aproximar-se da estrada principal; agora a quinta Bruckthaler ficava apenas a poucos lançamentos de pedra. Protegido pelas últimas árvores, o homem de cinquenta e quatro anos parou. Olhou longamente para os edifícios que pareciam desertos, que reconstruía com tanto esforço após o incêndio devastador – apenas para os perder para sempre pouco depois.

«Mas aquele que se apoderou da propriedade de forma tão traiçoeira recebeu o seu castigo», murmurou por fim. «O mal pode ser muito forte, mas no fim colhe o que semeou!»

O pensamento consolou-o. Decidido, arrancou-se dali e continuou a subir: em direção à igreja de peregrinação de Maria Eck.

Em poucos minutos alcançou a orla da encosta onde se erguia o Feenstein. Depois de espreitar em redor e se certificar de que estava completamente sozinho ali em cima, trepou pela vedação e aproximou-se do menir.

A força invisível que irradiava do bloco de pedra era tão intensa como sempre. Picando, ligava-se ao fluxo do seu sangue e fazia inchar as veias no dorso das mãos. Como por encanto, os braços do paranormal ergueram-se; quais sensores, as pontas dos dedos apontavam para o monólito enquanto ele – caminhando contra o sentido dos ponteiros do relógio – o contornava lentamente. Aproximava-se tanto da rocha que podia tocar a superfície gretada.

Durante um bocado permaneceu imóvel; por fim libertou-se com cuidado do círculo mágico do Feenstein e subiu o troço superior da encosta até ficar à altura da igreja de peregrinação.

O sol já estava inclinado, mas ainda alto no horizonte sudoeste; apesar da estação avançada, faltariam ainda algumas horas para o crepúsculo. Sem parar, Alois Irlmaier passou pelo edifício sacro, desapareceu do outro lado no bosque e caminhou ao longo de um caminho florestal cada vez mais para dentro da paisagem montanhosa. Pelas quatro da tarde avistou, na vertente norte do Hochfelln, o planalto ligeiramente inclinado que noutro ponto terminava num esporão rochoso abruptamente saliente.

Pouco depois alcançara o lugar isolado entre as Pedras do Sol; mais uma vez sentiu o pulsar do poder que aqui se concentrava tanto nos monólitos como nas curvas ocultas do templo telúrico. Novamente deixou a força fluir pelos poros do seu corpo até ao seu íntimo e entrou assim em

completa harmonia com o lugar sagrado há milénios. Com expressão extática nos olhos, abandonou por fim o local de culto pagão. Quase como em transe subiu ainda mais um bom bocado; após outra hora de caminhada ouviu o grasnar de um corvo.

Por cima dos pinheiros-anões que ocultavam o acesso à estreita fenda semelhante a uma garganta mesmo abaixo do cume da montanha, a grande ave negra voou na sua direção, rodeou-o três vezes e logo a seguir desceu bruscamente: de volta à ravina. O sensitivo seguiu-o, penetrou com movimentos quase dançantes pelo matagal dos pinheiros de crescimento retorcido. Já sabia que em breve estaria lá, de onde partira o chamamento do outro mundo: na fonte da atração irresistível que o levava a seguir o caminho ancestral sobre o Feenstein e as rochas solares até aqui, em vez de seguir o conselho de Maria e apanhar o comboio para Viena.

Quando parou na periferia do círculo lunar, teve por um instante a sensação de que o ar se adensava e formava uma silhueta humana: a do eremita que outrora, na sua infância, lhe abrira a porta. E ao mesmo tempo julgou ouvir novamente as palavras que Jakob lhe dissera então, no outono de 1914, no seu último encontro: «O tecido sagrado que se estende infinitamente para além do espaço de tempo que a ti ou a mim está destinado nesta existência presente... Essa força eterna e amorosa proteger-te-á... Porque te reservou para a vida futura uma missão que te elevará muito acima dos outros homens...»

«A minha missão...», sussurrou ele. «O sentido mais profundo da minha vida...»

No mesmo batimento cardíaco compreendeu – mais de trinta anos depois de as palavras terem saído da boca do eremita – tudo.

O choque fê-lo tremer e as pernas fraquejarem; no instante seguinte, porém, a fraqueza desapareceu de repente. Mais uma vez o corvo pairava sobre a sua cabeça; o grito e o bater das asas negras pareceram fazer com que os contornos do círculo de pedra se destacassem com clareza ofuscante e a força dos monólitos o atingisse como um golpe elétrico. Ainda agora Alois Irlmaier estava à beira da depressão em forma de dolina, de repente encontrava-se dentro do círculo lunar.

O campo energético que apontava em espiral para o centro envolveu-o e guiou-o, elevou-o da suposta realidade, levou-o para a dimensão por trás do véu tremeluzente, onde se tecia o infinitamente maior – e enquanto se

tornava um com o outro mundo, a roda prateada de Arianrhod com os treze raios avançou velozmente na sua direção.

Tal como seis anos antes, quando a preocupação com o filho o levava a ele e à mulher até à ravina escondida, viu um conglomerado furioso de terra, rocha e atmosfera que subia aos céus e se tornava o cogumelo blasfemo. A estratosfera rebentou e deu à luz um uivo de tempestade como a humanidade nunca antes experimentara. Nada além de devastação deixou o inferno: rocha queimada, com os contornos de corpos contorcidos gravados nela.

Após a catástrofe de Hiroxima reinou por um momento um silêncio petrificado no planeta. Mal, porém, um sopro de vento do tempo esbateu as marcas contra Deus naquela ilha do Extremo Oriente, a loucura voltou a tomar as rédeas. Enquanto no firmamento surgiam algarismos que marcavam as últimas décadas do milénio que se esgotava, marchavam novamente exércitos, esquadras navais sulcavam os mares e aviões de combate lançavam-se sobre colunas de tanques. No Leste e no Ocidente os fios convergiam; aqueles que os puxavam incitavam, na Guerra Fria, metade da humanidade contra a outra. Em atóis remotos do Pacífico ou nas profundezas das areias do deserto asiático detonavam-se mais bombas atômicas; ao mesmo tempo, uma ganância desmedida por lucros destruía em todo o mundo o equilíbrio da natureza.

Florestas tropicais morriam, calotes polares derretiam, terras férteis transformavam-se em estepe. Espécies animais e vegetais que existiam há milhões de anos eram exterminadas; o segredo sagrado no núcleo mais íntimo da vida era exposto, dissecado e manipulado. Uma ciência tresloucada destruía irremediavelmente a rede oculta da existência terrena; destruía também, sobre as regiões árticas e antárticas, os escudos invisíveis que até então tinham protegido a Terra da radiação ultravioleta. Fauna, flora e também os seres humanos eram tomados pelo cancro; na sequência deste desenvolvimento propagavam-se epidemias para as quais uma medicina apenas aparentemente onnipotente já não encontrava cura.

Cinicamente, porém, os milhões de atingidos e todos os outros que ainda se tornariam vítimas eram enganados quanto à verdade. Porque na Terra, naquela época de viragem dos tempos em que o signo zodiacal moribundo dos Peixes lutava contra o do Aquário que despontava, só vigorava uma lei. Só contava o terrível ditame dos manipuladores; aquelas criaturas desmedidas e gananciosas que agora atuavam globalmente a partir

do anonimato e da ausência de rosto das megacidades e tentavam, na sua impiedade, elevar-se acima do divino.

Quando o visionário julgou reconhecer as caretas destas criaturas, desabou sobre o planeta – incomensuravelmente mais devastador do que o de Hiroxima – um golpe infernal. A Terra cambaleou; formou-se um vórtice horrivelmente sibilante que sugou toda a percepção para o seu turbilhão enlouquecido. Demorou muito, muito tempo até o rugido se esbater; uma voz parecia medir o tempo com um grito ecoante, infinitamente repetido: Três dias e três noites de escuridão!

O homem que, tremendo e de olhos escancarados, estava no centro do círculo lunar tentou penetrar as sombras no limiar deste abismo de setenta e duas horas. Mas antes que o conseguisse, a roda de Arianrhod recuou um pouco. Sobre o cubo brilhou o número 2000; para além deste número, no primeiro século do terceiro milénio, começaram a tremeluzir imagens que se tornaram mais nítidas – depois desenrolou-se uma abundância de cenas que se ligavam como num filme tridimensional diante do terceiro olho do vidente.

Uma coluna de limusinas pesadas atravessava uma das capitais dos Balcãs. De repente caíram tiros e explodiram granadas de mão. Vários veículos encravaram-se uns nos outros; nos bancos do maior carro esvaiu-se em sangue um político cujo nome era conhecido em todo o mundo. Os dois atentadores, que tinham gritado «Allahu Akbar», conseguiram fugir por pouco; o mais pequeno era de tipo negroide, o outro de pele mais clara.

Em indignação selvática reuniram-se os cidadãos nas praças do mundo ocidental. Em Bruxelas reuniu-se o estado-maior da maior potência militar do planeta. A decisão foi rápida; mal amanheceu, esquadrões de aviões de combate atacaram ninhos de terroristas islâmicos em regiões remotas do sudeste da Europa. Mísseis explodiram; centenas de jihadistas morreram quando os jatos desceram do céu cinzento-encoberto.

O contra-ataque foi rápido e brutal. Veio de antigas repúblicas soviéticas no Mar Negro e no Cáspio, bem como no Cáucaso, onde agora um sol negro reluzia no emblema assassino do crescente muçulmano. Desde os tempos soviéticos estes países dispunham de enorme potencial militar e agora usavam-no, entre urros de ódio ensurdecador, contra aqueles que aos seus olhos eram infiéis e sub-humanos.

O mesmo ódio ardia nos corações fanáticos de inúmeros outros muçulmanos e agora irrompia como um incêndio florestal. Das estepes do

Quirguizistão, passando pelo Cáucaso até à Arábia e ao Golfo Pérsico, ressoou o grito terrível pelo jihad. Em curtíssimo espaço de tempo, porque nas mesquitas os agitadores ainda açulavam, o furor atingiu o auge. Bases de lançamento de mísseis da época da Guerra Fria foram ativadas, esquadrilhas de bombardeiros e caças preparadas para o voo – e menos de vinte e quatro horas após a ação de vingança do Ocidente detonaram na Europa Central e do Sul dezenas de ogivas atômicas. Além disso, Chipre e Israel foram gravemente atingidos; ao mesmo tempo, formações de combate aéreo vindas da Turquia lançaram-se sobre os navios de guerra ocidentais que patrulhavam o Mediterrâneo oriental.

Parte dos navios foi afundada; outros conseguiram disparar os próprios mísseis nucleares, de modo que apenas minutos após o primeiro ataque também nos países dos agressores os cogumelos atômicos cresceram para o firmamento. Mais ataques de vingança partiram da Europa Ocidental; imediatamente após o início da Terceira Guerra Mundial já tinham morrido milhões de pessoas. Isto, porém, era apenas o prelúdio do Armagedão, pois agora avançavam, novamente do Oriente, três enormes colunas militares contra o Ocidente.

Da Cidade Dourada no Bósforo, a metrópole turca, irrompeu um exército de tanques acompanhado por esquadrilhas de caças-bombardeiros e helicópteros, abriu caminho pela Grécia e pelos Balcãs até ao Adriático, invadiu o norte de Itália e acabou por virar em direção à Suíça.

Um segundo cunha de ataque lutou caminho pela Polónia até bem dentro da Alemanha e apontava, deixando atrás de si terra queimada, ao Reno. Uma terceira coluna de ataque investiu a Europa Central pelo nordeste e avançou imparável em direção sudoeste: também rumo às terras do Reno.

Durante semanas – o vidente julgou reconhecer um três – grassou agora novamente a guerra convencional. Enquanto os colossos de aço dos atacantes, contados aos milhares, se batiam com as unidades de combate manifestamente mais fracas da aliança ocidental e cidade após cidade era devastada, quase sem interrupção uivavam pelo firmamento os jatos que cuspiam fogo, choviam bombas de fósforo e explosivas, os mísseis atingiam centrais nucleares, destruíam pontes, diques, barragens e desencadeavam inundações catastróficas.

Depois, quando a situação parecia desesperada para os defensores, o ângulo de visão do visionário mudou de repente. A força de Arianrhod elevou-o muito acima do globo terrestre; com o movimento seguinte,

sibilante, da roda de treze raios viu o planeta flutuar diante de si no espaço como uma gigantesca esfera. Reconheceu os contornos dos continentes e localizou o ponto onde Ásia, África e Europa se tocavam. Aparentemente deserto morto estendia-se naquela região, mas esta primeira impressão enganava. Pois de repente a superfície reluzente estilhou-se e do mar de areia ergueu-se um enorme bando de pombas brancas metálicas; tantas que lhe era impossível contá-las.

Da Península Arábica os aviões delta voaram para noroeste: em direção à Cidade Dourada no Bósforo e por cima dela. Num único piscar de olhos o dia transformou-se em noite estrelada; ao mesmo tempo começou a chover dos porões de bombas dos aviões um pó amarelo sobre a Terra. Quase silenciosamente a morte química abateu-se sobre a Grécia; enquanto ali toda a vida se extinguia, os pilotos muçulmanos semeavam a semente da destruição sobre os Balcãs, Hungria, Boémia e Polónia até ao Báltico.

Onde quer que o pó cor de enxofre tocasse matéria orgânica tinha um efeito devastador. O vidente que tremia no círculo lunar viu novamente pormenores: uniformizados e civis que de um momento para o outro caíam em agonia; grandes animais que, gorgolejando, tombavam de joelhos com sangue a jorrar das narinas; árvores e arbustos cuja folhagem se tornava da cor de brasa ardente. Quando o pó chovia sobre colunas de tanques, os colossos pareciam subitamente executar uma dança macabra e desregrada antes de se chocarem uns contra os outros, se encravarem ou rolares sem rumo até qualquer obstáculo os deter. Os rostos dos soldados encerrados nos sarcófagos de aço tornavam-se negros; algumas horas depois de os jovens terem morrido de forma tão contranatura, pareciam múmias de couro, ressequidas até à medula.

Durante dias e semanas permaneceu a faixa amarela do Mediterrâneo ao Mar Báltico como zona de morte horrenda. Mas mais para o poente as tropas da aliança ocidental ganharam a supremacia após combates terríveis. Os restos das três colunas militares dizimadas procuraram salvação numa fuga em pânico para norte. Mas nenhuma das unidades dispersas conseguiu passar da planície do norte da Alemanha. Uma escuridão infernal desceu ali sobre as hordas dos muçulmanos; trevas globais abissais que – como proclamava um grito ecoante, infinitamente repetido – durariam três dias e três noites.

Ainda agora – e novamente de um ângulo de visão alterado – o visionário contemplara uma paisagem montanhosa coberta de nuvens: manchas de neve suja nas zonas dos cumes, chuveiro e chuva oblíqua nas

cotas mais baixas; agora de repente ergueu-se no horizonte norte que escurecia subitamente um facho apocalíptico. A sua forma lembrava uma árvore que crescia a velocidade vertiginosa e ardia em plena chama, do seu ramagem largo jorravam de volta à Terra feixes de fogo. A labareda horrenda iluminou o firmamento até à estratosfera; depois formou-se ali um redemoinho que parecia irromper de uma cratera vulcânica cósmica.

Uma saraivada devastadora varreu a terra, relâmpagos crepitavam e trovões ribombavam. No auge do inferno toda a luz se perdeu no cataclismo furioso, ao mesmo tempo um golpe gigantesco abalou o planeta e fez oscilar o seu eixo polar.

Duas vezes na vida o vidente tentara penetrar as sombras no limiar do abismo de setenta e duas horas de escuridão; agora, à terceira vez, conseguiu-o. Tornou-se ciente das crateras abissais que os golpes nucleares finais tinham aberto sob o céu negro. Sabia que as gargantas vitrificadas ficariam contaminadas por muito tempo, mas não só ali o veneno corroía a superfície da Terra.

Na escuridão total que ainda persistia, pessoas profundamente perturbadas saíam aos tropeções das suas casas ou abrigos para o exterior, chamavam ofegantes por outros sobreviventes – e no instante seguinte contorciam-se em convulsões mortais. Noutras paragens, meio enlouquecidos de sede procuravam água; se encontravam uma poça e bebiam avidamente, o seu destino horrendo estava igualmente selado. O mesmo acontecia aos que, sem saber, ingeriam alimentos expostos à radiação; também eles pereciam miseravelmente. Além disso, uma única inspiração descuidada podia trazer a morte se o vento mudasse e levasse os vapores para uma zona até então poupada.

Apenas aqueles que permaneciam em espaços fechados, barricavam portas e janelas e tinham conservas à mão não estavam imediatamente ameaçados e tinham apenas de dominar o medo; tremendo agachavam-se à luz de velas nas suas caves e aguardavam o fim das trevas terríveis.

Após três dias e três noites, finalmente uma luz pálida voltou a tatear a Terra. Novamente de uma perspectiva extraterrestre o visionário observou como a escuridão se rasgava e os véus negros que se afastavam revelavam toda a extensão da catástrofe.

Grandes partes da Europa Central tinham-se transformado em estepe ressequida. Onde outrora corriam rios largos havia agora apenas fios de água lamentáveis. Fumo pairava sobre as silhuetas enegrecidas das cidades;

montes de escombros marcavam os locais onde antes se erguiam os arranha-céus dos bancos e das seguradoras. No campo aberto escancaravam-se as crateras de granadas e bombas das batalhas de tanques e aviação; nuvens de moscas-varejeiras zumbiam em torno dos inúmeros destroços onde ainda jaziam os cadáveres mumificados ou carbonizados dos soldados.

No Ocidente do continente os contornos geográficos conhecidos tinham-se alterado. Como que corroídas por úlceras pareciam as costas atlânticas de Espanha, Portugal e França: consequência dos tsunamis que ali tinham irrompido com violência inimaginável sobre as praias e as foz dos rios. Muito pior ainda fora atingida a Grã-Bretanha; os condados sudeste de Norfolk, Suffolk, Essex bem como partes de Sussex e Kent tinham afundado nas águas cinzentas do Mar do Norte. Também Londres deixara de existir; as ondas quebravam-se sobre a metrópole destruída por mísseis e por um terramoto e só se quebravam nas encostas dos outrora profundos Chiltern Hills no interior do país.

Um destino quase tão cruel como o de Londres sofrera outra grande cidade no Mediterrâneo: Marselha, arrasada por uma maré de primavera brutal, estava quase completamente soterrada sob massas de lama e areia. Até bem dentro da Camargue chegava a devastação; a inundação bíblica arremessara cargueiros e navios de passageiros dezenas de quilómetros para dentro do delta do Ródano e fizera-os estilhaçar no fundo dos outrora povoados por flamingos tanques de águas rasas.

Enquanto o vidente absorvia estas imagens perturbadoras, de repente nuvens de fumo escureceram ainda mais o firmamento para norte. No instante seguinte viu o que acontecia imediatamente após o rasgar da cobertura de nuvens negra como o inferno em Paris. Por um momento lembrou-se de cenas da Revolução Francesa quando viu as massas enfurecidas e aos berros correr pelas ruas. Eram hordas armadas; os rostos contorcidos pelo ódio tinham traços ora norte-africanos, ora europeus. Depois estalaram tiros, foram lançadas granadas de mão e engenhos incendiários. Muito acima dos telhados da metrópole do Sena já ardia a Torre Eiffel; a lava espessa e oleosa escorria pelas vigas. Pouco depois a labareda que subia agora em muitos locais ao mesmo tempo devorara quarteirões inteiros; num tornado de fogo Paris foi destruída e mesmo no colapso coletivo as pessoas ainda se trucidavam.

Mais uma vez a roda de Arianrhod avançou um pequeníssimo trecho e obrigou o homem que tremia no círculo lunar a dirigir a atenção para o leste do Ocidente.

Na Rússia eclodiu outra guerra civil. Famintos e desesperados, entre os quais alguns com ridículas vermelhas nos bonés, atacaram outros que tinham explorado o povo até ao esgotamento: antigos comunistas ou os seus descendentes que, após o colapso do seu sistema pouco antes da viragem do milénio, se tinham tornado criminosos políticos e mafiosos capitalistas brutais. Agora os seus centros de negócios, escritórios partidários, vilas e armazéns eram assaltados; apenas por pouco tempo conseguiram os destacamentos paramilitares entrincheirados ali oferecer resistência.

A fúria popular varreu-os; mal os criminosos fortemente armados jaziam no seu sangue, os verdadeiros manipuladores eram arrastados dos esconderijos. Em parte, linchavam-nos ali mesmo no local; na maior parte dos casos, porém, os tubarões sem escrúpulos que, na sua ganância desmedida, eram responsáveis por sofrimento infinito, eram primeiro arrastados pelas ruas antes de serem enforcados às dezenas nas praças centrais das cidades.

Ao mesmo tempo em que isto acontecia, as sequelas da catástrofe da humanidade cobravam também o seu tributo do outro lado do Atlântico. Ainda durante as setenta e duas horas de escuridão, tornados terríveis, terremotos e incêndios em vastas áreas tinham feito colapsar a infraestrutura dos Estados Unidos da América. Agora a consequência era a anarquia; fanaticamente os sobreviventes começaram a combater-se uns aos outros. Milícias brancas atacavam os negros; inversamente, os de origem africana davam rédea solta ao seu ódio contra os brancos.

Os canyons de ruas devastados de Nova Iorque, Detroit, Chicago e outras metrópoles tornaram-se campos de batalha; dali a violência nua espalhou-se rapidamente pelas regiões rurais. As velhas oposições entre Norte e Sul rebentaram novamente, pelas fronteiras sul entravam inúmeros sem-terra latino-americanos. O caos elementar fervia e, como consequência disso – o visionário reconheceu-o sem dúvida – os EUA fragmentar-se-iam ao longo dos anos seguintes em vários territórios inimigos entre si.

Mais uma vez mudou a perspetiva do vidente. Muito abaixo dele estendia-se a inconfundível linha costeira de Itália; as outrora densamente povoadas planícies pareciam desertas. Em Roma, porém, cuja paisagem urbana de colinas agora emergia do nevoeiro escuro, ressoava um rumor

surdo. Massas humanas enfurecidas marchavam de várias direções para um objetivo comum: os monumentais edifícios vaticanos no centro da cidade milenar. Quando os primeiros grupos chegaram à Praça de São Pedro, uma companhia da Guarda Suíça avançou e tentou bloquear os acessos à catedral e ao palácio do Papa. Pedras voaram contra eles; logo de seguida os soldados nas suas fardas renascentistas empunhavam metralhadoras e disparavam sobre a multidão. Houve dezenas de mortos, mas depois os tiros foram respondidos e os mercenários foram atropelados pelos romanos que agora acorriam aos milhares.

No instante seguinte os atacantes penetraram nos edifícios sacros. O interior da Basílica de São Pedro, onde outros guardas se tinham entrincheirado, tornou-se campo de batalha. Sangue esguichava sobre os altares, epitáfios, colunas de mármore e estátuas de santos. Balas de pistola, golpes de faca e arremessos de pedras atingiam os clérigos que tentavam fugir por capelas laterais e saídas secundárias. Apenas alguns conseguiram chegar ao palácio papal, mas ali depararam novamente com romanos furiosos e perderam a vida nas escadarias ou nos corredores e salas magníficas.

Enquanto linchavam estes e muitos outros sacerdotes ali presentes, o próprio Pontífice Máximo corria pelos Jardins Vaticanos. Um pequeno grupo de cardeais e camaristas acompanhava-o; o objetivo do chefe da Igreja em fuga era um pesado helicóptero que, com os rotores a bater, estava pronto para descolar. Apenas uma curta distância separava ainda o Papa do aparelho quando, de repente, um grupo de perseguidores contornou uma sebe de teixo. À frente corria um homem alto que trazia um aro dourado ao pescoço e estava armado com uma espada renascentista que aparentemente arrancara a um dos suíços. Alcançou os fugitivos; várias vezes a lâmina silvou pelo ar, derrubando três, quatro clérigos de cabelos brancos. O espadachim saltou por cima dos que gorgolejavam e preparava-se agora para abater o próprio Papa. Um golpe do aço manchado de sangue roçou as costas do Pontífice – no mesmo piscar de olhos a visão estilhaçou-se; subitamente a escuridão rodopiante sobrepôs-se à imagem.

Apesar disso, o visionário sabia que o fim da Igreja Católica estava selado; mesmo que – como intuía reconhecer – o Papa conseguisse fugir para um país além-mar. Como que em confirmação, a escuridão fervente formou agora um último cenário indicativo. Uma tempestade, tanto real como metafísica, varria Itália; ao mesmo tempo a terra erguia-se. Inúmeras igrejas desabavam, por todo o lado os sacerdotes eram julgados e um grito

nascido de fúria elementar ressoava pelo continente: «Vingança pelo cínico traição ao Divino! Vingança pela aliança blasfema com os poderosos! Com os destruidores da vida e os inimigos da Deusa Tríplice, a quem o império romano-católico serviu desde o início!»

Três vezes nove – sob este sinal, sagrado desde os primeiros dias da humanidade, terminou finalmente o levantamento violento. Três vezes o vidente viu a figura tríplice da Grande Deusa na sua dimensão cósmica potenciada. Depois nuvens baixas cobriram misericordiosamente o rosto profanado do planeta; chuva outonal caía e purificava a superfície da Terra.

A norte dos Alpes, onde os combates tinham sido mais ferozes, os sobreviventes da Terceira Guerra Mundial rastejaram dos seus esconderijos nas ruínas e reuniram-se em locais que lhes ofereciam proteção natural. Primeiro reinou a fome; sob a orientação sobretudo das mulheres, as pessoas aprenderam a partilhar o pouco que ainda possuíam. Assim sobreviveram a um inverno que ainda era outono ameno. Na nova primavera, novamente sob liderança feminina, surgiram ajudantes vindos de outros lugares. Deste modo foi possível um recomeço; para isso, porém, os salvos tiveram de abandonar as regiões outrora altamente tecnificadas e estéreis.

Seguindo o conselho das mulheres, povoaram áreas de estepe aparentemente sem valor. Tal como os seus antepassados, usaram enxadas e paus de cavar para traçar sulcos de lavoura e assim trouxeram a primeira nova semente após a catástrofe. Primeiro temiam que a colheita os pudesse alimentar, mas depois verificou-se que a terra dava frutos abundantíssimos. Pois o clima na Europa Central mudara e adquirira carácter subtropical. Nos anos seguintes, depois de os camponeses terem feito as experiências correspondentes, além de cereais e hortaliças prosperavam também vinho e frutos do sul.

Os países mediterrânicos, pelo contrário, desertificaram-se; a inclinação do eixo terrestre fizera avançar o deserto até ao paralelo 43.

Uma visão final estendia-se muito para além do Harmagedão. Tempestades de areia varriam Itália e só quebravam na barreira dos Alpes. Roma tornara-se deserto queimado sob um céu ardente, o rio entre os sete outeiros cobertos de dunas secara há muito. Da mesma forma jaziam Grécia, os Balcãs e a Península Ibérica sob céu de chumbo; a norte das grandes cadeias montanhosas europeias, porém, o Ocidente florescia de forma fascinante.

Da Bretanha até aos Urais formara-se uma única cultura baseada na harmonia feminino-masculina, cujos membros viviam em profunda paz com a natureza. Nenhum arranha-céus perturbava mais a harmonia da paisagem; em vez disso, o vento quente soprava sobre aldeias acolhedoras no meio de campos de trigo, pomares e vinhas. Perto destes povoados erguiam-se os círculos de pedra, menires e dólmens que tinham sido construídos em honra das divindades. Ali as pessoas reuniam-se em dias especiais para interiorizar novamente a lei dadora de vida: o ensinamento inalienável da interligação de toda a existência terrena no quadro do eterno ciclo cósmico.

Com lágrimas nos olhos, o homem que estava no círculo lunar voltou a si. Sobre ele, no mesmo segundo, a figura de Arianrhod desapareceu na sombra das nuvens.

Lentamente, Alois Irlmaier abandonou o centro do santuário milenar sob a encosta do cume do Hochfelln; só quando chegou à saída da ravina compreendeu que a meia-noite já passara há muito e que em transe passara muitas horas ali em cima.

Mas não sentia cansaço. Sem pausa fez o longo caminho de regresso a Siegsdorf; ao amanhecer chegou à estação. Enquanto esperava o comboio matinal para Freilassing e gradualmente ganhava alguma distância da sua visão, reconheceu qual a missão que lhe fora destinada. Do mesmo modo tornou-se-lhe claro nesse momento: para poder transmitir a mensagem, um ajudante se colocaria ao seu lado.

A caça às bruxas O homem alto e esguio que, num dos últimos dias de maio de 1949, perguntou o caminho para a Jennerstraße em Freilassing tinha cerca de sessenta anos. O seu traje tradicional era feito de bom tecido de antes da guerra; na cabeça trazia um chapéu de feltro adornado com uma das típicas plumas de camurça da Alta Baviera.

Depois de chegar ao local donde, através das macieiras bravas, se abria a vista para o estaleiro, parou. Com olhos claros espreitou brevemente o terreno e dirigiu-se decidido a Alois Irlmaier, que estava num andaime baixo ocupado a caiar uma das paredes do rés-do-chão da casa.

«Tu és o poceiro, não és?», perguntou o desconhecido jovial.

«Sou sim», respondeu Alois. Com as sobrancelhas franzidas observou o visitante e continuou: «Mas não vieste porque eu deva detetar água para ti ou escavar uma cisterna. Vieste porque queres escrever sobre mim.»

«Viste-mo logo?», perguntou admirado o mais velho.

«Um pouco mais ainda», foi a resposta. «Sei também que não és dos jornalistas que eu, desde o outono passado, já não dirijo uma palavra, porque só estão interessados em sensações baratas. Se fosses um desses, já te tinha corrido do meu terreno. Mas tu tens um propósito, preocupas-te com o mundo tal como eu. Por isso tinhas de encontrar o caminho até mim. Eu sabia que virias. – De Traunstein, creio eu, não foi?»

«Lá tenho a Chiemgau-Druckerei, onde publico o meu jornal e os meus livros», acenou o homem de traje tradicional. «Chamo-me Conrad Adlmaier...»

«E omites o teu título de doutor...», retorquiu Irlmaier; de repente um sorriso passou pelo seu rosto anguloso.

«Entre ti e mim trata-se de coisas mais importantes», respondeu o editor que era também escritor.

«Tens razão!», concordou o sensitivo; logo a seguir desceu do andaime e levou o hóspede à cabana de tábuas.

«Foi aqui, portanto, que deste resposta a tantos milhares de consulentes», disse Adlmaier quando se sentaram um diante do outro à mesa simples.

Alois acenou que sim, pensativo passou a ponta do dedo pela madeira toscamente aplainada, depois sussurrou como que falando consigo mesmo: «Faz agora sete meses que passei a noite no Hochfelln. E quando na manhã seguinte esperava o comboio em Siegsdorf, de repente tive a certeza absoluta de que alguém viria, um ajudante... Desde então não falei com ninguém sobre o que aconteceu na montanha. Com ninguém, só com a minha mulher. Tinha de lhe explicar porque fui à minha antiga terra natal em vez de ir a Viena. Mas a Maria contentou-se com que eu me sentisse melhor depois da excursão. Que já não estava tão nervoso e voltara a encontrar pé na vida quotidiana. Do outro não quis ouvir. Não mais, depois de eu lhe ter feito algumas alusões... Desde então ficou bem fechado dentro de mim. Tive de o carregar sozinho. A torrente de imagens que desabou sobre mim. Que nunca mais poderei esquecer...»

Ficou longo tempo encolhido, absorto em si mesmo; só ao fim de minutos pareceu lembrar-se novamente do visitante. As suas pupilas escuras, quase negras, fixaram Adlmaier; no piscar de olhos seguinte soltou

uma frase que era mais afirmação do que pergunta: «Tu sabes disso; foi isso que te trouxe aqui?!»

«Sim, ali... aconteceu algo», confirmou o publicista. «Ouvi uma voz interior, um chamamento mental... chama-lhe como quiseres. Algo que não me deixou mais em paz... Diferente do passado, quando por vezes pensava em vir um dia a Freilassing entrevistar-te para escrever um artigo interessante para o meu jornal. Mas sempre desistia; de qualquer modo, pensava eu, já tudo tinha sido escrito sobre ti. Agora, porém, ao longo das últimas semanas, a pressão tornou-se dia após dia mais forte. E hoje simplesmente já não podia mais, tinha de vir ter contigo...»

«Porque és aquele de quem preciso para avisar as pessoas de uma catástrofe terrível!» Alois Irlmaier notou como o homem de Traunstein empalideceu; apesar disso acrescentou: «Trata-se de uma Terceira Guerra Mundial! E daquilo a que as pessoas chamam o Juízo Final!»

«Tu... viste o Harmagedão?!», exclamou o escritor assustado.

Com um gesto mudo o vidente confirmou; passado um bocado, quando sentiu que o outro já tinha forças para saber tudo, começou a relatar a sua visão perturbadora no círculo lunar.

Conrad Adlmaier estenografou a descrição ora fluida, ora entrecortada. Passou mais de uma hora até o poceiro chegar ao fim e recostar-se exausto na cadeira. Com mãos trémulas o publicista acendeu um cigarro, fumou apressadamente; finalmente desabafou: «É inacreditável! Nenhum ser humano, por mais imaginativo que seja, poderia inventar cenários de terror destes! Não há dúvida, Irlmaier, fizeste realmente um olhar profundamente angustiante para o futuro!» Mais uma vez tragou o cigarro, inclinou-se para a frente e perguntou com urgência: «Mas não precisaste quando tudo isto acontecerá?!»

«Uma vez reconheci claramente três números», murmurou Alois. «Dois oitos e um nove. O que isso significa, porém, não sei; não posso indicar uma data...»

«Talvez seja o ano de 1988», interrompeu Adlmaier. «Ou», atirou números para o bloco de notas, «poderia ser 8 de setembro de 1958. Até este ano seria possível uma data correspondente: 8 de agosto de 49, se tivesses visto o ano abreviado. Por outro lado, é concebível que o início da Terceira Guerra Mundial ainda esteja num futuro longínquo. A 28 de setembro de 2008 ou 2018 poderia acontecer; igualmente seria possível, por exemplo, o nono mês do ano 2088, ou...»

«Quando exatamente acontecer não é importante!», cortou o poceiro, quase irritado. «Algo completamente diferente conta muito mais: a humanidade tem de compreender que caminha para uma catástrofe inimaginável se não se arrepender! Se nós – e isso significa cada um de nós – continuarmos como até agora e não formos capazes de inverter a tempo!»

O mais velho atirou a beata ao chão, esmagou-a com o pé e, após refletir brevemente, admitiu: «Tens razão! Só pode tratar-se da questão de como impedir o Harmagedão – se é que isso ainda está no nosso poder! Pois desde Hiroxima já foram detonadas muitas mais bombas de hidrogénio. Pensemos apenas no atol de Bikini no Pacífico, onde os americanos desde 1946 fazem teste atrás de teste e as ilhas já estão completamente contaminadas, como se sussurra em segredo...»

«Também os russos já experimentam há muito a bomba atómica», constatou Irlmaier, olhando para o vazio. «Acontece na Sibéria, em segredo. E não vai demorar muito até começar a corrida ao armamento entre os soviéticos e os EUA!»

«A Guerra Fria», disse o publicista com voz rouca. «O confronto entre Leste e Oeste que a qualquer momento pode resvalar para a catástrofe total...»

«Uma cortina de ferro será estendida através da Europa», reforçou Alois Irlmaier. «Já no próximo outono começa, depois a Alemanha será definitivamente dividida. Onde agora passam as linhas de demarcação entre as zonas de ocupação aliadas e soviéticas, farão a fronteira com arame farpado e betão tão hermética que parecerá uma parede de prisão. De ambos os lados montarão os mísseis atómicos. Apenas a alguns centenas de quilómetros uns dos outros estarão, e nós alemães ameaçar-nos-emos mutuamente com eles!»

«E apesar disso tens esperança? Acreditas que uma salvação ainda é possível mesmo assim?», perguntou baixinho o homem de trajo tradicional.

«Se perdermos a esperança, perdemos tudo», respondeu o sensitivo. Por alguns segundos calou-se; entre as sobrancelhas formou-se a ruga em forma de runa, depois continuou quase inaudível: «E não estamos sós, se tivermos apenas boa vontade. Que outra coisa me teria chamado ao círculo lunar para lá viver a visão? E que força foi que te levou a vir ter comigo?»

Mais uma vez deu tempo ao outro para assimilar estas frases; por fim perguntou: «Vais, portanto, publicar no teu editor o que eu vi?»

«Vou fazê-lo!», decidiu Conrad Adlmaier. «Mas terás de suportar as consequências! Quando estas coisas forem publicadas, não terás um momento de paz, nem de dia nem de noite!»

«Tenho de aceitar isso», respondeu Alois. Enquanto o dizia, lembrou-se do assédio dos muitos milhares de consulentes que durante os anos de guerra e também depois tinham vindo a Freilassing e tantas vezes lhe tinham custado as últimas forças. O medo subiu-lhe à garganta, mas depois dominou a angústia e repetiu: «Tenho de o aceitar! Porque não há outro caminho! Porque é preciso abrir os olhos às pessoas!»

«Queres mesmo dizer que o Harmagedão poderia ser evitado desta maneira?», insistiu Adlmaier.

«Não sei», respondeu o poceiro. «Apenas uma coisa me é clara: se nós – tu, eu e milhões de outras pessoas simples – não nos revoltarmos contra isso, está tudo perdido!»

Pensativo, o publicista acenou com a cabeça; depois organizou as suas anotações e guardou-as cuidadosamente no bolso interior do casaco tradicional.

Em janeiro de 1950 – quase ao mesmo tempo em que a casa nova na Jennerstraße em Freilassing ficava pronta para ser habitada – apareceu na Chiemgau-Druckerei de Traunstein o modesto livrinho de bolso que continha as profecias de Alois Irlmaier. No prefácio, Conrad Adlmaier dera a palavra, entre outros, ao filósofo italiano Maquiavel com a seguinte citação: «Embora eu não conheça a causa, é um facto atestado por toda a história antiga e moderna que nunca aconteceu uma grande desgraça sem que tivesse sido anunciada por sinais e profecias.» O próprio editor acrescentara, de acordo com o sensitivo: «O objetivo deste pequeno livro não é semear medo e inquietação, mas ajudar e dar esperança.»

Na realidade, porém, a publicação invulgar produziu um efeito quase contrário. Mal chegou às livrarias da Alta Baviera, os compradores disputavam-no – a maioria, contudo, sobretudo pelo arrepio que a leitura prometia. Principalmente nas mesas de hábito, as visões terríveis do poceiro eram mastigadas e remastigadas; primeiro ainda no Oberland bávaro, rapidamente também nas restantes regiões do Estado Livre e, ao longo dos meses seguintes, finalmente em toda a República Federal.

Quanto mais a mania se espalhava, piores se tornavam as perseguições de que Conrad Adlmaier avisara o vidente. Logo após o aparecimento impresso das precognições, a família de Freilassing começara a sofrer com

importunações; a partir da primavera, os sedentos de sensações começaram a reunir-se às centenas diante da nova casa de Irlmaier. Na sua aflição, nada mais lhe restava senão dirigir-se por carta ao *Süddeutsche Zeitung*: «Há já algum tempo que recuso toda e qualquer pessoa que me queira falar por causa do meu dom de vidência e declarei que tenho de rejeitar todas as visitas – exceto as relacionadas com a minha atividade como zahori e poceiro – e que já não posso responder às inúmeras cartas. Peço simultaneamente a todos os leitores que não me enviem qualquer correspondência que não diga respeito à minha profissão e que se abstenham de visitas inúteis!»

No início do verão de 1950, as visões de Alois Irlmaier sobre o início de uma Terceira Guerra Mundial pareceram confirmar-se mais rapidamente do que até os maiores pessimistas esperavam. Pois a 25 de junho, tropas norte-coreanas invadiram a Coreia do Sul; apenas dois dias depois, forças norte-americanas sob o comando do general McArthur passaram ao contra-ataque. «Acontece a sudeste de nós!» – agora citavam-se, profundamente chocados, as profecias. Enquanto os combates no Sudeste Asiático se tornavam cada vez mais violentos, abriram-se todas as portas às especulações sobre quando o confronto entre comunistas e americanos se estenderia também à Europa.

A partir do outono de 1950, observaram-se em várias cidades alemãs verdadeiras reações de pânico. Antigos soldados construía bunkers em quintais ou hortas de recreio e tentavam torná-los à prova de bomba atômica com meios primitivos. Enquanto construía portas estanques simples, filtros de poeira e sistemas de ventilação, as mulheres esvaziavam as lojas de géneros alimentícios e armazenavam as conservas nos abrigos.

Certos jornais de boulevard ainda atiçavam esta histeria e assustavam tanto as pessoas com a suposta ameaça de guerra mundial que houve colapsos nervosos e até mortes por causas psíquicas. Como sempre em tais situações, surgiram também fanáticos religiosos e visionários que levavam os que caía na sua rede a atos completamente irracionais: casas e terrenos eram doados, fortunas legadas a seitas obscuras ou simplesmente esbanjadas em poucos dias.

Face a este desenvolvimento, os apelos do poceiro à razão dos seus concidadãos caíram maioritariamente em ouvidos surdos. Nem a carta ao grande jornal de Munique nem outras missivas a jornais de âmbito nacional conseguiram proteger nem a ele nem aos seus. Sobretudo Maria, a filha Elisabeth, agora com vinte e um anos, e a crescente Rita sofriam com isso;

especialmente quando Alois e o filho estavam fora por motivos de trabalho. Mas também os dois homens raramente conseguiam trabalhar em paz nas obras; até aos estaleiros e aos poços perseguiram o sensitivo os malucos, os sectários, os negociantes duvidosos e os repórteres da imprensa sensacionalista.

O maior assédio só amainou quando, no início de 1951, as frentes na guerra da Coreia – até então caracterizada por ofensivas e contraofensivas – se estabilizaram e as tropas passaram à guerra de posições sem que outros países fossem envolvidos. Aos poucos a excitação acalmou; pelo menos a grande maioria dos inúmeros cidadãos da jovem República Federal, ainda há pouco tão perturbados, voltou a concentrar-se nos desafios quotidianos e menos espetaculares da existência.

Alois Irlmaier, agora no seu quinquagésimo sexto ano de vida, só sentia um desejo: poder levar a vida de um simples artesão. Isso, porém, não lhe seria concedido até à morte e, num passeio na primavera de 1951, a esposa exprimiu as suas apreensões a esse respeito.

«Talvez devêssemos abandonar tudo aqui e tentar um novo começo noutro lugar», disse ela enquanto seguiam um trilho entre campos de junco à beira da Saalach.

«Mas Freilassing tornou-se a nossa segunda pátria!», respondeu Alois assustado. «O que perdemos em Scharam reconstruímos aqui com esforço suficiente. Quinze anos levou até termos a nossa casa e agora, que finalmente vivemos nas nossas quatro paredes, pedes-me uma coisa dessas!»

«Não peço nada – mas receio que aqui nunca tenhamos paz», retorquiu Maria. Parou, pegou-lhe na mão e olhou-o fixamente. «Já merecíamos finalmente um pouco de paz e tempo só para nós, não achas?»

Ele viu o leve tremor dos lábios dela; no mesmo instante tornou-se-lhe consciente o quanto ela ainda o atraía, apesar das madeixas grisalhas que aos poucos se misturavam no seu cabelo outrora castanho. «Desejo exatamente o mesmo que tu!», assegurou-lhe. «Só que não consigo imaginar encontrá-lo num lugar estranho. Para onde iríamos? – Provavelmente estás simplesmente a preocupar-te sem razão! Nas últimas semanas já não apareceram tantos malucos como antes.»

«Por agora está mais calmo», admitiu a mulher magra de simples casaco de lã. «Mas enganas-te se pensas que algum dia te deixarão em paz.

Desde 1939, pelo menos, estás no olho público e assim continuará a ser. É o teu dom, atraí as pessoas como a luz atraí as traças...»

Alois quis responder algo, ela antecipou-se e continuou: «Mas aceitarei a tua decisão se quiseses ficar em Freilassing e continuar a enfrentar tudo isso. Estarei sempre ao teu lado, sabes bem!»

«Provaste-mo mil vezes em trinta anos de casamento!», assegurou-lhe agradecido; logo a seguir tomou-a nos braços. Maria aninhou-se nele; depois, porque sentiu que ela procurava mais proteção do que ternura, sussurrou: «Havemos de nos proteger do mundo! Tu e eu, prometo-to!»

De facto, ela pareceu relaxar um pouco, mas ao fim de alguns segundos disse baixinho: «Talvez ainda penses no meu proposta...»

Ele não comentou mais, apenas acenou com os lábios cerrados.

Enquanto continuavam o passeio, ambos evitaram voltar ao tema. Também mais tarde nunca mais se falou disso entre eles. Maria acabou por encontrar algum consolo no pensamento: Ele é como uma árvore velha que já não se pode transplantar e eu, como sua mulher, tenho de me conformar com isso. Assim, com o tempo aceitou o desejo do marido de ficar em Freilassing; o que, porém, se revelaria mais tarde um grave erro.

Embora a guerra da Coreia tenha desescalado de certa forma a partir de julho de 1951, a paz mundial continuou ameaçada ao longo dos primeiros anos cinquenta. No Egito, na Argélia e em Marrocos houve levantamentos armados contra as potências coloniais britânica e francesa; em 1953, formações comunistas Vietminh atacaram a Tailândia a partir do Laos e envolveram-se ali em duros combates com tropas francesas. Sobretudo, porém, o conflito da Guerra Fria entre a NATO e os países do Bloco de Leste agravava-se – e as reações de inúmeros cidadãos assustados da República Federal, da Áustria e da Suíça levaram novamente o poceiro ao limite do desespero.

Como antes, também agora voltavam frequentemente a aglomerar-se centenas de pessoas perturbadas no terreno da Jennerstraße, onde ainda estava a cabana de obra. Face às crises militares ou políticas, esperavam consolo ou conselhos sobre como sobreviver a um alegado ataque atómico. Em certos dias, o carteiro trazia montanhas de cartas; Irlmaier via-se incapaz de responder e nada mais podia fazer senão guardá-las fechadas em grandes caixas de cartão. A isso somavam-se novamente os sectários e fanáticos que tentavam instrumentalizar o sensitivo para os seus fins por

vezes psicopáticos; e, para cúmulo, eclodiu agora em certos meios uma histeria do tipo pseudointelectual.

Charlatães que nunca na vida tinham trocado uma palavra com Alois Irlmaier atreviam-se a fazer-se passar por seus confidentes. Convidavam – naturalmente sempre a distância segura de Freilassing – para palestras, espalhavam nessas ocasiões diante de grande público as teses mais fantasiosas sobre o vidente e as suas profecias e embolsavam por isso honorários elevados.

Noutras paragens, autoproclamados especialistas em parapsicologia organizavam por motivos semelhantes debates e seminários, também ali os vigaristas enriqueciam-se sem escrúpulos com a aura do visionário. Admiradores particularmente insistentes perseguiram-no – por telefone ou pessoalmente – com convites para sessões espíritas, invocações de espíritos ou outros eventos obscurantistas. Quando o vidente, que nunca mostrara interesse por tais truques, recusava bruscamente, a admiração ainda há pouco entusiástica podia muito rapidamente transformar-se no seu oposto; o modesto poceiro era então qualificado de arrogante e atacado em conformidade.

Os piores ataques, porém, vieram a meio da década de cinquenta por parte da imprensa de massas, agora cada vez mais poderosa; sobretudo daquela que – ideologicamente – atuava sob o manto do esclarecimento definido de forma puramente racional. Como os fenómenos espirituais que se tinham manifestado tantas vezes na vida de Irlmaier não cabiam na visão do mundo destes materialistas dogmáticos, a referida imprensa disparou agora contra o artesão de Freilassing e acabou por organizar uma verdadeira caça às bruxas contra ele.

Numa enxurrada de artigos cínicos e infames, acusavam-no de ser um vigarista refinado que, com truques baratos de prestidigitador, enganava os muitos milhares de consulentes que peregrinavam até ele. Assim atraía os crédulos há décadas e tirava-lhes o dinheiro do bolso. O único talento verdadeiro que possuía era a capacidade de fazer capital com a superstição do povo simples; nesse aspeto desenvolvia, aliás, notáveis energias criminosas. Prova disso era o facto de dispor de considerável fortuna: entre outras coisas, vastas propriedades e uma casa nova de vários apartamentos numa zona particularmente privilegiada da Alta Baviera.

No auge desta campanha de difamação, na primavera de 1954, para cúmulo dos males, também o Ministério Público se mexeu.

O poceiro regressava nesse fim de manhã de maio de uma quinta nas proximidades de Saaldorf, onde andara com a vara de zahori logo após o nascer do sol. Na estrada de macadame debaixo das macieiras bravas encontrou o carteiro, saltou da bicicleta e cumprimentou-o pouco amigavelmente: «Trazes-me outra vez um monte de cartas de malucos de todo o tipo?!»

«Não é culpa minha, Alois», respondeu o funcionário que conhecia Irlmaier desde o fim da guerra. Entregou-lhe uma boa dúzia de envelopes e acrescentou: «E também nada posso fazer pela carta registada que agora ainda tens de assinar...»

Involuntariamente o quase sexagenário lembrou-se de outra carta semelhante que lhe fora entregue em 1928: pouco antes do leilão forçado da quinta Bruckthaler. Empalidecendo, recebeu o envelope oficial, assinou o recibo e empurrou a bicicleta sem mais uma palavra para o seu terreno, onde também nesse dia várias pessoas o esperavam.

Secamente explicou-lhes que não tinha tempo para eles e desapareceu dentro de casa. Na cozinha, Maria ocupava-se a cortar legumes para o almoço; parou de repente quando o marido entrou de cara fechada.

«Que aconteceu?», perguntou. «Zangaste-te com as pessoas lá fora?»

«Também», respondeu ele. «Mas vamos ter ainda mais problemas com a justiça!»

Enquanto ela o fitava assustada, abriu o envelope, percorreu rapidamente o documento e explicou: «As maldades não têm fim! Por fraude e charlatanice devo responder em tribunal! Daqui a duas semanas é a audiência em Laufen!»

«Eles ficaram completamente loucos!», explodiu a mulher. «Tu – um vigarista e charlatão! Era preciso virar o bico ao prego e processar essa gente por difamação!»

«Essa possibilidade nós, os comuns, infelizmente não temos contra as autoridades de investigação», retorquiu Alois. «Mas há uma justiça superior e o procurador que nos fez isto, sem sequer falar comigo uma vez, vai percebê-lo muito em breve! Duas vezes seguidas lhe será ensinado!»

«O que queres tu dizer com isso?!», perguntou Maria com voz sufocada.

«Espera para ver...», foi apenas a resposta do poceiro antes de voltar a sair para, agora forçosamente, atender aos consulentes.

Duas semanas depois, Alois Irlmaier sentou-se no banco dos réus do tribunal de Laufen. Um advogado de Freilassing que durante a guerra lhe procurara consolo por causa do filho desaparecido na frente esteve ao seu lado. No início, enquanto o muito enérgico procurador lia a acusação e não poupava as alegações conhecidas da imprensa de massas, parecia que o honesto advogado e o seu cliente não tinham qualquer hipótese contra ele. Com expressão indecifrável, o juiz troneava na sua cadeira; Maria, sentada na plateia com o filho e Elisabeth, tinha a impressão de que a sentença contra o marido já estava decidida de antemão. Mas depois a situação inverteu-se; as testemunhas indicadas pelo advogado infligiram uma derrota devastadora ao representante da acusação demasiado esclarecido.

Primeiro, um comerciante do Chiemgau testemunhou a favor do dom de vidência do arguido com as seguintes palavras: «Aconteceu logo após a guerra. Nessa altura, com grande esforço, conseguira adquirir um lote de tubos de água. Guardei-os atrás da minha casa e na manhã seguinte tive de constatar que algum canalha os roubara. Por acaso cruzei-me com Alois Irlmaier, que estava na nossa aldeia a escavar um poço.»

Contei-lhe o roubo e pedi-lhe, mais por capricho, que me dissesse quem era o canalha e para onde levava os tubos. Irlmaier olhou-me fixamente e aconselhou-me a ir à aldeia vizinha, a casa de um determinado agricultor. Naquele celeiro havia um carro de escada carregado até cima com lenha. Se eu procurasse debaixo da lenha, encontraria os meus tubos. Segui o conselho, mas antes avisei o gendarme da aldeia. Juntos fomos ter com o agricultor em questão e descobrimos o produto do roubo debaixo da lenha de aquecimento no carro que estava no celeiro.»

Também se tratava de um crime contra a propriedade no caso de um economista da comuna fronteiriça de Bayerisch Gmain, perto de Reichenhall: «Foi há quatro anos. Quando de manhã fui dar de comer ao estábulo, não queria acreditar nos meus olhos. O meu cavalo de lavoura desaparecera; ladrões de cavalos deviam tê-lo levado durante a noite, em que chovera forte, pela porta traseira do estábulo arrombada. A minha mulher aconselhou-me a ir ter com o poceiro de Freilassing. Levei mais de duas horas de autocarro; diante da cabana de obra já havia uma fila de gente. Também eu me pus na fila e contava esperar muito tempo. Mas de repente o vidente saiu, olhou à volta como quem procura, correu para mim e ralhou-me: ‘Não podes perder mais tempo se quiseres salvar o teu cavalo

preto! Os canalhas levaram-no para o outro lado da fronteira austríaca, para Großmain. Ali o talhante de cavalos já afia a faca!’ – Voltei o mais depressa que pude e cheguei exatamente na mesma minuto em que o talhante, que não sabia de nada, se preparava para abater o cavalo preto que os ladrões lhe tinham vendido como sendo deles.»

A testemunha seguinte, uma mulher refugiada que o destino levava de Mecklenburg para a Baviera, relatou como Alois Irlmaier, graças ao seu dom inexplicável, a ajudara a recuperar uma soma maior de dinheiro: «Tinha ganho seis mil marcos na lotaria de futebol e, como não tinha conta bancária, cosera os boletins no forro do meu casaco. Para meu horror, alguns dias depois o casaco desaparecera.

Como já ouvira falar muito das capacidades do vidente de Freilassing, procurei-o e contei-lhe a minha desgraça. Irlmaier aconselhou-me: ‘Vai imediatamente para casa e entra na casa ao lado, onde vive o viúvo refugiado com os cinco filhos. Tens de o levar contigo à lavandaria. Ali há um tacho de lavar roupa sobre um fogão de alvenaria e acima da porta do fogão está um tijolo solto. Tira-o e atrás, no esconderijo, estão os teus seis mil marcos.’ – Fiz exatamente como o vidente me disse e assim consegui desmascarar o meu vizinho como ladrão.»

Por fim, falou um pintor académico que em 1951 construíra uma casa-ateliê na Ramsau, perto de Berchtesgaden – e que, nesse contexto, fora salvo de uma terrível desgraça pela intervenção do sensitivo: «Na verdade, Alois Irlmaier, a quem amigos me tinham apresentado, só devia procurar uma nascente de água doce no terreno ainda não construído. Encontrou também uma fonte numa depressão do idílico fundo do vale: quase exatamente onde depois ficaria a minha casa. Mas depois suplicou-me encarecidamente que não construísse o edifício naquele local, mas que desviasse para um pequeno dorso de colina ali perto.

Embora racionalmente não conseguisse compreender o que levava Irlmaier a agir assim, cedi e construí a casa no lugar mais elevado. Dois anos depois, durante o degelo de 1953, o vale foi atingido por uma catástrofe. Uma terrível cheia repentina que veio do interior das montanhas e arrastou blocos de rocha de toneladas destruiu tudo o que estava abaixo da colina. Mas a minha casa-ateliê não sofreu danos e isso devo-o unicamente ao precognitivo!»

Com fascínio crescente, o juiz do tribunal, que no início parecera tão reservado, ouvira os vários depoimentos; agora perguntou ao artista: «Que honorários pediu o arguido pela advertência que lhe deu?»

«Nenhum», respondeu o pintor. «Em 1951 paguei-lhe apenas pela detecção com a vara de zahori e o valor foi bastante modesto. Após a inundação do ano passado, quando por gratidão quis dar-lhe mais uma soma maior, recusou categoricamente. Disse-me na altura que a sua capacidade lhe fora transmitida por um poder superior e que por isso não tinha direito a lucrar com ela.»

As outras testemunhas exprimiram-se de forma semelhante. Unanimemente afirmaram que Alois Irlmaier nunca aceitara o mínimo pagamento pelos seus serviços especiais, embora também eles lho tivessem oferecido mais tarde. Mais ainda: a mulher refugiada declarou mesmo que o vidente, após a visita dela, lhe dera um pequeno subsídio porque – o que ele também sabia – ela viera de bilhete simples e já não tinha dinheiro para o bilhete de regresso.

«E este não foi de modo algum o único caso em que o meu constituinte agiu assim», interveio agora o advogado de Irlmaier. Lançou um olhar fulminante ao procurador que, entretanto, estava sentado de cara fechada, e continuou: «Poderíamos chamar milhares de outras testemunhas que jurariam todas que este homem fundamentalmente honesto, que certos inimigos tentam cobrir de lama, é completamente inocente. Nunca enganou ninguém nem, ao longo de todos estes anos, procurou enriquecer com o seu dom paranormal. Pelo contrário, em numerosas ocasiões praticou uma caridade ativa semelhante à que acabámos de ouvir no caso da senhora. Por estes motivos, peço a absolvição e solicito urgentemente ao tribunal que restitua também juridicamente a honra de Alois Irlmaier!»

A esta argumentação o procurador pouco tinha a opor. O poceiro foi absolvido em todos os pontos da acusação por comprovada inocência. Na fundamentação da sentença, o juiz referiu, entre outras coisas: «O interrogatório das testemunhas produziu depoimentos tão espantosos, dificilmente explicáveis pelas leis da natureza até agora conhecidas, a favor do dom de vidência do arguido que este não pode ser qualificado de charlatão.»

Com lágrimas nos olhos, Maria abraçou o marido no fim da audiência; também a filha Elisabeth e o filho lhe apertaram aliviados a mão. O próprio Alois, porém, aceitou o desfecho positivo do processo sem qualquer reação externa; desde o início tinha a certeza absoluta de como terminaria a caça às bruxas contra ele.

Quanto ao procurador, poucas semanas após o mediático julgamento em Laufen tornou-se claro o que o vidente quisera dizer naquele dia em que

lhe fora entregue a citação com a frase «Duas vezes seguidas lhe será ensinado!». Pois numa viagem de serviço a Munique, o procurador demasiado esclarecido, que já se desmoralizara tanto na sala de audiências, sofreu um grave acidente de automóvel. Durante meses ficou depois no hospital e regressou finalmente à cidade do Salzach de muletas.

Face ao golpe do destino que atingira o seu adversário, Alois Irlmaier poderia ter triunfado. Tal coisa, porém, nunca fora do seu feitio; pelo contrário, no verão de 1954 confidenciou a Maria, quando estavam sozinhos na cozinha ao fim do dia: «Após a audiência estive quase a avisar o jurista. Mas sabia que não me daria ouvidos e por isso deixei estar. Agora espero que tenha ficado mais sábio; de qualquer modo, voltará a andar. Ainda antes da primeira neve poderá guardar as muletas no sótão.»

«Quem me dera que também as nossas perseguições acabassem de uma vez!», retorquiu a mulher de cinquenta e sete anos que, nos últimos tempos, envelhecera visivelmente e desde a primavera frequentemente adoecia. «Só que, desde o dia em que o juiz te reabilitou, os caçadores de sensações estão piores do que nunca...» Um acesso de tosse obrigou-a a interromper-se; depois de recuperar o fôlego, quase em tom de censura exclamou: «Afinal agora até tens oficialmente que possuis capacidades inexplicáveis. E isso calou mais ou menos os teus inimigos, mas em contrapartida temos novamente os malucos em cima de nós. Mal podes dar um passo fora de casa sem que te assaltem. O mesmo acontece comigo e com os miúdos; até a Rita é perseguida quando vai para a escola...»

Mais uma vez um ataque de tosse sacudiu o corpo magro e gasto. Impotente, Alois teve de ver Maria sofrer. Depois insistiu para que tomasse as gotas que o médico lhe receitara. Enquanto pingava o remédio num torrão de açúcar para ela, invadiu-o de repente um sentimento de melancolia indizível; a muito custo conseguiu não deixar transparecer nada.

Quando logo a seguir Elisabeth entrou, pediu-lhe que continuasse a tomar conta da mãe. «Tenho ainda qualquer coisa para fazer lá fora», acrescentou; no instante seguinte já saía da cozinha.

Excecionalmente, nessa noite não havia suplicantes, curiosos ou jornalistas de fofoca no jardim, como o sensitivo constatou com um olhar desconfiado. Apressado, dirigiu-se à cabana de obra e acendeu a lâmpada a petróleo que pendia do teto lá dentro. Depois procurou numa das caixas de material até encontrar uma tábua fina com cerca de meio metro de comprimento. Primeiro com plaina e depois com lixa alisou-a o melhor que pôde.

Enquanto realizava estes trabalhos, repetia para si mesmo que a mulher que amava há mais de uma geração tinha todo o direito a passar em paz o pouco tempo que lhe restava.

Por fim, dedicou bastante tempo a pintar com uma caneta de tinta letras grandes e desajeitadas na madeira. Por último, tirou a lanterna do gancho, levou a placa até ao portão do jardim e fixou-a ali. Baixinho, esperando fervorosamente que o apelo surtisse efeito a partir da manhã seguinte, releu o que escrevera: «Só estou disponível para assuntos relacionados com a deteção de poços!»

Os caçadores de sensações que perseguiam Alois Irlmaier e a família há tantos anos pouco se importaram, porém, com este desejo inequívoco. Muitas vezes a placa era simplesmente ignorada; sem inibições, os visitantes indesejados continuavam a invadir o terreno. Mesmo quando Alois decidiu fechar o portão do jardim, outrora aberto a todos, isso não resolveu nada. Agora os importunos trepavam simplesmente pela vedação baixa de caça para depois voltar a assediar a cabana de tábuas, onde o poceiro e instalador desenhava os seus planos, ou a casa de habitação. Em março de 1955, o agora sexagenário não viu outra saída senão recorrer a uma medida drástica.

Durante mais de uma semana, o homem quase na idade da reforma e o filho trabalharam para cercar todo o terreno com uma rede de arame de mais de dois metros de altura. Além disso, esticaram vários fios de arame farpado entre os postes de betão. Como se isso não bastasse, o sensitivo adquiriu um cão-lobo treinado para atacar pessoas. O animal, com uma longa corrente presa à coleira, tinha a casota mesmo ao lado do portão de entrada, agora também com dois metros de altura, e dali passava a correr, a ladrar e a rosnar, contra quem quer que se aproximasse na Jennerstraße.

Em parte, Alois Irlmaier decidira-se por estas medidas rigorosas para finalmente encontrar paz; sobretudo, porém, fora a compaixão pela mulher que o levava a isso. Pois desde aquele acesso de tosse no verão anterior, Maria quase não parara de estar doente. Os anos de privações após o incêndio da quinta em Scharam e depois na degradada villa Kurr com as suas paredes húmidas tinham consumido prematuramente a sua força vital; somavam-se as constantes tensões nervosas.

Na maior parte do tempo, eram agora Elisabeth e a crescente Rita que tinham de tratar da casa, enquanto a mãe se sentava na poltrona ao lado do fogão ou estava mais uma vez acamada. O povo chamaria tuberculose ao seu mal; o médico que vinha regularmente, numa conversa a sós com o

poceiro, exprimiu-se de outra forma: «Consumção de origem psicossomática, associada a uma embolia pulmonar lenta.»

Várias vezes, ao longo de 1955, o médico de família aconselhou urgentemente à paciente uma cura e depois talvez uma operação. Mas como agora reinava realmente uma calma quase total no terreno, Maria recusava com igual frequência; a ideia de ir para uma clínica era-lhe insuportável. O marido, lembrando-se do seu conhecimento mais profundo, reforçava-a nisso. Não desejava outra coisa senão que a ele e à única mulher que alguma vez amara fosse concedido pelo menos ainda um curto período juntos.

Cada minuto livre passava-o com ela, fazia-a participar da sua vida ainda ativa ou recordavam juntos momentos felizes que tinham vivido quando ambos eram ainda jovens. Às vezes, quando o tempo estava ameno, levava-a para o jardim; ali esforçavam-se por ignorar a rede de arame que separava a sua casa do mundo e alegrar-se antes com as árvores de fruto, os canteiros de flores e hortaliças que agora as filhas tratavam. Mas o arame farpado permanecia presente e cortava o céu; muitas vezes, quando Alois o via, perguntava-se em segredo se não teria sido melhor seguir o conselho que a mulher lhe dera na primavera de 1951 e tentar um novo começo noutra lugar.

Agora, porém, era tarde demais; quase como atrás de muros de prisão, a doente teve de passar os seus últimos anos e, atrás da rede de arame farpado, acabou por falecer a 5 de setembro de 1957.

Três dias depois de Maria Irlmaier ter fechado os olhos para sempre, realizou-se o enterro no antigo cemitério de Salzburghofen. Soluçando e ainda nessa hora importunado por repórteres sensacionalistas e mirones, o viúvo estava junto da sepultura aberta. A filha mais velha, Maria, casada em Rosenheim, amparava-o; quando finalmente atirou três pás de terra para a cova, pareceu-lhe ouvir que ele sussurrava: «Também para mim não vai demorar muito...»

EPÍLOGO

Freilassing - Início do Verão de 1959

O cão-lobo ladrou furiosamente quando o carro com a matrícula de Traunstein parou diante do portão do jardim. Mas depois, quando o condutor de cabelos brancos saiu, o animal reconheceu-o e acalmou-se. «Sabes que venho como amigo, não sabes!», murmurou Conrad Adlmaier ao cão; em seguida tocou à campainha.

Demorou bastante até Alois Irlmaier aparecer à porta da casa e primeiro espreitar desconfiado para a rua. Logo a seguir arrastou-se até lá, abriu o portão de mais de dois metros e estendeu a mão ao visitante.

Adlmaier notou como o sensitivo estava magro; além disso, obviamente não se barbeava há dias. Ainda não superou a perda da mulher, pensou o editor com pena; no instante seguinte atravessou-o o pensamento: Talvez nunca mais consiga!

Como se Alois lhe tivesse lido o pensamento, murmurou com um sorriso doloroso: «Sim, é assim... Desde a morte da Maria sou apenas meio homem. E agora já tenho um pé na eternidade. Por isso é bom que ainda venhas ver-me uma vez...»

«Mas tu és bastante mais novo do que eu!», tentou Conrad Adlmaier animar o outro e ao mesmo tempo disfarçar o seu próprio susto. «Acabas de fazer sessenta e cinco anos...»

Algo indefinível que surgiu de repente nos olhos escuros, quase negros do poceiro, fez-o calar-se. Confuso, procurou uma palavra inofensiva para retomar o fio da conversa; por fim, Alois Irlmaier antecipou-se. «Vem comigo!», pediu ao homem de Traunstein. «Quero mostrar-te algo que, além dos meus filhos, até agora ninguém viu...»

Sem esperar resposta, virou-se e levou o hóspede através do amplo terreno do jardim até que, num canto no extremo traseiro, chegaram a um grupo de bétulas sob cuja proteção cresciam arbustos de avelaneira. Quando passou entre dois dos troncos de casca branca, Conrad Adlmaier reparou que as árvores e os arbustos formavam um pequeno bosque. Mas não era só isso – pois no centro da área erguiam-se três bases cilíndricas redondas, de pedra natural, com pouco mais de um metro de altura. Além disso, viam-se os alicerces de um muro estreito que mais tarde provavelmente ligaria circularmente os tocos de coluna.

Admirado, o editor observou o local; finalmente perguntou com voz sufocada: «Que construção estranha é esta?»

«Uma capela», respondeu o sensitivo em voz baixa; após breve hesitação acrescentou aos tropeços: «Antes de morrer ainda me foi dado fazê-lo, sempre o soube... E agora chegou o momento... Tenho de erguer o santuário, ainda o conseguirei fazer a tempo... Mesmo que depois as pessoas pensem que ficou uma obra inacabada...»

«Nada contra o teu piedoso projeto de construir uma capela no jardim – mas mais uma vez falas de morrer no mesmo fôlego!», exclamou Adlmaier, desta vez quase zangado. Imediatamente arrependeu-se do seu desabafo e continuou mais conciliador: «Tens de me compreender, Alois. Esperava que passássemos uma tarde agradável juntos e agora só tens isso em mente...»

«Está bem», interrompeu-o Irlmaier com um sorriso que tinha algo de doloroso e ao mesmo tempo sereno. «Mas tinhas de ver isto, porque és o único amigo que me resta...» Com a mão calejada passou delicadamente por uma das bases de pedra e disse: «Agora vamos para casa e falemos dos velhos tempos, também eu me alegro tanto como tu.»

Aliviado, o editor acenou com a cabeça; durante as horas que depois passaram juntos, o poceiro não voltou a referir com uma única palavra a aparente construção excêntrica da capela. Quando Conrad Adlmaier partiu ao cair da noite, estava firmemente convencido de que tanto a estranha alvenaria como as premonições de morte de Irlmaier eram apenas fruto da depressão pela perda da mulher.

Apenas duas semanas depois, porém, viu-se desmentido. Pois a 27 de julho de 1959, Elisabeth Irlmaier telefonou-lhe a chorar e comunicou-lhe: «Ontem à noite, por volta das 21h45, o nosso pai faleceu de forma completamente inesperada!»

Após o enterro a 29 de julho no cemitério de Salzburghofen, Conrad Adlmaier sentiu-se irresistivelmente atraído para o pequeno bosque entre as bétulas e os arbustos de avelaneira.

Ficou longo tempo diante da construção enigmática em que o sensitivo aparentemente ainda trabalhara imediatamente antes da morte. O muro circular estreito entre as bases cilíndricas estava agora concluído até à altura dos joelhos; sobre os tocos de coluna robustos repousava em cada um uma pedra maior, cada uma diferente na cor e na estrutura das outras.

O conjunto lembrava de certa forma um modesto templo arcaico – e quando o enlutado se apercebeu disso, compreendeu de repente tudo. Pois outrora, numa hora muito íntima, Alois Irlmaier contara-lhe dos lugares sagrados onde, graças ao eremita, já na infância e juventude lhe fora concedida a iniciação do outro mundo.

Por isso Adlmaier agora tinha a certeza absoluta de onde vinham as três pedras não talhadas que repousavam sobre os pilastras: da encosta abaixo da igreja de peregrinação de Maria Eck, do esporão da colina onde se erguiam as Pedras do Sol e da fenda abaixo do cume do Hochfelln que ocultava o círculo lunar. E o muro perfeitamente circular ajudou-o a compreender ainda mais: o ciclo de nascimento, maturidade e morte completara-se, mesmo que a construção da capela em honra da Deusa Tríplice parecesse rudimentar aos olhos dos não iniciados – exatamente como o visionário previra na sua última profecia.

APÊNDICE

AS PROFECIAS DE ALOIS IRLMAIER

Dois homens matam um terceiro, um alto dignitário. Foram pagos por outras pessoas.

Um dos assassinos é um homem pequeno e moreno. O outro é um pouco mais alto, de pele clara.

Penso que será nos Balcãs, mas não posso dizê-lo com exatidão. Acontece a sudeste de nós.

O ano que precede a guerra será fértil, com muito fruto e cereais.

Após o assassinio do terceiro, tudo começa de um dia para o outro. Os assassinos conseguem fugir, mas depois acontece.

Vejo claramente três números: dois oitos e um nove. Não sei o que significam; não posso indicar uma data.

A guerra vem do nascer do sol e avança muito rapidamente.

Os camponeses estão a jogar cartas na estalagem. De repente, soldados estrangeiros espreitam pelas janelas e portas.

Uma coluna militar completamente negra vem do Leste, tudo negro entra pela floresta.

Avança em três grandes linhas para oeste. Três colunas militares dirigem-se ao Reno.

Vejo um três, mas não sei se são três dias ou três semanas.

Começa na Cidade Dourada.

O primeiro verme vai da água azul a noroeste até à fronteira suíça. O segundo cunha de ataque vem da Saxónia diretamente para oeste. O terceiro do nordeste para sudeste.

Até Regensburg já não há ponte sobre o Danúbio. Não vêm do sul da água azul.

Línguas de fogo voam imensamente longe para noroeste, oeste e sul. Vejo-as como caudas de cometas.

A cidade de Landau an der Isar sofre muito com uma bomba ou míssil perdido.

Dia e noite correm sem parar. O objetivo é a região do Ruhr.

Vejo a Terra como uma bola diante de mim, sobre a qual agora voam pombas brancas. Erguem-se do areal, tantas que não as consigo contar.

Será uma noite clara quando começarem a lançar.

Chove um pó amarelo numa linha.

A Cidade Dourada é destruída, aí começa.

Como uma linha amarela sobe até à cidade na baía.

Onde cai, nada mais vive. Nem homem nem animal; as plantas murcham e enegrecem.

Os tanques ainda rolam, mas os condutores já estão mortos. Tornaram-se completamente negros. As casas ainda estão de pé. O que é isso, não sei e não posso dizer.

É uma linha longa. Quem a atravessa morre. Os que estão deste lado não conseguem passar para o outro, e os do outro lado não conseguem vir para cá. Depois tudo colapsa nas colunas militares deste lado.

Todos têm de ir para norte. Tudo o que trazem consigo atiram fora. Nenhum volta para casa dos três exércitos.

Durante ou no fim da guerra vejo no céu um sinal.

Fica escuro num dia durante a guerra. Durante a guerra vem a grande escuridão que dura 72 horas.

Que estação do ano é? Céu nublado, chuva e neve misturados, talvez degelo. Nas montanhas há neve, parece amarela. Em baixo não há neve.

Depois rebenta uma saraivada com relâmpagos e trovões, e um terramoto sacode a Terra.

Lançam algo sobre o quartel-general.

Perto do quartel-general vejo uma igreja. O altar não está virado para leste, mas para norte. Vejo a igreja a arder.

Os aviadores lançam pequenas caixas pretas. Explodem antes de tocar no solo.

Durante um ano nenhuma criatura viva poderá entrar nessa zona sem se expor ao maior perigo de vida.

Não saiam de casa!

As luzes não acendem, exceto luz de velas. A eletricidade para.

Quem inalar o pó tem convulsões e morre. Não abram as janelas! Cubram-nas com papel preto!

Toda a água exposta fica venenosa. E todos os alimentos expostos que não estejam em latas fechadas. Não comam alimentos em frascos, não os protegem!

Lá fora anda a morte pelo pó. Morrerão muitas pessoas. Após 72 horas tudo acabou.

Mas digo-o mais uma vez: não saiam! Não olhem pela janela! Deixem arder a vela ou o círio. Compre algumas latas soldadas com arroz e leguminosas. Pão e farinha conservam-se. O que for húmido estraga-se, exceto em latas de conserva. A água da torneira é bebível, mas não o leite.

As pessoas não passarão muita fome durante a catástrofe e a escuridão.

Os rios terão tão pouca água que se poderá atravessar facilmente.

O gado cai. A erva fica amarela e seca. Os mortos ficam completamente amarelos e negros.

O vento leva as nuvens de morte para leste.

No Reno vejo uma meia-lua que quer devorar tudo. Os cornos da foice querem fechar-se. O que significa, não sei.

As ilhas diante da costa afundam-se porque a água está completamente selvagem.

A água ergue-se como um bloco sólido, alto como uma torre, e cai novamente.

Vejo grandes buracos no mar. Depois fecham-se novamente quando as ondas gigantes voltam.

Há um terramoto e a grande ilha afunda-se a meio.

Vejo três cidades afundarem-se.

A bela cidade no mar azul afunda-se quase toda no mar e na lama e areia que o mar vomita.

Uma parte de Inglaterra desaparece quando a coisa cai no mar que o aviador lá atira.

Depois a água ergue-se como um bloco sólido e cai de novo. O que é isso, não sei.

Uma grande cidade será destruída por mísseis.

Paris será destruída. Os próprios habitantes ateiam-lhe fogo.

Na Rússia eclode uma guerra civil.

Os cadáveres são tantos que já não os conseguem tirar das ruas.

Os grandes entre os líderes do partido suicidam-se. No sangue lava-se a longa culpa.

No país da bota eclode uma revolução. Creio que é uma guerra religiosa, porque matam todos os clérigos.

Muitas igrejas desabam. Vejo sacerdotes de cabelos brancos caídos mortos no chão.

Atrás do Papa há uma faca ensanguentada e sacerdotes mortos de cabelos brancos. O Papa foge para sudeste ou sobre a grande água.

Vejo três nove. O terceiro nove traz a paz.

Após a catástrofe haverá mais mortos do que nas duas guerras mundiais juntas.

Depois haverá paz e um bom tempo.

As leis que trazem a morte às crianças tornar-se-ão inválidas após a limpeza.

Quando chega o outono, as pessoas reúnem-se em paz.

Primeiro ainda há fome. Mas depois chegam tantos alimentos que todos ficam saciados.

Os sem-terra vão agora para onde surgiu o deserto. Cada um pode instalar-se onde quiser e ter tanta terra quanta conseguir cultivar.

Devido à mudança climática voltará a haver vinha entre nós. Frutos do sul crescerão aqui. Faz muito mais calor do que agora.

Após a grande catástrofe virá um longo tempo feliz. Quem o viver terá sorte, poderá considerar-se afortunado.

POSFÁCIO

Um problema ao escrever um romance biográfico surge sempre do facto de os exatos circunstâncias de vida da personagem principal terem de ser harmonizadas com o propósito mais profundo e a dramaturgia da obra. Isso só é por vezes possível sob a premissa da chamada liberdade artística – e isso vale também para o presente trabalho.

Naturalmente, o autor – que antes da redação do manuscrito Profeta das Trevas já publicara os livros de não-ficção Profetas, Videntes e Áugures e Alois Irlmaier (incluído na coletânea «Os profetas mais famosos da Europa e as suas profecias para o terceiro milénio») – fez pesquisas muito extensas; mas só isso não bastaria para um romance cativante. Era necessária fantasia e ousadia na especulação; apenas assim se pôde tentar penetrar nas esferas de uma «outra realidade» em que vivia um homem altamente paranormal como Alois Irlmaier.

Concretamente, isso significa, por exemplo: os lugares sagrados pagãos como o «Feenstein», as «Sonnensteine» ou o «Mondring» no romance são inventados – mas existem santuários pré-históricos semelhantes nos Alpes e noutras partes da Baviera. Que o poceiro de Freilassing conhecesse e usasse um ou outro desses lugares está documentado. Também o «templo telúrico» descrito no livro não é pura ficção; a investigação sobre Erdstall descobriu centenas dessas misteriosas instalações subterrâneas apenas no sul da Alemanha.

O autor visitou pessoalmente tais grutas de culto e fez experiências semelhantes às do jovem Alois Irlmaier no romance. O mesmo vale para a deteção com vara; também aqui o autor recorreu em parte à própria prática – e o dom manifestou-se-lhe num círculo de pedra pré-histórico na Floresta Bávara, onde iniciados, a quem aqui se agradece, o orientaram.

Durante as pesquisas sobre a vida e a terra natal de Irlmaier surgiram conhecimentos que de repente puderam corresponder de forma surpreendente com esse saber. Isso vale, por exemplo, para a igreja de peregrinação de Maria Eck. Ela ergue-se – como muitas outras construções sacras profundamente ligadas à piedade popular – sobre os alicerces de um santuário celta pré-cristão dedicado à Grande Deusa e, sem dúvida, a irradiação desse lugar influenciou positivamente as capacidades paranormais do camponês de Scharam.

Quanto ao eremita que no romance ajuda o seu protegido no desenvolvimento do talento, este é fictício com o nome de Jakob. É facto, porém, que um tal mestre se ocupou do jovem Alois Irlmaier. A sua verdadeira identidade deve permanecer no escuro, embora existam certas semelhanças biográficas.

Pelos motivos acima referidos, as biografias dos familiares de Irlmaier e do seu filho adotivo foram ocasionalmente alteradas. Isso aconteceu também para proteger a identidade das pessoas e dos seus descendentes; para a realidade interior da história essas coisas não são relevantes.

Do mesmo modo, na caracterização da figura do publicista Dr. Conrad Adlmaier, especialmente no epílogo, foi reclamado o direito à liberdade literária. Está, porém, comprovado que não houve ninguém fora da família que conhecesse Irlmaier tão bem como o escritor e editor de Traunstein. O seu intenso envolvimento com os fundamentos do dom de Irlmaier sugere que poderia saber mais do que acabou por publicar – e isso vale também no contexto da construção da misteriosa capela imediatamente antes da morte do vidente.

Foram adaptados de forma romanesca os pormenores, em parte ainda hoje não esclarecidos, do incêndio de 1926 na quinta Bruckthaler e da falência da família Irlmaier dois anos depois. Instituições bancárias ainda hoje existentes em Siegsdorf ou outros envolvidos inocentes não devem, porém, ser de modo algum atacados; a pessoa do especulador criminoso Brandsberger é fictícia.

Quanto à aparição da Madona no Salzkammergut, que sem dúvida foi uma importante experiência de despertar para Alois Irlmaier, deve registrar-se que a sua data exata já não pode ser determinada hoje. Algumas fontes falam do início do inverno de 1928, outras do final do inverno de 1929. No romance, o autor optou pela data mais tardia.

No capítulo em que a Grande Visão de Irlmaier é descrita como cenário, o autor abordou numa passagem as consequências de uma Terceira Guerra Mundial nos EUA, embora o poceiro de Freilassing só se tivesse exprimido indiretamente sobre isso. Outros profetas, porém, fizeram aqui indicações muito precisas, pelo que pareceu sensato considerá-las complementarmente.

O mesmo vale para o tempo após a catástrofe global. O que Irlmaier apenas esboçou em poucas frases curtas foi previsto detalhadamente por videntes como a Sibila de Praga, João de Jerusalém ou o camponês do Waldviertel.

Finalmente, resta registrar que a carta de Irlmaier no capítulo «A caça às bruxas» foi ligeiramente corrigida pelo autor quanto a ortografia e gramática.

Sobre o autor Manfred Böckl (nascido em 1948) conta-se entre os escritores bávaros mais conhecidos. Os seus romances e livros de não-ficção atingiram até agora uma tiragem total superior a um milhão; numerosas obras suas foram também traduzidas para outras línguas. Manfred Böckl vive e trabalha na sua casa isolada «Dinas Draig Goch» na Floresta Bávara.